

Ensaio
de
Geographia Linguistica

63

Com.^{te} EUGENIO DE CASTRO

ENSAIOS
DE
GEOGRAPHIA
LINGUISTICA



2.^a EDIÇÃO AUGMENTADA

DA

"GEOGRAPHIA LINGUISTICA E CULTURA BRASILEIRA"



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo -- Rio de Janeiro -- Recife -- Pôrto Alegre

1941

-674-

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	
BIBLIOTECA	
AIXA	5 JA
26.5/26	10.11.80

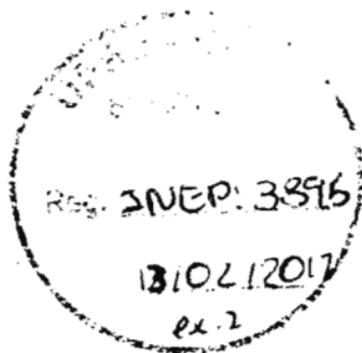
Nº SISTEMA

205367

Nº REG AD

Nº COD BARRAS

279733-70



ÍNDICE

I.º LIVRO

	PAGS.
ORIGENS NORRENAS E NORMANDAS NA TECHNOLOGIA MARITIMA LUSO-BRASILEIRA ...	9

II.º LIVRO

GEOGRAPHIA LINGUISTICA E CULTURA DO BRASIL	53
--	----

1.ª PARTE

O Littoral e o Sertão: suas províncias linguísticas fundamentaes

CAPITULO I — O Littoral

Primordios do seu povoamento e da propagação e mestiçagem da Lingua Portugueza	57
--	----

CAPITULO II — O Sertão

A "geographia do gado" tendo por centro de fixação e irradiação o valle do rio S. Francisco, principalmente na colonização do Nordeste e dos sertões mineiros e goianos	81
---	----

CAPITULO III — O Sertão

A “geographia das Bandeiras” tendo por centro de irradiação São Paulo — ligado ao valle do rio de S. Francisco pelo rio das Velhas —, á qual se incorporaram a do “gado do planalto paulista” para a conquista dos sertões do sul e do oeste, e a “da canôa” pelos rios sertanejos para a conquista do alto-Amazonas	106
--	-----

CAPITULO IV — O Sertão

A “geographia da canôa ou montaria”, do Maranhão á Amazonia	152
---	-----

2.^a PARTE

O Elemento negro. Engenhos, Minas e Cafezaes. Praieiros, Tropas e Tropeiros. Sua influencia na Geographia Linguistica Brasileira	193
--	-----

3.^a PARTE

Aspectos da Formação Cultural Brasileira	247
--	-----

4.^a PARTE

Aspectos de um Diccionario e Encyclopédia do Brasil	279
---	-----

APPENDICE

Indice dos principaes termos estudados ou citados para estudo	333
---	-----

I.º LIVRO

**ORIGENS NORRENAS E NOR-
MANDAS NA TECHNOLOGIA
MARITIMA LUSO-BRASILEIRA**

A anthropo-geographia, ou — “a parte da geographia que trata da distribuição e modo de existencia da raça humana na superficie da terra”, — facilitará esta ardua tarefa de irmos buscar no passado, em terras tão remotas, para explicá-las, as origens norrenas e normandas de muitas vozes marinheiras que nos foram legadas pelos portuguezes.

Se bem que imperfeitamente traçada, será uma jornada curiosa ás fontes de onde essas vozes foram trazidas para serem sementeas e rementeas pelo mundo afóra, através das audaciosas derrotas dos Vikingos, dos Normandos e dos Portuguezes.

I

OS VIKINGOS E SUA EPOPEA MARITIMA

A paisagem escandinava convida o homem á aventura maritima; e por isso, o mar foi a fascinação do *Vikingo*. A principio, nas aguas cambiantes dos *fjords*, no remanso das lagunas e correnteza dos rios, navegava nos *holkers*, criando já suas maravilhosas sagas — talvez reminiscencia das lendas celticas — e que são os mais bellos poemas de sua raça.

O barco passou a ser para elle o instrumento de seu ideal e de sua vida e, após sua morte, o proprio sepul-

cro no oceano largo, nos rios caudalosos, no sólo da patria ou em terra alheia.

Talhando-lhe o casco de fundo trincado, do carvalho abatido nas florestas; do pinheiro silvestre fabricando o remo, a verga e o mastro, e de fibras tecendo a vela; já conhecedor dos caracteres runicos para que se não perdessem na adversidade dos tempos as encantadoras legendas que improvisava, fazia o *Vikingo* de seu barco de duas prôas e de linhas esbeltas — como o cossaco o fará a seu cavallo — o melhor companheiro de sua aventura.

E assim, fabricava embarcação como convinha para penetrar nos dédalos dos *fjords*, na embocadura dos rios ou passos difficeis sem lazeira para manobra, até o VIII e IX seculos. O simultaneo movimento de centralização monarchica, porém, e outras causas economicas e sociaes que se operaram nas suas regiões já populosas e hoje pertencentes á Suecia, á Noruega e á Dinamarca, allia-das ao anseio de emigração que o animara, vieram a determinar em sua arte de construcção naval novo surto marcado pelo *drakar* ou dragão, pelo *snekkar* ou serpente, pelo *skuta*, pelo *skeid*.

Viking passou a significar “rei do mar,” pirata temido, praticante do codigo do rei Frodi, mas tambem o marinheiro supersticioso, julgando-se inspirado como os romanos pelos deuses Lares.

Levando consigo as pilastras da velha casa paterna encimadas com a cabeça de Thor ou de Odin, lançando-as ás vagas ao decorrer das peregrinações marítimas, onde ellas iam dar á costa, levadas pelas correntes e pelos ventos, ali se installavam esses marinheiros em feitorias e povoados (1). Completando esses augurios e

(1) *De la Roncière — Hist. de la Marine Française*, tomo I, p. 94. [*Landnama bok e Eyrbyggja Saga*, Cap. VIII].

dentro da sua missão histórica, eram em geral ilhas os pontos escolhidos e, de preferência, na embocadura dos rios, como as situações sem duvida mais estrategicas para a rapina a que se entregavam.

Homens livres eram os Vikingos e não escravos como em Carthago e Roma os remeiros que guarneciam as bancadas das embarcações. “Não temos Rei”, tal a sua divisa, o espirito de independencia que affirmavam como povo maritimo e conquistador.

Navios de mar alto foram-lhes: o *skuta*; o *ask* ou *skcid*, qual uma trireme latina (2) de 64 remos e 240 homens entre remeiros e gente de guerra; o *drakar* ou *dreki*, o dragão, figurando o animal fabuloso, armado de 34 remos e apresentando nos de maior póрте plataforma desmontavel para abrigo dos guerreiros (3); e o navio serpente, *snekkar* ou *snekkjur*, cantado pelos *scaldes*, sem carrancas ou outros symbolos, além da serpente, que levassem o pavor aos genios tutelares de um paiz amigo (4).

Do *drakar* de Gokstad, exemplar descoberto num tumulo perto de Sande Fjord em 1880, apresentou o commandante Le Pontois (5) entre outras, as seguintes características: comprimento, 23m,80; largura maxima, 5m,10; comprimento da quilha convexa 17m,80; altura das toleteiras acima dagua,, 0m,74; deslocamento, 30 toneladas; leme, em fórmula de remo, fixo na alheta de boréste; mastro, a meio do barco; vela, quadrada; equipagem provavel, 40 homens.

(2) *Jal* — *Archéologie Navale*, tomo I, pgs. 160, 167.

(3) *Röerie et Vivielle* — *Navires et Marins*, tomo I, pg. 180.

(4) *De la Roncière*, loc. cit., pg. 101. [*Landnama bok*, 4. parte, Cap. VII].

(5) *Röerie et Vivielle* — *Ibid.*, loc. cit., pgs. 176, 177.

De la Roncière, citando a Jal e a Riant (6), nos diz do luxo insolente, fruto de saques a navios, villas e mosteiros, existente nas embarcações corsarias vikingas; e, descrevendo os *drakars* reaes, no-los dá com “o costado faiscante de côres vivas”; a “vela de seda purpura”, — “ornada tambem de pinturas representando combates ou scenas historicas”. Outros autores (7), no-las descrevem com o “massame de couro trançado e tinto de vermelho e, no galope do mastro, pequenos delphins de ambar ou de ouro, passaros ou cataventos dourados”...

“A pôpa dos navios do rei Canuto I, — diz ainda o mesmo autor — ostentava estatuas de metal prateado reflectindo no oceano os raios do sol, emquanto a prôa brilhava com o revestimento das placas de cobre” e terminava por um esporão ligado ao corpo do navio ou um beque coroadado por “uma cabeça esculpida semelhando dragão ou serpente, insignias dos principaes chefes”.

Tal se daria ao findar do decimo seculo nos navios reaes do cognominado *Dana Ast* ou “a alegria dos dinamarquezes”, e não certamente ao decorrer das primeiras incursões dos *Vikingos*, cujas aventuras a historia regista de 789 da nossa éra até além do anno mil.

Deve-se considerar, porém, que o anno de 912 representou, por seus descendentes os normandos, a fundação, na antiga Neustria, do ducado da Normandia. E esses renovaram illustrando o espirito de aventura maritima de seus antepassados para, como aquelles, em suas peregrinações por terras alheias, semear um glossario de termos nauticos que varias linguas e raças conservam esquecidas da verdadeira etymologia.

(6) *Jal* — *Mémoire*, e *Archéologie Navale*, tomo I, pg. 121. *Riant* — *Expéditions et pèlerinages des Scandinaves*, pg. 52.

(7) *Röerie et Vivielle*, loc. cit., pg. 181.

Dos *fjords* noroeguezes e do littoral dinamarquez, os piratas *Vikingos* iniciaram suas expedições oceanicas atacando as costas de Dorset, na Inglaterra, em 789; em 793, o mosteiro de Landsfarne, em Northumberland; em 794 incendiando Yarrow; accommettendo em 795 Glosmeshire e descobrindo talvez a Islandia; em 799, tomando a ilha de Man; em 802, atacando Iona. A seguir a Irlanda foi o alvo predilecto de seus assaltos, como a costa occidental della e as ilhas da Escossia (8). Devem ser do VIII seculo as colonizações das Orcadas, das Shetlands, das Hebridas e das Faroe.

Em 843, buscando a embocadura do Loire, atacaram e pilharam ricas abbasdias que lhe ficavam ribeirinhas; costeando o littoral francez e de levada saqueando-o, attingiram o norte da Espanha. Impedidos de desembarcar em Gijon, navegaram ao oeste, e ao sudoeste, e investiram sobre La Coruña. As costas gallegas não lhes sendo propicias, proseguiram a saltar Lisbôa e os Algarves. Costeando sempre, embocaram pelo Guadalquivir e, subindo-o, assolaram Sevilha (*Hispalis* dos antigos). Perseguidos por Abderrahman I, recuaram e de novo accommetteram as costas algarvias em retorno a seus mares. Nesse periplo, apoderaram-se de Bordéos, cujo senhorio conservaram até 849.

Em 846, as “cento e vinte velas de Ragnar ou Régnier subiram impunemente o Sena”. Seus tripulantes “penetraram nos arrabaldes de Paris no dia da Paschoa” e “carregaram as bellas traves da igreja de Saint

(8) Apontamentos colhidos em compendios, syntheses e monographias, e, principalmente, em: *de la Roncière — Histoire de la Marine Française. Enciclopedia Universal Illustrada*, ed. Espasa. *Röerie et Vivielle — Navires et Marins. Beuchat — Manuel d'Archéologie Américaine. Jal — Archéologie Navale — The Cambridge Medieval History*, vol. III, *Germany and the Western Empire*.

Germain des Prés, sem que Carlos, o Calvo, ousasse deixar o sitio fortificado da abbadia de Saint Denis e cahisse sobre as tropas dizimadas por cruel epidemia". Em sete mil libras importou o premio da liberdade que os francezes pagaram então aos ousados invasores (9).

Conta-se que, nessa ou em outra expedição seguinte, "os parisienses, durante o assédio, escutavam, vindas dos acampamentos inimigos, as tristes cantilenas com que as mulheres vikingas, em grande numero, embalavam a agonia dos dinamarquezes feridos".

↖ Em 851, subiram o Elba em demanda de Hamburgo; esta cidade incendiaram nesta expedição ou na de 880. Em 852, navegaram de novo o Sena, e ataques e saques renovaram a Paris em 857 e 861.

Avançaram pelo Garonne até Toulouse. O Escalda, o Rheno, o Somme, foram, ao correr do tempo, painel de suas aventuras. "Toda a Frisia foi sua até fins do seculo IX".

Em 859, de novo alcançaram a costa espanhola da Andaluzia, cujos campos correram; penetraram no Mediterraneo, saquearam as Baleares; investindo ao norte buscaram o Rhodano, cujas aguas perlustraram em assalto ás terras ribeirinhas. Descendo-o dirigiram-se á Sicilia, a Malta, á Italia, á Grecia, e consta, á Asia Menor e ao norte da Africa. Em 860, regressaram á Escandinavia. No anno seguinte, Naddod fez o redescobrimto da Islandia cujo povoamento, parece, se deu 14 annos depois.

Já haviam então partido do paiz do Rhos ou Suecia para o oriente, a sujeitar finlandezes, esthonios e slavos. Com sua casta guerreira dos *varengos* senhorearam Chasar e Kiew —a futura cidade santa dos russos.

(9) *Annales Xantenses, Annales de S. Bertin. Aimoin — Miracula S. Germani — c.f. de la Roncière, loc. cit., pg. 104.*

Nessa expedição, registada em 860, descendo 200 barcos seus o Dnieper até o mar Negro, passaram o Bosphoro, alcançaram Constantinopla. Tornaram-se, depois do ataque ao Imperio Grego, vindos do Oriente, os mais válidos soldados desse Imperio.

Em 885, assediaram Paris, oriundos de varios pontos: do Loire, do Escalda e subindo o Sena, quando tomaram Rouen e Pontoise. Acommettida a Capital dos Francos, assediada durante dez meses, apresentava-se ella então sob o aspecto garrido de 700 barcos vistosos em bloqueio fluvial sobre uma extensão de duas leguas, e de tendas dos acampamentos inimigos, que impediam a seus habitantes a sahida fóra das suas portas.

Vencedores demandaram a Bourgoigne, sendo concedido ao vikingo Sigfredo devastar toda a região da Champagne. Em 888, batidos, deixaram por campo mais activo de suas façanhas a Argonne, a Bretanha e as Flandres. Voltaram-se então contra a Inglaterra, mas já radicados á região neustriana, e definitivamente, pelo casamento de Giselda, filha de Carlos, o Simple, com Rolf ou Rollo, fundador do ducado da Normandia. Consolidaram essa união e essa posse: o tratado de Saint-Clair-sur-l'Épte, de 912; a paz que por cerca de 30 annos permittiu dar execução ás severas leis de Frodi, o Pacifico, applicadas aos exercitos em guerra; o trabalho agricola em terras fecundas e de melhor clima.

Nos meados do decimo seculo, o *Vikingo* Haroldo, trazendo levas de invasores a bordo dos seus *snekkars* e *drakars*, criava com esse acontecimento, uma nova phase nacional. Mais de um conquistador — argue de la Roncière — tomou mulher na Neustria e “os filhos de normandos e neustrianas aprenderam a lingua materna, salvo termos inacessiveis á mulher, ou a lingua-gem dos marinheiros, piratas e pescadores”. E accres-

centa com precisão: “A terminologia dos nossos *Po-nantins* (10) é o ultimo vestigio de um idioma desaparecido, idioma das inscripções runicas gravadas sobre os leões do Pireu, e para o polo, sobre os rochedos da Groenlandia, idioma das sagas islandezas, onde achamos a raiz e o primitivo sentido dos nossos termos de marinha mais usuas”.

E maravilhosas sagas são essas, que recordarão pelo tempo afóra os escandinavos, em 920 com Gumbjarn avistando, montada a Islandia, mais terras; e em 986 com Erico, o Ruivo, o continente americano em expedição celebrada nos textos de Ari Thorgilson. Deu Erico ao paiz o nome de “terra verde”, ou Groenlandia, e nella achou “vestigios de habitações humanas, fragmentos de barcos e instrumentos de pedra”. Nella permaneceu, colonizando-a, quatorze ou quinze invernos, antes do Christianismo ser introduzido na Islandia, segundo o que contou a Thorkell Gellison, na Groenlandia, um aventureiro que até lá havia acompanhado a Erico, o Ruivo” (11).

Outras sagas recordarão, não mais a descoberta da ilha da “terra verde”, mas paragens mais ao sul do proprio continente americano pelos irmãos Eriksson, por Bjarni Herjulfsson e por Karlsefni, e trazendo o devido relevo para a expedição de Leif Eriksson, filho de Erico, o Ruivo, no anno 999 ou 1.000 da nossa éra.

Contam essas lendas que uma grande tempestade, quando partia Eriksson da Groenlandia para a Noroega, o atirou a terras mais meridionaes do novo continente, aonde achou campos de trigo e vinhas selvagens, e que outras expedições, que lhe succederam nesse des-

(10) “Nome que os marinheiros do Mediterraneo davam aos marinheiros do Oceano” — segundo Littré.

(11) *Beuchat — Manuel d'Archéologie Américaine*, cap. I, paginas 15 e 16.

cobrimto remoto, reconheceram as ditas terras e terras novas descobriram, como está assignalado na geographia das sagas, sob os nomes de *Helluland* ou a “terra das rochas”; *Markland* ou a “terra das florestas”; e *Vinland* ou a “terra das vinhas”, identificadas, segundo certos autores, com as actuaes Nova Brunswick e Nova Escossia, no Canadá. Durante tres seculos, parece, que os Escandinavos se mantiveram na Groenlandia e só a deixaram em virtude de uma serie de hostilidades dos esquimós e por falta de recursos materiaes.

Tres dias e tres noites gastavam então esses valerosos marinheiros na viagem do littoral dinamarquez ao littoral inglez e “seis dias e seis noites na entre Bergen e o cabo Farewell”, extremo meridional da Groenlandia (12).

II

OS NORMANDOS E SUA INFLUENCIA MARITIMA

Desse espirito de aventura maritima iria ficar depositario mais illustre o marinheiro da Normandia, se bem que ao findar o X seculo não mantivesse senão relações commerciaes com a raça que lhe déra origem.

Já o Christianismo abria diante delle uma nova phase na sua organização social e moral, mas não lhe diminuiria o anseio de descobrir, prear e conquistar, na busca do oceano largo, de portos prosperos e de rios navegaveis.

E, de então, o navio normando será como o *drakar* do *vikingo*, o semeador de um glossario maritimo entre varias raças e varias terras, cuja fonte de estado inter-

(12) *Röerie et Vivielle — Navires et Marins*, tomo I, pg. 183.

medio se crystallizará no *patois* normando, mas revelando a cada passo, entre saxões e latinos, a raiz nordica em tantos vocabulos marinheiros.

“Os vocabulos maritimos de raiz nordica — diz de la Roncière — dominaram em grande parte os de origem latina mais usuaes quanto aos termos de guerra, de equipamento e construcção naval importados pelos francezes”; e esses vocabulos se disseminaram em tempos passados, mais prodigamente, pelos povos latinos do Mediterraneo e da Peninsula Iberica, ao decorrer da nova missão historica a que foram chamados os normandos.

No principio do seculo XI, no anno de 1016, peregrinos normandos — que as sagas consagraram como os *Jorsalafarirs* — viajaram bellicamente o Mediterraneo a bater como infieis, gregos e mussulmanos e, com auxilio de reforços, para subdividir estados precarios da hoje Italia Meridional. A Sicilia, o ducado de Napoles, a Republica de Amalfi, Salerno e o ducado de Benevento só assim poderiam vir a formar o Reino das Duas Sicilias. “O espirito pratico dos normandos — segundo de la Roncière — lhe imprimirá uma tal cohesão que elle vingará até 1860, a despeito das numerosas dynastias que passaram sobre essas terras, sem ganhar raizes profundas”.

Emquanto ao norte da Europa ainda os seus ascendentes em 1026, costeando a Noroega, alcançavam no Mar Branco a foz do Dwina, onde se erguia o templo de Jumala em Biarmia — hoje provavelmente a cidade de Arkhangel —, ao sul, os normandos foram desenvolvendo activa acção maritima no Atlantico e no Mediterraneo. Obtiveram elles, em 1027, a cessão de terras do duque Sergio de Napoles nas quaes fundaram a cidade de Aversa e um condado. De 1040 a 1043, deu-se a posse da Apulia. Em 1053, possuíam feudos

em todos os territorios meridionaes da Italia, conquistas estas que alargavam até 1085.

Em 1066, voltavam a atacar a Inglaterra. A conquista de Messina e de Palermo reporta-se a 1060 e 1071. E como o "Mediterraneo se tornava o dominio classico da marinha de guerra", elles, mais marinheiros que soldados do mar, tiveram que aprender com os arabes as partes technica, administrativa e militar dos estabelecimentos navaes, das frotas ou esquadras. E assim, "seria principalmente através da Sicilia mais que da Espanha, — segundo o autor da *Historia da Marinha Francaza*, — que os conhecimentos dos arabes em nautica, em geographia e em astronomia se divulgavam no mundo latino, afóra as sciencias bellicas e artes maritimas com o emprego do fogo lançado pelas zarabatanas, da agulha imantada ou calamita e das cartas de navegação (13).

As expedições vindas da Normandia com os primeiros cruzados tinham por escala forçada, antes de alcançados os estados normandos da Sicilia, os portos do pequeno reino francez de Portugal fundado em 1095 pelo conde d. Henrique, principe da Borgonha.

Dois annos talvez fossem passados quando a frota flamenga-normanda, sob o commando de Guinimer, buscava as aguas tejanas, como outras expedições vikingas ousadamente o haviam feito. Essa frota percorreria durante oito annos o mar Mediterraneo e ajudaria aos companheiros de Godofredo de Bouillon na posse de Tarso e de Laodicéa.

Ensaiaava então Portugal sua marinha de galés e galeotas, de remos e velas, operando proxima ao littoral e na colheita dos portos contra os mouros.

Em 1147, cento e sessenta e quatro navios guarnecidos de soldados da Cruz de Christo, — normandos,

(13) *Hist. de la Marine Française*, tomo I, pgs. 135, 136.

allemaes, flamengos, anglo-normandos —, entravam a 28 de Junho no bello rio que banha Lisbôa.

O duque da Borgonha d. Affonso I, rei de Portugal, valendo-se de ser principe de origem franceza, solicitou-lhes combater os infieis mussulmanos que o assestavam.

“A gente de Boulogne, de Cologue e de Flandres, designada sob o nome generico de Franceza, acampou ao léste da cidade. Os anglo-normandos occuparam os arredores do oéste, de onde haviam expulsado os mouros”.

Oito navios patrulharam o rio. De frente á porta da cidade aberta para o Tejo, armou-se um de seus engenhos de guerra a secundar a acção de outro que lançava blocos de pedra immensos contra uma das outras portas de Lisboa. E apertado o assedio, victoriosos os Cruzados, partilhando os despojos dos vencidos, seguiram a buscar aguas do Mediterraneo, destino da Syria.

Em 1180 e 1182, D. Fuas Roupinho sahia só com sua força naval a bater as galés mouriscas que interceptavam communições maritimas com o Tejo. Mas ao tempo de D. Sancho I, em 1188, para ser retômada a praça de Silves aos mahometanos, tiveram os lusitanos de pedir auxilio, apesar da sua frota de 40 galés e galeotas, a “uma armada de mais de 50 navios hollandezes, flamengos, allemaes e dinamarquezes, a qual, indo para o Mediterraneo, aportara a Lisbôa, aonde seus generaes se concertaram com El-rei em lhe prestarem todo o auxilio para aquella empreza, dando-se-lhes todo o despojo no caso de conquista” (14).

Dahi seguiram os vencedores a destruir Cadiz e a ganhar o porto de Marselha.

Marinheiros nordicos e lusitanos mais uma vez curtindo juntos os rigores da guerra, participando das mes-

(14) *Quintella* — *Annaes da Marinha Portuguesa*, tomo I, pgs. 13, 14, ed. 1839.

mas manobras marinheiras e bellicas, haviam de manter um intercambio de idéas e de um glossario marítimo referente aos navios que guarneciam, ao massamé, poleame e velame com que eram estes aparelhados. Certo, esta actuação não iria de muito diminuir a outra de origem mourisca já de grande influencia sobre o idioma nacional a formar-se, qual nesse mesmo ramo o attestariam os armazens da Marinha nas ribeiras tejanas baptizadas *tercenass*, ou *taraçenass*, e cuja origem arabe *daarsenaah*, formaria tambem os vocabulos *darsena* dos castelhanos e *arsenal*, talvez já em uso entre marselhez.

Ainda por algum tempo nas galés e galeotas o instincto guerreiro-marítimo dos Lusos se aprimorou como o demonstraram os cercos de Faro e de Sevilha, ou a constante acção naval contra o mouro e o castelhano; mas só no reinado de D. Diniz, iniciado em 1279 e terminado em 1325, os fundamentos de outra marinha militar seriam lançados com o recurso dos marinheiros do Mediterraneo sobre os quaes grande influencia exerceram os normandos, e cujo momento historico de muito esclarecerá uma passagem deste ligeiro estudo.

MARINHEIROS DO MEDITERRANEO

Genova, grande centro de commercio marítimo e de efficiencia militar naval, unida a Pisa, expulsára os arabes da Sardenha desde 1015 ou 1017. Vencida a rivalidade entre pisanos e genovezes, a estes coubera a supremacia marítima em 1113, favorecida pela interferencia do Papa, mas sujeita todavia ainda a desavenças e hostilidades dos pisanos. Mais tarde, muito habilmente, na guerra de Frederico II contra o Pontificado, os genovezes a este se alliavam. Destruíam finalmente a frota pisana em 1284, na batalha de Meloria.

Já installados na costa septentrional da Africa, estenderam seu poderio marítimo até o Mediterraneo oriental. Rivaes depois dos venezianos e favorecendo aos Paleologos na destruição do Imperio Latino, os genovezes cresceram de prestigio militar e politico, á proporção que dominavam o commercio do Levante.

“No Oriente, elles se haviam poderosamente estabelecido no mar Negro, donde os venezianos não os haviam podido expulsar durante a guerra de Kaffa (1350-1355). Kaffa, capital da Criméa, populosa e rica, era a porta de todos os caminhos da Asia. De Kaffa, os genovezes penetraram até o mar Caspio e por essa via recolhiam todo o commercio do imperio mongol. Por ahi vinham as sedas da China, das quaes as velhas familias de Genova guardam ainda ciosamente restos preciosos” (15).

Tal se tornou seu poderio no Oriente e no Mediterraneo, que lhes foi concedida “a liberdade de commerciar no Imperio Grego, nos bairros de Constantinopla, Pera e Galata”, o que lhes facilitou fundarem grande numero de feitorias, se apoderarem “de Tana (Azof) e de Kaffa (Theodosia), firmarem-se no golfo de Smirna, assim como nas ilhas de Chios, Samos e Chypre, assignarem tratados com a Armenia, opporem-se em todas as partes aos venezianos” (16).

‘E se toda a especiaria, finos tecidos e riquezas ambicionadas, elles traziam desses portos para os da Europa, para enriquecimento de sua grei, em compensação seus conhecimentos nauticos se tornariam maiores ao contacto da sciencia arabe deixada na Sicilia, conhecimentos de que elles se fizeram arautos através principalmente das relações politicas, militares e commerciaes

(15) *Foville — Gênes*, ed. 1907, pgs. 15, 16.

(16) *Enciclopedia Universal Ilustrada*, ed. Espasa.

que travaram com a Peninsula Iberica, a França e a Inglaterra.

De la Roncière dirá na sua *Historia da Marinha Franceza*: “E’ assim que as instituições e tradições maritimas das Duas Sicilias de origens diversas, porém fundidas pelos normandos em maravilhosa harmonia, seguiram sem abalos ou attritos seu desenvolvimento normal e tiveram por finalidade uma sciencia nova e fecunda, a hydrographia, — auxiliar indispensavel da navegação de longo curso, — e essa concepção da marinha de guerra universalmente adoptada no XIII seculo: um almirante commandante em chefe, vice-almirantes e chefes de esquadra, chamados capitães de mar e guerra (17), dispondo de um arsenal central e depositos regionaes para organização ou guarda de suas frotas mantidas por contribuições provinciaes ou pelo Thesouro” (18).

Influencia menor não exerceriam, entre outras, sobre a Peninsula Iberica: Veneza, Marselha, Montpellier e as Baleares.

Montpellier, ao fim do XII seculo, foi “o ponto de encontro dos arabes de Garb (Africa Septentrional), dos mercados da Lombardia, do reino da Grande Roma, do Egypto, da Terra de Israel, da Grecia, da Gallia, da Espanha, da Inglaterra, de Genova, de Pisa, uma babilonia de povos e de linguas (19). Passando Montpellier para o dominio do rei de Aragão e da Malhorca

(17) ... “car le mot de *protontini*, difficile à s’acclimater, ne dépassa pas Gênes. [*De la Roncière*, *ibid.*, pg. 137]. Elles apparecem em 1242 e não mais existem no XVI seculo [*Annales Genuenses*, pgs. 203, 305]. Cf. *Hist. de la Marine Française*, tomo I, pag. 137.

(18) e (19) *De la Roncière — Hist. de la Mar. Française*, tomo I, pg. 137. *Benjamim de Tudela — Itinerarium*, pg. 33; *idem*, pg. 161.

em 1204, ganhou privilegios commerciaes nos estados dos seus novos senhores e a vantagem rara de viver de sua vida propria". Montpellier foi um centro de grande cultura das sciencias nauticas e astronomicas.

Marselha rivalizou com os demais como um dos centros maritimos mais notaveis do Mediterraneo e, assim pesou principalmente na época a que remonta parte deste estudo, quando, livre do ultimo conde da Provença, "adquiriria pela frequencia dos cruzados maior importancia caracterizada pela existencia de seus grandes armadores de frota", que ali enriqueciam.

Depois de 1200, os marselezes commerciarão largamente pelo Mediterraneo, levando como carga desejada o panno de Douai e a *étamine* de Arras aos portos da Europa.

Não convém entretanto esquecer que os primeiros Almirantes da França foram dois genovezes, Hugue Lercari e Jacques du Levant, e que, falando sobre a Marinha Franceza, seu historiador erudito affirmará: "Ella enriqueceu seu vocabulario com termos exoticos e sobre um fundo linguistico de origem nordica, embellecido de ornatos italianos ou provençaes: o microcosmo onde começa esta evolução é o *Clos des Galées* de Rouen". Mas este mesmo centro de formação da marinha normanda soffrerá, ao correr do tempo, a influencia de Genova, Marselha, Aigues Mortes, Narbonne, pois destes portos recebia, ao ter que construir ou reparar barcas ou galéras, mestres de machado, remolares e calafates. Outro tanto faria o pequeno Portugal de 1439 a 1441, enviando "aos estados do duque de Borgonha grande numero de carpinteiros e calafates portuguezes", destinados a auxiliarem a "construcção de duas grandes naus em Anvers e Heuberghe lez Amiens". (20)

(20) Sousa Viterbo — *Artes e Artistas em Portugal*, Cap. VII, pg. 132,

Veneza, o outro grande nucleo de influencia maritima do Mediterraneo, — e cuja navegação commercial garantida por uma efficiente armada de galés e galeotas a poz em commercio de idéas e productos com a Peninsula Iberica —, Veneza, se impoz pela sua marinha no seculo XV como rival de Genova até fim do seculo XVIII, quando lhe foi marcado o declinio fatal.

Tambem o archipelago das Baleares, tomado aos ha-beis atiradores de funda, seus habitantes primitivos, contemporaneos dos primeiros *talayots* ou “torres de pedra” ahi erguidos, — visitado pelos phenicios, pelos gregos, conquistado pelos carthaginezes e pelos romanos, invadido pelos Vandalos, salteado pelos Vikingos, habitado pelos Sarracenos, hostilizado pelos Normandos, captivo do reino de Aragão, e delle e da Catalunha separado por d. Jayme, o Conquistador, em 1228, e mais tarde de novo sujeito á corôa aragoneza, apresado por genovezes, venezianos e arabes praticos da navegação já não mais de cabotagem, — marcou sua situação na geographia historica do tempo, numa das phases caracteristicas do momento maritimo que ligeiramente syntetizamos.

Malhorea, sobretudo, que condensa aos poucos parte da sciencia nautica e da cartographia da Europa e do Oriente, vem a representar para a Peninsula Iberica ao tempo da formação e nacionalização da marinha portugueza, o que a Sicilia symbolizara na renovação militar da marinha genoveza enaltecida pela bagagem scientifica dos arabes ensinada por doutos astrônomos, profundos mathematicos, projectos cartographos.

E da peninsula iberica, — sem demerito do que a Espanha produziu, — cumpre que se dê o devido relevo, para alcance final deste trabalho, aos bravos e insignes navegadores lusitanos, sem esquecer a influencia benefica que soffreram dos maiores navegadores do nôrte da Europa, do Mediterraneo e do Oriente,

III

OS PORTUGUEZES E SUA EPOPEA MARITIMA

O contracto do fidalgo genovez D. Manuel Pezagno com o rei Diniz depois de cinco annos de residencia em Portugal, celebrado pela carta régia lavrada em Santarém em 1322, investindo-o no cargo de almirante da Armada Portugueza, foi o primeiro documento official da época que então se iniciava sob influencia mais directa desses marinheiros do Mediterraneo. Pelo proprio documento obrigava-se a ter promptos desde logo — “20 genovezes intelligentes na navegação, para servirem de alcaides e arraizes das galés”, porque de galés e galeotas se formou a primeira frota militar portugueza.

E' preciso aqui notar-se que as galés do seculo XIV não foram das proporções das do seculo XVI, começo do seculo XVII, já classificadas como “navios longos”. Eram de menor numero de remeiros, de poucos trons ou engenhos, de um mastro com vela de pendão, menor numero de combatentes e menor tonelagem. As outras, classificadas em tres categorias melhor se reportariam ao typo da *galé subtil*, “tendo a meio um só mastro latino e ás vezes, á prôa, um pequeno mastro com vela de pendão” (21).

O modelo mais tarde adoptado foi o dos genovezes, cujo casco obedecia á relação de 1/9 (22), com prôa

(21) João Braz de Oliveira — *Influencia do Infante d. Henrique no progresso da Marinha Portugueza. Navios e armamentos.* [Annaes do Club Militar, pg. 76. 1894. Commemoração do Centenario do Infante d. Henrique].

(22) *Ibid.* [Vide contrato celebrado entre Benedetto Pirio e Ampegino de Staghieno. *Arte de navigatione al tempo de Colombo*], pg. 77.

estreita e fina, e usando como armamento roqueira, camelo ou bastarda á prôa e á popa. A guarnição ou a chusma de remeiros por banda, compunha-se de homens cumprindo penas ou galés, por vezes tres por bancada, acorrentados ou não. De maiores proporções foram as *galés grossas* com dois ou tres mastros latinos, sendo “o de prôa, quasi na roda, de pouca guinda e com véla de pendão”. Nas velas traziam pintadas as insignias da Ordem a que pertenciam (23).

O armamento foi compativel com sua maior tonelagem. E de maior tonelagem ainda se mostraram as *galés bastardas* que “partilhavam do apparelho redondo e do latino; creio que mais propriamente assim se chamaria á que largava á prôa um traquete de gavêa por cima do redondo, furando na gavea como na caravela redonda, cuja armação do mastro era semelhante. Ha um magnifico desenho de uma galé bastarda apavezada no já citado mappa de Coimbra”. (24) Era muito usada na França e armada com os mesmos engenhos de guerra já enumerados para caça e retirada.

A *galeota*, semelhante á galé, porém de menor tonelagem e mais veloz, mereceu a preferencia dos piratas barbarescos e foi aparelhada com 1 ou 2 mastros, vela latina, vinte remos por banda, armada para a caça principalmente.

Tripulando essas embarcações e ao se encontrarem nellas em constantes pelepas contra mouros e castelhanos, manobrando-as com remos e velas, cuidando do apparelhamento do massame e do poleame, muitos termos technicos do seculo XIII escutariam então os marinheiros lusos communs a novezes, provençães ou habitan-

(23) *Ibid.*, pg. 78.

(24) *Ibid.*, pg. 78. Parece o autor referir-se ás *Taboas de alguns logares da costa da India* existentes na Bibl. da Universidade de Coimbra.

tes do Languedoc. E muitos desses termos, para não citar outros documentos conhecidos, ainda se poderão hoje relêr nos contratos firmados entre Genova e o rei S.^o Luis em 1264 (25), e no calculo do orçamento de Pierre Bernuis para o arsenal de Narbonne, apresentado a Carlos II da Sicilia em 1294 (26).

A essas vozes outras, de pura origem nordica e normanda ou de marcadas raizes arabes, gregas ou latinas, se aggregariam a bordo de seus navios, formando assim o glossario maritimo que o tempo foi deturpando ou conservando inalteravel. O içar a vela, o navegar á bolina, o apparelhar o masto, ou mastro, o metter o leme deló, o alar a adriça, o rebocar o esquife, o armar os remos presos aos toletes pelos estropos, o folgar as escotas, o cambar da amura, o rizar as velas, o largar a ancora — ou o apparelhar a nau nas tercenas da ribeira, o guarnecer as alcaçovas, o atirar com as zarabatanas, o nomear os aleaides e arraizes das galés, o construir o caravo a vela ou a caravela, e tantos outros termos já estudados por philologos eminentes, são attestados flagrantês das influencias linguisticas com que vieram enriquecendo o idioma que falou o marinheiro criador da epopéa maritima de Portugal.

Uma reminiscencia de archeologia nordica será a barca, segundo varios autores de origem escandinava, em que se lançam em algumas de suas primeiras aventuras de mar largo. Com ella ou com a caravela de origem mourisca se fizeram de logo expedições ousadas, quer quando, em 1336, pescadores portuguezes, cumprindo contrato firmado com a Inglaterra, no reinado

(25) *Jal — Pacta Nautarum, Mélanges historiques*, tomo I, pg. 528. [Cf. *de la Roncière, loc. cit.*, pg. 261, nota 2].

(26) *Archivos de Napoles, Reg. ang.* 63, pg. 257; *ibid.*, pg. 528.

de D. Affonso IV, se entregavam á pesca nas bravias costas inglezas, quer na primeira expedição ás Canarias antes de 1336.

E se foi commum a todas as linguas romanicas, e já o registava Isidoro, como significando “pequena embarcação que leva á terra a mercadoria dos navios” [Litttré], tambem anteriormente se sabia que embarcação desse typo no idioma celtico era *barc*; no baixo bretão e inglez, *bark*, e mais tarde, no bourguignon, *barque*; no provençal, no espanhol, no italiano, no portuguez, *barca*; e no antigo francez, *barge*. Este exemplar será para João Braz de Oliveira “pequena embarcação sem gavia destinada a levar mantimentos e servir á carga e descarga dos navios”.

“A *barca*, diz o provector almirante, julgamos ser originaria das nações do norte. Os *drakars* e *snekkars* dos escandinavos e normandos, os navios dos Vikingos, parecem ser-lhe o typo primitivo” (27)

(27) “Os Normandos visitaram as costas da Peninsula, e as naus e barcos dos cruzados vieram muita vez a Portugal, auxiliando os nossos primeiros monarchas nas guerras contra os mouros. Parece-nos provavel que a *barca* da peninsula reproduzisse em grande parte aquelle typo de navio. Seriam embarcações de pequeno porte, talvez de 20 a 25 toneis, em geral de boca aberta ou de uma só coberta quando se construiam para viagem larga. A relação de boca para o comprimento variava de 1/4 a 1/5, e de pontal muito pequeno. A ré e a prôa eram aguçadas, e armavam, em geral, um só mastro de muita guinda com uma enorme vela de pendão. A *barca* normanda governava com um remo de espadella [esparrella], nas alhetas por um e outro bordo [geralmente um só a boreste], e depois adoptou-se um bem parecido com o dos saveiros, sendo a cana de governo atravessada, e com talhas de gualdropes nos extremos”.

J. B. d'Oliveira — Influencia do infante d. Henrique no progresso da Marinha portugueza — Navios e Armamentos. [Annaes do Club Militar Naval, 1894 — Commemoração do Centenario do Infante d. Henrique, pg. 63].

Dá-lhe o autor a origem de *barkje*, que deu *bark* no alemão e *barque* no francez actual, pois que *barge* sempre foi o termo de uso, parece, entre os normandos e no antigo francez, mesmo para significar embarcação de maior póрте.

Em 1341 deu-se a segunda expedição ás Canarias commandada pelo genovez Niccoloso de Reccho e pelo florentino Angiolino del Teggia de Corbizi. Releva notar que cartas nauticas catalãs, malhorquinas, italianas, associadas á contribuição erudita dos arabes, de classicos gregos e latinos, e demais trabalhos correlatos, oriundos principalmente de judeus, já iam sendo introduzidas e estudadas em Portugal. Enumeremos algumas datas e alguns autores, para se justificar este asserto: 1311, Pietro Visconti; 1339, Dulcetti; 1375, a notavel carta catalã; 1381, 1389 e 1391, os trabalhos cartographicos do malhorquino Jafuda Cresques para o rei de Aragão; 1385, Colery, malhorquino; 1412, engajamento de Jacomo da Malhorea; 1413, Villadeste, malhorquino; 1436, Andreas Biancho, italiano; 1439, Vallsecha, malhorquino; 1453, Fra Mauro, veneziano (28).

Ganha em 1385 a batalha de Aljubarrota contra os Castelhanos, o paiz começou a definir-se com personalidade maritima muito mais accentuada, principalmente quando o infante D. Henrique em Sagres, olhos fitos no oceano, buscou tornar realidade sua visão maravilhosa. Iniciou-a com a conquista de Ceuta em 1415. “Tres principes e muitos fidalgos e ricos homens de entre Douro e Minho”, á frente de “50.000 homens de armas, galeotas e remeiros” guarneecendo, entre outros navios, baixeis, caravelas, naus, galés e fustalhas, seguidos de taforéas e outros navios de transporte, deixaram o Tejo

(28). Bensaude. *Resumé chronologique des découvertes*. Cf. *L'Astronomie nautique au Portugal*, pg. 277.

auxiliados por tantos soldados da fé em busca da victoria sobre os infieis (29).

Em Terça-Nabal, na chamada hoje Sagres, beirando o *Sacrum Promontorium* dos antigos, edificada depois de regressar o Infante de Ceuta, muitos autores ainda hoje relembrarão observatorios modelares, casas de fabricar cartas e instrumentos, grandes conselhos technicos funcionando em logares condignos com o centro scientifico que proclamam; mas essa visão se dissipará com o tempo por não haver vestigios materiaes de semelhante existencia.

A modestia material em que esta fecunda obra nacional foi iniciada, entretanto, mais caracteristicamente revela, sem em nada desmerecer, o "*talent de bien faire*" do Infante iniciador do grande movimento scientifico da nova Marinha.

Os ensinamentos da empresa guerreira a Ceuta, principalmente incentivando remodelar a architectura naval dos portuguezes, foram logo a seguir affirmados pela substituição em maior numero das galés e grosseiras naus, nos estaleiros reaes, por navios mais alterosos e artilhados, dotados de coberta, em que as guarnições bem protegidas se pudessem aventurar a viagens mais longas e prélios navaes mais arduos (30). Não tardaria um seculo para terem logar condigno nas frotas as naus.

(29) Faria y Sousa, segundo citação de Bensaude, na *Astronomie Nautique au Portugal*, pg. 98, relaciona: "220 baixeles, de varias formas i grandezas; altas naves 33, prolixas galeras de a 3 remos por banco 27, de a 2 eran 32, el resto de galeones, caravelas y otros navios, todos fuertes por las armas, municiones i gente".

(30) O *baixel* não era de origem conhecida. O *barinel*, e o *brigantim* ou *bergantim*, de que se serviram em curtas expedições, parece terem origem genoveza. Cópia dos mouros eram a *caravela*, a *fusta*, o *cathur*, a *almadia* e outras pequenas embarcações. A *taforéa* era embarcação empregada no transporte de cavallos.

as carracas, as caravelas de maior pórtc e, finalmente, os galeões de alto bordo.

Outrosim, as viagens por terra ao Oriente e os relatos que dessas viagens chegavam á Peninsula, taes como os de Marco Polo e Nicolo Conti, os de Pero da Covilhan e Affonso de Paiva sobre as terras do Preste João; o conhecimento mais intimo da geographia, da arte de navegar, da astronomia, da cartographia, versados em manuscriptos, de obras de raro valor como as de Ptolomeu, Strabão, Pomponio Mela, Aristoteles, Platão; o convivio com Jacomo da Malhorca, Jafud Cresques, Cadamosto, Jehuda Ibn Verga, Fra Mauro, através de sua carta, Sacrobosco, Abrahão Zacuto e Regiomontano através de suas ephemerides, Toscanelli, Martinho da Bohemia ou Behaim, Cantino, Felipe Guilhen, José Viziho, o Judeu, assim como com outros muitos judeus illustres, e tantos homens de saber e experiencia, alargaram os horizontes dos conhecimentos scientificos de Portugal e o habilitaram a empresas arrojadissimas.

E se a Marinha portugueza aos poucos se liberta da cultura adventicia estrangeira, ainda mostrará não querer dispeusá-la de todo, mesmo uo primeiro quartel do seculo XVI, quando importava D. Manuel officiaes habilitados em construcção naval e mantinha como seu agente na Italia, a Lopo de Carvalho, encarregado de contratar carpinteiros, comitos, soto-comitos, remolares e dois mestres de fazer galés nomeados Vumer ou Vimier e um Pantalym Coyroll (31).

(31) *Sousa Viterbo — Artes e Artistas de Portugal*, pg. 133.

Sobre a influencia dos Flamengos em Portugal e Espanha, tambem dirá Sousa Viterbo, no Cap. I, pg. 1, do citado livro:

“Um viajante hollandês, que visitou a peninsula Iberica nos fins do seculo XVII, diz ter encontrado em muitos pontos, tanto de Portugal como de Hespanha, vestigios evi-

Em parte, tal justificaria que a arte de navegar e a de construir dos Lusitanos cedo viessem a attingir, orientadas pela Junta dos Mathematicos e pela constante navegação de mar largo, aquelle saber e aquella experiencia indispensaveis á realização do sonho do infante D. Henrique; e que aos poucos fossem ganhando fóros de vernaculidade os termos marinheiros em uso nas caravelas e naus, com se integrarem na nova literatura em formação.

E com que riqueza de vozes maritimas não haveriam de contribuir para a linguistica maritima portugueza, os que mais tarde foram celebrados como os *Lusíadas* valorosos do poema camoneano!

A intensidade da vida maritima, scientifica e practica, revelou-se em plena gloria: com a redescoberta de Porto Santo; com os reconhecimentos do cabo Não, do Bojador, do rio do Ouro, do cabo Branco; das ilhas e do Cabo Verde; do Senegal; do Archipelago dos Açores, do Gambia, do rio Grande; da Serra Leôa; do cabo das Palmas, das pequenas ilhas africanas e do cabo de Santa Catharina; com as viagens constantes ás Flandres; com a de João Vaz da Côrte-Real á “Terra Nova”, e as de Diogo Cão;— e depois, com as de João Fernandes Labrador á terra de seu nome; com as expedições secretas a mando de D. João II partidas de Portugal, no sector do sudoeste; com a montada do cabo Tormentoso por

dentes de uma antiga colonização flamenga. A semelhança de character, de usos e até de linguagem, provavam a continuidade da raça, a afinidade ethnographica.” [Trad. Pieter Vender, Aa. *Beschryving van Spagnien en Portugal*; Leyde, 1707, in folio]. Tal attestam tambem: o Barão de Reiffenberg [*Rélations anciennes de la Belgique et du Portugal*]; Émile Varenberg [*Les Relations des Pays-Bas avec le Portugal et l'Espagne d'après un écrivain du XVIIe. siècle*]; Émile Vanden Bussche [*Flandre et Portugal. Mémoires sur les relations qui existèrent autrefois entre les Flamands de Flandre, particulièrement ceux de Bruges, et les Portugais*].

Bartholomeo Dias, com as viagens de Vasco da Gama á India, e tantas e tantas outras, que, no Oriente, encheram de fama o nome portuguez; com o descobrimento do que viria a ser o Brasil através das expedições marítimas de exploração, colonização e defesa da terra brasileira.

* * *

Vencido o Atlantico no rumo do Sudoeste, criado o Brasil sob uma obra de colonização das mais arduas e notaveis, ao nelle erguerem os Portuguezes feitorias, villas e cidades, ermidas e fortalezas, estaleiros ou arsenaes, ao longo do littoral foram tambem desde logo semeando seu formoso idioma, e, em particular, uma somma riquissima de termos nauticos consagrados pelas suas surpreendentes navegações.

Tal panorama anthropogeographico justificará, pois, este trabalho óra dado a lume. Porque só assim se poderá melhor comprehender o que vae adiante reunido, esquecidas as deturpações regionaes, mas em curso por esse mesmo littoral, quatro seculos passados do descobrimento. Representa este trabalho a collecta de alguns vocabulos de origem nórdica e normanda que nos foram legados pelas caravelas, naus e galeões, e originarios dos que outróra nas praias lusitanas deixaram os Vikingos nos seus *snekkars* e *drakars*, os Normandos nas suas *barges*, e os navegadores do Mediterraneo nas suas *galés*, *galeotas* e *galeras*.

As derrotas dessas navegações como que se podem identificar com o graphico de caminhamento dos termos nauticos citados neste estudo que tem sua mais estimada fonte na lição de De la Roncière.

IV

TERMOS NAUTICOS DE PROVAVEIS ORIGENS NORRENAS E NORMANDAS

Quilha é a base do navio (32). Nos navios de madeira do descobrimento, como nos do tempo remoto dos Vikingos, se considerava assim a uma grossa viga retangular posta no sentido do comprimento da embarcação, onde eram e são cavilhadas as cavernas. Tem sua origem na lingua norrena em *kjoll*, que deu no sueco

(32) Fontes de estudo: *A Dictionary of Naval equivalents, covering english, french, italian, spanish, russian, swedish, danish, dutch, german*. Naval Staff, Intelligence Division, 2 vol. 1922, 1924. *Ter Reehorst — Technical Dict. in ten dif. languages*; eds. 1849 e 1865. *Dabovich — Dizionario Nautico e Tecnico* ed. 1883. *Weber — Dizionario Tecnico in 4 lingue*, ed. 1897. *Littré — Dictionnaire de la langue française*, ed. 1863. *Barão de Angra — Dicionario Maritimo Brasileiro*, ed. 1877. *Fontes Pereira de Mello*. — *Victorino Gomes da Costa — Guia de Inst. Prof. do Marinheiro*. *Chavantes — Compendio de Apparelhado dos navios*, ed. 1881. *Amorim — Dicionario de Marinha*, ed. 1841. Glossario dos termos norrenos colhidos por *de la Roncière* [*Hist. de la Marine Française*]; in. *English dict.*, Oxford, ed. 1874; in. *Clasby Vigfusson, Icelandic-English dictionary*, Oxford; in. *Worsaae — An account of the Danes and Norwegians in England, Scotland and Ireland*, e em muitas outras obras de valor. Glossario maritimo da Normandia, *ibid.*; *Bréard — Compte du Clos des galées de Rouen au XVIe. siècle*; *Dict. de Nicot*, ed. 1584; *Chanson de Roland*; *Jal — Archéologie Navale, Glossaire nautique*; *Wace — Li Romans de Brut*; *Godefroy — Dict. de l'anc. langue française*. *Larousse — Dict. Pedro Brou — Lexicon Latino-Portuguez*. *Pedro José da Fonseca — Dicc. Portuguez-Latino*. Dicionarios: *Academia Española*, *Bluteau*, *Constancio*, *Moraes*, *Vieira*, *Candido Figueiredo*, *Aulete*, *Simões da Fonseca*. *Ramiz Galvão — Vocabulario etymologico, ortographico e prosodico das palavras portuguezas derivadas da lingua grega*. *Pinheiro Chagas — Dicc. popular*. *Wa-*

köl; no alto-alemão e no alemão, *kiol* e *kiel* (33); *ceol* em anglo-saxão; *keel*, em inglez; *quille* em normando e francez moderno; *chiglia* em italiano; *quilla*, em espanhol, e *quilha* em portuguez.

Encaixada na sobre-quilha estará a carlinga, solida peça de madeira no sentido de bombordo a boreste, ou em linguagem vulgar, transversalmente. É termo cuja origem nordica não será consagrada, e sim a do *patois* normando: porquanto é *kiolvin*, no dinamarquez, e *kolsvin*, no sueco, mas será *callengue* ou *calengue* (34) no *patois* normando, e finalmente *carlingue*, que é também de uso no francez actual.

Do *bordhi* nordico veem: o *bors* ou ainda o *bord* normando; o *bord* sueco; o *boord* hollandez; o bordo italiano e portuguez; o *board* inglez; o *bord* alemão. No alemão actual, prefere-se *brett*, segundo *A Dict. of naval equivalents* [Cf. Fr. KLUGE. *Etymologisches Woerterbuch der deutschen Sprache*, 11 ed., 1930, I. p. 70, s. v. *Bord* — nota do Padre Magne].

Do *stjörn-bordhi* nordico ou *styribordhi*, veem: no *patois* normando e, por fim, no francez antigo e moderno, o *styribord*, o *estribord* e por corrupção, o *tribord*; o *starboard* inglês; o estribordo, o estibordo e, —

gener — *Dicc. Port.-Allemão*. *Requeni* — *Dicc. Italiano-Portuguez*. Cf. também: *A arte de navegar dos Portugueses*, pelo prof. Luciano Pereira da Silva, em *História da Colonização portuguesa do Brasil*, t. I, Pôrto, 1921, pags. 29-104.

(33) Segundo *Littré*: no allemão *kegel*; no alto allemão: *kegil*, e no genovez *quille*.

(34) *De la Roncière*, *ibid.*, tomo I, pg. 116, [1379, Ms. da Bib. Nat. 260.126]; e *Bréard* — *Compte du Clos des galées de Rouen*, pg. 75, 77. — Segundo os philologos actuaes, o francês *callingue*, do seculo XVI, moderno *carlingue* [de que procede o português *carlinga*], deriva do antigo nordico *kerling*. Cf. GAMILLSCHEG, *Etym. Woerterbuch*, 1928, s. v., p. 187.

por ser voz mais clara para a manobra —, o boreste, respectivamente em uso no portuguez arcaico, no portuguez moderno, e entre nós, no Brasil. *Estribordo* chamam-lhe os Espanhóis, e *stribordo*, os Italianos, como tambem; *di destra*; no sueco, dinamarquez e noroeguez diz-se hoje: *styrbord*; no hollandez, *stuurbord*; e no alemão e austriaco *steuerbord*. Todos estes termos representam, em qualquer desses idiomas citados, o lado do navio á direita de quem embarcado nelle tem a frente voltada para a prôa. No costado, a boreste da embarcação dos Vikingos era armado o leme, semelhante ao de *esparrela*; e dahi, o *styrbordhi*, ou “bordo do leme”.

Do *bak-bordhi* nordico derivam: o *bak-bord* normando; o *babord*, *babordo*, francez e espanhol; o *backboard* inglez, e o *backbord* alemão, que se decompõe em *back*, castello de prôa, *bord*, *bordo*, uma vez que usavam o castello de prôa a bombordo; o *babordo* italiano; e o *bombordo* portuguez todos designando o lado esquerdo de quem, embarcado no navio, dá a frente para a prôa.

De *baus*, do *patois* normando, virão: o *bau* do dicionario de Nicot de 1584; e *baux*, francez. Do *balcken* alemão, parece vir o *balc* anglo-saxão. *Béams* chamam-lhes os inglezes; *bai*, *latte* (35), os italianos; *vaos* [de *lata*] os portuguezes. São grossas vigas atravessadas de um bordo a outro, destinadas a consolidar o casco, e para sobre ellas serem pregadas as taboas dos assoalhos de uma, duas, ou mais cobertas.

Nos barcos pequenos os *toletes* são usados para segurar á borda o remo por meio do *estropo*, e assim, mantê-lo na posição favoravel á remada. O termo nordico *tholl* deu tambem o *tullene* ou *tollene* em dinamarquez e noroeguez (36); assim o *thole* inglez; o *tolet* normando, e finalmente o *tolete* portuguez e espanhol

(35) *Ter Reehorst — Technical Dictionary, The Mariner's Friend.*

(36) *Loc. cit.*, eds. 1849 e 1865.

Estropes normando, ou *strops* inglez, veem, parece, do *stropp* sueco e alemão; *strop* hollandez, dinamarquez e noroeguez, deu em portuguez *estropos*. O italiano conserva o termo *stropo* com a mesma significação, mas o espanhol usa *estruvo* ou *estruvo* para nomear ovens e brandaes.

Mastr em idioma norreno [em alemão, *mast*, como tambem em sueco, dinamarquez, noroeguez, austriaco e inglez], originou *maz* (37) e *mât* no *patois* normando e no francez actual. No wallon, diz-se *mastai*; no provençal, *mat* e *mast*; no catalão e no italiano, *mastil* ou *albero*; no espanhol, *masto*; no portuguez antigo, *ma sto*, e *ma stro* no que actualmente falamos.

Gil Vicente, no *Auto da Barca do Purgatorio*, ainda dizia *ma sto* e depois delle muitos poetas e chronistas lusitanos assim graphavam. Usavam-nos singelos os Vikingos em seus pequenos e em seus maiores barcos; com o tempo se foi augmentando o numero delles em outras marinhas e passaram a cruzar vergas duplas.

Para aguentá-los, e aos *mastaréos* futuros, para bombordo e boreste eram, e são empregados, uns cabos grossos chamados *ovens* que, encapellando nos mastros e *mastaréos*, fazem parte das enxarcias do navio. Os Portuguezes receberam este vocabulo, parece, dos Espanhóes: *obenques*. Do normando vem o termo: *hobans*, *haubens* ou *haubans* (38), que de la Roncière (39) considera de origem nordica: *hofud*, cabeça; *benda*, élo ou laço.

Estaes — ou *ostaes* no portuguez arcaico, segundo Bluteau e Constancio —, são cabos de proporcio-

(37) *Chanson de Roland* [verso 186]; cf. *de la Roncière*, *loc. cit.*, pg. 117, n. 3.

(38) *Wace e Bréard*. Cf. *de la Roncière*, *loc. cit.*, pg. 117, nota 6.

(39) *De la Roncière*, *loc. cit.*, pg. 117, nota 6.

nada grossura destinados a aguentar os mastros no sentido de popa a prôa. O vocabulo norreno *staethingr* deve-lhe ser a origem. No flamengo diz-se *staede, staye* (40); no patois normando *estuinc* (41) e *estuins* (42), e *étais* modernamente. Cita-se *straglio* no italiano; *estay* em espanhol, *stag* em sueco, dinamarquez, noroeguez, holandez, alemão e austriaco.

Se bem que de la Roncière affirme ser o termo *bregtha* a origem de *vergue* do normando e do picardo, e de outros autores darem originario do *virga* latino o *verga* portuguez, outra fonte não alcançámos que abo-nasse a verdadeira origem. Mas *bregtha* significa “mo-ver”, e assim se nomeava entre noroeguezes á *verga* ou peça de madeira que içada no mastro do barco dos Vi-kingos servia de envergar a *segl* ou vela, ao tempo de suas primeiras explorações no mar largo.

Gil Vicente, ao estar a caravela ou barca prompta a suspender e velejar, dá-nos a voz marinheira desse tempo:

“Verga alta, ancora a pique”.

O termo maritimo *b e t a s*, cedo cahido em desuso no nórte da Europa, significava a cordoalha grossa do navio, em geral; mas foi termo que só se veiu a conservar, segundo Jal (43), no Mediterraneo e principalmente na Espanha. Ainda hoje se conhece por “bêta da ostaga” “á talha que se gurne pelo cadernal aguentado no outro chicote do amante” (da ostaga). (Chavautes, Comp. Ap. dos Navios, pg. 87). A alguns estudiosos pareceu, não

(40) Segundo Littré — *Dict. de la langue française*, ed. 1863.

(41) *Vie de S. Giles*, 885. — *Wace — Li Romans de Brut*. Cf. *de la Roncière*, loc. cit., pg. 117, nota 7.

(42) *Inventaire de barge à Harfleur*, *Bib. nat.*, [260.009, p. 818]. Cf. *ibid.* pg. 117, nota 7.

(43) *Jal — Archéologie Navale*, tomo I, pg. 162.

sabemos com que fundamento, dever-se dar-lhe por synonymo *ayssas* do nordico *hîsa*, *hissa*; no alemão, *hissen*; no dinamarquez, *heise*, no inglez arcaico, *hoyse* (44), certamente em francez moderno *hisser*, como tambem *drisse*; *driça* e *adriça* em portuguez, *dirizza* em italiano e *driza* em espanhol; além de *issare* em italiano, *izar* em espanhol e *içar* em portuguez porquanto *adriças* são cabos que teem a função de *içar* as velas auxiliares e latinas. *Dirizzare* ou *drizzare* dará Constancio, como origem do vocabulo, porque talvez pretendesse com este informe suggerir-nos ter sido o mesmo introduzido em Portugal por marinheiros genovezes. Ao tempo de Gil Vicente ainda se diria *driça* (45). Os Inglezes chamam-lhe *halliard*, fóra de qualquer semelhança com a voz nordica.

Itagues, *huitaguez* e *utagues* (46) no *patois* normando, e *ostagas* em espanhol e em portuguez, são cabos usados para *içar* e *arriar*, horizontalmente e pelo terço, as vergas. Em navios veleiros maiores cada verga tem duas *ostagas*, singelas ou dobradas, composta cada uma de *amante* e *bêta*.

Ha uns cabos de grossura proporcionada, que servem de mover horizontalmente as vergas pelos laizes dellas ou extremidades. *Barsses* (47) ou *bras* chamavam-lhes os normandos, e *braces* os inglezes. Deu em bourguignon, *brai*; em picardo, *bros*, em wallon, *bres*; em provençal, *bratz*; em catalão, *bras*; em espanhol, *brazo*;

(44) *Littre — Dict. de la langue française.* — A origem nordica, nesta, como em outras passagens, é toda tirada do *glossario* organizado por *de la Roncière*, e citado na bibliographia deste estudo.

(45) *Auto da Barca do Inferno*, pg. 213 [obras de *Devação*].

(46) Ms. francez 26016, p. 2557; e *Wace — Li romans de Brut* [v. 11.510]. Cf. *de la Roncière*, pg. 118, nota 6.

(47) *Bréard, loc. cit.*, pg. 74.

em italiano, *braccio*; em portuguez, braço. O termo nautico não parece vir do *bracchium* latino, antes de *barsses* ou *bras* dos norinandos.

Beque é a parte mais saliente da prôa do navio, cavilhada na roda de prôa e pela parte exterior desta. Attenta á silhueta do barco vikingo e de outros conhecidos, devemos te-lo, com probabilidade maior, originario dos celtas e de maior curso entre os nordicos. No baixo bretão diz-se *bec* ou *beg*; entre os *gaels*, antigos habitantes da Irlanda e da Escossia, *beic*; no inglez, *beak*; no italiano *becco*.

Velá vem, como o francez *voile*, do lat. *velum*. No francês antigo, ainda no começo do seculo XVI, se pronunciaria *vèle*. E Benoit na *Chron. des ducs de Normandie*, dirá: *Ni a ne veile, ne hobenc, ütage, n'escote, ne drenc.*" Nas linguas germanicas predominava o vocabulo *segel*; no anglo-saxão, *segl*; no noroeguez e no dinamarquez, *sejl*; no hollandez, *zeil*; no inglez, *sail*; no sueco e no alemão, *segel* (48); *sigles* no patois normando (49), como *sigler*, que tem a mesma origem nordica do *cingler* actual, origem de *singrar*, no nosso idioma. Com mais propriedade, *singrar* não teria sido, então, ou em tempo ainda mais remoto, empregado por *navegar a vela* ou *velejar*?

Loft é vento em lingua norrena; deu *luft* em saxão; *lyft*, em anglo-saxão; mas em inglez e francez deu: *lof*, *loef*, *loof* (50) *louf*, *loo*. Por não ter *-t* final, acha Jal duvidosa a etymologia. Pode-se acrescentar: deu *luv* em dinamarquez, e *loev* em hollandez, e em portuguez *ló*,

(48) *Jal* — *Archéologie Navale*, tomo I, pg. 163; *idem*, pg. 118, n. 8.

(49) *Wace* — *Li Romans de Brut*, [v. 11.492], *loc. cit.*, pg. 118, n. 8, que tambem emprega *voiles*, no mesmo livro, [v. 11.489, 11.513].

(50) *Historiens de France*, t. XIX, pg. 261. Cf. *ibid.*, pg. 119, n. 1.

que serve de nomear o bordo do navio de onde sopra o vento, ou o barlavento. Como os Francezes, aproximando-se da fonte normanda, os Espanhóes, com a prosodia que lhes é peculiar, diriam em tempo *lofer*, na significação de *orçar* [*lofer*, francês], isto é, guinar para o lado de onde sopra o vento, o opposto a arribar. Em portuguez, neste caso, já ao tempo das caravelas e naus, se diria *metter de ló*.

Porta-lós são aberturas praticadas nas amuradas, por onde, num e noutro lado, se entra e sai do navio. Se bem que o termo nos suggira decompô-lo em dois: *porta* e *ló*, dando-nos a suppôr — abertura ou porta aberta para onde sopra o vento, ou para ló ou barlavento —, essa explicação não satisfaz por inexacta. Teria vindo essa voz de *portelofs*, citada por Bréard, e por de la Roncière reproduzida com significação bem diversa da que se usa entre nós? Os italianos designam a cada uma dessas portas de entrada e sahida dos navios, por *portalo*, e os espanhóes por *portalon*. Os francezes discordam de todos com a designação *coupée*, que jamais foi expressão corrente entre os normandos.

Rizes são pedaços de cabo fino presos ás “forras dos rizes” costurados nas velas, com o fim de servirem de diminuir a superficie velica ao vento. No sueco diz-se *ref*, e *reff* em alemão; no inglez e no hollandez *reef*; no dinamarquez, *riv* [*rift*, *ris*] (51), e *reb* actualmente, segundo *A Dict. of naval equivalents*; *ris*, no patois normando, *rizos* em espanhol e rizes em portuguez. [Cf. KLUGE⁹, p. 365, s. v. *Reff*, nota do padre A. Magne].

Teque e talha fazem parte do poleame do navio. São compostos aos pares de moitões, ou de um moitão e um cadernal, ou de dois cadernaes, em que labora um cabo pelos gornes, assim exigindo menor esforço e me-

(51) Segundo *Littre, Dict. de la langue française*.

nos gente para alar o chicote em certas fainas. Deve ser de origem nordica. Em sueco diz-se *talja* e *tackel*; em noroeguez, *talje*; em hollandez, *takel*, *talie*; em inglez *tackle*; em alemão, *takel*. [Cf. KLUGE⁹, p. 451, s. v., nota do Padre Magne].

Os briões são cabos destinados a carregar as velas redondas pela esteira. Segundo de la Roncière, chamavam-lhes *gardinges* ou *gurdinges* no patois normando, como se pode ver em *Li Romans de Brut*, de Wace. Sua etymologia parece encontrar-se entre suecos e dinamarquezes: *gaarding* ou *garding*. Mas este vocabulo nos parece revelar antes a origem dos *gardins* ou *guardins* portuguezes, que serviço differente nos prestam aguentando as caranguejas e conservando-as com o angulo ou *repique*, em que devem ser mantidas. Por mal comprehendido pelo marinheiro quinhentista o uso desses cabos no navio nordico ter-lhes-iam trocado o nome de baptismo com a evolução por que passou o navio de vela quanto a velame e massame?

As velas uma vez desferradas, são caçadas por meio de uns cabos chamados *escotas*. Sua etymologia encontra-se no idioma norreno. No sueco, será *skot*; no alto alemão, *scôz*; no dinamarquez, *skiod*; no alemão, *schote*; no hollandez, *shoot*; no gothico, *scauts*; no normando, *escotes*, *escoutes*, *coués* (52), e finalmente *écoutes*. *Escota* diz-se em espanhol e em portuguez. Littré dá: *escote* entre genovezes, e *scotta* entre italianos. Constançio dá *escota* com origem italiana, provavelmente por julgar este termo contribuição de genovezes ou italianos á tecnologia maritima dos peninsulares e, assim, esquecendo a verdadeira origem nordica da voz.

Bolinas são cabos empregados nas velas redondas para chama-las bem pela testa para barlavento, afim de

(52) Wace — *loc. cit.*, [v. 11.508]; Ms. francez, 26.016, p. 2.557. Cf. de la Roncière, *loc. cit.*, pg. 120, nota 6.

se melhor aproveitar o vento pouco aberto ao rumo em que se navega. Sua etymologia é nordica, e não ingleza como querem alguns dicionaristas, e bem marcada pelo vocabulo *bóg-lina*. Delle fez-se o verbo *bolinar*, applicavel quando se navega o mais possivel approximado da linha do vento. Em terra carioca, o povo em sua gyria deu-lhe curso malicioso talvez industriado por algum marinheiro desembarcado...

Ao nauta — como criador de um proverbio maritimo —, advertiu Gil Vicente no seu *Auto da Gloria* (53):

“Quien anduvo á puja larga
“anda acá por la *bolina*.”

Do vocabulo *bóg-lina* que se decompõe em *bog*, prôa; *lina*, cabo, (como em dinamarquez, *bug-line*, em hollandez, *boc-lijn*), derivam em alemão, *bulien* ou *buline* (54), em sueco *bulin*; *bouline*, no *patois* normando (55); *bow-line*, em inglez; e *bolina* commum a italianos, espanhóes, portuguezes, e seus descendentes. Este termo não parece ter cursado entre arabes e gregos, que navegaram o Mediterraneo.

O *skorda* norueguez deu: *scor* no anglo-saxão; *escorres* [Bréard] ou *écores* no *patois* normando ou no francez, e finalmente *escoras* no nosso idioma. O *scorro* do alto alemão, terá essa origem?

A *lar*, levantar puxando ou içar, é originario da Escandinavia, do *hala* noroeguez, que deu no alto alemão

(53) *Obras de devação, Auto da Gloria*, pg. 289.

(54) O primeiro de accordo com *Wagener. Dicc. Port. Alemão*; o segundo, com *A Dict. of naval equivalents*, ed. Naval Staff.

(55) *Bréard — loc. cit.*, pg. 93. Cf. *de la Roncière, loc. cit.*, pg. 120, n. 7.

halôn, e entre normandos e francezes *haler*; *to hale* entre inglezes; *alare* [tirare] entre italianos; *halar* entre castelhanos e *alar* no nosso idioma.

Mar em noroeguez traduz-se por *vagr*, que deu *vag* em sueco, *vague* no *patois* normando e no francez, e *vaga*, *oula*, em portuguez. Quanto ao termo *mar*, segundo Littré, tanto parece remontar ao sânscrito *maru*, no sentido de deserto, quanto ao celtico *mair* e *mor* com as seguintes variações: *mare* em italiano e latim; *mar* em: bourguignon, provençal, espanhol e portuguez; *more* em slavo; e *meer* em alemão. [Veja-se, comtudo, A. WALDE, *Lat. etymologisches Woerterbuch*, 2.^a ed., 1910, s. v., pp. 464-465, nota do Padre Magne].

Os nordicos usavam do vocabulo *slyngva* para significar atracar com *linga* um peso qualquer para depois suspende-lo. Deste vocabulo o inglez tirou *sling*; o anglo-saxão, *slingen*; o normando, *élingue* e *eslinguer* (56); o sueco, *långa*; o espanhol, *eslinga*; e o portuguez *lingar*, *linga* e *lingada*.

Lastrar — ou *lastar*, no portuguez antigo — um navio é indispensavel quando o mesmo, por pouco carregado, balança de mais e offerce pouca estabilidade. Vem de *lest*, usado entre os antigos escandinavos, — ou *last* entre alemães, significando “peso” — dos quaes parece ter passado a *lester* no *patois* normando e no francez; a *lastro* (ou *lasto*, arcaico) em portuguez; a *lastre*, em espanhol; e a *lasto* em italiano.

Esquife era nome de uma pequena embarcação levada a bordo dos navios de mar alto ou a reboque delles. Parece ter sua origem em *skif*, do alto alemão; será *esquif* no *patois* normando e no francez; no espanhol e no portuguez, *esquife*; *scapha*, no latim; *schifo*, no italia-

(56) Benoit — *Chronique rimée*, v. 1.191. Cf. de la Roncière, pg. 120, nota 7.

no sendo que *scafo* scrá, no italiano moderno, casco de navio ou carcassa. Neste ponto, os normandos afastaram-se dos nordieos: foram buscar o *e o e e u m* latino. Verdade é que *skaphé* em grego quer dizer 'barco'. Ainda do termo *skif* dos nordicos se originou *schiff*, que deu no gothico *skip* e no inglez *ship*. No francez arcaico, diz-se *eschipre* significando 'marinheiro', e como correspondente ao *schiffer* alemão. [Cf. W. MEYER-LUEBKE, *Rom. etym. Woerterbuch*, n. 2.009. KLUGE⁹, I, p. 393, s. v., *schiff*, nota do Padre Magne].

Ninguem ignora o que seja um *r u m o* a que segue o navio, mas muitos vacillarão em affirmar ser este termo originario do norte da Europa. A agulha de marear, parece, foi primeiro conhecida dos chinezes. Na Europa septentrional são citadas, nos seculos XIII e XIV, as "pedras de sol" ou "de caminho" [*Læidarstein*], existentes nas igrejas da Noroega e da Islandia (57). Na segunda metade da idade media, ou talvez no XII seculo, já é revelada a bussola aos marinheiros do Mediterraneo. Foi baptizada nos paizes nordicos pelo termo *rum*, 'espaço', e entre gregos fala-se na existencia de um termo tecnico correspondente: *rhembo*, 'girar'. Mas o *rumb* dos normandos parece vir de seus antepassados nordicos, o qual provavelmente tambem daria formação aos vocabulos: *rombo* em italiano; *rumbo*, em espanhol; e *r u m o* no nosso idioma. De la Roncière tambem nos dá a conhecer *Le Routier de la Mer*, de Garcie Ferrande, datado de 1483 e com seus "24 *ryns* des vents". [Cf. W. MEYER-LUEBKE, *op. cit.* n. 7.438, E. BOISACQ, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, 1916, p. 838, s. v. *r h é m b o m a i*, ' *tournoyer* ' nota do Padre Magne].

(57) Traducção de Gebhardt, nota 2, pg. 51, tomo 1, do volume 1. Thoroddsen. *Geschichte der islandischen Geographie*, cit. de la Roncière.

Ha, á prôa dos navios, duas aberturas circulares de um e de outro bordo, junto á roda de prôa, por onde laboram as amarras. Chamam-lhes *escovenes*. Em *patois* normando, dizia-se *esquembins* (58) ou *écubiers*, cuja raiz é “écu”. Jal dará também *équibiens* e *escubiers*. Dos primeiros gerou-se o termo *escobenes* usado em Espanha, e que para Alonso de Chaves eram como que “los ojos que tiene la nao en la proa”. Littré cita *escouvan*, e *escouve*, colhido nos *Commentarios de Affonso de Albuquerque*. *Cubie* italiano parece vir do *écubier* francez. *Escouvem* ou *escovem* é vocabulo nacionalizado em Portugal mais de accordo com a fonte normanda a que recorreram os castelhanos. Littré, porém, considera-o de origem desconhecida.

O vocabulo *bittes* (59) do *patois* normando, vem do nordico *biti*, e dará: *bit* ou *bitt*, em inglês; *bitta*, no italiano; *bitta* ou *bita*, na Espanha; *beting*, no sueco, no hollandez e no alemão; *beding*, no dinamarquez e no noroeguez; *bitus*, no baixo-latim; e a *bita* ou *abitas*, em Portugal. Significa, através de varias epochas, a peça de madeira ou reunião de peças de madeira [ou de ferro], destinada, ou destinadas, a segurar a volta das amarras. [Cf. FR. KLUGE¹¹, I, 1930, p. 53, s. v. *beting*, nota do Padre Magne].

De *wind-ass* do noroeguez, que, no alto-alemão, era *windan*, synonymo de *içar*, veiu o *vindas* do *patois* normando, que, por corrupção, dará *guindaste*, em portuguez e *guindeau*, em francez.

Dala, calha de madeira ou de ferro por onde são escoadas as aguas de serventia do navio, tem sua remota origem por vezes contestada. Entre nordicos, dizia-se *dallr*, que, no alto-alemão, era *dola*, e na Normandia, *dales*, como no francez actual. Mas *adala* também diziam os

(58-59) *Bréard* — *idem*, pg. 79, 77, cit. *de la Roncière*.

arabes; e *dala* no sentido de 'conduzir', e *dalalah*, 'conducto', tudo referindo-se á condução da agua. São vozes correntes no picardo, *dale*; no espanhol, tanto *dala* como *adala*; no portuguez e no italiano, *d a l a*.

O termo, que em dinamarquez e noroeguez é *dok* ou *dokke*; em hollandez, *dok*; em alemão, austriaco, inglez e francez *dock*, deu *d o c a* em portuguez e *dique* em espanhol. Para muitos estudiosos o termo *dique*, parece de origem norrena. Sabe-se, entretanto, que *dig*, entre Celtas, significava 'fossa', o que bem pôde ser tambem a origem de *dic* no anglo-saxão; *dige* entre dinamarquezes e noroeguezes; *dijk* dos Hollandezes; *dike* dos Inglezes; *Deich* dos Alemães; *digue* entre Francezes; *diga* entre Italianos; *d i q u e* entre Espanhóis, Portuguezes e seus descendentes. [Cf. FR. KLUGE¹¹, 1930, p. 99, s. v. *Deich*, nota do Padre Magne].

Brisa é um termo quasi invariavel em varios idiomas e entre marinheiros; parece ter 'sido soprado' do norte. Assim: é *bris* ou *brisa* na Suecia; *brise* na Dinamarca, na Noroega, e na Alemanha; *bries*, na Hollanda; *b r i s a*, em Portugal, em Espanha e entre seus descendentes; *breeze*, na Inglaterra; *brezza* ou *brizza*, na Italia; e *brise*, na França. Sua raiz parece nordica, mas assim não o abonam muitos philologos: dão-lhe origem desconhecida. [Cf. KLUGE, ed. de 1930, p. 78, s. v. *brise*, nota do Padre Magne].

Merlim é um cabo de linho meio desfiado e alcatroado, para forrar cabos de navios. Sua origem supõe-se nordica. No sueco diz-se *marling*; no dinamarquez e no noroeguez, *merling*; no hollandez, *marlijn*; no alemão e austriaco, *marling*, *marlien*, *marleine*; no inglez, *marline*; no francez, *merlin*; no italiano, *merlino*; no espanhol *merlin*.

Tambem *b a r c a ç a* apresentará termo semelhante no dinamarquez — *barkasse* —, como no alemão e no austriaco, e *barkas*, no hollandez.

Calafate será em francez *calfat*; em italiano, *calafato*; em espanhol, *carpintero calafate*; em sueco, *kalfatrare*; em dinamarquez e noroeguez, *kalfatrer*; em holandez, *kalfaterer*; em alemão e austriaco, *kalfater*. Não será nordica a sua origem? Origem arabica dar-lhe-ão alguns estudiosos de philologia, que tiram o vocabulo do arabe *kalafa*, 'calafetar', proveniente, por sua vez, do medio-grego *kalaphátēs*, 'operario que acalafeta navios'. [Cf. K. LOKOTSCH. *Etymologisches Woerterbuch der europäischen Wörter orientalischen Ursprungs*, 1927, p. 82, n. 1022. W. MEYER-LUEBKE, *op. cit.*, n. 4663, e a *Zeitschr. f. rom. Philologie*, t. XIV, p. 370, nota do Padre Magne].

Abra, ou porto, é termo que veiu para Portugal em epoca bem remota. Entre Dinamarquezes e Noroeguezes se dizia: *havn*; no holandez, *haven*; entre suecos, *hamn*; entre Inglezes, *haven*, como entre Holandezes; entre Alemães, *hafen*; entre Francezes, *havre*, o que teria dado a bra [e primitivamente a vra] entre Portuguezes, e *abra*, entre Italianos e Espanhóis.

E já que chegámos ao porto ou abra, depois de tão larga navegação, é de bom aviso não volvermos ao mar senão apparelhados com barco mais forte e saber philologico mais apurado.

A mestres em philologia caberá esse mister, porque a um curioso della se poderá tolerar apenas este pequeno ensaio. E a tanto foi levada a curiosidade de quem viajando o immenso littoral brasileiro e escutando muitos desses termos maritimos aqui recolhidos, corrompidos ou não, na cadencia nostalgica da voz de um jangadeiro, ou de um barqueiro de már fóra, não se pode furtar á emoção de rememorar nelles as vozes marinheiras de Vikingos, Normandos e Portuguezes.

São vozes quasi universaes que parecem revelar no seu rythmo, o que houve de heroico ou immortal nas almas dos marinheiros que as criaram.

II.º LIVRO

GEOGRAPHIA LINGUISTICA

E

CULTURA DO BRASIL

A exigencia de ambiente em que possa vingar sabia doutrina para a organização do maior livro brasileiro, — não só collecção viva e dicionarizada de todas as nossas vozes portuguezas, brasileiras, amerindias, africanas e mestiças, quanto expressão maior da cultura desta grande nação americana —, obrigou-nos a escrever, em poucos mezes, este pequeno ensaio, com um ponto de vista geral e sobre themas nossos que possam ser uteis á obra a empreender-se. Porque, não devendo esta ser, nem podendo ser, producto de alguém, mas de um conjunto de mestres em varios campos do saber humano, só pelo decreto de um órgão de alta cultura ou um Instituto assistido pelo Governo, moral e materialmente, poderá fixar-se a verdadeira doutrina para sua organização e execução, capaz de torna-la uma bella realidade, original e impessoal como se a requer.

Procurando traçar, entretanto, como auxilio á philologia e á linguística, e sob aspectos anthropo-geographicos dentro das linhas mestras da formação brasileira, o panorama de origem que se tornou nacional e em que a lingua portugueza se foi constituindo, se bem que mestiçada, o cerne da nossa linguagem, pensamos, embora confirmando aquelle asserto, trazer alguma coisa talvez aproveitavel aos estudiosos da geographia linguística brasileira,

Por outro lado, avivando alguns aspectos americanos do problema; rememorando nossa formação cultural e seus padrões de intelligencia e sabedoria consagrados, ao correr do tempo, dentro e fóra do Paiz; buscando exemplificar no panorama traçado, mesmo sem profundidade ou erudição, o thema final, quizemos apenas penetrar, com os estudiosos que nos honrarem com a leitura deste ensaio, o sentido profundamente brasileiro que poderá ter nosso Diccionario e Encyclopedia, cuja architectura deverá caber ao mais alto instituto da intelligencia e cultura do Brasil.

1.^A PARTE

O LITTORAL E O SERTÃO

**SUAS PROVINCIAS LINGUISTICAS
FUNDAMENTAES**

CAPITULO I

O LITTORAL

PRIMORDIOS DO SEU POVOAMENTO E DA PROPAGAÇÃO E MISTIÇAGEM DA LIN- GUA PORTUGUEZA

A carta de Pero Vaz de Caminha é o primeiro padrão da raça, da religião e do idioma que Portugal legou ao continente sul-americano.

Escrevendo-a na lingua portugueza do seculo XV, quando ainda sem a malleabilidade, a força e a imponencia, mas já com alguns primores de graça e doçura da versada pelos classicos em seculos seguintes, o escrivão embarcado na armada de Pedro Alvares Cabral soube, entretanto, possuido do genio da lingua lusitana, nella indelevelmente gravar a primeira visão da nova terra e da nova gente "incorporadas á christandade".

O encontro de aves marinhas que a terra annunciavam; as primeiras plantas boiantes, vindas da costa; o primeiro monte de que deu vista algum gageiro das caravelas; os aborigenes recém-avistados, suas igaras, seus costumes, seus typos, suas gentilidades; a primeira missa christan rezada nessas ribeiras atlanticas; as arvores, as

praias, as sondagens e os ancoradouros, os bons ares, as aguas infindas da terra graciosa, tudo revelado na predição de um destino, com pittoresca sonoridade de phrase e honesto sentir, lhe dá fóros de documento sem paralelo na historia dos descobrimentos. E se se mostra como modelo do falar do seculo que findava, não irá de logo influir na propagação do idioma do conquistador nesse sector da costa da terra de Vera Cruz.

Para tanto, não bastariam dois degredados e dois desertores.

A terra recém-avistada, ou a ilha, como então, muitos a suppunham, baptisada Vera Cruz e logo Santa Cruz, era promptamente costeadá caminho do norte pelo navio de mantimentos que levava a grata nova ao Rei venturoso. A elle ficámos devendo os primeiros baptismos de rios e cabos pelo calendario catholico, como ás primeiras expedições que vieram por mando do Rei abor dar a nova terra annunciada por D. Manuel ao mundo civilizado.

Essa primeira toponymia portugueza do nosso littoral revela a obediencia que ao poder divino prestavam os navegadores que o iam perlongando para accrescentar mais terra á primeira terra avistada. Mas depois que armadores organizaram suas expedições puramente mercantis em busca destas paragens, aonde alguns veriam a existencia do Paraiso terreal, e vieram colher em grande cópia papagaios, periquitos, araras, já eram acceitas algumas toponymias indigenas, como rezam seus primeiros informes.

Seria ella então, a “terra dos papagaios”, symbolo a ser esquecido com a intensificação do trato do pau de tinturaria, por que lhe trocariam o nome. Sómente em 1512, em situação geographica approximada, a carta de Marini dava a esta terra nova o novo baptismo: Brasil.

Entrando os portuguezes em contacto com os selvícolas do littoral, surgem os primeiros “linguas”, ou interpretes, ao tempo em que já alguns naufragos, aventureiros ou degredados, nella viviam formando os primeiros nucleamentos de indios e mamalucos. Caramurú, na Bahia; João Ramalho, Gongalo da Costa, Antonio Rodrigues e o Bacharel, sobre serra de Paranapiacaba, ou em S. Vicente e Cananéa, estes principalmente entregues á mercancia de escravos com frotas de Espanha, são os patriarchas da nova raça, os precursores de uma nova lingua que iria falar o Brasil. A exploração da costa pretendida por Portugal, segundo direito exarado no Tratado de Tordesilhas, e a de que ia usurpando á Castella através de espaçadas conquistas, foram exercitando aqui ou além um ou outro tripulante das naus e caravelas, curioso da lingua indigena, entre o Mar Dulce, o rio Marañon que Pinzon avistara, o futuro Amazonas, e o rio de Sta. Maria ou da Prata descoberto pelos portuguezes.

A par disso, as iniciativas de estabelecimento official da gente portugueza pela costa adiaavam-se ou tentavam vingar em dois ou tres pontos que a historia regista; mas nos quaes certos homens se foram familiarizando com a lingua da terra, e num ou noutro termo cedendo preponderancia á voz tupí.

Tal ocorreria com vantagem na feitoria portugueza. Pela sua indole maritima ou fluvial, era ella instalada ao abrigo do mar e na atalaia delle, ou em logares remansosos á boca dos rios, — como foi a de Igaracú ou do rio de Pernambuco — com cerca de paus a pique e tranqueiras ao derredor das palhoças destinadas ao abrigo do feitor, da fazenda, e da gente tanto de trabalho quanto de guerra, que a guarnecia.

Esses poucos europeus que a defendiam em torre tosca levantada com dominio sobre o horizonte, desde cedo entraram em contacto com os indigenas ribeirinhos: pacificamente, chamando-os ao plantio de roças da feitoria, abastecimento pela pesca e pela caça, apanha de papagaios, saguis, araras e pau brasil, em troca de cascaveis ou guisos, contas, facas, machados, carapuças, espelhos; bellicosamente, submettendo-os pelas armas á escravidão pelo autochtone repudiada. Pela natureza dos serviços agricolas, ou na faina das praias e florestas, não esquecidas as horas de lubrico prazer, foram criando para seu uso, usos da terra, e tambem uma linguagem mestiça, em que por vezes, predominaria a do indigena sobre a do colonizador. Já a cerca ou paliçada da feitoria passaria a ser caiaçá ou caiaçara, a palhoça ou cabana, tejupá ou tijupar. De imbirá passaria a ser feito o cabo das embarcações e das rêdes; de mandioca a farinha que entraria na passoca ou em seu alimento quotidiano.

Dos peixes que comiam, das aves que caçavam, aprendiam os nomes, assim como de muitas outras coisas da terra em que se instruiam. Correndo bahias, an-

coradouros, ou rios do littoral pernambucano bojado em pontas ou cabos, ou marcado por outros accidentes geographicos, iam melhor penetrando a intelligencia do falar do aborigene. Assim, fórma objectiva tomava ao seu entendimento Pernambuco, ou paranãbucã, como furo do recife no lagamar, ou então como a aberta em bacia fluvial, á sombra da ilha de Itamaracá, afóra outros paranambucos ou pernambucos que iriam conhecendo ao longo da costa que perlustravam. Se igara era a canôa, igaraçú seria a “canôa grande” ou nau que por visita constante ao ancoradouro desse porto pelo baptismo de Igaracú ou Garaçú, indigenas e colonizadores assim o acceitaram. Se Capibaribe, quereiria dizer — “no rio das Capivaras”, e era rio que frequentavam; se Percaaurí era ponto geographico que conheciam e representado na lingua tupí talvez por “papagaios pequenos”; se Pojuca ou Ipojuca, se definia topographicamente, e a lingua tupí o confirmava, como agua estagnada, alagadiço ou pantano, iam esses termos e muitos outros sendo transmittidos aos novos navegadores ou feitores que ali aportavam...

Pontos de referencia uns e outros haviam de encontrar no que lhes ensinava a lingua brasilica e, por isso, a terem em commum, e por vezes, para divulgação de idéas ou imagens.

Salteada de mil perigos a feitoria, cujos maiores eram a nau franceza de entrelopo audaz e as tribus corajosas e barbaras dos indios, desapparelhada militarmente para garantia do commercio e de sua propria estabilidade, Portugal resolveu com a expedição de Mar-

tim Affonso de Sousa iniciar programma de maior visão para criar a America Portugueza.

Desse empreendimento resultaram actos politicos de grande alcance. Contam-se entre elles: a expulsão temporaria dos francezes da costa de Pernambuco que era parte da “costa do pau brasil”; o reconhecimento de todo o littoral atlantico proximo ao rio do Maranhão até o de Sta. Maria ou da Prata, e mesmo subindo o Parana-guázú, para demonstrar absoluto dominio portuguez sobre toda essa costa e ribeiras platinas com o avanço arbitrario do meridiano estabelecido pelo tratado de Tordesilhas; a partida de Cananéa da primeira bandeira de 40 bésteiros e 40 espingardeiros em busca do sertão de fabulosas minas, como já o fôra tentado no Rio de Janeiro; a fundação de uma villa nos campos de Piratininga onde o nucleo de João Ramalho pobrememente vivia e, vencia sobre a serra; a criação e povoamento da villa de S. Vicente, precedida do nucleamento de Gonçalo da Costa e Antonio Rodrigues, — e onde por vezes tambem assistiam João Ramalho e a personagem enigmatica do Bacharel —, na esperança de torna-lo, na costa do ouro, o futuro porto das minas; e por fim, a fundação realizada por Pero Lopes e, por elle e o Governo Portuguez mantida, da nova feitoria do Porto de Pernambuco. Completa esta serie de feitos o traçado colonizador de d. João III devidamente aconselhado, da divisão do Brasil em capitancias hereditarias.

A lingua portugueza forçou seu dominio, a principio, nos nucleos vicentinos e piratininganos, nos aldeia-

mentos de Villa-Velha em que Diogo Alvares, o Caramurú, assistia, nas feitorias de Pernambuco escassamente povoadas de gente peninsular, e num ou noutro ponto passageiramente. Encontrou depois novo panorama nas sédes das capitánias hereditárias fundadas em obediencia a um traçado sabio para o momento, mas que sob o ponto de vista anthropogeographico ao correr do tempo, em face da barreira formidavel que lhe era a cordilheira maritima, não seria o mais avisado, dentro das doações feitas, para o homem conquistar tanto a costa do mar quanto o sertão.

Em nucleos vigorosos de povoamento mais selecto, como o de Duarte Coelho Pereira, donatario valoroso da capitania de Pernambuco, com a erecção de villas, e através de um maior surto economico, poderia de momento formar-se ambiente mais propicio á geographia linguistica portugueza. Tudo, porém, a cada passo aconselhava que assim como para vencer a terra era preciso mestiçar a raça, o mesmo se haveria de fazer com o idioma.

Com as familias viannenses, principalmente que trouxera o prestante capitão mór, e com outras que immigraram, auxiliando-as com o gado que conduzira nas suas frotas, a canna de açúcar que plantara, os engenhos que fabricara, estimulando-as a uma vida aparentemente faustosa com as mulheres vestirem-se de seda e os homens trajados á fidalga, cavalgarem formosos ginetes, era formado ahi, bem cedo, um centro irradiador littoraneo de prestigio militar, social e politico.

A Capitania de Itamaracá que lhe ficava proxima, de tanto tambem se valeria; mas semelhante ponto de apoio para outras capitánias haveria de faltar. As da Bahia e S. Thomé tiveram duração ephemera. As de Ilhéos, Porto Seguro e Espirito-Santo, apertadas entre a Serra do Mar e o littoral; e a parte comprehendida entre a bahia da Traição, limite da Capitania de Itamaracá, até attingir ao noroeste a abra de Diogo Leite onde terminavam as outras capitánias situadas numa extensão de 265 leguas de costa, como tambem a mais meridional de todas, a das Terras de Sant'Anna, confrontante com a de S. Vicente, quando não mangraram no nascedouro deram entretanto, minguidos frutos. A de S. Vicente e a de Sto. Amaro entremearam, como algumas outras, dias de prosperidade e decadencia.

Recomeçada a elaborar-se a historia do Brasil tendo por extremos Pernambuco e S. Vicente com profundidade em Piratininga, a lingua portugueza só poderia vir a ter novo surto com a criação do Governo Geral localizado na Bahia. A fundação da cidade do Salvador por Thomé de Sousa, — menos exposta ao ataque por mar que o aldeamento onde Caramurú vivia com sua prole —, com a gente que conduzira na sua frota, é o marco de uma nova éra. Para tanto, trouxera elle em sua companhia, ouvidor geral, provedor da Fazenda, officiaes e soldados para defende-la; artifices como carapinas, ferreiros, mecanicos; mestres para as edificações e meirinho para a policia do mar; gado para se-

rem formadas fazendas de criação ou curraes; canna de açúcar para se plantar e abastecer assim os engenhos que se construíram; artilharia para montar nas fortalezas que se ergueram. E se degredados trouxera em suas caravelas para ajudar o povoamento da cidade em que, sem demora, se levantou a primeira Casa de Misericórdia que existiu no Brasil, também seus companheiros de viagem foram seis missionarios jesuitas tendo á frente a figura admiravel de Manoel da Nobrega.

Ia então, o Brasil, aprender a lêr, a escrevêr e a rezar.

Em menos de quinze dias da chegada dos primeiros jesuitas, já dava sua primeira "aula de lêr e escrevêr" o padre Vicente Rodrigues. Consagra-o, assim, a historia o mais antigo mestre-escola do Brasil, labor de que teve bôa colheita na terra que peregrinou durante cincoenta annos, soffrendo e luctando.

A esse pequeno grupo de missionarios cada vez mais tomados do louvavel empenho de corrigir os erros do conquistador e a noite escura da gentilidade brasilica, se aggregaram, aos poucos, muitos outros soldados de Loyola e a propria gente da terra em que a missão deu abundante safra.

Compuzeram esses primeiros mestres as primeiras cartilhas manuscriptas ou artinhas para outros mestres escolas; por ellas ensinaram a lêr aos filhos dos portuguezes e aos de origens mestiça e indigena, em humildes palhoças, também abrigo das missões da catechese. Com esmolos começaram a bater os alicerces dos primeiros collegios de pedra e cal onde, como nos antigos

“tejumpares”, os “filhos iam aprender a lêr para ensinar aos paes”. Ajustava-se, porém, ao correr do tempo, num intelligente plano economico de criação do gado, das lavouras, do serviço da pesca e da caça pelo indio que lhe era escravo, da dotação que lhe dava o Estado, a obra da Companhia de Jesus de largo merito, e que só de tal fórma poderia ser realizada na cidade de Thomé de Sousa, como nos outros collegios fundados, em breve, em differentes capitánias. E assim, não só na sesmaria da “Agua dos Meninos”, mas tambem em Porto-Seguro, em Ilhéos, em Espirito Santo, em S. Vicente, em S. Paulo de Piratininga, no Rio de Janeiro cuja fundação e expulsão dos francezes tão efficaizmente ajudaram, e em Pernambuco, se iria diffundindo uma instrucção primaria das letras.

Seu labor diario era uma bella expressão de seu apostolado.

Ao som das badaladas de uma sineta ou de um sino pela manhã, chamavam os fieis á missa e á communhão, antes que elles tomassem o caminho das roças ou das praias, e aos curumis e ás cunhãtens, como aos meninos reinões e mazombos, para as aulas de lêr, escrever, contar, rezar e de bons costumes, procurando criar em torno a todos um ambiente de sympathya e entendimento. O cantar, o folgar, entremeados de lêr, escrever, contar e rezar, eram-lhes motivo de trabalho para todas as horas do dia. Mas em dias maiores, jogando com os dois idiomas, tornava-se interessante vêr curumis “cantando e tanjendo a seu modo”, fazendo suas escaramuças, ou seus “motins

de guerra” com arcos e flechas, pintados de varias côres, “nuzinhos, com as mãos levantadas”, recebendo “a benção” e louvando a Deus; enquanto outros meninos “numa dança de escudos á portugueza, ao som de viola, pandeiro, tamboril e frauta” davam começo a um “breve dialogo em que cantavam cantigas pastoris”, tanto na lingua indigena quanto em portuguez e castelhano.

E se Tupan era o deus que na mentalidade nova do curumi o jesuita faria evoluir para o Deus Christão, Anhangá seria o diabo que ficaria bem na pelle de um indio já converso para tomar parte ou dialogar na festa campesina, á sombra das frondosas mangabeiras ou dos jequitibás gigantes.

Nas procissões, nos torneios campestres, nas danças, ceremonias, canticos, no mesmo theatro que Anchieta criou, em tudo em que se valessem de indios, principalmente a lingua tupi se ia tornando idioma corrente e entendido por quasi todos os presentes, mas devidamente apropriada á missão que lhes cabia. Rituaes catholicos, orações, como o Padre Nosso e a Ave Maria, traduzidas e adaptadas á compreensão do aborigene, ajudavam a conquistar-lhes a confiança e a estimular-lhes á pratica religiosa: porque fossem mestres escolas ou sabios vestindo a humilde roupeta do missionario, com buscarem desde logo o conhecimento da lingua indigena dominante na costa do Brasil, della fizeram instrumento util a seu apostolado.

A par disso, identificando-se com a terra e o homem, por maneira arguta, “chã e piedosa”; fazendo investigações sobre botanica, zoologia, geographia brasi-

leira em geral, e sobre tantos aspectos novos que sollicitavam sua intelligencia e curiosidade, revestiam-se elles de uma autoridade invulgar.

Nas cartas dos jesuitas muito se colhe dessa piedade e desse saber, o que ligeiramente assignalaremos em algumas passagens.

Uma carta anchietana, escripta de S. Vicente em 1560, nos instrue sobre a divisão das estações do anno, tal como se dá nos tropicos, e sobre outras coisas brasílicas, onde o canarino então evangeliza, é “lingua”, grammatico” e “columna da Compauhia”.

Das viagens penosas que empreende, fica-lhe a experiencia unida ao saber. Assim, explica-nos a piracema ou a “sahida do peixe” nas epochas das inundações ou das cheias dos rios, em que os peixes nellas são levados aos campos e em tempo da desova ahi apanhados facilmente. Este phenomeno lembra outra pesca, a pirá-iquê (piraké ou piraquera) que é a “entrada dos peixes” em logares de pouco fundo para desovarem e onde os indios os tomavam após embriaga-los com timbó. Por guaraguá ou iguaraguá conhecerá Anchieta ensinado pelo indio, ao devorador “peixe boi”; por sucuriuba ou sucuryuba, o que quer dizer em lingua tupí “serpente amarella” ou de “escamas amarellas”, teria a cobra que tantas vezes encontrara em suas caminhadas, varando mattas, passando vaus, margeando rios. Cita tambem o jacaré, a capivara ou a capyi-uara; a jararaca, o que significa ter “bote venenoso”; a boicininga, ou a “cobra que tine” ou chocalha, a caseavel; a boipeba, o que quer

dizer a “cobra chata”, e a boiroçanga, o que quer dizer, a “cobra fria”, por que essa voz tupí insinúa no entendimento que a mordedura desse ophidio gera no corpo ferido um grande frio. Tapira ou Tapiira, a que os espanhões chamam anta; preguiças (ou ai, aig), tamandúá ou comedor de formigas; tatú, bem definido pelo casco encorpado que nos mostra, tudo é motivo da sua curiosidade e conhecimento da Lingua mais usada na costa do Brasil.

De aves lembra elle o guainumbi ou guanumbi, o passaro mimoso, o beija-flor, mensageiro de outra vida na superstição dos indios; a “garça vermelha” ou guará de pennas braucas ao nascer, acinzentadas depois, novamente brancas e, finalmente, de “côr purpurea lindissima”; avestruzes nossos, são as aligeras nhandús ou emas; afóra aves de presa, e “gallinhas sylvestres” entre as quaes se deveriam ter, segundo o erudito annotador, “inhambús, jaós e macucos”.

Da mandioca nos fala com acerto, das arvores de balsamo, de mangues, talvez da sapucaia. Trata da medicina indigena, citando certas arvores de que tirada a casca flue um liquido alvo como o leite com virtudes de purgar, assim como outras folhas, frutos e certas raizes que raspadas e misturadas com agua teem a propriedade da ipecaeuanha ou poaia, esta significando “a raiz saudavel”. Retrata demonios que acco-mettem os indios: no matto, o corupira; nas praias, o monstro igpupiara ou ipupiara, o que quer dizer o que “habita o fundo das aguas”; o boitatá,

o que se traduz por “coisa toda de fogo” ou phosphorescente, habitando as margens do mar e dos rios, além de outros demonios ou mythos reveladores do animismo do selvicola.

A esta pequena relação interessante, o que não se haveria de accrescentar, se nos alongassemos no thema, fazendo colheita ás mancheias de vozes tupis que se foram incorporando ao falar dos reinóes, em muitissimas outras cartas jesuiticas, em Cardim, em Gandavo, em Jaboatão, na nossa encyclopedia do seculo XVI o “Roteiro do Brasil” ou “Tratado Descriptivo” de Gabriel Soares!

Só da parte da costa que intende na geographia physica quantas vozes indigenas, muitas corrompidas ou falseadas em sua prosodia, por muito fielmente representarem na lingua indigena o accidente geographico, factos conhecidos ao tempo ou referencias indispensaveis a caminhos ou rotas, não incorporou, por exemplo, Gabriel Soares á lingua portugueza começada a falar então no Brasil?!

Partamos do Amazonas, tomando ao acaso algumas vozes — e quasi sempre seguindo o que colhemos na lição de Theodoro Sampaio, no seu valioso livro “O Tupí na geographia nacional”. Cita Gabriel Soares o nome do rio-mar tido por definitivo; fala a seguir do Maranhão (Paraná ou Mará-nhã) o que significará “o mar que corre”, ou semelhante a um mar, e portanto muito mais bem applicado áquelle que a este rio; Jagoarive

(Jaguaribe), “no rio da onça”; Macorive (Mucuripe), “nos mocuris”, ou “no rio dos mocuras ou gambás”, limite durante muito tempo, entre o gentio tapuia (palavra que segundo Luis Figueira, significa barbaro e segundo Montoya, escravo) e o da nação potiguar (ou potiguara), voz que é traduzida por comedor de camarão ou poti; ponta de Goaripari (ou guarapari); enseada de Itapitanga (da pedra vermelha) ou talvez da barreira vermelha que a assignala; Itacoatigara para o autor do “Roteiro” traduzível pela “ponta da pipa” e a definir-se pela figura que representa; a enseada de “Tabatinga” ou do barro branco”; rio Camarative (Camaratiba) ou “dos camarás em abundancia”; ilha de Tamaraçá (Itamaracá) significando maracá de metal, ou mesmo sino, possivelmente referente, segundo varios autores, a sino de capella que após o descobrimento ahi existiu; rio Magoape (Mamanguape); rio Parahiba, rio ruim ou talvez querendo dizer imprestavel, por innavegavel em certas passagens de seu curso. Rio da Capivaramirim será o rio das “capivaras pequenas”; Igaragú e Pernambuco (Paraná-buca), já citados; rio do Jaboação ou Inhabatam, como quer Theodoro Sampaio, para exprimir o nome da arvore, especialmente muito procurada para uso nas embarcações; rio Ipojuca, referindo-se ou ligado a banhado de aguas putridas ou putrido alagadiço; rio Maracaipe (Mercahipe e Mercauhipe) “no rio do maracá ou do chocalho”; rio Una, “rio preto” ou para significar aguas escuras; Camaragibe ou (Camaragipe) “no rio dos camarás”.

Proseguindo na jornada pela costa, ainda lembrará a toponymia tupí a identificação desejada: S a p e t i b a (ou Sepetiba), “abundancia de sapé ou sapezal”; C u r r u r u p e (Cururipe) “no rio dos seixos ou calhaus”, ou C u r u r u i p e “no rio dos Sapos”; rio G u a r a t i b a ou da “abundancia das garças”; Seregipe (ou Cirigype), “no rio dos siris”; C o t e g i p e (ou acuti-gy-pe) “no rio da cutia”; Itapocurú (I t a p i c u r ú), talvez assignalado por um conglomerado de “lages ou cascalho”; Jacoipe (ou J a c u h i p e) “no rio dos jacús. Tapoan ou I t a p u a n representará recife ilhado bem definido por “pedra posta ao alto” ou empinada, se bem que inadvertidamente Gabriel Soares a designasse “pedra baixa”; T i n h a r é ponta e ilha, o que “tende a entrar nagua” ou “que se adeanta na agua”; B o i p e b a, ilha com apparencia de “cobra chata”; rio de C a m a m ú, “talvez assim lembrado por ondulações successivas”, ou mesmo devido a elevações caracteristicas em terreno proximo; rio Sernambitibe (ou S e r n a m b i t i b a) “o viveiro dos mariseos ou s e r n a m b i s”; Peruipe (ou Peruhipe), “no rio do tubarão”.

Rio L e r i t i b e (ou R i r i t i g b a) quererá dizer, “rio das ostras em abundancia”; I t a p e m i r i m rio da lage pequena: P a r a h i b a (do sul) “rio ruim” como o do norte, ou provavelmente, imprestavel em certas passagens á navegação das canôas; Sacorema (Socorema ou Saquarema), talvez com referencia aos socós. Ponta e ribeiro da C a r i o c a, deverão referir-se ao “descendente do branco”, ou á “casa do branco” que ali exis-

tiu; rio Macacú (ou do macuco); rio Suaçuna (ou do veado preto, ou escuro); ilha de Pacatá (ou Paquetá), a significar das pacas; Britioga (Bertioga), segundo Theodoro Sampaio originario de pirati ou de parati-oça, “casa ou refugio dos paratis”, e não parece, de Buriqui-oça ou “casa dos bugios”; Jumirim (Jurumirim) ou “a bocca pequena”, no sentido de barrinha ou barreta; e muitas, e muitas outras toponymias tupis de mistura com as portuguezas, ao longo da costa até o rio da Prata, quando era tido o golfo de S. Mathias, na Patagonia, por Gabriel Soares, e por Portugal pretendido, como o linde mais meridional do Brasil.

Dos primeiros collegios humildes de aspecto em relação aos que mais tarde foram edificados de pedra e cal, com cerca ao derredor, dotados de vastos pomares, servidos por abundantes hortas, escravaria para a pesca e a caça, barcos de ribeira e navios para maiores navegações, gados vaccum e cavallar, vae larga distancia; e, maior ainda, para seus conventos e seminarios, ou bellas e nobres igrejas que eximios mestres de risco desenharam e levantaram. Além da “escola de lêr, escrevêr e algarismos” haveria duas classes de humanidades, cursos de artes ou de philosophia, aula de casos ou de theologia e moral, para que já em 1583 nelles tomassem grau alumnos maiores, e se “formassem prégadores aproveitados para a “Sé e para curas de freguezia”.

Mas se esse bem lhes advinha do fervor constante do apostolado, não menor proveito á humanidade e ao descobrimento de nossos sertões se haveria de tirar da divulgação intelligente que fizeram da lingua tupí ao mesmo tempo que da lingua portugueza, no sentido de ser facilitado um melhor conhecimento da terra e da gente, empolgando no mesmo espirito de aventura “linguas” e “tapcjaras”.

Foram estes homens preciosos, mamalucos e caboclos, criados com maior profundidade geographica brasileira em Piratininga entre as próles de João Ramalho, escoteiros das primeiras bandeiras de caça ao indio sobre serra, como no sector bahiano outros foram os vanguardeiros das primeiras entradas na missão historica de ligar-se o littoral aos desertos do interior.

E portanto, é de justiça aqui citar-se, com o devida relevo, o nome de Aspilcueta Navarro que, no inicio da catechese, teve papel valioso na formação dos irmãos linguas, alguns dos quaes vieram a ordenar-se na Companhia, como Simão Gonçalves, Manuel de Chaves, Antonio Rodrigues, Pero Correia, pioneiros desse outro grupo anonymo que a historia raramente regista, mas cujos feitos se entrelaçam com os dos maiores conquistadores dos nossos sertões.

Tinha a lingua tupí, e veiu a ter a “lingua geral do Brasil”, como dirá mais tarde o autor do Diccio-nario Portuguez Brasileiro, encantos singulares. Uma passagem do prologo da edição integral do notavel trabalho, fixa-lhe o condigno louvor.

“Huma lingua que, faltando-lhe quatro letras, F, L, S, Z, os verbos auxiliares, a voz passiva dos verbos, os accidentes do nome; que não dobrando consoantes nem ajuntando mutas e liquidas; que não tendo em tempo algum Grammaticos originaes que a regulassem, Oradores, Poetas, Historiadores, que a illustrassem; que apesar de tudo isto della se predicão pelos doutos a delicadeza, facilidade, suavidade, cópia, elegancia e que ultimamente se compara na perfeição á Grega, merece sem duvida alguma ser conhecida por todos os que estimão os conhecimentos humanos, e refletem na gradação de seus progressos”. E doutamente conclue o seu autor: “vejão-se as Artes dos dois Veneraveis Padres Anchieta e Figueira”.

Serviria a lição de Anchieta mais á phase inicial da catechese no centro e sul da terra começada de povoar, e cuja grammatica manuscripta só veiu a ser publicada em Coimbra no anno de 1595 por Antonio de Mariz, sob titulo “Arte de Grammatica da Lingoa mais usada na Costa do Brasil”. Serviria, com ella, a “Grammatica Geral dos Indios do Brasil” do Padre Luis Figueira, só impressa em 1611, á outra phase da catechese das missões no nordeste e norte brasileiros.

Ao compasso destas, porém, a acção militar e conseqüente propagação do idioma do colonizador seriam realizadas por Portugal mesmo sob o dominio de Castella, através de feitos heroicos de portuguezes e brasileiros por terra e por mar, na conquista da costa ainda barbara, a caminho da Amazonia.

A' conquista operada ao longo da costa do norte, Pernambuco serviu de base militar e naval.

Em 1585 Olinda, Igaracú, a villa de Cosmos, as terras do Cabo, e pequena parte do interior, já possuíam os maiores engenhos do Brasil, que concorriam com a vida de apparente fausto, em dias festivos para dar uma expressão muito typica á Nova Lusitania fundada por Duarte Coelho. Nas recepções dos engenhos ás autoridades ecclesiasticas e a outros senhores ruraes, em festas de baptisados e bodas, ou no primeiro dia do mover da roda ou do moer das cannas, eram ciosos de exhibir honras e sedas, leitos forrados de colchas de damasco, lenções de alvo linho, prata portugueza lavrada, porcelana da India, vinhos da Madeira e das Canarias, banquetes lantos, procissões e bailes.

O conforto da casa era primevo, mas o apuro das cavallariças, dos jaezes dos ginetes e das vestes de veludo e seda dos pagens e cavalleiros, era de espantar. E no Collegio dos Padres da Companhia, em Olinda, onde tinham os principaes da terra a seus filhos, aprimoravam-se estes tanto no estudo das humanidades quanto nos bons preceitos de um viver social. Testemunhas desses cuidados foram os Padres Visitador e Cardim na recepção que ahi tiveram. “Os estudantes de humanidades, — diz o autor da “Narrativa Epistolar”, — “que são filhos dos principaes da terra, indo o padre (visitador) á sua classe, o receberam com um breve dialogo, bôa musica, tangendo e dançando muito bem; porque se prezam os paes de saberem elles esta arte. O mestre fez uma oração em latim”.

Foi dessa Nova Lusitania, abastecida pelo reino de armas e soldados, rica de engenhos e de opulentos senhores que, precedido em meiores feitos, por Fructuoso Barbosa, Felipe de Moura e da acção naval de Diogo Valdez, partiu em mais de uma empresa guerreira Martim Leitão para conquista da Parahiba. Este feito, porém, só será realizado, depois de com seu exercito, bater as hostes de Tejucupapo, afugentar francezes da Bahia da Traição, desbaratar o gentio nos valles e oiteiros da Capoaba, para poder por fim, fundar á margem do Parahiba do norte a cidade do mesmo nome onde João Tavares erguera um fortim de madeira sob a protecção de N.^a S.^a das Neves. Proseguindo nessas e noutras campanhas contra potiguares e francezes, coube a Feliciano de Carvalho, como a elle e a Manuel de Mascaranhas a conquista do Rio Grande do Norte, onde em 1598, dia de S. João Baptista, se deu posse do forte dos Reys, ou “dos 3 Reis Magos” a Jeronymo de Albuquerque, e no anno seguinte foi fundada a cidade dos Reys ou de Natal.

Antecedida da jornada épica de Pero Coelho de Sousa em 1603 até a foz do Jaguaribe e a de seu martyrio em regresso, quando teve morte cruel o padre Luis Pinto, irmão de catechese do padre Luis Figueira, notabilizou-se a empreza do joven Martim Soares Moreno fundando a fortaleza do Ceará em 1611.

Consequente ás glorias de Jeronymo de Albuquerque, na expulsão dos francezes do Maranhão e ás de Alexandre de Moura com obrigar de la Ravardièrre a render-se e a entregar-lhe o forte de S. Luis, realizou-

se o dominio do littoral paraense para o qual partiu Francisco Caldeira de Castello Branco com a patente de “capitão-mor da descoberta e conquista do Grão-Pará”. Compoz-se a expedição de embarcações armadas e tripuladas por 150 homens, a qual subindo o rio e penetrando na bahia de Guajará, fundou ahi o forte do Presepe em 1615 e lançou os alicerces da cidade de N.^a S.^a de Belém. Foi Alferes nessa empresa Pedro Teixeira que 22 annos depois iniciava sua maravilhosa viagem e conquista pelo Amazonas acima até a cidade de Quito, e só a terminava com seu regresso em 1639. De quasi um seculo o havia antecipado na descida do rio-mar o espanhol Orellana.

A conquista da costa para o sul da Bahia fez-se mais retardada e precaria, através da qual, tomou cada vez mais vulto a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, — gloria de Estacio de Sá, de Nobrega, de Men de Sá, de Anchieta, de Ararigboia — e cidade a que os fados vieram reservando a ventura de ser, tanto a capital da colonia e séde da côrte real portugueza, quanto, por fim, da grande nação luso-brasileira incorporada á America.

Ao correr já do 1.^o e começo do 2.^o seculo, por toda a extensão dessa costa comprehendida entre a Bahia e o Pará, sem falar nas que num ou noutro ponto ganharam algum avanço para o latifundio, multiplicaram-se as missões e as primeiras escolas de “jesuitas, beneditinos, theresianos, carmelitas, franciscanos, capuchinhos italianos ou não, oratorianos, sacerdotes de São Pedro”,

em aldeamentos de lingua geral, mixta e travada, com penetração no Amazonas até seus mais reconditos rincões. E assim, novos "linguas" e "tapejaras" dessas ribeiras e sertões se formariam para auxiliar a posse e colonização de Portugal.

Na Bahia prestaram elles efficientes serviços para a caça e o captiveiro de indios sertanejos, necessarios aos engenhos e serviços do littoral. Desde os primordios da conquista a "descida de captivos" tomara grande surto, a ponto da cidade do Salvador e o reconcavo vi-rem a possuir 60 a 80 mil indios escravizados. Não se sujeitando estes, porém, ao captiveiro, morrendo, ou em fuga voltando aos sertões, já em 1583, se via obrigado o governo portuguez a intensificar o trafico de negros da Guiné para prover de braços os engenhos, os curraes da costa, as respectivas lavouras de canna e fumo e, pouco tempo depois, as armações de baleia, fundadas no começo do seculo XVII.

Dos negros, nos pesados trabalhos das ribeiras bahiana e pernambucana, ou em outros varios misteres, e da influencia que de logo tiveram na vida dos engenhos ou na lingua portugueza falada no Brasil, trataremos em outro capitulo, para não retardarmos mais os aspectos da conquista inicial do sertão a colonizar. Este periodo tomaremos de inicio tendo por vencidos os acontecimentos historicos da expulsão dos francezes ao norte e ao sul, do jugo hollandez em extensa região costeira, e quando além da grande provincia littoranea; fonte perenne de renovação da lingua portugueza, outras tres provincias, dentro das linhas mestras da nossa forma-

ção historica, marcariam tres fecundos panoramas da geographia linguistica brasileira.

Seriam estas definidas por tres geographias fundamentais:

1.º) a geographia do gado, tendo por centro de fixação e irradiação o valle do S. Francisco, principalmente na colonização do nórdeste e dos sertões mineiros e goianos.

2.º) a geographia das bandeiras paulistas tendo por centro de irradiação S. Paulo — ligado ao valle do S. Francisco pelo rio das Velhas — e á qual se incorporaram a do gado do planalto paulista para a conquista dos sertões do sul e do oeste, e a da canôa pelos rios sertanejos para a conquista do Alto-Amazonas.

3.º) a geographia da canôa ou montaria na conquista do Maranhão á Amazonia.

CAPITULO II

O SERTÃO

A GEOGRAPHIA DO GADO TENDO POR CENTRO DE FIXAÇÃO E IRRADIAÇÃO O VALLE DO RIO SÃO FRANCISCO, PRINCIPALMENTE NA COLONIZAÇÃO DO NORDESTE E DOS SERTÕES MINEIROS E GOIANOS

Só o homem com o auxilio do gado poderia conquistar esse sertão, milagre do grande rio brasileiro que corre do coração do Brasil para o mar.

Concedidas as primeiras sesmarias bahianas em arredores da cidade do Salvador, começaram a ser valorizadas estas terras por engenhos e curraes de gado vacuum e cavallar, nas quaes em breve se fez senhor de cabadaes fartos, Garcia d'Avila, protegido e criado de Thomé de Sousa, fundador da Casa da Torre.

Desses primeiros nucleamentos em suburbios da grande cidade colonial caminhou o gado da Bahia para a conquista de Sergipe (1590), emquanto já da outra margem do grande rio movimento pastoril identico se operava partido de Pernambuco.

“Ao romper da guerra hollandeza, ensina Capistrano, estavam inçadas de gado as duas bandas do rio em em seu curso inferior.”

“Foi o gado acompanhando o curso do São Francisco. O povoado maior, a Bahia, attrahiu toda a margem meridional que para lá ia por um caminho paralelo á praia, limitado pela linha dos vaus.”

Os curraes de Pernambuco, que tiveram esse alcance, — instrue Antonil —, “foram em certo tempo mais rios de gado vaccum que os da Bahia”; estenderam-se por campos e pastos de criação até regiões bem septentrionaes; propagaram-se pelos sertões de fóra ou pernambucanos ao Parahiba do Norte, ao Ceará mirim, ao Açu, ao Ceará Grande, ou até o Acaraú, enquanto pelos sertões de dentro ou bahianos radicados historicamente ao valle do São Francisco, se multiplicaram até o sudoeste do Maranhão.

Duas grandes sesmarias, no valle do grande rio brasileiro, — além das que proximo á bahia de Todos os Santos figuram a riqueza da Casa da Torre e de outros senhores ruraes —, favoreceram a essas empresas.

Pela margem esquerda, ha a assignalar-se a de Garcia d'Avila de duzentas leguas de testada e abrangendo setenta leguas dessas ribeiras fluviaes até as do Parahiba; pela outra margem, a de Antonio Guedes de Brito, de cento e cincoenta leguas, do morro do Chapéo ao rio das Velhas, além das de Peixoto Viegas incorporador das terras do Paranaguacú, e de Mathias Cardoso e Filgueiras conquistadores paulistas que, segundo Capistrano,

no, estabeleceram trafego com São Paulo, tendo por ligação fluvial o rio das Velhas.

Na sesmaria que pertencera á Casa da Torre, na margem são-franciscana, eram arrendados "sitios geralmente de uma legua, á razão de 10\$000 por anno, no principio do seculo XVII. Um dos rendeiros, Domingos Affonso, por alcunha o Sertão, partindo de um dos muitos sobrados existentes no São Francisco" — accidentes topographicos bahianos que não devem ser confundidos com o que ahi tambem era tido por sobrados ou sobras das semarias —, "fundou numerosas e importantes fazendas nos rios Piauhi e Canindé, mais tarde legadas aos jesuitas".

Essa avançada se de varios pontos se deu pela necessidade de guerra aos indios para captiva-los ou afugenta-los de vez, — o que teve o soccorro dos paulistas vindos pelo valle do S. Francisco, numa ou noutra das margens — foi substituida pela marcha regular da expansão e fixação do gado em pequenos sitios e fazendas, obedeceu a uma jornada pastoril lenta e segura, de que foi figura primacial dos sertões bahianos, o vaqueiro.

Estabelecida uma fazenda ou um curral, o vaqueiro só passava a ter a quarta parte dos gados que criava, depois de decorridos cinco annos de seu emprego. Por sua vez, era vanguardeiro de outros sitios, futuras fazendas, povoados ou villas. Esse processo foi alargando o panorama pastoril, sem deixar em decadencia o que já era lavoura ou criação nos afazendados de origem.

Além do que, tres leguas de bons pastos para criação, não carecendo mais de dez ou doze pessoas para ser-

viços de campo e curral, dispensavam escravaria maior, não só no povoamento como na propagação de novos rebanhos e curraes.

Esse problema de fixação, economico e racial, porém, só haveria de ser realizado tornados mestiços o homem, a religião e o idioma do colonizador.

Fruto da primeira mestiçagem é o caboclo, o vaqueiro, em breve ahi lançando sua pequena roça e multiplicando seu gado. Ensina Capistrano: “Os primeiros povoadores do sertão passaram vida apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Carne e leite havia em abundancia, mas isto apenas. A farinha, unico alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a principio por julgarem impropria a terra á plantação da mandioca, não por defeito do solo, pela falta de chuva durante a maior parte do anno. O milho, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naquelles districtos estranhos ao uso do monjolo. As fructas mais sylvestres, as qualidades de mel menos saboroso, eram devoradas com avidez. Podem-se apanhar muitos factos da vida daquelles sertanejos dizendo que atravessaram a epoca do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito applicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar agua, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavallo, a peia para prende-lo em viagem, as bainhas de faca, broacas e surrões, a roupa de entrar no matto, os banguês para cortume ou para apurar sal; para os açudes o material de aterro era levado em

couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se o tabaco para o nariz." (idem, pág. 143).

Mestiço o homem, com as primeiras entradas das missões ia mestiçar-se também a religião sob o regime da catechese.

Guardariam ellas por modelo, tanto quanto possível, o determinado em 1558, para as que se radicaram nos arredores da cidade do Salvador, com a differença resultante da adaptação anthropo-geographica ao sertão adusto, ás gentes e ás linguas que as tribus sujeitas á catechese falavam.

"As primeiras missões estabelecidas á roda da bahia de Todos os Santos, — diz Capistrano, — ficavam em ponto cuidadosamente escolhido, perto do mar para os indios se poderem manter com suas pescarias, e perto das mattas para poderem fazer seus mantimentos; reuniam-se numa varias aldeias sujeitas a um só chefe ou meirinho, reconhecido pelos padres como o mais capaz de collaborar nesta obra de depuramento, e nella residiam um padre e um irmão que a tudo superintendiam. (idem, pag. 57).

"Ensinam-lhes os padres todos os dias — diz um jesuita contemporaneo — pela manhã a doutrina, esta geral, e lhes dizem missa, para os que a quizerem ouvir antes de irem para suas roças, depois disso ficam os meninos na escola, onde aprendem a lêr e escrever, contar e outros bons costumes pertencentes á policia christan..."

Precedendo, acompanhando, ou succedendo á marcha da conquista guerreira, as missões catholicas em suas entradas iam realizando entendimento pacifico com os gentios que, fixados em aldeamento, eram em grande parte chamados: primeiro, á vida agricola e pastoril do rio de S. Francisco e, a seguir, á colonização do Nordeste.

Surgem, então, as primeiras ermidas, ou capellinhas humildes alvejando pelas encostas e collinas, por descampados crestados pelas seccas, e barrancas de rios transbordantes no inverno e seccos no verão. Ao compasso da marcha conquistadora foram ellas sendo erguidas sob invocações caracteristicas da obra missionaria. Attentemos-lhes nos dizeres invocativos: Na. Sa. da Encarnação e Na. Sa. do Rosario de Itaparica; S. Francisco e Na. Sa. do Nazareth do Itapicurú; Sto. Antonio de Jacobina; Na. Sa. do Desterro de Tararipe; Na. Sa. do O' da ilha de Sorocabê; Na. Sa. da Conceição de Pambú; Sto. Antonio de Irapurá; Na. Sa. de Geremoabo; Sta. Anna dos Tucanos; S. Francisco de Aracapá; Sto. Christo de Araripe; Na. Sa. da Conceição dos Cairiris ...

Estas e grande numero de outras symbolizam o espirito da catechese mixta para dominio da gentilidade incapaz de penetrar a verdadeira doutrina christan.

Essa obra, em grande parte interrompida, mal comprehendida, mal ensinada tantas vezes, gerou nos sertões expressões mystico-hystericas de "santidades", falsos

idolos, prophetas ou “enviados” de Deus. E ao mesmo tempo que esses nucleos eram formados, se ia dando a associação da lingua portugueza arcaica, avançando através do povoamento, com a do aborigene, que áquella corrompia e accrescentava novas vozes, novos valores linguisticos.

Entre tapuias, cariris, canindés, paiaçús, guarairas, pégas, icós, porcazes, brancacarús, caripós, camaquis, ichús e tantas e tantas outras nações e tribus, em commercio de idéas ou de objectos através do uso das linguas geral, mixta e travada, muita contribuição útil de vozes indigenas haveria de ser integrada no falar de quem os instrua. Porque, como bem diz Theodoro Sampaio — reportando-se, verdade é que mais á lingua tupi, “as denominações de localidades ou de individuos, como todos os epithetos de procedencia barbara, são de uma realidade descritiva admiravel: exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado, como producto que são de impressões nitidas, reaes, vivas como soem experimentar os povos infantes, incultos, no maximo convivio com a natureza. Exprimem tambem méros accidentes ou uma circumstancia qualquer, mas que deixaram viva recordação no animo do selvagem.”

Ha tambem que considerar, como ensina o illustre cultor da lingua geral, que á maior parte dos nomes “tupís”, principalmente, dos “que se encontram em nossa geographia, não foi dada pelo gentio barbaro ou pelo selvagem não influenciado pela civilização do branco invasor, mas sim pelas populações que se seguiram á colo-

nização, pelos nascidos no paiz, quer de procedencia européa pura, quer mixtiça"... (O Tupí na Geog. Nacional.)

Oriundas de uma ou de outra, ellas marcam, todavia, referencia a um ou outro roteiro, o que se não deve perder de vista.

Campo propicio á expansão pura da lingua portugueza arcaica, sob aspectos geographico, pastoril, cinegetico, economico-agricola, não seria o sertão conquistado; antes, a um mixto de corrupção dos dois idiomas dominantes, ambos perdendo lentamente características morphologicas, syntaxicas ou semanticas, na elaboração de um futuro dialecto.

A impressão dos phenomenos naturaes, logo de inicio, havia, para tanto de influir. A' margem dos rios installaram os portuguezes engenhos, quasi todos já possuindo toponymia conhecida, como a de outros accidentes geographicos.

Para elles, *P a r a n a g u a ç ú* — seria tanto "um rio grande" na voz tupi, como "o seio do mar ou bahia", e assim anteriormente ter podido caber esse nome á propria bahia de Todos os Santos. *I t a p a r i c a*, que quer dizer "cercada de pedras", era como se denominava e denomina essa ilha; *I t a p o a n*, que na costa era assignalado como parcel ou "pedra posta ao alto ou empinada", bem justifica o baptismo recebido; *i t a p i t a n g a*, a pedra vermelha; o rio *I t a p a g i p e*, se-

ria “no rio da lage”. Aonde abundaria certa caça, os rios poderiam tomar-lhe os nomes: rio Inhambupe, “nos inhambús”, ou onde elles estanciavam; Jacuhipé “no rio dos jacús”. Accidentes geographicos ou certos detalhes annotados no caminho eternizariam certas vozes: Jacobina, (ou antigamente Yacuabinas, segundo Sampaio), onde havia “cascalho limpo”, talvez promessa de sertão aurifero; Peaçabuçú, porto grande”; Ituaçú, “salto grande”; Parahim, “mar pequeno”; rio Una, “rio negro”; Guaimihi, “rio das velhas; Paraopeba, “rio de agua rasa”; Patipe, no rio do Pati, por allusão á palmeira graciosa e delgada desse nome; Itaberaba, a pedra que brilha ou resplandece; Ibiapaba, “a estancia da terra alta”, ou a serrania alcantilada entre o Ceará e o Piauí; Araripe, tanto referente á chapada sobranceira aos horizontes cearenses como ao “habitat” de pequenos papagaios ou araras pequenas; Borborema, chapada deserta, inhabitada; Parnahiba, grande rio ruim ou impraticavel em certos passos; Piauí, rio dos piaus; Poti (ou Poty), rio dos camarões...

Tudo se torna motivo de empréstimos de novas vozes sertanejas á lingua portugueza em marcha com os colonizadores ou em suas pousadas ou sitios, contornassem estes caatingas, vadeassem ipueiras, navegassem paramirins e rios, estabelecessem em varzeas, em campinhos ou inhumirins, fossem onde imperasse o chique-chique ou o mandacarú.

A' farinha finissima que lhes dava a mandioca caberia já a sonora voz cariman; do succo dessa raiz, extrahiriam a tapioca; beijús, grudes, mingaus eram-lhes de bom sabor. Piracuí, seria outra farinha, a de peixe; cangica, a papa de farinha de milho. As boas frutas sylvestres; a canna assada, a garapa, o alfenim, a rapadura, a canninha, o mel de engenho, accitariam de bom grado e já como neologismos da terra.

Resguardassem-se do jaguar tremendo que é a suçarana, abeirassem-se de lagôas em que as juçanans vinham banhar-se, construissem seus ranchos ou tejupás cobrindo-os com folhas de pindoba, buriti ou carnahuba; aprendessem a armar o laço, mondé ou mondéo, para caçar quadrupedes ou a guirapuca ou arapuca para apanha de passaros; vadeassem um rio com toda a sua boiada servindo-se da "astucia" do caboco pondo sobre a cabeça uma armação de boi e atirando-se nagua para ser seguido pelo rebanho e assim alcançarem a outra margem, tudo isto, integrando o homem nos usos e costumes da nova terra, lhes suggeria ou fazia melhor penetrar novas expressões brasílicas ou neologismos regionaes.

A' margem do São Francisco, e por todo o valle por onde corre o grande rio navegavel em longo curso beneficiador das terras ribeirinhas, a vida pastoril a que o homem se entregou e a de embarcação fluvial a que

elle foi solicitado, completaram-se para a formação de um typo de sertanejo de características muito significativas.

Como aggregado dos grandes feudos senhoriaes que ahi se foram estabelecendo em sesmarias tomadas para grandes curraes de gado vaccum, ou vagabundo das ribeiras são franciscanas, tripulante de canôas a principio e de barcos maiores mais tarde, virtualmente o homem ou jagunço, por essas zonas criado ou acoitado, desde logo se tornou um elemento mais propenso á licença que á liberdade. Alimentando-se dos restos da matança nos curraes ou da pesca no rio, mais do que sua lavoura incipiente, fez-se em certos momentos da nossa historia, antes um typo por phases, nomade, que estabilizador. E porque nos tempos primitivos da colonia, em maior numero fôra egresso das villas da costa bahiana, ahi veio alargar, dentro da pobreza e da miseria, seu instincto de aventura, tantas vezes barbara, quer fosse negro fugido ou quilombola, indio rebelde, mestiço ou caboclo resistente em quem se juntava a um falso mysticismo catholico uma feição aparentemente placida da sua personalidade valorosa. O proprio indigena criado no desvelo das missões catholicas sertanejas ou préado pelo colonizador em luta contra as tribus, não fugiu em nada a essa fatalidade.

Ao vaqueiro ou ao canoeiro do grande valle e do rio civilizador, — a que attingiram cedo os mamalucos paulistas vindos á feição da corrente fluvial ao contrario dos bahianos que lhe buscavam as cabeceiras ao arrepio das aguas, — seu espirito de aventura os levaria

como sertanista ou bandeirante, garimpeiro ou boiadeiro a varar as depois chamadas terras mineiras e goianas, com as entradas em busca do ouro ou com a marcha das tropas e boiadas, geradoras dos primitivos rebanhos e povoados de tão reconditos sertões.

E tal penetração sertaneja coincidirá, na nossa geographia linguistica, com o roteiro das primeiras avançadas da lingua arcaica portugueza já mestiça, accrescida e a accrescer-se de neologismos que se iriam formando ao sabôr do meio geographico e do meio economico em que nasciam e eram propagados.

Guardaria outro aspecto mais caracteristico, dentro do seu "habitat" pastoril, o vaqueiro a quem foi cabendo o devassamento dos nossos sertões nordestinos, entre estagios de fixação do gado que o acompanhou na jornada do povoamento, e em cujo sector o seu linguajar foi ganhando aspectos novos e interessantes a par da estabilização da sua gente, da sua prôle.

Cerca dos meados do seculo XVIII, infôrma o autor anonymo do "Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piauí" (inserta na Rev. do Inst. Hist. e Gèogr. Brasileiro, tomo LXII, parte 1.^a, pag. 80) sobre parte dos sertões de dentro ou bahianos: "O sertão que corre entre o Rio de São Francisco e a Capitania do Piauí se alarga a quarenta e cincoenta legoas; e se estreita a quinze, a quatorze, a doze legoas. Hé sertão quasi todo ainda inculto, tão arido, que nos mezes de Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, quando não chove (o que frequentemente acontece) secão as aguas que ficam estagnadas e chega a fal-

tar até a necessaria para saciar a sêde dos viandantes; tendo já alguns acabado e outros sustentado a vida com o suco, que extraem de humas grandes batatas creadas debaixo da terra nas raizes dos Ambuzuros (Imbuzeiros), arvores crescidas, e espessas, e que não conservão a folha, com que reparão o ardor do sol; mas se cobrem de fructos agradaveis no gosto, e muito semelhantes na côr e figura ás ameixas brancas.”

Nesse panorama e no que mais ao léste se descortina onde a industria pastoril vencia e tambem prosperava, poderia repetir-se com o autor anonymo do roteiro: “não havia aquelle horroroso trabalho de deitar grossas mattas abaixo e romper as terras á força de braço, como succedia nos engenhos no Brasil, nas roças das minas”; porque nesses sertões “pouco se muda na superficie da terra, tudo se conserva quasi no seu primeiro estado”, — argue o mesmo autor.

Aggrava todavia a “secca”, esse aspecto caracteristico; e, para lutar contra ella, a “industria dos particulares” ia já construindo seus açudes ou tanques pelos caminhos das boiadas, então bem assignalados entre outras, em cinco estradas principaes que ligavam as terras interiores do Piauí ás terras bahianas. A primeira, rúmava até o nórte do rio Canindé e buscava o rio de S. Francisco entre a freguezia do Cabrobó e o rio Pontal; a segunda, acompanhava o rio Canindé até suas cabeceiras, e seguindo pelo rio Pontal até o São Francisco sahia tres leguas ao sul da Missão do Joazeiro, no lugar da Passagem; a terceira, chamada a travessia velha, acompanhava o rio Piauí, delle se apartava ao

norte de suas cabeceiras e vinha sahir ao S. Francisco dezoito ou vinte leguas ao sul da Passagem; a quarta, seguindo tambem o rio Piauí e subindo mais que a terceira estrada, vinha sahir ao São Francisco na Fazenda do Sobrado, mais de vinte leguas ao sul da terceira; e a quinta, menos frequentada, apartando-se tambem das cabeceiras do rio Piauí, e em parte mais estreita do sertão, vinha assim até sahir ao rio de São Francisco tres leguas ao sul da Fazenda do Sobrado. (idem, pag. 8).

“Nas margens de alguns rios, nos brejos e logares que conservam o humido, e frescura necessaria”, plantavam a canna de açúcar, a mandioca ou pão do Brasil, o milho, o algodão e o feijão...

“Levantada uma casa pela maior parte coberta de palha, feitos uns curraes e introduzidos os gados, estavam povoadas tres leguas de terra, e estabelecida huma fazenda”. Nella não seriam occupados mais de 10 ou 12 escravos e “na falta de indios ou caboclos”, seriam aproveitados os “mulatos, os mestiços e pretos forros, raça de que abundavam os sertões da Bahia, Pernambuco e Siará, principalmente pela vizinhança do São Francisco.” (idem).

Tinha essa gente “aversão á agricultura”; mas era muito inclinada á criação de gado, ou a merecer as honras de vaqueiro.

E assim, ás pequenas lavouras, e pequenas criações pastoris, iam-se succedendo maiores quando já o futuro

proprietario poderia contar com a lavoura do feijão e do milho, da mandioca, do algodão e da canna.

“São ainda — diz Capistrano — tres epochas alegres do anno sertanejo: a do milho verde, a da farinha e a da moagem”. E motivos de festa seriam estes para a Casa Grande, solida, mas sem conforto, “espaçosa, de alpendre hospitaleiro, curraes de mourões por cima dos quaes se podia passear; com bolandeiras para preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou de panno grosseiro; com açude, engenhocas para preparar a rapadura; com capella e capellão” com “cavallos de estimação, negros africanos não como factor economico, mas como elementos de magnificencia e fausto”. (Cap. de Hist. Col. pag. 146).

Apesar disto, o vestir da gente era o mais modesto, contrastando com a indumentaria luxuosa dos senhores de engenho do littoral de Pernambuco e da Bahia.

Os pastos não eram cercados; grande parte do gado vagueiando de campo em campo, lambendo onde encontrava barreiros salgados chamados itaguabás ou itaguás, era nomade quasi todo o anno, e muito delle amontoava por agrestes e caatingas.

Por esses latifundios multiplicando-se facilmente os rebanhos e ante a necessidade da gente do littoral de carne para seu alimento, couro para commercio e fabrico de “atanados”, procuraram cada vez mais os grandes criadores e vaqueiros ter maior entendimento e mercancia com a “Marinha” pelas estradas que della se alongavam pelos sertões.

E do gado que ia tresmalhando ao correr da viagem, vencido pela sêde, pelo canção ou pela enfermidade, se foram povoando ou repovoando tambem outros muitos sertões, como “os que correm da Bahia ás Jacobinas; das Jacobinas ao rio de São Francisco; do rio de São Francisco á capitania do Piauí”. E “andando de leste a oeste, e buscando tanto ao sul as minas do rio das Contas, Fanado, Serro Frio, e Geraes, como para o nórte as capitancias que se seguem por esta parte a Pernambuco”, se foi alargando ainda mais a geographia pastoril brasileira. (idem, Rev. Inst. Hist., tomo LXII).

Assim, emquanto o ouro era a “perdição dos sertões das minas”, o gado dos sertões de dentro ou bahianos ia realizando uma grande obra de colonização, de alto poder economico na formação do Brasil, nos seus typicos afazendados, em que a linguistica brasileira ganharia painel e motivo para uma grande e expressiva riqueza vocabular.

Transportemo-nos a essas fazendas do sertão, e procuremos, ainda que apressados, sentir o vaqueiro no seu ambiente, hontem como hoje, ao capricho de uma vida eleita por sua coragem e por sua aventura reveladoras de um grande anseio de dominio e liberdade.

Do gado curraleiro das fazendas, que recolhe ás Ave-Marias, entre o qual as vaccas para serem mungidas na manhan seguinte, ou do que é mister curar de bicheira e feridas, ferrar ou castrar, o vaqueiro breve conheceu as qualidades e as manhas, a côr do pello, a

idade, a origem. Nascceu dahi uma larga contribuição de termos vivos, ora com o sabor da terra e da gente, ora de um marcante sub-consciente portuguez, dentro de uma vida pastoril intensa e profundamente brasileira.

O autor de um livro regional "Terra de Sól", colheu nòs sertões cearenses vozes humanas, vividas e sentidas, que, em certas passagens, procuraremos reproduzir, (pag. 99).

Assim nos instrue, com immensa riqueza vocabular, falando do gado em geral.

"Quando nasce, é "bezerro"; ao romperem os chifres, garrote; depois se fôr castrado, boiote, boi de anno, boi; se não o fôr novilhote, novilho, touro. Castrado, já novilho, é xamurro. Criado á solta sem jamais ter vindo ao curral, bravo, selvagem, é barbatão. Gordo, se está com manchas, é amocambado, mocambeiro, estradaeiro; bravo, é arisco; gostando de espiar a casa da fazenda, de rondar indolente pelo pateo, é reboleiro. Quasi sempre chamam ao touro, novilho e marroá; quando velho, marroá de cupim. Sendo aletjado e hávendo por isso sido engeitado pela vacca, em pequeno, caroara."

Falando do pello do gado nos informa: "geralmente é liso, de uma côr, sem manchas; a côr mais commum é o amarello, liso-fino, e liso-amarello, ou mais eseuo, liso-vermelho. O todo esbranquiçado é liso-alvação; o branco, fubá; o preto, fusco; o cheio de manchas, bargado; o pintado, ci-

rigado; o cinzento sujo, azul ou azulão; o pardo, castanho.”

“Tendo os chifres abertos, é espaço; um chifre torto, e arombó; curvos para baixo, e ombuco; muito curvos para dentro quasi se tocando, redondo. Se o feitio dos cornos da rez é estrambotico, descomum, chamam-lhe espanhola. Aos chifres chamam armação; ao rabo, sedenho, tapiti, basoura e saia;”

Pela epoca de terem as crias são as vaccas recolhidas ao curral pelo diligente vaqueiro que cavalga sua alimaria feiosa, somnolenta e cabisbaixa de aspecto, porém o mais agil corcél conhecido para “a péga do gado”.

Cavallo estradeiro, marchador, baralhador, bom no equipado ou na marcha não serviria para tal mister; porém, esse, sim, desairoso de póрте, e abano, acuador, só familiar ao passo de estrada, em que devora leguas e leguas de caminho. Entre elle e o vaqueiro que o monta não ha contraste. Um systema que é um symbolo! Para tanto, acima de tudo, esperai que o vaqueiro appelle para o brio quasi que adormecido do bucephalo, dando-lhe de redea e chamando-o á prova heroica da “péga” ou vaquejada.

Tal scena occorre geralmente na apartação dos gados de varios donos Trajada a vaqueirama de roupas de couro de veado ou capoeiro, “entra ella na liça, em geral vasto tableiro do sertão”.

Milhares de rezes ahí reunidas, “mugindo, batendo-se os chifres, medrosas, espantadiças, corecoveando, escoucinhando-se numa barafunda de movimentos e sons”, (idem, ob. cit.) animam a paizagem antes melancolica e quasi deserta.

Para a gente campesina do nordéste, a p a r t a r, é pôr em lotes o gado ainda participante dessa massa informe de chifres reunida pelos taboleiros; e é de seus brios que ande sempre de envolta com as glorias da vaqueirama! Porque se um barbatão arranca pelo campo afóra e se mette pelo matto a dentro, o cavallo do vaqueiro, — que antes nos parecera somnolento e apathico, — estremece de nervos, alteia a cabeça e ao mando do cavalleiro intrepido, de um galão toma o galope, aligero e indomito, e lá se partem cavallo e vaqueiro como um ser predestinado e unico no rasto da rez bravia. Se ainda é alcançado por dois vaqueiros em campo raso, um, cerca o barbatão na corrida “fazendo esteira e outro procura pelo outro lado, tarrafiando, fazer mão na bassoura, — pegar-lhe o rabo, fazer piauhi —, dar a “mussica e o quedaço. (Terra de Sol, pag. 51, 3ª edição)”. Mas se a rez bravia investe para a matta e nella mergulha por picadas ou veredas em que os ramos das arvores e arbustos numa ou noutra passagem se entrelaçam, ha de o vaqueiro que se presa seguir de perto o barbatão; e aproveitando-se da aberta que este lhe deixa na matta, através de prodigios hippicos de destreza, inclinar-se “tanto á direita que possa agarrar a silha com a mão esquerda, preso o calcanhar á aba da sella, e assim vencer a corri-

da quasi tocando o sólo”, como o descreve Koster. E se ganhar o campo, outra vez, a rez perseguida, continuar-lhe-á o vaqueiro no encalço, para pegar-lhe a cauda, manje-la de certo modo ou “fazer piauhi”, cança-la, esgota-la, até que lhe dando um puchão energico — ou a musica —, faze-la perder o equilibrio e cahir.

Tal acontece para gloria do vaqueiro, mas em caso contrario, para sua deshonra e opprobrio.

Vencida a rez bravia, após o tombo dado pelo intrepido centauro caboclo, passa-lhe este a surrupeia, diz aquelle autor, “entreve de relho que o impede de correr, põe-lhe a mascara (placa de couro que se prende ante os olhos da rez) e tange-a para o curral” (“Terra de Sól”, obra citada).

Feita a a p a r t a ç ã o do gado, a um signal do vaqueiro chefe ou “cabeça de campo”, os vaqueiros de cada fazenda “tocam os gados de suas entregas, o que é respectivamente a porção do rebanho que cada um delles tem sob sua guarda. “Um vac á frente, aboiando. “É o guia. Cercando o gado, quasi na ponta da boiada, “sèguem os cabeceiras, no meio os esteiras; “mais atraz os costaneiras, e, por fim, na recta- “guarda, os do couce. E assim, ao lento e tristouho “aboiar do guia, ecoando ao longe nas penedias das “devêsas, rompe a cabisbaixa boiada pelo caminho tortuo- “so e poento; rumand^o á fazenda proxima, cerrada, res- “folegante, com um passo pesado, em cadencia, que es- “maga os tufos de hervanços e resôa soturno nas grandes “lages de syenito bruto, que calçam por vezes trechos de

“estrada, faiscando ao duro tropear dos cascos biparti-
“dos...”

“A toada plangente do aboiar, dizem os va-
“queiros, tem a propriedade de humanizar o gado,
“tornando-o triste e scismarento.” (Terra de Sol, idem).

Mas, ás vezes, um contraste se opera nesse quadro pacifico do aboiado. Um incidente minimo provoca vibração de terror em todo o rebanho um segundo antes placido e humilde na marcha lenta para a fazenda.

Escutemos sobre essa passagem a Euclides da Cunha em uma de suas paginas de rara belleza descriptiva: (Os Sertões, pg 128, 8ª edição):

De subito “ondula um fremito, sulcando num estre-
meção repentino, aquelles centenares de dorsos luzidios.
Ha uma parada instantanea. Entrebatem-se, enredam-
se, trançam-se e alteiam-se fisingando vivamente o espaço,
e inclinam-se, e embaralham-se milhares de chifres. Vi-
bra uma trepidação no solo; e a boiada estoura...

“A boiada arranca.

“Nada explica, ás vezes, o acontecimento, aliás vul-
gar, que é o desespero dos campeiros.

“Origina-o o incidente mais trivial, o subito vôo ras-
teiro de uma araquana ou a corrida de um mocó
esquivo. Uma rez se espanta e o contagio, uma des-
carga nervosa subitanea, transfunde o espanto sobre o
rebanho inteiro. E’ um solavanco unico, assombroso,
atirando, de pancada, por diante, revoltos, misturando-

se embolados, em vertiginosos disparos, aquelles massiços corpos tão normalmente tardos e morosos.

“E lá se vão: não ha mais conte-los ou alcança-los. “Acamam-se as caatingas, arvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando pedras, torrentes de cascos pelos t o m b a d o r e s ; rola surdamente pelos tableiros ruido soturno e longo de trovão longinquo...

“Destóem-se em minutos, feitas montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas; abatem-se apisoados os pousos; ou esvasiam-se, deixando-os os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo rectilineo em que se despenha a a r r i b a d a , — milhares de corpos que são um corpo unico, monstruoso, informe, indescriptivel, de animal phantastico, precipitado na carreira douda. E sobre este tumulto, arrodando-o, ou arremessando-se impetuoso na esteira de destroços, que deixa após si aquella avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e vallos, e cerros, e galhadas — enristado o ferrão, redeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso ás crinas do cavallo — o vaqueiro!

“Já se lhe têm associado, em caminho, os companheiros, que escutaram, de longe, o estouro da boiada. Renova-se a lida: novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos, a despender, a atravessar e a vencer, até que o boiadaão, não já

pelo trabalho dos que o encaçam e rebatem pelos flancos senão pelo canção, a pouco e pouco afrouxe e estaque, inteiramente a b o m b a d o.

“Reaviam-no á vereda da fazenda; e resoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente, as notas melancolicas do a b o i a d o.”

A paizagem pastoril acabada de esboçar na zona nordestina tendo por centro de fixação e irradiação do homem o valle do São Francisco, representou para a geographia linguistica brasileira um dos momentos fundamentaes da fixação do idioma do colonizador, já arcaico para Portugal e quando ia tendo curso retardado e corrompido pela gente mestiça que o ia falando.

Certo, tambem, que para sua fixação e mestiçagem nesse periodo deve ter influido poderosamente o outro momento anthropogeographico representado no refluxo das entradas ou bandeiras maranhenses, as quaes tiveram a missão historica de ligar o Itapicurú ao Parnahiba e ao São Francisco, assim como o Parnahiba ás terras aquem de Ibiapaba.

Crystallizado esse sertanejo dialecto principalmente na riqueza do folk-lore nordestino, na pittoresca poesia popular de tantos bardos do sertão ou trovadores, veiu elle se propagando, ao correr do tempo, para melhor exprimir a alma da gente nascida por esses rincões.

A lingua geral, como dissemos, mais que outros dialectos indigenas, foi incorporando-se com largo tributo á lingua arcaica portugueza, porque ao homem que inva-

dia o sertão, grande somma de conhecimentos naturaes da nova terra que palmilhava, e lhe empolgava a observação, era bem retractada na mesma lingua do paiz. — Além do mais, lutar e vencer com vontade indomavel nesse ambiente physico e social em que agia, era certamente ser levado a imaginar, criar ou acceitar novas vozes ou expressões que assignalasses bem precisa e caracteristicamente essa luta e essa victoria pelos latifundios brasileiros em que se fixava.

Segundo Damesteter, — todas as alterações linguisticas, de qualquer ordem que sejam, phonetica, morphologica, syntaxica, lexica, “têm por origem uma acção pessoal”. São a obra de uma vontade; e, quando a vontade intervem na producção desses phenomenos, não deverá alheiar-se o philologo ao panorama em que o homem sob acções psychologicas e subordinado a aspectos geographicos, economicos ou historicos, criou essas mesmas vozes ou expressões que vivem coloridas e animadas em dialectos regionaes; e, as quaes, uma vez integradas no idioma portuguez falado e renovado em centros directores do littoral do Brasil, teriam de dar a esse idioma uma feição mais accorde com a terra e o homem que nella nascia elemento novo de uma futura nação.

Ligou-se esse painel historico da geographia do gado, inicial e constantemente dilatado para a formação dos sertões do nordeste brasileiro, pelo valle do São Francisco a outro painel de não menor lustre na nossa His-

toria, tendo por centro de irradiação São Paulo. Na segunda phase das bandeiras paulistas, principalmente, ambos laboraram com denodo no povoamento dos sertões longinquos, sendo que nesta, a missão historica bahiana foi, de preferencia, ligar o São Francisco ao Tocantins, tanto ás Minas Geraes como a Goiaz, e tambem ao Rio de Janeiro “pelo caminho da terra do ouro”.

CAPITULO III

O SERTÃO

A GEOGRAPHIA DAS BANDEIRAS, TENDO POR CENTRO DE IRRADIAÇÃO SÃO PAULO — LIGADO AO VALLE DO SÃO FRANCISCO PELO RIO DAS VELHAS —, Á QUAL SE INCORPORARAM A DO GADO DO PLANALTO PAULISTA PARA A CONQUISTA DOS SERTÕES DO SUL E DO OESTE, E A DA CANÔA, PELOS RIOS SERTANEJOS PARA A CONQUISTA DO ALTO-AMAZONAS

Chegados que foram os primeiros naufragos ou aventureiros portuguezes ás ribeiras vicentinas, a Serra do Mar ia decidir do destino de suas gerações.

Isolando-se no planalto piratiningano os primeiros mamalucos descendentes de João Ramalho que chegara á nova terra em 1510, estava criado o destino dos primeiros e dos futuros paulistas dentro da historia do Brasil: a conquista do sertão, seu isolamento quasi perenne do mar. Detendo-se nas praias vicentinas Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues, por vezes o Bacharel e um ou outro aventureiro anonymo, suas proles mamalucas mais em contacto com o colonizador, tornaram-se mais racial-

mente portuguezas e integradas sob aspecto maritimo e praieiro na obra da colonização luso-brasileira a estender-se pelo littoral.

A uns e outros, as asperezas dos caminhos e as exuberantes mattas serranas do Cubatão, difficultaram o convivio dos primitivos nucleos fundados.

A esse tempo, — e por muito tempo ainda —, a picada dos indios foi o caminho unico da serra para communicações com o littoral e, portanto, com o primitivo povoado de São Vicente, onde eram mercadejados indios escravos com algumas naus espanholas clandestinas, antes da chegada de Martim Affonso em 1532.

Deste ponto até Cananéa, região em que poucos portuguezes e castelhanos viveram até antes desta epoca, — e de onde se dizia partira Aleixo Garcia para terras do Paraguai e dos Andes em busca de ouro e prata, — além do trato das linguas portugueza e espanhola entre elles, por entendimento com tupiniquins, carijós, goianazes, tupinambás ou tamoios, haviam de formar os primeiros “linguas” desses nucleos.

A caça que matavam e cujo nome indigena aprendiam; o peixe que pescavam; as arvores de que se serviam para as primeiras palhoças e torres de defesa; a canôa ou igarã que fabricavam e do que nella se utilizavam a todo o instante; os instrumentos de uso indigena; os alimentos tirados da primitiva lavoura da mandioca cuja farinha preparavam; os accidentes geographicos tão bem assignalados por nomes indigenas; o viver diario entre horas de luxurioso prazer entre

e unhas das tribus, nos humildes povoados de serra abaixo e de serra acima, tudo isto constituiria valioso motivo para fazer de seus povoadores os melhores “linguas e tapejaras da terra”

Martim Affonso quando abordou Cananéa em 1531 trazendo como “linguas” da expedição a Pedro Annes, e certamente a Enrique Montes, já ahi encontrou a Francisco de Chaves, ao Bacharel e a tres ou quatro castelhanos; ao fundar as primeiras villas de S. Vicente e de Piratininga, já encontrara gente capaz dessas empresas nos descendentes dos criadores do “pueblo de San Biciente”, e com João Ramalho nos seus mamaluco da borda do campo aonde depois Thomé de Sousa fundou a villa de Sto. André.

Esse conhecimento, porém, da lingua e da terra ainda gentilicas, não haveria de ser intelligentemente difundido entre os colonizadores, senão com a chegada dos jesuitas. Embarcados em S. Vicente, seguindo pelo braço de rio que ia dar ao Peaçá (ou porto de João Ramalho, onde começava primitivo caminho serrano), subindo os alcantilados, palmilhando caminhos de lama ou tijueo, com o fim de attingirem as culminancias da serra de onde se avista o mar — o que lhe deu o baptismo de Parana piacaba —, tinham por ponto de referencia distante a Itutinga ou o “Salto branco” da cachoeira. Depois de navegarem em canôa o Jeribatuba ou Jeribatiba, cujas margens eram em certas passagens caracterizadas por florestas destas palmaceas productoras do fructo geribá, en-

travam pelos formosos campos de Piratininga, aonde os transbordamentos do rio deste nome, deixavam após o refluxo das aguas, em secco, grandes cardumes de peixes, — phenomeno que bem lhes explicava a voz tupi de baptismo do citado rio.

Nos formosos Campos de Piratininga fundado o primeiro collegio, em 1554, dita a primeira missa christan, começavam a ser de logo os primeiros mamalucos e indios “instruidos da doutrina, repetindo orações em portuguez e na sua propria lingua”. Anchieta, entre outros era o mestre que mais tarde nesse deserto assistiria numa “pobre casinha feita de barro e paus, coberta de palhas, tendo 14 passos de comprimento, e apenas dez de largura”, onde estavam, “ao mesmo tempo a escola, a enfermaria, o dormitorio, o refeitório, a cozinha, a despensa”. Não invejavam, — diz o canarino, — elle e os demais missionarios, primeiros mestres escolas, — a outras casas de maior conforto e prazer.

Os indios que os haviam ajudado a fabricar a humilde casa christan que, por pequena demais, obrigava o ser dada a lição de grammatica no campo, ao vento e ao frio, eram tambem seus valorosos auxiliares no levantamento da outra casa, entre o rio Anhangabahú e o Tamanduatehi. Estes rios, ainda em seus primitivos leitos corriam para o interior: um, tocando muito de perto a superstição indigena, que nelle via o ribeiro do feitiço ou da maldade; o outro, significando o Tamandúá Grande, ou tambem conhecido por Piratininga, Anhembí ou Inhembí antigo,

o que quer dizer “rio abaixo”, e deve ser identificado com a caudal maior —, Tietê, cuja voz tupi explicaria o “curso dagua verdadeiro ou caudal consideravel”.

A principio o jesuita com a cartilha na mão só a descansava ao ter que manejar a cruz e a espada para defesa da villa contra os indios bravios, e quando o pânico succedia ás horas duras de seus rudes labores. Mas com o favor do clima temperado, da terra grata a toda a lavoura européa, povoado o campo de gado, já sendo o collegio “uma casa bem accommodada com um corredor e oito cubiculos de taipa, revestida de barro e com officinas bem providas”; com a maior domesticidade do gentio, lhe passou a vida a ter menores agruras mas outros cuidados. Pomar com vinhas, figueiras, marmelleiros, rosas de Alexandria, arvores de espinho; lavouras de trigo, mandioca, milho e cevada; fórte cerca ou caieira ao derredor, marcavam phase mais estavel para a missão. Tal já se poderia suppor numa villa de Piratininga de 1585 em que os habitantes europeus usariam “burel, pellotes pardos e azues, pertinas compridas”, “bersaçotes e beberas”; em que aos domingos iriam á missa com “roupões ou bernéos de cacheira sem capa”, e onde aportariam ainda constantemente levas e levas de indios nús, captivos terra a dentro.

“Nesse deserto — diz Paulo Prado — revelava-se a superioridade da mestiçagem fortificada pela ambiencia, para a qual o indio entrava com o ardil, o instincto, a malleabilidade, a coragem impassivel, a observação agudissima apurando os sentidos”; e “o branco,

com a obstinação, a intelligencia, a imaginação, a cobiça.” (Revista Nova, “O Patriarca”, Anno 1º, 4, 540).

E, assim, conjugado o espirito de aventura do portuguez com o instincto do mamalucio ou do indio t a p e j a r a desses sertões, cujas ligações com o Paraguai desde cedo se assignalaram, correndo os seus maiores rios para o sertão, estava o homem impellido á conquista e, por esta, lançava-se a bandeirante.

As primitivas bandeiras, segundo lição de Capistrano — “eram partidas de homens empregados em prender e escravizar o gentio indigena”, provindo o nome, talvez, “do costume tupiniquim referido por Anchieta, de levantar-se uma bandeira em signal de guerra”.

Seguiram ellas, a principio, o curso dos rios. “O Tietê corria perto, — ensina o mestre —; “bastava seguir-lhe o curso para alcançar a bacia do Prata. Transpunha-se uma garganta facil e encontrava-se o Parahiba, encaixado entre a serra do Mar e a Mantiqueira, apontando o caminho do norte. Para o sul extendiam-se vastos descampados, interrompidos por capões e até manchas de florestas, consideraveis ás vezes mas incapazes de sustarem o movimento expansivo por sua descontinuidade.”

Na marcha das bandeiras os “escravos serviam de carregadores. Compunha-se a carga de polvora, bala, machados e outras ferramentas, cordas para amarrar os captivos, ás vezes sementes, ás vezes sal e mantimentos.” “Costumavam partir de madrugada, pousavam antes de

entardecer; o resto do dia passavam caçando, pescando, procurando mel silvestre, extrahindo palmito, colhendo fructos; as pobres roças dos indios forneciam-lhes os supplementos necessarios, e destrui-las era um dos meios mais proprios para sujeitar os donos.”

“Se encontravam algum rio e prestava para a navegação, improvisavam canôas ligeiras, faceis de varar nos saltos, alliviar nos baixios ou conduzir á sirga. Por terra aproveitavam as trilhas dos indios: em falta dellas seguiam corregos e riachos, passando de uma para outra banda, conforme lhes convinha, e ainda hoje lembram as denominações de Passa-Dois, Passa-Dez, Passa-Vinte, Passa-Trinta; balisavam-se pelas alturas, em busca de gargantas, cvitavam naturalmente as mattas, e de preferencia caminhavam pelos espigões.” (Capitulos de Hist. Colonial, ed. Soc. Cap. de Abreu, pgs. 110, 111, 112).

Através das primeiras aventuras, cujo impeto bravo do mamaluco não poude o jesuita domar, mas de que se serviu para augmentar o numero dos catechumenos nas suas missões do planalto, foram-se estas mais ainda familiarizando, mercê de seus “linguas” e “tapejaras”, com vozes indigenas recolhidas no campo da luta, nas viagens penosas que empreendiam varando mattas, vadeando rios, galgando montes. Iriam essas vozes partièipar do vocabulario não só usual do povo, como dos padres e do colonizador, para assim retardar-se, de quasi um seculo, a divulgação mais efficiente do idioma falado pelo portuguez.

No caso de seguirem os bandeirantes o Tietê ou affluentes, iriam de logo annotando particularidades do

falar indigena que sob fórma objectiva lhes ficaria gravado para sempre na memoria. Assim, aonde o rio se precipitava em salto, chamariam Itú, e tambem itutinga se era bem alva a agua do salto; se formava rapidos, correntezas, corredeiras, ahi reconheceriam as piriricas ou xiriricas, itupevas, ou itupavas, e se mostrando travessões de pedra ou banco de cascalho, as itaipavas. No local em que faltasse pé por depressão no leito do rio, ahi seriam os piraus ou peraus. Peaçá ou peaçaba, revelaria o porto, e imbiaçá senão o mesmo, por origem guarani o de alguma coisa que lembrasse onde o caminho tivesse de atravessar rio ou esteiro, "á foz ou á bocca do rio". Araçariguama, se tomaria ao local por onde abundassem tucanos ou araçaris. Em salto ou quéda dagua aonde mais facilmente se colheria o peixe, ahi seria piracicaba; itapece-rica, se tomaria pela penha ou caminho escorregadio; Jundiahi, pelo rio dos peixes chamados jundiás; araçatuba ou araçatiba aonde abundariam araçás; aguapehi, pelo rio dos guapés ou nymphéas; Ibitinga, pela terra branca, ibipitanga, pela terra vermelha; itapura, pelo salto da pedra; voturantim (corruptella de ybytyratin), por monte alto branco, ou interpretação que bem poderia significar nessa rota, allusão á fluctuante espuma oriunda da massa liquida que vem de encosta abaixo, ao rio de Sorocaba. Buscando este, ou arredores deste, enriqueceriam seu falar com outros termos indigenas. Assim: sorocaba (ou çorocaba ou ibi-

sorocá), a significar accidente geographico qual “ragão ou ruptura do sólo”; sara p u h i, o rio dos sara p ó s, uns peixes que se desprendem facilmente das mãos de quem os toma; itararé, para exprimir sumidouro, caverna, conducto subterraneo; para n a p a n e m a, rio grande imprestavel, mas na realidade de tão uteis serviços, em certas passagens, ás monções que o viajaram; ta q u a r i, rio das ta q u a r a s; p i r a j u h i, rio do peixe dourado...

Tomando a direcção do Parahiba o “rio ruim” ou imprestavel á navegação em certas zonas ou passagens, topographicamente elles se balisariam pela identificação de vozes tupís com os accidentes geographicos avistados durante a marcha: um rio M o g i, como rio das cobras; J a c a r e h i, como rio dos jacarés Aonde existiria a aberta ou clareira da matta para que tivessem livre passagem, ahi se nomearia C a ç a p a v a ou c a a - ç a p a b a; aonde grandes alagadiços ou brejaes lhes tomariam o passo, ahi seriam os “tremembés”; em um local assignalado, ou em suas proximidades, por bandos de passaros brancos ou garças, ahi seria G u a r a t i n g u e t á.

Se transpunham a Mantiqueira, ou a A m a n t i q u i r a, cordilheira que assim seria nomeada talvez por allusão á garôa que gottejava commummente em torno á ella por constancia das nuvens de chuva que a envolvem e a fazem com razão uma serra de vertentes, cortavam as aguas do rio Grande, e dahi seguiam para o rio G u a i m i h i ou “das Velhas” ou para o rio D o c e, a tomarem outros destinos.

Desde cedo houve contacto entre gente mamaluca de Piratininga com gente do Paraguai e “pouco haveria de tardar, — segundo lição de Capistrano — que “esse movimento paulista, tomando o sentido do “sudo-este”, a cuja feição lhe corriam tantos rios, se chocasse com o movimento paraguaio, á procura do mar: Ciudad Real, no Piqueri, proximo do salto das Sete Quedas; Villa Rica em Ivahi, datam da segunda metade do seculo XVI, antes do Brasil cahir sob o dominio da Espanha. Com esses colonos a gente de São Paulo cultivou a principio boas relações; nas caçadas humanas foram ás vezes socios e aliados. Além disso, a viagem por terra do Paraguai para a costa fazia-se mais facilmente procurando Piratininga, do que repetindo a incommoda travessia de Cabeza de Vaca. A harmonia entrava assim no interesse de ambas as partes. Só mais tarde houve conflictos e as duas povoações desapareceram.”

Missões castelhanas partidas de Asuncion abrangeram larga extensão geographica da margem oriental do Paraná: “Loreto e Sto. Ignacio no Paranapanema; onze reduções no Tibagi, no Ivahi, no Corumbatahi, no Iguaguí; e transposto o rio Uruguai, “dez entre Ijuhi e Ibicuhi, seis nas terras dos Tapes, e em diversos tributarios da Lagôa dos Patos, sendo que a “de San Cristobal e Maria, no rio Pardo”, poucas leguas distantes do mar.

“Devassadas as missões do Guairá os mamalucoes “passaram ás do Uruguai e dos Tapes”, estas resultantes de recuo ante os salteios dos paulistas.

Não perdido pelos arrojados e intrepidos sertanistas de S. Paulo o primeiro roteiro de sua chegada ao valle do S. Francisco, sua presença nessa região pastoril ia facilitar-lhes outras empresas pacíficas ou bellicosas de alto valor. Aquellas, seriam representadas nos afazendados que criaram até o Piauí; estas, pelas lutas em que se empenharam contra os barbaros salteadores de Cairú, Boepeba, Camamú, Jaguaripe, Maragogipe, Peruaçu; contra os Paiaçús e Icós que assolavam o Ceará, e proximidades; contra os negros quilombolas dos Palmares nos sertões de Pernambuco e Alagoas, emfim nessas guerras tenazes contra esses e outros barbaros, cuja historia tem sido proficiente e largamente tratada por Affonso de Taunay.

Esse momento historico de aspecto radicalmente sertanejo representa a ligação das duas expressões ethnicas que iam decidir do povoamento e formação bem brasileira do Brasil. E, se assim eram duas epochas decisivas da nossa historia, que numa unica se harmonizavam, tambem através desta se marcava um entre-choque linguistico entre a gente de S. Paulo, cujas vozes tupis prevaleceram durante mais de um seculo na proporção de 3:1, sobre o falar dos peninsulares, e a gente do valle do São Francisco, propagadora, com um pouco mais de vigor, de uma corrupção do idioma arcaico do povo portuguez.

E, assim, dentro da mestiçagem da lingua, da religião e da raça ia-se criando um novo Brasil.

Antes do findar do seculo XVII, quando se annunciavam os primeiros descobertos que levaram os habitantes do planalto á segunda phase das suas “bandeiras” — ou do cyclo do ouro —, a população se aggregava em maior densidade, — por menos inclinada á forma dispersiva que tiveram os demais paulistas —, nas margens do Tietê e do Parahiba: “na ribeira do Tietê, diz Capistrano, em Mogi das Cruzes, Parnahiba, Itú, Sorocaba; “na do Parahiba, em Jacarehi, Taubaté, Guaratinguetá.

“O valle do Parahiba do Sul, estreitando á direita “pela serra do Mar, á esquerda pela da Mantiqueira, “produzia o effeito de condensador.” (C. de Abreu, Cap. Hist. Col., pg. 121, 2.^a ed.).

Por duas ligações principaes estes centros participariam, a principio, da vida do littoral: o “Caminho do Mar” communicando os Campos de Piratininga ou villa de S. Paulo ás praias de S. Vicente e de Santos; e a estrada que, partindo de Parati, pela antiga picada dos indios, galgava a serra do Mar e entroncava em Lorena com o caminho mais batido. Depois, outras ligações litoraneas vieram a ser estabelecidas ao longo da conquista pelos sertões meridionaes, com Iguape, Paranaguá, São Francisco, Laguna, ou mais ao norte, pelo caminho de Garcia Paes, com o Rio de Janeiro.

Em 1690 fazem-se os primeiros descobertos do ouro no riacho Tripuhi, perto de Curitiba, como em Jaraguá, Parnahiba, Paranaguá e arredores do serro de Ibituru.

na; depois, nas proximidades das futuras Villa Rica e Marianna, nos ribeirões do Carmo e Itupiranga, ou bacia do alto rio Doce. Outros centros de exploração não tardaram a ser: “o rio das Mortes nas proximidades de São João e de São José del Rey, caminho de S. Paulo; “o rio das Velhas revelado por Manoel de Borba Gato, “caminho da Bahia; Caeté, e ainda e sempre no alto “rio Doce e na Cordilheira do Espinhaço, o Serro Frio.”

O appello de Pedro 2.^o de Portugal ia sendo correspondido no Brasil, e com o tempo glorificado, dentro de uma epopéa de rara energia da raça portugueza e gerações paulistanas, dos Raposos Tavares ou Manoel Preto, com as entradas de Fernão Dias Paes, Borba Gato, Paschoal Moreira Cabral, Manoel Felix de Lima, Souza Azevedo, Pinto de Azevedo, Bartholomeu Bueno, o Anhangüera, e de tantos outros relembrados ou esquecidos numa consagração anonyma: “mortos no sertão”.

Tomando-se uma carta geographica brasileira, e por ella acompanhando-se a lição sabia de Capistrano, pôde-se em linhas geraes traçar o expansionismo das duas phases bandeirantes paulistanas, nas grandes rotas que seguiram suas bandeiras e monções:

- a) ligando o Paraná ao Paraguai e pelo Guaporé, Madeira, Tapajós e Tocantins attingindo o Amazonas;
- b) ligando o Paranaíba ao São Francisco, ao Paranaíba e Itapicuru até Piauí e Maranhão por um lado;
- c) ligando o São Francisco, o Doce, o Parahibuna, ao Parahiba do Sul, galgando a Serra dos Orgãos para terminar na Guanabara;

- d) entre a Serra do Mar e o rio Paraná e atravessando o Uruguai, ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Os sertões de todos os principaes sectores do sul, do centro e do norte brasileiros foram, assim, pisados pelo bandeirante cuja organização de tropa obedecia, segundo Alcantara Machado, “em suas linhas mestras”, a uma “organização militar”. A bandeira era constituída por um cabo de tropa ou “chefe”, “capitão do arrayal, um ou mais logares-tenentes”, e o grosso da gente, a principio sómente índios mansos ou mamalucos, e mais tarde também negros ou tapanhuos. “As expedições de maior vulto reclamavam outras dignidades — instrue o autor da “Vida e Morte do Bandeirante: — o alferes-mór, o ronda mór, o repartidor a quem competia a partilha dos índios apresados, o escrivão do arrayal, o capellão.

“Está visto, que uma viagem, cujo objectivo se resumisse no descimento de selvicolas, não requeria o mesmo apparelhamento que uma bandeira de colonização. “Esta era uma parte da colonia que se desaggregava, levando comsigo todos os elementos de vida, era o latifundio que se multiplicava por scissiparidade.”

A bandeira do ouro — que participaria tanto das primitivas bandeiras que avançavam para “os sertões e limites povoados pelos gentios temiminós”, como pelos arachans, quanto das que buscaram “os sertões do Rio Grande, do Paranahiba, dos Guaiases ou do Paracatú — fixava na indumentaria, no apparelha-

mento de seus cabos e de sua tropa, uma expressão muito typica de organização militarizada.

“Vestiam-se os bandeirantes, — segundo o que colleheu Alcantara Machado nos inventarios de 1570 a 1700, em que o autor se baseou —, “de roupeta e calções “de baeta ou picote, ceroulas e camisa de algodão fiado “certamente por gente da terra; de meias de cabrestilho ou cabresto; cobriam a cabeça com chapéo, carapuça ou lenço; e por atravessarem uma epoca do couro, “fabricavam o seu “bahú de boi”, e sapatos de couro não “só de vacca, como de veado e de carneiro, de cabra ou “cordovão, ou de couro mais brando ou vaqueta.” Não dispensavam seu gibão de armas, ou collete d’armas dos portuguezes, almofadado com algodão, ou “o esculpil” dos espanhões “de couro erú, recheiado de algodão, forrado de baeta”. Como provimento de guerra, além da polvora guardada em polvorinho, de bala e chumbo, tinham por armas de fogo, arcabuzes, escopetas, algumas até atrombetadas de prata, pistolas ou espingardas de pederneira, e por armas brancas, espadas de costella de vacca, adagas de conro de anta, terçados, machetes, além de arcos, flechas empennadas feitas de camaragiba, das que os indios se serviam. Para o serviço de sapadores e de mineiros se apparelhavam de machados, facões, foices, cunhas calçadas, machados grandes de falquear, enxós, almocafres, alavancas, batêas para lavagem do ouro.

Para abastecimento da tropa, em marcha, carregavam canudos ou cabaças de sal, pães de farinha de guerra cozida envoltos em folhas das arvores, e iam-se mu-

nciando da caça que encontravam nas mattas e vargedos, dos peixes dos rios, das fructas e mel sylvestre, dos pinhões e palmitos, das roças que iam plantando ou haviam sido plantadas por anteriores bandeirantes ou indios. Mas quando escasseavam esses productos naturaes, até sapos comiam, maseavam folhas e raizes das arvores, bebiam sangue dos animaes da tropa.

Tinham, nos primordios das bandeiras, em suas bagagens — levadas no dorso dos escravos, e já por fim, no dos muares adquiridos nas feiras de Sorocaba — correntes de duas e meia braças de comprimento “com cincoenta e mais fuzis ou anneis” e a que os negros chamavam libambo — por vezes com “trinta collares de ferro” para pescoço dos que captivavam pelo caminho; rêdes de pescar, linhas, anzóes, agulhas, pentes, alfine-tes, e para resgate, barretes vermelhos, fios ou ramaes de “vallorio” ou contas de côres vivas, bugigangas, foices, facas, navalhas, pedras de afiar e até tinteiro; lancetas e bocetinhas, pedra hume e verdete, como sua botica; e, para preparo de sua cozinha, tachos ou caldeirões e cuias.

A “borracha” cheia de agua ia-lhes a tira-collo; e para comer, raramente, em suas bagagens, levavam pratos de estanho ou facas de mesa. (Vide “Inventarios” e obra citada).

Emquanto de S. Paulo partiam para os descobertos, e outras lavras já conhecidas, bandeirantes não mais caçadores de indios mas povoadores do sertão, levando

gado e grande escravaria negra para fixação de arraiaes e villas, do valle do São Francisco semelhante movimento se operava apoiado em quatro grandes elementos colonizadores: o portuguez, o gado, o negro e o mestiço.

E assim nascem — tendo por centros de irradiação São Paulo e o valle do São Francisco — as primeiras formações luso-brasileiras de Minas, Matto Grosso e Goiaz, ao passo que para o sul o movimento terrestre que se renova e caracteriza é puramente paulista para posse das terras que de direito pertenceriam á Espanha.

Dessa peregrinação por tanta terra ainda habitada por selvicolas em grande parte em recúo ante a onda avassalladora, resulta recolher-se grande mésse de vozes indigenas representativas de accidentes geographicos, de aves, peixes, arvores, fructos, alimentos, animaes diversos, aos poucos integrada no falar portuguez, enquanto muitas outras vozes de dialectos em formação no valle do S. Francisco e entre gente de S. Paulo vão sendo propagadas para mestiçar ainda mais o idioma do portuguez colonizador.

Tomemos, para exemplo e indistinctamente, alguns nomes, através de roteiros e rotas, que ficaram para sempre admittidos na nossa toponymia sertaneja, uns, antecedendo ao povoamento dos advenas europeus, outros a estes seguindo-se, tal o curso que entre os mesmos teria a lingua geral da terra e um tanto do guarani recebido do gentio das antigas missões sulinas.

Não repetindo vozes já por nós explicadas, senão quando ligadas á intelligencia do texto, e sempre apoia-

do ao saber dos mestres da linguística brasileira, veremos surgir pelos caminhos designações curiosas assignalando logares, servindo de marcos ou pontos de referencia ás jornadas da aventura.

Assim, *Itaberaba*, que quer dizer “pedra que resplandece”, “pedra reluzente”, o *crystal*, da mesma forma que *Itaberá* e *Sabará*; *Caeté* —, “matta virgem” ou verdadeira matta, a cujo caminho aquem ou além encontravam pepitas de ouro e cascalhos diamantíferos chamados *grupiaras* ou *guapiaras*, e *pururucas*; *pitanguí*, rio das *pitangas*; *Paraecatú*, rio bom, praticavel. Assim, *Tijucó*, significando em allusão ao terreno, a lama ou brejal; *Jaguari*, como rio da onça; *Jacuhi*, como rio dos jacús; *Itabira*, como pedra que se levanta, a pedra empinada; *Itaculumí*, significando “menino de pedra”, por se achar o bloco maior tendo por tenente ou testemunha a um bloco menor, tal como mãe e filho. Assim, *Paraopeba* ou *Pará-y-peba*, o rio da agua rasa; *Baependi* ou *Maependi* “a aberta”, “os terrenos limpos”, ou a “clareira na “matta marginal ao rio Grande, que facilitava a passagem do caminho aberto pelos paulistas descobridores “das Minas Geraes”, e graphada “nos documentos e roteiros como *Maependi*; *Cataguás* ou *Cataguazes*, o morador ou habitante dos cerrados”.

Noutros sectores, entre muitissimas outras denominações, para exemplo ou identificação, e seguindo bem de perto as lições de Theodoro Sampaio, notaremos as seguintes: *Paraguai* ou *Paraguahi*, “rio dos

papagaios”; Araguaia, ou Araguaí, “rio do valle dos papagaios”; Tocantins ou Tucantins, “nariz de tucano”, nome de uma tribu que habitava as margens desse rio; rio das Trahiras, ou do peixe muito voraz, desse nome; Taquari, rio das taquaras. Camapuán, será assim assignalado por cómoros ou eminencias semelhantes aos arredondados e ponteagudos dos seios; ipameri, por achar-se “entre-rios”, ou ser mesopotamia. Caiapó, tal o nome de uma tribu, e que quererá dizer “o que queima” ou “faz queimadas”; Corumbá (corrupção de curupá), ou banco de cascalho; Guaiás, como “gente semelhante, da mesma raça”; Iguerehi, rio das antas; Jauri, (ou jaurú), rio dos jahús; Piquiri, rio dos peixinhos; serra de Tapirapuán, serra “da anta posta em pé”, “da anta gorda ou rotunda”; rio dos Tapajós ou dos indios desse nome; rio dos Solimões, ou de uma tribu desse appellido; e tantas outras vozes por taes rotas alcançadas, mas já do dominio linguistico da Amazonia.

No quadrante do sudoeste com centro em S. Paulo cria-se tambem um movimento de conquista e povoamento, precedendo e secundando a acção naval e militar dos portuguezes na margem esquerda platina, onde em 1680 funda Portugal a Colonia do Sacramento. Attendendo-se ao precario calculo de longitude por esse tempo, não simulariam elles commetter grande erro no traçado do meridiano, se se apoiassem ou não com ma-

licia, nas coordenadas do padrão levantado por Pero Lopes em 1531 no Esteiro dos Carandins, quando subiu o Paranaguazú e o Paraná das Palmas, da hoje terra argentina.

A posse do littoral ao sul de S. Vicente então, ainda seria precaria para sua fixação definitiva; mas pelo interior outra valiosa conquista da gente de S. Paulo se iria radicando apoiada em factor economico pastoril.

Depois dos ataques dos bandeirantes em 1632 a Santiago de Xerez e ás reduções de S. José, Angeles, San Pedro e San Pablo, ao occidente do rio Pardo, em Matto Grosso, de que resulta a vinda de Castelhanos para fixarem residencia em São Paulo; depois de ataques a San Pablo, Concepeion de los Gualaxos, San Ignacio e Loreto, o novo sector visado pelos paulistas foi o de que mais interessa aqui tratar.

Raposo Tavares com sua tropa, de 1636 a 37, conquista a "provincia dos Tapes" e desbarata as missões de Jesus Maria de Jequi e de Santa Thereza de Ibituruna, além das de San Cristobal, San Joaquim, Sant'Anna, e Natividade de Ararica, que os indigenas abandonam ou entregam. Em 1638, apoderando-se da "provincia do Uruguai", vencedores em Caaró, em Caazapáguzú, em Caazapamini e em San Nicolas, expulsaram os jesuitas de suas reduções, os quaes foram buscar a região entre os rios Uruguai e Paraná, aggregar-se ás antigas missões ou fundar outras, e de cujas margens do Uruguai foram os paulistas repellidos em 1641. (Vide Basilio de Magalhães, *Expansão Geographica do Brasil*).

Mas, batidos nessas primeiras investidas os jesuitas, os espanhóes e os indios, iria em grande parte decidir da sôrte da futura conquista dessas e de outras terras mais ao sul, outro grande elemento de fixação do homem: o gado.

Sabe-se que das vaccas e algumas ovelhas e cabras trazidas pelos jesuitas do Paraguai para as missões do Guairá, antes da investida barbara que soffreram dos paulistas, surgiram os primeiros rebanhos desse sector, como tambem que, maiores criações do gado vicentino introduzido nos planaltos de Piratininga se foram multiplicando, e seriam mais tarde applicados nessas e noutras conquistas, feitas ao compasso da importancia capital que viria a ter em dias futuros a villa de Sorocaba, como centro de distribuição pastoril, — vaccum, muar e cavallar —, entre o Rio da Prata e as terras brasileiras.

Desde então, as marchas paulistas principalmente contidas ao oriente pela Serra do Mar, e mais visando aos sertões de direito castelhanos, se iriam succedendo dentro de uma “epoca do couro” para o sul brasileiro, emquanto o povoamento e a defesa da costa não podiam, parallelamente, e de prompto, secundar a acção energica, varonil, desses homens do sertão.

Ao sul de Cananéa, só pelo mar, o colonizador poude ir continuando o dominio do littoral com o apoio principal da capitania de S. Vicente, futuramente chamada São Paulo, primordios que passaremos a accentuar, antes de fixarmos o aspecto sertanejo da conquista mais caracteristicamente da gente paulistana.

O rio de São Francisco do Sul teria sido abordado pela primeira vez, em 1503, pela “Espoir d’Honffleur” ao mando de Binot Paulmier de Gonneville; e essa “terra dos carijós”, que corria de Cananéa meridionalmente, só seria attingida de principio por naufragos das navegações a caminho ou de volta do rio da Prata, como Enrique Montes, Melchior Ramirez, Aleixo Garcia e outros aventureiros. O porto dos Patos, assim nomeado pela gente de Solis á foz do Massiambú, foi tido por arribada segura das frotas e pousada dos primeiros naufragos, como para d. Rodrigo d’Acuña da armada de Jofre de Loaysa, que alcançou terra na proximidade da actual Imbituba mas teve permanencia naquelle porto antes de retomar sua jornada maritima para o norte. A chegada da armada de Caboto, ao dito porto dos Patos, sua vida e a de sua gente em terra, em local fronteiro á ilha por elle baptisada Sta. Catharina em honra de sua mulher Catharina de Medrano; as arribadas ahi de Diego Garcia de Moguer, ou de Gonçalo da Costa, este de larga residencia no porto de S. Vicente, — tudo significa e explica que esse littoral attrahia, de espaço, conquistadores empenhados na contenda luso-espanhola não resolvida por falta de traçado seguro da linha tordesilhana. No porto dos Patos de arribada em 1531 entraria um bergantim da armada affonsina, como tambem de volta do rio da Prata em 32 uma caravela da mesma armada que dahi trouxe castelhanos para a nova villa de S. Vicente. Não tardou muito que Ruy Mosquera atacasse Cananéa e Iguape ao serviço das armas de Espanha.

Pela divisão de capitánias ou donatárias é por Portugal incluído esse sector da costa nas “Terras de Sant’-Anna” até alturas da futura Laguna, e como que ancilla da de S. Vicente; e para a Espanha, mercê das conquistas do Paraguai, fundação de Buenos Aires e traçado da linha divisória, são as “terras dos patos” possessão sua.

Da expedição espanhola de Cabrera ahí ficaram missionarios christãos, e do Porto de Vera, fundado por Cabeza de Vaca em Jurumirim, parte este por esses sertões para Assumpção do Paraguai. Tal roteiro devem também ter seguido sobreviventes da expedição Sanabria, enquanto outros buscariam ao norte estabelecer-se em São Francisco do Sul, e, assim, marcar mais septentrionalmente posse castelhana.

Com a Companhia de Jesus colonizava Portugal; e da avançada de S. Vicente, ponto de apoio para seu expansionismo ao sul, partia o padre Leonardo Nunes a catechisar carijós, assim como Pedro Correia e João de Sousa. Gado bovino e cavallar já havia na terra catharinense antes da investida de Zarate, de tão profunda crueldade.

Felizmente, em contraste com esta se nos mostram a piedade e o estoicismo dos jesuitas João Fernandes e João de Almeida em suas missões de 1616 junto aos carijós, a providencial visita de Martim de Sá logo depois, e o proseguimento em maior amplitude da acção missionaria.

A esse sentido marítimo e povoador, com base em S. Vicente, unem-se desbravadores de caminhos do sertão, partidos de São Paulo: uns, facilitando o povoamento portuguez ou vicentino de S. Francisco do Sul, em 1649, outros, mercê de sesmarias reaes, extendendo-se até a ilha de Sta. Catharina e posses dos castelhanos. Sobresae, entre estas, a empresa colonizadora de Francisco Dias Velho de 100 leguas de costa, em que estava compreendida a referida ilha. Filho de bandeirante quiz o intrepido colonizador honrar a memoria paterna, em 1675, conduzindo familia e escravaria de 500 indios, dando origem á villa do Desterro, defendendo a terra com seu sangue e tendo por premios a morte e o esquecimento do glorioso feito. Precedida, em 1676, da primeira avançada por terra com seus 2 filhos, 10 homens brancos e 60 escravos, numa segunda jornada funda Domingos de Brito Peixoto — a Laguna — entre 1682 e 84.

Para esta expedição seguiu elle aparelhado com “petrechos de guerra, polvora, balas, armas de fogo, algumas peças de campanha, homens de peleja, sustento, armamento, vestuario, e todo o mais necessario para o grande corpo formado de homens brancos, mulatos e negros escravos, officiaes de carpintaria e ferreiros, com capellão, com todo o mais trem preciso para semelhante conquista”. (Vida e Morte do Bandeirante — Alc. Machado, pg. 262).

Outro morador de São Paulo, Corrêa Pinto, diz o Morgado de Matheus, partiu mais tarde para fundar

Lages, “com toda a sua familia para aquelle incerto ser-
“tão”, “commettendo uma jornada de 300 leguas com o
“preciso dispendio de muitos mil cruzados de sua pro-
“pria fazenda para o emprego de armas, munições, ca-
“valgadas, escravos, ferramentas e outros muitos
“aprestos indispensaveis.”

Sousa e Faria para ligação de Araranguá com La-
guna, esta ligada aos campos geraes de Curitiba — e,
portanto, ás villas de Sorocaba e de S. Paulo, — diri-
giu na abertura da “estrada dos conventos” cerca de 90
pessôas.

Já então Laguna, com a zona pastoril ahi ordenada
por Brito Peixoto, constituia um dos postos avançados
para o povoamento do Rio Grande, e era favorecida do
contacto em tempo estabelecido com criadores “castelha-
nos” do rio da Prata, que a esse local accorriam para
venda de gado. Em 1723, sabe-se, para ali se destina-
vam, oriundas do extremo sul, oitocentas cabeças de um
rebanho que viria, segundo Brito Peixoto, povoar “estas
“pampas do Rio Grande para esta parte, porque, sendo
“servido sua Magestade”, se deveria “fundar povoação
“e ter gados para os povoadores”. (Cf. Apud Rego Mon-
teiro, “Dominação Espanhola no Rio Grande”, pg. 12).

Para impedir penetração maior de espanhões ou al-
voroto da indiada, arrebanhar gado ou fundar povoação,
houve incursões senão de origem official, officiosa, como
essa que, á sua custa, fez Brito Peixoto, para que o seu
genro João Magalhães, com 31 homens, escolhesse, em
chegando “á paragem do rio Grande”, “o lugar mais

“conveniente para formarem as suas casas em forma de “povoação” e logo fazerem “canoas de pao sufficientes “para serventia da passagem de gado” (idem, pg. 14).

Sesmarias foram concedidas na zona do Tramandahi em 1732, em 1735 em Itapuan e, a seguir, em outras partes, sempre ainda se tomando por avançada da conquista á Laguna. E desta tambem parte a expedição do valoroso Christovão Pereira de Abreu com 4 companhias, ao todo 160 homens, na maior parte lagunistas e paulistas, para, aguardando a chegada por mar de Silva Paes ao local marcado, fundarem o segundo nucleo do Rio Grande em 1737.

E assim, e por outras expedições e factos, se prova haver a Cordilheira do Mar detido no seu maior expansionismo os Paulistas dentro de sua missão historica brasileira, — cordilheira por elles vencida, para alcançarem o littoral nas proximidades do que ficou sendo a villa da Laguna e, para dahi, — aonde ainda em 1703 Domingos de Brito tinha suas grandes criações de cavallos e ovelhas —, proseguirem jornada para a Colonia do Sacramento.

Pelo rasto do gado seguindo a darem vista dos morros de Santa Martha, buscariam, segundo o roteiro de Domingos da Filgueira, as cabeceiras de uma lagôa — provavelmente a da Caveira —, e, chegando-se mais ao littoral, o rio Araranguá, transponivel a jangada. Vencida a margem meridional deste rio, proseguiriam pela costa a alcançar o rio Mampituba para vadea-lo em pon-

to que, em maré baixa, lhes daria passagem com agua pela cinta, tal como no rio Tramandahi mais ao sul, e de onde para ser attingido o rio Grande iriam sempre em marcha pela praia. Chegados á margem esquerda do rio de S. Pedro ou Grande, armariam jangadas de 15 ou 16 palmos de comprido com madeira de espinho branco e remos em numero de quatro, dois por banda, jangada que seria para lotação de 6 passageiros, no maximo.

Alcançada a margem direita do rio Grande retomariam a jornada e com 15 dias chegariam aos Castilhos, margeando, até certo ponto, as lagôas Mirim e Mangueira. Dos Castilhos, onde haveria já abastecimento de carne, caminhariam valendo-se tambem da pesca pela praia e na lagôa deste nome; buscariam um pouco mais o interior, principalmente aonde accrescesse matta, para abastecimento de caça, e continuariam em demanda da Serra de Maldonado, de onde em jornada cautelosa por temor das onças, viriam ao termo da peregrinação: a Colonia do Sacramento, extremo da conquista portugueza. Vinte e quatro dias gastara Domingos da Filgueira, da Colonia aos Castilhos: 16, destes ao rio Grande; do rio Grande ao povoado de Domingos de Brito, 30; setenta, ao todo da Colonia á Laguna ou arredores. De quatro mezes seria a viagem da Colonia platina, fundada pelos Portuguezes, a São Paulo ou a Santos, proxivamente.

Nessa grande jornada, segundo Filgueira, era pelo menos prudente levarem os expedicionarios dois ou tres cães de boa qualidade, tres espingardas bem municia-

taes os lobos, as onças, os veados, os porcos montezes e as caças de penna que ao correr della encontrariam, além de catanas ou facas de matto, matalotagem a mais que pudessem supportar como carga.

Christovam Pereira, em 1738, vindo do Rio Grande em demanda de Sorocaba, mostrava como depois de Sto. Antonio da Patrulha se teria como caminho praticavel buscar S. Francisco de Paula, rio das Antas, Campos da Vaccaria, atravessar o rio Pelotas, ganhar os campos de Lages, o Iguassú, os Campos geraes de Curitiba, ou vindo pelos Campos de Guarapuava attingir o Tibagi e, finalmente, Itararé e Sorocaba, — centro a esse tempo de grandes feiras de animaes, de grande valor economico e povoador, como sabemos que o foi, para todo o interior do Brasil.

-674-

Só em 1737, José da Silva Paes, por ordem do Governo Portuguez, entra pelo canal ou sangra das Lagôas dos Patos e Mirim e lança os fundamentos de uma fortaleza, abaluarta o posto e presidio Jesus, Maria e José com sua gente armada, e com auxilio valioso de Christovão Pereira de Abreu, funda o segundo nucleamento luso-brasileiro do Rio Grande. Com a chegada de familias açoritas, é fundado, a seguir, á margem esquerda do Gualiba, o Porto dos Casaes, precursor de Porto Alegre; e assim, esses e aquelles teriam sido, senão os primeiros povoadores, pelo menos os de maior numero, vindos do littoral rio grandense, de mais marcada expressão portugueza.

Separada em 1739 a ilha de Sta. Catharina da Capitania de São Paulo e subordinada á do Rio de Janeiro, o benemerito Silva Paes que organizara o governo, fortificara os pontos estrategicos principaes da ilha, só em 1746, ao retomar-lhe a direcção, trabalhava em ligar o continente aos sertões occidentaes, emquanto Portugal, para dar maior centralização á administração portugueza dessas capitanias meridionaes e fronteiriças, em 1748 deslocava para Santos a acção governamental desse sector.

A colonização dos primeiros açoritas, em 1748-49, seguida de outras levas que marcaram profundamente a expressão do homem do littoral de Santa Catharina, precedida e seguida da escola de grande bravura que foi a pesca da baleia, criou nesse valoroso homem do mar, formado á beira das armações e corujeiras, um typo de praieiro que honra o espirito maritimo do Brasil.

Desde o primeiro e o segundo seculos, pelo sertão de São Paulo ao extremo sul, como vimos, duas correntes de expressão pastoril se encontraram, tal o favor geographico-economico que convidava o homem ao pastoreio e ao commercio das boiadas.

Gado originario da região paraguaia primeiro e, a seguir, da região platina, se foi alastrando em terreno proprio a seu "habitat", emquanto os paulistas, pelo conhecimento que iam tendo de successivos campos de pastagem, começaram a espalhar o gado originario do

planalto para reprodução nos campos geraes, o que lhes facilitaria a rota.

Partidos de Sorocaba, já vaqueanos dessa immensa rêde de rios e ribeiros que participam do systema fluvial Iguaçu-Paraná-Uruguai, perlustrado pelas primeiras bandeiras paulistas, buscando com o gado onde poderiam varar, pousar, ou invernar, povoando de rebanhos os campos geraes de Curitiba, encontrariam a seguir os campos de Guarapuava, onde outrora foram localizadas as missões do Guairá; ou então, investindo mais ao oriente e ao sul novos campos e invernadas não lhes faltariam: os chamados depois Campos da Lapa, de Lages, dos Curitibanos, e os Campos da Vaccaria, estes habitados, em tempo, pelos indios Guaycanans, entre a cochilla Grande e o rio Pelotas.

Com essas e muitas outras expedições favoraveis á renovação pastoril, foi-se realizando a descoberta, o reconhecimento e, por vezes, o povoamento dos logares que ficaram assignalando na nossa geographia pontos de referencia interessantes, os quaes, sob o aspecto geographico-linguistico, não devemos tambem perder de vista.

Com a posse realizada pelas primeiras avanças paulistas, o que nomes tupis e portuguezes vão de principio definindo, assim como com o que se foi integrando com a conquista, tendo origem guarani ou já hispano-americana, em um falar mestiço de gente habitante das serras, coxilhas ou pampas rio grandenses, começou a ganhar o idioma vencedor imprevista contribuição.

“Tres foram as matrizes principaes”, diz o “Dicionario Enciclopedico do Rio Grande do Sul” (fasc. I, 1.^o vol., 1936) organizado por Aurelio Porto, “dos “innumerous dialectos falados pelos primitivos habitantes “do Rio Grande e do Uruguai: 1.^o) o tapuia gês, “que deu origem aos dialectos camé, iraiti, co-“roado, ibiraiara e afins, hoje agrupados sob “a designação geral de caigangues; 2.^o) o maya “antigo, fonte do tape e do grupo gaicurú do “sul; 3.^o) o guarani, que, não obstante a inexis-“tencia de elementos raciaes puros, avassalou todas, im-“posto pelas circunstancias referidas, oficializando-se “como lingua geral nessa catequese jesuitica”.

Nesse meio de confusa linguistica em que os espanhóis criaram as tres provincias de Ibiacá, do Tape e do Uruguai e os jesuitas fundaram os Sete Povos das Missões onde tiveram curso os idiomas espanhol e guarani, — mais guarani que hespanhol —, penetrou um lingua-
jar de paulistas das primeiras avançadas e dos primeiros povoamentos de maior riqueza vocabular tupi que de idioma do colonizador, enquanto pela costa de inicio e, mais tarde, em nucleamentos que foram crescendo, entrou a lingua portugueza após a fundação de José da Silva Paes, se bem que já corrompida pelos primeiros açorianos que se estabeleceram no porto dos Casaes, hoje Porto Alegre.

Vindos de Sorocaba, e já vencidos os Campos da Yaccaria ou mesmo valendo-se de outro pereurso mais

occidental, ao entrarem em terras da futura capitania de S. Pedro, deixaram elles, a par de vozes portuguezas, e guaranis que acceitaram, a toponymia em lingua geral brasilica por marcos de sua passagem. Relembramos: Cahí, (ou e a a - y) rio da Matta, ou caiahi, rio das queimadas; Taquari, rio das Taquaras; Jacuhi, rio dos Jacús; serra do Caverá ou da folha brilhante ou luzidia do matte de inferior qualidade; Cavajuretan, ou a região dos cavallos; Ibirocahi, um "rio dos poteiros ou dos curraes"; Ibirajacá, ou "o arroio da lenha"; Cunhapirú, o passo, ou "vau" (com referencia ás mulheres); Taquarembó (ou taquara-iembó), que, como Taquari, pôde tambem assignalar não só rio, mas riacho das taquaras. Caçapava, tanto em guarani como em tupi, seria a "aberta" ou "clareira na matta"; Cangussú, na serra dos Tapes, ou dos indios dessa nação, quereria tanto dizer "cabeça grande" quanto pela configuração especial referir-se á onça deste nome; Caaguassú, "matto grande, matto virgem"; Capivari, rio das capivaras; Guahiba, ou o rio que á foz é abra ou porto; Gravatahi, rio dos gravatás; Guapitangi, rio dos paus vermelhos; Butiá, talvez assignalado por especie de coqueiro pequeno deste nome; Mampituba, rio dos brejos ou brejal das cobras; Itahim, pedra pequena, a conchinha; Itaki (ou Itaqui), pedra aguçada; Ibirocái, a praça ou terreiro cercado de paus, o curral dos esteios, ou a manga, o poteiro; Inhacundá, a corrente sinuosa e talvez

com referencia ao peixe commum ás suas aguas; Sarandi, a abundancia de sarans, o saransal, campos de sarans, arbustos que crescem sobre as pedras nos rios, ou mesmo çarandi, o rio dos sarans; Inhambúvi, o rio dos inhambús...

Da conquista pela costa por portuguezes alternada com a de castelhanos por fim batidos pelos proprios portuguezes com a ajuda de brasileiros em sólo rio-grandense; da dos sertões pelos paulistas que usavam uma mescla de idiomas, tupi e portuguez, desde as primeiras arrancadas e aventuras barbaras até as de mais accentuada feição povoadora; e da actuação castelhana e guarani das missões, houve como resultado, dentro de uma animada geographia pastoril, a vida nova de um vaqueiro do sul bem differente da do nosso vaqueiro do norte.

Naquelle vingou mais o garbo alternado de bravura e fanfarronada castelhana cultivado no homem primitivo dos pampas, que a paciencia e a intrepidez portuguezas conjugadas á manha, á coragem apparentemente fria, mas nervosa e invencivel, do nosso sertanejo nortista.

E assim haveria de ser, porquanto a fronteira viva do sul do Brasil só ahi se veiu a traçar após successivos avanços de luso-brasileiros e indigenas até a margem esquerda do rio da Prata e recuos para o futuro sólo rio grandense do sul.

Desse fluxo e refluxo de populações aguerridas, em grande parte resultou a acceitação pelo nosso gaucho de

vozes, deturpadas ou não, da terminologia espanhola e platina, ou melhor hispano-americana, assim como pela cruzada com os indios e seus descendentes, de termos guaranis, quéchuas ou aztecas, não esquecidas as novas vozes em maior numero portuguezas e as em menor numero africanas, que vindas do littoral ou por contrabando pelas fronteiras, se lhes incorporaram depois. A formação rio grandense se caldeou, entretanto, com maior vigor, em extensão territorial aonde principalmente houve penetração de duas linguas vencedoras; a castelhana e a portugueza, que através dos acontecimentos historicos, como linguas-tronco ficaram marcando as nacionalidades de nova gente, as fronteiras dos paizes a que cada uma, ainda que mestiçada, ficou fiel.

Deixando de parte o tratado de Tordesilhas de 1494, o de Lisbôa de 1681 e o de Utrecht de 1713, pelo tratado de Madrid de 1750 já se definia em traços mais vivos a tendencia da fronteira principiada ao sul da laguná Castillos, seguindo pelos montes Castillos grandes até as cabeceiras do Rio Negro, indo ás cabeceiras do Ibicuhi, affluente do Uruguai, cujos cursos em certas passagens seriam limite até o Peperi; e dahi, em linha recta buscando o Sto. Antonio, cujas aguas vêm ter ao Iguassú. Por este seguia até a confluencia delle com o rio Paraná, cujo leito subia até o Iguerehi para, por sua vez, buscar o Paraguai. Da foz do Jaurú rumava até cabeceiras do Guaporé, rio que orientava a linha até o Mamoré. Do Madeira ia ás cabeceiras do Javari e até a confluencia

delle com o Amazonas, cujo leito acompanhava até o Japurá e subia para as respectivas nascentes. O “divortium aquarum” das bacias do Amazonas e do Orenoco decidiria do que restasse marcar.

Bem mais espanhola que portugueza já se ia constituindo a outra parte do territorio em que ficava encravada a colonia do Sacramento, enquanto mais guarani e espanhol seriam os Sete Povos das Missões jesuiticas do Uruguai que passavam á incorporação portugueza, após vencidos pelas armas de Castella e Portugal.

Tendo sido annullado em 1761 o tratado de Madrid, retornavam os guaranis missioneiros ás suas aldeias, os padres ás suas missões. Mas, sobrevindo durante quinze annos a posse de terras rio-grandenses por espanhóes, — com Zeballos combater e tomar a Colonia do Sacramento e parte do Rio Grande e de Sta. Catharina — só em 1777, pelo Tratado de Santo Ildefonso, poderiam ser retomados os limites internacionaes mais de accordo com os estatuidos no tratado de 1750. Todavia, a demarcação da fronteira do sul passaria a ter principio no arroio Chui, buscaria a Lagôa-Mirim e o rio Negro, attingiria o Ibicuhi e o Uruguai até o Peperiguaçu. Rio Grande e Sta. Catharina ficariam, então, definitivamente com Portugal, mas espanholas ficariam as Missões do Uruguai.

As ambições guerreiras, porém, de reapossar-se Portugal da margem esquerda do rio da Prata, não seriam faceis de dominar. A annexação da Banda Oriental ao Brasil, como Provincia Cisplatina, em 1821, pre-

cedida de outros golpes politicos, seria motivo de novas guerras de que esta foi theatro e de avivar-se a herança da inimizade entre Portugal e Espanha na gente que ia povoando essas terras em permanente disputa. E tal annexação, só sete annos depois tendo seu termo com a independencia da Republica Oriental do Uruguai, como a posse do Territorio das Missões, (só tardiamente pela diplomacia resolvida satisfatoriamente), marcariam em definitivo o panorama geographico, ethnographico e linguistico em que se caldeariam para sempre as duas linhas-tronco ibéro-americanas, cujo falar se vinha dissociando e particularizando fundamentalmente dentro de uma vida pastoril commum e intensa, mas já de povos radicados a nações diversas.

Deixaram as missões jesuiticas grandes manadas de gado vaceum ou cavallar que se tornou alçado ou amontoado pelas coxilhas, pampas e rincões da terra rio grandense.

No nordéste brasileiro o colonizador para a conquista do sertão, nas suas penosas jornadas teve de levar o gado por companhia, afazendar-se e encurrala-lo; nos campos rio-grandenses, surpreendeu o aventureiro manadas selvagens de cavallos bravios ou baguaes, de gado vaceum alçado ou chimarrão, — assim em tempo chamado por corrupção da voz platina cimarron —. E buscando o bagual e o chimarrão em sua querencia, fazendo da querencia do gado a sua propria querencia, criou a fazenda pas-

toril que é a estancia, com a symbolica expressão de seus proprios pagos, engravada ou não em sesmarias reaes.

Esse mesmo termo estancia, cuja semantica portugueza iria soffrer ao contacto dos povoadores a influencia linguistica hispano-americana, não mais significará, ao correr do tempo, no meio geographico e social em que se propagará, sómente a residencia, o pouso de alguém, nem o fortim, o reducto portuguez, ou o cortiço destinado á habitação da gente pobre do Pará e do Amazonas; mas a fazenda de criação cuja residencia do proprietario margeada de campos extensos, de curraes ou “mangueiras” e poteiros, viesse a ser a grande machina de industria pastoril, escola de bravura e civismo da nossa gente do sul. Corresponderá a casa patriarchal do estancieiro á Casa Grande do norte; e ahi no pampa, será o centro de caldeamento e formação não só de bravos gauchos mas tambem de um linguajar typico que hoje enriquece de accentos e vozes bem singulares a lingua portugueza falada no Brasil.

O velho umbú, na evocação de um passado não muito remoto e na affirmação de um presente valoroso, é a arvore representativa dessa paizagem pastoril, a sentinella da vivenda e dos campos, a cuja sombra se acolheram gerações de peões ou campeiros.

A estancia, — com a casa do estancieiro, o poteiro ou o piquete, o curral ou mangueira, o chiqueiro onde recolhem os terneiros, os “alambrados” para as invernadas —, é ainda

hoje o centro vital de uma “epoca do couro” assignalada ao sul do Brasil.

Os pampas, a se perderem de vista, as coxilhas ou coxilhões cobertos de boas pastagens, só em outros sectores lindados pelas muralhas das serras e asperezas dos serrotes; os descampados proximos ao littoral marcado de alvos albardões, representam o painel regional em que correu ou viveu livre, qual centauro indomito, o nosso gaúcho. “A superficie ligeiramente ondulada, o descampado quasi omni-presente — descreve Capistrano — a facilidade de alimentação, a abundancia de cavalgadas, convidavam principalmente os gaúchos á locomoção.” Em jornadas, “dormiam ao relento. Os arreios do animal serviam de leito. Estendiam por terra a carona; o lombilho substitua o travesseiro; sobre a carona punham o pellego e, por cima de tudo, deitavam-se embrulhados no poncho e de cabeça descoberta.

“Avigorou-se-lhes a tendencia ao nomadismo com a circumstancia de passar ali a fronteira” — diz o mestre — “uma fronteira disputadissima, que qualquer dos confinantes ambicionava estender, e de entre ambos metterem-se os campos neutraes, em que nenhum tinha o direito de penetrar, por isso mesmo violados a cada instante, maxime da parte do Rio Grande. Os combates regulares não subiram a muitos, mas as surpresas, as arreatas, os encontros singulares, as incursões de contrabandistas, constituiam facto quotidiano. Forçosamente os rio-grandenses tornaram-se aventureiros e soldados; só por militares tinham attenção; a Saint

“Hilaire deram o titulo de coronel. A quem não montava bem ou não sabia laçar cavallo xingavam de bahiano ou matorrango.” (Cap. Hist. Col., paginas 228/9).

Não lhes será, entretanto, inferior como cavalleiro, o vaqueiro do nordéste, montado em cavallo de pequeno póрте criado em pastagem mais pobre, sujeito a clima escaldante, sem bom cruzamento para apuro de raça, mas de resistencia invulgar em provas de intrepidez e folego, como é a da “vaquejada”. No sul, o gaucho no seu pingo ou no seu fléte, o gauderio no seu pilungo, haragano, ou matungo, o bravo piá na faina de manguear ou ir em recrutar ás rezes para traze-las aos potreiros, teem sua vida de maior bravura hippica excepcionalmente assignalada no rodeio, que é a vaquejada do sul, ou no entrevero que é a peleja, sem ordem e disciplina, commetida entre forças contrarias.

Tanto o cavallo vivendo ao léo da natureza, que se tornou bagual, como o gado alçado a que em tempo nomeavam chimarrão, como a luta pelas armas em campo aberto, foram e são motivos para proezas de tão affeitos cavalleiros, no laçar, no bolear, no galopar, no escaramuçar, no entreverar. Nasceu dahi, através de uma vida rural intensa a que não falta um forte espirito de aventura, o largo emprego de termos, regionaes ou deturpados, de origem portugueza, luso-brasileira, espanhola, hispano-americana, guarani, quéchua, africana, tupi.

Como vozes de origem hispano-americana escutaremos o campeiro dizer: que o gado manhoso em vir para o curral, é manheiro, opposto ao tambeiro, acostumado ao tampo ou estabulo e ao chiqueiro; que o animal aleijado, de um quarto mais baixo que outro, é lunanco, o que corresponde ao nafego, nafrego, ou nafrico do sertão nortista ou da granja portugueza; que o animal manchado ou de algum signal no pello, é lunajero; maceita, quando aleijado das mãos; malacara, quando de mancha branca na testa. Hoso, será o de corpo todo escuro, e cabeça avermelhada, e em tudo mais tostado-escuro; oveiro-vermelho, o de manchas vermelhas em corpo branco, oveiro-negro, o de manchas pretas. Orelhano, será o terneiro quando ainda não marcado nas orelhas; entrepellado, quando de pello de tres côres; chucro, o gado bravio; garrão, o jarrete do animal. Guampa, será o chifre e guampear, laçar o animal pelas guampas ou chifres. Pelechar, será mudar o gado de pello; eincerro, a campainha que levam dois ou tres bois da carreta. Esfolar a rez será carnear; desterneirar, separar os terneiros das vacas. Diz-se pastorejo, ou pastorejar, em vez de pastoreio ou pastorear; será para o gaucho pastigal, o logar abundante em bons pastos; e posteiro, o empregado da estancia que zelará pelas cercas, policia dellas e das pastagens. Picana, se diz da aguilhada; lonca, do couro despido de pello; tropa encerrada, será a tropa recolhida á mangueira ou curral...

Com referencia ao cavallo e aos muares, sua montaria ou uso diverso, de quantas vozes hispano-americanas não se servirá o gaucho!

Alguns exemplos podem bastar para indice da farta contribuição desta origem. *Pingo*, é bom cavallo; *pingaço*, é cavallo fogoso, bom e de bôa estampa, como o *fléte*, é cavallo bom e bonito; *peçeta*, cavallo feio; *pilungo*, cavallo ruim; *perrenque*, quando imprestavel para o serviço, ruim, acobardado; *redomão*, o que por soffrer poucos galopes ou repasses, ainda não obedece bem ao governo do cavalleiro. *Matungo*, — termo a que alguns tambem emprestam origem africana —, será o cavallo velho, imprestavel; *changuero*, má promessa de cavallo de carreira; *maturrango*, o mesmo que “bahiano”, ou cavalleiro que montar mal; cavallo *haragano*, mandrião ou vadio; *guecha*, a mula; *hechor*, o asno para reproducção. Cavallo *petiço*, é cavallo pequeno, ananicado; *cavallhada em reponte*, é cavallhada tocada ou enxotada de um logar e a caminho de outra direcção; cavallo *aplastado*, cançado, machucado, abatido; cavallo *alçado*, é bagual. *Pealo* é o acto do gaucho arremessar o laço para prender o animal pelas patas dianteiras; *picasso*, do termo platense *picazo*, é cavallo preto de testa e pés brancos, ou todo preto e sómente de testa branca.

De origem guarani, além de nomes geographicos, escutaremos constantemente termos como estes: *tacurú*, por pequenos montes de terra fofa communs aos campos ruins ou banhados; *saraquá*, “pau em

forma de cavadeira, para abrir a terra antes de semear”; mambira, camponez, gaúcho, homem rustico; maguari (ou magoari), ave pernalta, a garça; maranduvá (ou marandobá), lagarta de côr verde; cavallo nambi, o de orelha cahida; boi nambijú, o de pello baio, pangaré; puxirão ou pichurum, coadjuvação graciosa entre visinhos nos differentes serviços de campo; guri, menino; piá, indio moço; jaguané, gado vaccum que “tem o fio do lombo branco e cada lado das costellas ou preto ou vermelho”. Boi tatá, é o fogo fatuo; caúna, herva-matte de má qualidade; camoatim, uma especie das abelhas; caxirenguengue, faca velha já sem cabo; chimbé, gado de focinho curto e chato. De origem tupi, ou tupi-guarani, além dos nomes geographicos alguns já por nós citados, entre muitos outros, têm no seu vocabulario: coivara, congonha, moquear, nhandú, tapejara, tipiti. Em vez do chará do norte, dirão tocaio. De origem quéchua, escutaremos quinchá, como cobertura da casa ou da carreta; canchá, como lugar plano apropriado ás corridas, principalmente de cavallos; cancheár, cortar ou picar em pequenos pedaços a herva-matte; chacara ou chacra, como granja ou quinta; china, — mulher de raça indigena, que deu chinóca e chiniha —, caboclinha, filha de china. Porongo, é uma abobora de que fazem cuias; matte, que é a congonha tupi, a caúna guarani, será o matte chimarrão ou o chimarrão gaúcho. Do portuguez arcaico ouviremos entre muitas outras vozes: car-

retear; elina por erina; cóla, por cauda de animal. Do africano, principalmente na região das xarqueadas ou saladeros onde negros avultaram, occorrem constantes: angú, balaio, banguê, bugiganga; ca-cunda, cafundó, cangica, capanga, ca-xambú; dengue, calombo, gimbo; lundú, malungo, mandinga, mocambo, muxoxo, tarimba, zambo, ou bem cerca de duas centenas de palavras com essa origem.

Accentuada, como esboçámos, a influencia da vida do pastoreio na contribuição linguistica rio-grandense para a riqueza da lingua nacional, ou do portuguez falado pela nossa gente, é bem interessante lembrar-se, ao encerrar-se este capitulo, que dentro desta vida campestre hoje profundamente brasileira, se animam vozes de certa sonoridade, colorido e bravura, que marcam a expressão pastoril de sua gente e differenciam os campeiros de uma “vaquejada” do norte, de um “rodeio” dos pampas, de um “estouro da boiada” no nordeste, de semelhante prova de bravura e pericia no Rio Grande do Sul.

Apanhemos, para exemplo, em linhas geraes, esse espectaculo que assume proporções maiores quando, principalmente o nevoeiro baixando ou a garúa cahindo sobre os campos, envolve o quadro em raro vigor de epopéa.

Para tanto, qualquer motivo imprevisto basta para indisciplinar o rebanho, levar-lhe a nevrose do panico

em desafio á bravura do campeiro sulino. O rumor produzido por um m a t u n g o enredar-se nas rodilhas de um s o v é o , — ou um grito de um pi á , ou a corrida de uma rez tomada de pavôr — , basta para criar o espectáculo empolgante do “estouro”. E quanto mais se ouve o estralejar continuo das g u a m p a s , “como incendio de um taquaral que o vento atêa” ou estrondo alternado de abafados rumôres vae roncando e surdindo no rebojo da massa do gado em desordem, por fim desabalada em tropel, mais se levanta a celeuma da peonada aos gritos fôrtes e bravos de — volta! volta! —. E’ então que o gaucho dos pampas brasileiros se ergue, de prompto, na sella de sua montada e, destemido, aranca em vertiginosa corrida.

Leva-o um destino, que é o da vida de seu cavallo e de sua propria vida; e, parecendo sem rumo ou sem norte, vae ás vezes, entre a bruma, varando os campos, ouvido á escuta, a cabeça cosida ao pescoço do cavallo, guiado pelo rumor longinquo do tropel barbaro, buscar a “ponta” da tropa. E, em ahi chegando, após a arrancada valente, com sua galharda figura alteada sobre a sella, e affirmada pelo seu punho seguro de boleador, pela destreza com que atira o laço, pela sua voz bravia e cheia, ousará conter a onda barbara, transformar aquella massa selvagem em rebanho obediente ou docil.

E se as nevoas da noite ou os arrebóes da madrugada o surpreendem ainda nessa lida exaustiva, succede-lhe com o dia claro o cauteloso labor de dispor o rebanho para o pastoreio e, por fim, para o “rodeio” em campos mais proximos da mais proxima estancia.

Tocada para ahí a boiada, enquanto alguns se entregam ao afan de cerrar e parar o rodeio, bẽm ao centro delle os campeiros vãõ apartando as rezes para as xarqueadas ou saladeros, curando terneiros, ou destinando-as a serem marcadas ou castradas. A' peonada, a certa distancia, caberá a faina menos ardua: formar com o gado manso, um outro grupo em rebanho, a que chamam sinuelo, para servir de guia ao gado bravio quando se o houver de tirar do rodeio.

Voltadas as horas de seu descanso, lá buscará o campeiro a sua rancheria, que marca num arraial de uma dezena de ranchos uma typica paizagem da vida rural rio-grandense, e onde poderemos colher tantas expressões vivas de seu folk-lore regional.

E ahí folgará com sua china, morocha ou piguancha, e através de alguma noite de fandango ou baile de relancina, assará seu churrasco, chupará pela bomba da cuia seu chimarrão, ou cantará suas canções ao relento; até que pelo raiar do dia, caia garúa fina ou sobre o minuano cortante, elle, vestido com seu poncho, caminhe no seu lubuno para o serviço da estancia. Mas, se por acaso, por ella se fizer escutar o grito de guerra, e correr a rebata a gauchada atrevida, elle tomará entre os mais seu posto de combate, cavalgará um dos piquetes, e lá irá a gaúchar, entreverar, pelear pela fronteira ou pelos pampas.

E' o gaúcho, por instincto, a sentinella da nossa fronteira sulina, como o jangadeiro é o vigia da nossa fronteira maritima do norte.

A' geographia das bandeiras e do gado tendo por centro de irradiação São Paulo para conquista do sul e dos sertões centraes, occidentaes e nordestinos, tambem se ligou a geographia da canôa ou montaria, motivo do seguinte capitulo deste ensaio.

Seus principaes agentes, nesta empresa, foram as bandeiras paulistas, ou outras expedições merecedoras da direcção do portuguez, partidas de São Paulo, e que, descendo o Paraná, subindo o Paraguai, pelos rios menores alcançando o Araguaia ou Tocantins, ou vencendo o Guaporé, o Tapajós, o Madeira, attingiram o Amazonas, assim como, as que, partidas do coração amazonico e descendo os mesmos rios, mantiveram a ligação do rio-mar com os sertões principalmente goianos, mattogrossenses, mineiros e paulistas.

C A P I T U L O I V

O SERTÃO

A GEOGRAPHIA DA CANOA OU MONTARIA, DO MARANHÃO Á AMAZONIA

Vicente Yañez Pinzon, dando vista do Mar Dulce em 1500, antes da armada cabralina descobrir o monte baptisado Paschoal na futura costa bahiana, merece nos modernos annaes americanos o titulo de descobridor do rio mar. Descobridor do continente sul-americano tambem já o seria Colombo desde quando em sua terceira viagem de 1498, attingindo a foz do Orenoco, era testemunha de vista de como a terra recém-descoberta prolongava suas ribeiras atlânticas no quadrante do sueste.

Estudada a derrota de Pinzon, em certas passagens deficientemente informada, mas conhecidos os regimes de correntes e ventos que cursam o oceano Atlantico; interpretando-se como marinheiro sua navegação possivel em navio de vela no anno e mez em que foi realzada; tendo-se em vista, por essa epoca, o afastamento da α da Ursa Menor de — 3° e 30' do pólo, o que permitiria sua visibilidade em boas condições atmosphericas

ao sul do equador; considerada a heurística e em particular a cartographia em que os Portuguezes attestam, durante algum tempo, ter duvidas sobre a identificação geographica do Marañon ou Mar Dulce e do Maranhão actual, é antes dever que favor attribuir-se a Vicente Pinzon a honra insigne desse descobrimento.

A seguir, porém, provecos pilotos portuguezes, como, entre outros, João de Lisboa, João Coelho, Diogo Leite, ou mesmo de varias nacionalidades, como Pedro Corso, navegando mais constantes ao longo da costa orientada approximadamente ao noroeste-sueste do rio do Marañon (Amazonas ou Mar Dulce) até a ponta do Calcanhar ou além, até o Cabo de S. Roque, foram ganhando sobre os espanhóes a vantagem de melhor conhecimento desse littoral, como attestam os primeiros exemplares cartographicos peninsulares do seculo quinhentista.

A' Espanha, todavia, estão para sempre ligados pelas ephemerides amazonicas os acontecimentos mais remotos da historia dessa conquista dentro dos seculos XV e XVI.

Quarenta annos depois do feito pinzoniano assignalado á foz do Mar Dulce, Francisco de Orellana, se bem que criando a lenda das Amazonas, não deixará incerteza tanto sobre a phantasia desse nome no baptismo do rio-mar quanto da primeira descida realizada dos domínios sul-americanos de Castella, ao occidente da linha divisoria estatuida pelo tratado de Tordesilhas, para a Costa do Atlantico, e dos quaes Portugal, tanto ao sul quanto ao norte, começava indevidamente a se apossar,

As expedições de Ayres da Cuiha e Luiz de Mello, destinadas ás terras do Maranhão, vencidas por temporaes e naufragios, destas não chegaram a tomar posse official, nem tambem a de Orellana, ao voltar da Espanha, onde levara noticia da sua memoravel viagem, por naufragar talvez no Guamá quando pretendia attingir o Amazonas e completar de retorno o feito de 1540.

Na esperanza de obterem grandes thesouros prometidos pela presença de indios que, em Quito, cambiavam ouro por ferro com os castelhanos, em 1560 viajavam das terras do Perú Pedro de Ursua e Lopo de Aguirre pelo Huallaga em busca do Amazonas. Occorrendo a morte de Ursua, Aguirre, com o commando da tropa expedicionaria, a trazia até a foz do Amazonas, e a seguir até a ilha Margarita e costa da futura Venezuela, por elle e os seus entregues a salteio e rapina. Assassinado o chefe, estava frustrado qualquer outro commettimento dessa gente barbara.

Do Perú, entretanto, proseguiram os missionarios sob a orientação do poder de Castella pouco a pouco a alargar os descobrimentos para o valle amazonico, emquanto pela foz do rio-mar já os galeões hollandezes andavam ciosos de tão valiosa posse, e os francezes, senhores do Maranhão, pelo rio Pará o buscavam para levar até esses extremos seu dominio. Mas, expulsos pelo colonizador os francezes do Maranhão, por sua vez, foi Portugal com a continuidade de avanço affirmando até ahi e além seu poderio. Em missão de conquista e povoamento das terras, ao depois conhecidas por do Grão Pará, o Capitão-mór Francisco Caldeira de Castello

Branco, chegou, em 1615, á bahia do Guajará, a cujas margens fundou a cidade de Belém. Explorado o Amazonas á sua foz pelo piloto-mór de Pernambuco Antonio Vicente Cochado, antes servindo na expedição de Castello Branco, reconhecida por elle a divisão das aguas amazonicas, as do rio Pará e as do rio das Amazonas propriamente dito, a cuja montante foi cerca de 400 leguas, muito serviu este reconhecimento a um outro portuguez valoroso que, como Alferes da mesma conquista, viera e nella se distinguira combatendo indios e hollandezes a beira-rio e a beira-mar. Pedro Teixeira foi esse intrepido sertanista que, partido de Gurupá em 17 de Outubro de 1637 com a sua flotilha de 47 canoas, em maioria de grande pórte, com 1200 indios de remo e peleja, mulheres e crianças, ao todo 2500 pessoas, capitaneou a missão por tantos titulos notavel, da foz amazonica até, para oeste, os mais indiscutíveis dominios sul americanos de Castella.

Fomes e lutas, deserções e mortes, tudo affrontou nessa jornada; e, quando o desanimo queria abater os espiritos, para elevar-lhes o moral dava o commando da avançada a um filho da terra, o mestre de campo Bento Rodrigues de Oliveira, tapejara utilissimo, guia seguro da phase difficil —, emquanto na retaguarda, communicando a todos sua vontade e energia, os conduzia ao termo desejado. A um affluente do Napo, o Paiamino, aportavam a 15 de agosto de 1638, plantavam padrão de posse e de lá seguiam para a cidade de Quito.

A chegada dos expedicionarios despertou desde logo sobresaltos na gente espanhola e entre dignatarios do

governo, movidos pela supposição de que por tal caminho pudessem tambem vir corsarios francezes, inglezes e hollandezes em demanda das terras do ouro. Por esse motivo teve logo Pedro Teixeira ordem de, com sua gente, regressar pelo mesmo caminho navegado, certo por terem os castelhanos em mente guardar absoluto silencio sobre a aventura portugueza.

Em 12 de dezembro de 1639 estava a expedição de volta a Belém. O rio-mar ganhara novo baptismo dado pelos castelhanos — S. Francisco de Quito —, e a chronica da expedição, nem sempre veridica, começaria a ser escripta pelo Padre Christovam d'Ácuña, da Companhia de Jesus.

Explorar, conquistar, colonizar, deveria ser, para Portugal, a unica maneira de affirmação de um seu direito perante nações poderosas que disputavam a posse do grande mediterraneo americano, ainda que, pelo rigoroso traçado da linha estabelecida em Tordesilhas, só á Espanha devesse pertencer o grande rio da America

Essa posse, porém, só a poderia levar a termo quem soubesse e pudesse realizar um plano adaptado ao meio geographico e ao homem autochtone que, até então, o conseguira dominar.

Se anthropo-geographicamente só auxiliado pelo gado e pelo vaqueiro poderia o homem europeu criar a colonização luso-brasileira no valle do São Francisco, ao compasso da qual se deu o caminhamento da lingua ar-

caica portugueza com seu consequente caldeamento sob forma de um dialecto regional, tambem só com a ubá, igara ou canôa, guiada pelo bravo canoeiro indigena, seria possivel pelo colonizador leva-la, se bem que muito lentamente mestiçada, ao coração da Amazonia.

Lá, teriam de vencer asperos caminhos, campos alternados de pastagens e rios correntes, ou leitos calcinados pelas seccoas em aridos desertos; de abrir picadas nas serras com o gado para com elle se fixarem em pleno sertão. Aqui, teriam de navegar “os caminhos que andam” ou os rios grandes e pequenos; “os caminhos de canôa” ou igarapés; os igapós ou alagados de onde emergem mattas que os sombreiam; os encaixoeirados ou corredeiras, aos quaes só o jacumaba, o indigena piloto da canôa, teria a subtiliza ou a capacidade de vencer.

A ubá, primitiva embarcação desse selvicola, ligeira e sem quilha, ou era feita do tronco de uma arvore, excavado a fogo, ou seria a casca de uma palmeira como a paxiuba ou a jutahi, pois que ao seccar, em crescendo para as extremidades que o indio amarrava com cipós, bojando a meio e tornando-se impermeavel, podia fluctuar com segurança.

Della, surgem a igara, a igara-mirim, a igara-açú, ou a canôa, a canôa pequena, a canôa grande, — expressão tupi, interpretada no littoral tambem por navio —, além da igarité ou a “canôa verdadeira”, a que os aborigenes do Amazonas accrescentavam uma rodella á prôa, e não o talhamar só mais tarde introduzido, parece, nesse genero de barco pelo europeu.

Embarcação sem quilha, a canôa em geral, era a unica apropriada á missão do colonizador no systema hydrographico em que elle passava a viver: já por ter de singlar sobre baixios de areia; de deslizar sobre corredeiras em que mesmo emborcando a embarcação pudesse fluctuar com ella sem submergir; já por ter de navegar sem riscos maiores, por igarapés onde abundam raizes, troncos de arvores cahidos das ribanceiras, occultos mas quasi á flor das aguas; já por ser ella de encalhe ou desencalhe facil nas margens onde havia de pousar; já, por maneirosa e leve, ter de fazer um só systema de agilidade, destreza e até de mansuetude com o canoeiro indigena, tantas vezes empenhado em caçar, pescar, agir pela calada em meio povoado de silencios profundos, avassalladores e traiçoeiros.

O colonizador, tomando-a e dando-lhe proporções maiores para seu instrumento de conquista, fez della, como do cavallo na zona pastoril que criou nos nossos sertões, a sua montaria, e do aproveitamento do autochtone e do mestiço que foi aggregando á sua aventura, exploração e povoamento, elementos essenciaes para realizar ahi o dominio do homem europeu a par da propagação da religião, do idioma e de intercambios primitivos.

Dessa maneira de adaptação ao meio physico participou o missionario em grande escala, tanto o que, partido das regiões coloniaes do Perú, vinha descendo o systema fluvial amazonico na pratica da catechese christan a serviço da Espanha, quanto o que, subindo-o ou

internando-se pelos afluentes maiores ou menores, realizava a mesma obra subordinada á politica de Portugal.

Pelo isolamento tambem em que se encontrava das sedes do Governo na extensa colonia, — devido ao contraste das monções, á ausencia de caminhos e roteiros sertanejos que a ellas o ligassem, para prompto soccorro —, o Amazonas participou por largo tempo do destino do Maranhão e do Pará. Attestam-no a geographia politica criada por Portugal para governar esse sector brasileiro e outros actos administrativos que a elle dizem respeito.

Dessa politica participou tambem, de inicio, o estabelecimento das missões catholicas.

Em 1624 Christovão Lisbôa chegou ao Maranhão, com 18 religiosos capuchos. Só depois d'elle veio o padre Luis Figueira, digno representante da Companhia de Jesus, — a quem tanto deve o apostolado do Bem na America e as letras brasileiras não deverão menos pela elaboração de sua grammatica da lingua geral. Foi-lhe madrastra a sorte impedindo-o de realizar sua outra phase missionaria, por encontrar o termo de sua vida nas aguas da bahia do Sól. Seus companheiros de roupeta e missão, salvos do naufragio e do massacre dos indios, nas mãos de outros barbaros tambem deixaram a vida, no rio Itapicurú, quando em soccorro buscariam o Maranhão.

Ao principe da lingua portugueza falada no Brasil, o padre Antonio Vieira, ficaria reservada a nova empre-

sa missionaria que só aportaria ás aguas maranhenses em 1653, antecedida, todavia, dos vanguardeiros della sob a direcção do padre Francisco Velloso, os verdadeiros fundadores da Casa da Companhia no Pará.

Seu ponto capital seria a liberdade dos indios, motivo de tantas desintelligencias e hostilidades entre governo, missões, colonos e captivos.

Passado do Maranhão ao Grão Pará, nos dará elle, em uma das producções de sua privilegiada penna, aspectos do panorama contemporaneo desse extremo nórte da colonia.

“No Pará — diz Antonio Vieira — onde todos os “caminhos são por agua, não ha uma canôa de aluguel. “Para o homem ter o pão da terra (a farinha da mandioca) ha de ter roça; e para comer carne ha de ter “caçador; e para comer peixe, pescador; e para vestir “roupa lavada, lavadeira; e para ir á missa, ou a qual- “quer parte, canôa e remeiros. Os moradores de mais “cabedal, teem a mais de tudo isto costureiras, fiandeiras, rendeiras, teares e outros instrumentos e officios, “de mais fabrica, em que cada familia vem a ser uma “republica”.

Gente pobre, soldados idos de Pernambuco, ilhéos nóbres portuguezes, oitenta moradores ao todo, mas já quatro conventos e numero não pequeno de padres, generos importados do reino por preços altissimos, ociosidade e alcoolismo, excesso de autoridade, escravatura barbara do indio, — tal o painel que elle pintava em côres as mais vivas e linhas as mais fórtes e precisas.

A penetração missionaria, a principio, preferiu a margem direita do Amazonas; só depois de 1663 a outra margem foi attrahindo as missões que se foram localizando no rio Branco, no rio Negro, nas proximidades aonde se veiu a fundar Manaus.

Duas phases missionarias portuguezas, porém, bem características, deverão ser attribuidas aos annos de 1663 e 1751, porque pela carta regia de 1663 licenças foram concedidas: aos jesuitas para missões na “margem meridional do Amazonas sem limite de sertão”; aos “padres de Sto. Antonio, no sertão do Cabo Norte e na margem septentrional do grande rio compreendendo os rios Jari, Parú e a aldeia Urubucuará, fundada pela Companhia de Jesus”; e aos “da Piedade no districto de Gurupá com as aldeias visinhas, e nas da margem septentrional do Amazonas, desde o rio Trombetas até o rio Negro, e tambem no rio Xingú”. E já em 1751, segundo “Os Jesuitas do Grão-Pará” de João Lucio d’Azevedo, as missões do Amazonas iriam sendo exercidas pelos Jesuitas em vinte aldeias; pelos Capuchos de Sto. Antonio, em nove; pelos Capuchos de São José ou da Piedade, em dez; pelos Carmelitas, em dezeseite.

Nesse ambiente, colonizadores e missionarios quasi sempre em luta aberta se encontraram. Poucas vezes harmonizavam seus intresses de momento com os verdadeiros quando os possuiam, e com a verdadeira fé quando a professavam, principalmente pela crise resultante de ser a escravatura do indio, estabelecida pela lei de 17 de outubro de 1653, abolida pela lei de 6 de junho de 1755.

Quando a canôa de proporções maiores, passou a ter casco encavernado, pavez na borda, tolda de palha em forma de telhado ou *pana e arica*, bancadas para remadores das pás ou *jacumans*, mais conhecida ella se tornou pelo colonizador — “a *montaria*” construída e escolhida para outras viagens empreendidas pelos colonos, missionarios, aventureiros entregues ao resgate de indios ou pelos regatões em seu commercio licito ou illicito.

Foram ellas contemporaneas dos primeiros sonhadores do precioso metal, como Bento Maciel em 1624 e Simão Estação da Sylveira em 1625, em busca do rio do Ouro ou do “Jago Dorado”; do jesuita Souto Maior em 1656; de Gonçalo Paes ou Pires e Manuel Brandão em 1669 entregues á exploração do Tocantins; em 1674, da expedição do padre Raposo Tavares; da de Samuel Fritz em sua descida das missões castelhanas do Solimões em 1689, depois batidas por Ignacio Correia para affirmar a posse de Pedro Teixeira, reconquistadas pelo jesuita Sana e novamente expulsas por Antunes Fonseca e pelo estabelecimento das missões carmelitanas naquelle rio.

Fossem ellas as “*montarias*” das tropas de resgate e captiveiro de indios; fossem as embarcações apropriadas á busca de canella, cravo, castanha, cacau, guaraná, salsaparrilha, tabaco, mandioca, baunilha, siringa, oleos e breus, piassabas, embiras, madeiras de construcção—; fossem em expedições guerreiras para bater os torazes e os juiñas, ou outras tribus rebeldes; fossem as usadas

por Mello Palheta, introductor do cafeeiro no Brasil, na subida do Madeira até os aldeamentos espanhóes; fossem levadas pelos sonhadores do descobrimento do ouro por outros affluentes amazonicos do sul; cruzassem-se com os barcos mineiros da terceira decada do seculo XVIII que desciam o Araguaia e Tocantins em busca do Amazonas, vindos de Goiaz e Matto Grosso; fossem contemporaneas das chegadas das bandeiras de São Paulo, tanto da de Raposo Tavares em 1651 quanto das de Manuel Felix de Lima e Leme do Prado em 1742 e 49; fossem contemporaneas do descobrimento da communição do Orenoco com o rio Negro; das subidas das diferentes commissões demarcadoras dos limites entre as colonias de Espanha e de Portugal, em que assistiam homens de notavel saber em varios ramos da sciencia; concorressem para a fundação de tantos fortes e fortalezas, e dos muitos levantamentos topo-hydrographicos que realizavam os demarcadores; fossem testemunhas do valor de Samuel Fritz, Silva Pontes, Sampaio, Lobo d'Almada, Alexandre Rodrigues Ferreira, Spix, Martius, e tantos e tantos outros, — “as montarias” amazonenses desse póрте realizaram uma grande obra ou symbolizam ainda hoje, a par do homem votado á conquista e ao trabalho, um instrumento da marcha e mestiçagem da lingua portugueza no seio do Amazonas.

Desde quando Gomes Freire de Andrade vem combater o levante de Beekman no Maranhão e administrativamente abolir a Companhia de Commercio, tentar so-

lução favoravel para o caso do captiveiro dos indios e lutas consequentes entre colonos e missionarios até o Amazonas, abre-se para este sector geographico uma phase de grande valor politico.

Foi acto seu de rara visão de estadista o integrar o Maranhão e demais terras limitrophes ao norte, no proprio Brasil-colonial; porque pelos contraste das monções, como dissemos, e pela falta de caminhos conhecidos ou roteiros desse sertão para os outros sertões brasileiros, era mais facil á Metropole attender aos reclamos militares e administrativos do Maranhão do que ás sédes dos governos installados no Brasil. Entregue a João Velho do Valle a empresa meritoria que pudesse unir os sertões maranhenses aos sertões limitrophes de sueste, e acima de tudo aos sertões bahianos, onde corre o rio de S. Francisco de tão alto papel na nossa historia, elle soube resolver vantajosamente um dos nossos mais valiosos problemas de integração colonial. E deste feito, participou á mysteriosa Amazonia ligada aos outros sertões pela immensa rede de seus rios e, assim, integrada de vez num mesmo systema de formação politica luso-brasileira e americana.

Do entendimento commum para dominar os elementos e manter vida economica indispenavel ao homem empenhado em navegações constantes nessa rede de rios de infinitos peixes, em explorações nessas mattas de caça abundante e de productos naturaes de toda a especie,

criava-se um intercambio de idéas através de vozes que estas tinham por fim exprimir, e como que, materializar.

Montando o estuario do rio caudaloso, expressivos termos das linguas indigenas, principalmente da lingua geral, passavam a ser familiares á fala diaria da gente adventicia.

O “mar corrente” — *M a r a ñ o n* — ou Amazonas, grande caudal que simula um mar a correr —, tinha na sua significação indigena, — como já dissémos —, a explicação da propria expressão hydrographica; *M a r a j ó*, pela sua situação á foz amazonica, como antepara ao mar, ou melhor “como tirada ao mar” (segundo Theodoro Sampaio, *m b a r á - y ó*), era a grande ilha que, por sua vez, dava seu nome ao vento duro que nesse quadrante sopra, pela tarde, sobre a bahia de *G u a j a r á*; *M a c a p á* (ou maca-paba) local que se caracterizava pelos palmares de *m a c a b a* ahí existentes, não desmentiria para elles essa mesma voz. E se logo á margem da esquerda, se dava com o *J a r i* (segundo Martius, senhor de agua), ou com o *P a r ú*, por tomar o nome do peixe que em suas aguas abundava, e iria ao oeste o colonizador baptizando seus povoados ou villas, Monte Alegre, Santarém, Obidos, Barcellos, como reminiscencias da terra lusitana, tambem nomearia rios, villas, lagos, furos, *i g a r a p é s*, com o appellido de certas tribus de indios de “habitat” conhecido, como *m a n a u s*, *t u p i n a m b a r a n a s*, *t a p a j ó s*, *s o l i m õ e s*; *a b a c a x i s*, *m a u é s*, *p u r ú s* (purupuruz, segundo Martius); *m a r a b i t a n a s*, *u a i c u r u p á s*, *u a u p é s*, *n h a m u n d á s* ou *y a m u n d á s*. Traduzindo-as, ou

acceitando-as pelo que representavam ou suggeriam, incorporaria no seu falar diario vozes como *itacoatiara*, traduzivel pela pedra pintada ou a inscripção na pedra; *tabatinga*, o “barro branco” que caracterizava determinado logar; *javari*, rio da onça; *uarapurú* (ou *guarapurú*), rio do guaraná; *jaumhi*, rio dos jaús (*Martius*); *Urubucua*, buraco ou domicilio dos urubús; *juthi*, rio onde abundava a leguminosa desse nome; *juruparipira*, lagôa do rio Madeira, do “peixe do diabo”; *Quecuené*, segundo o Diccionario Topographico de Araujo e Amazonas tambem *Quecuené*, que, na lição de *Martius*, em lingua Baré, quer dizer — rio Branco, nome em lingua portugueza que ainda hoje conserva, — além de uma infinidade de toponymos em linguas tupi, geral e em tantas outras variadas linguas ou dilectos amerindios.

A pesca e a caça, a que eram todos elles forçados para o proprio sustento, e em que o indigena, com rara habilidade, empregaria a “*sararáca*, o *pin-dá uauáca*, o *pin-dá-siririca*, o *timbó* (*Paulinia firmata*), mais o arco e a flexa, o arpão; “o anzol de canniço, a rêde de pescar e a *tarrafa*, não menor colheita davam para a lingua vencedora, com esses e muitos outros termos em curso na vida fluvial.

Curiosas, principalmente, são algumas pescas praticadas, com originalidade, pelo nosso caboclo amazonense: a do *pirarucú*, — nome cuja traducção é “peixe avermelhado” —, feita com o arpão certo a bus-

ca-lo, tantas vezes, no fundo das aguas; a da tartaruga, com o auxilio da s a r a r a c a , ao respirar o amphibio á superficie, o que o caboclo pacientemente espera horas a fio para feri-lo com certo e penetrante tiro de flecha por elevação; e outrosim nas praias, occulto nas moitas ribeirinhas, por occasião das desovas, para a um dado momento avançar sobre a immensa chusma dellas, e “vira-las” afim de impedi-las que tornem ás aguas fluviaes.

E’ a essa caça ou pesca dado o nome de v i r a ç ã o .

Gado do rio ou — vacca amazonica — como ahi lhes chamam, são as tartarugas productoras do mais variado alimento ao homem nessas paragens. Dellas tiram os caboclos a banha, preparam a manteiga, fazem a sopa gorda ou o s a r a p a t e l , o p a x i e á , o guisado, o assado que, dizem, mergulhado um dia inteiro no t u c u p i , ganha o mais delicioso sabor.

Após a v i r a ç ã o , que póde ser motivo para apri-
sionarem quasi uma centena dellas, são as tartarugas conduzidas, como qualquer outro gado, para os “curraes” ou “caïgaras”, armados ao longo das margens do rio.

“Gado do rio”, ou “vacca amazonica” é pois, e h a -
m a d a a tartaruga, com justa razão.

A pesca do peixe-boi é outro mister engenhoso dos indigenas, como tambem a pequena pesca, pelos artificios solertes de que nellas usam. Envenenando as aguas fluviaes, ou particularmente das lagôas, com o succo do t i m b ó e de outros vegetaes narcotizantes, construïn-

do as tapagens ou *cacuris* com cercados ou *paris*, — também chamadas *mucuoças* no Pará —, usando de cestos ou *jequis*, removendo as águas com os remos ou fazendo *moponga*, ou á flor d'água tendo fachos accesos para attrahirem á canôa o peixe quando emerge em salto, — em tudo sobresae seu engenho privilegiado ou singular.

Cita José Verissimo a astucia com que os caboclos agem nesse labor quotidiano, e particulariza o uso de dois instrumentos da pequena pesca. “Um, é o *pin-dá-siririca*, anzol occulto por pennas encarnadas, por “pedaços de baeta ou doutra materia de igual côr; dentro d'água illude ao *tucunaré* (excellente peixe do Amazonas), o qual, “julgando vêr ali alguns peixinhos de que se alimenta, se atira ao anzol e fica fisgado”. “O segundo instrumento é igual ao primeiro; “o modo de usa-lo, porém, é differente. Em lugar de o “prenderem a uma vara, atam-no, com uma linha com “prida, á popa da canôa; e uma vez movendo-se esta “com rapidez, começa o *pin-dá-uauaca* a correr “sobre a água, exactamente como fazem os pequenos “peixes” sempre victimas dos peixes maiores. (J. Verissimo, *Scenas da Vida Amazonica*, nota pg. 82).

Desde as primeiras epochas do descobrimento do valle amazonico notou o colonizador a existencia de duas estações hydrographicas em correspondencia ás quatro estações mais sensiveis em outras latitudes: a da enchente ou inverno, e a da vazante ou verão. Esse phenomeno

meteorologico leva o caboclo a trabalhar na vazante e a folgar na enchente. Naquella, busca elle as praias secas e ardentes para a "viração" das tartarugas, ou os rios para a pesca do peixe-boi e do pirarucú; o rancho, para a manipulação da apreciada manteiga daquelle reptil amphibio; a caça na matta, e na floresta a colheita das chamadas drogas do sertão ou especiarias. Nesta, vota-se nos vagares aos puracês ou bailes indigenas regionaes, aos festejos que, se bem que caracteristicamente autochtones, revelam desde o primeiro seculo da colonização já a influencia das missões catholicas.

Filia-se nessa obra da catechese a festa do sairé, dança ou samba primitivo do selvicola amazonensê, em que os jesuitas habilmente radicaram um mysticismo capaz de explorar-lhe o animismo amedrontado com os juruparis, curupiras, martins-tapêrê, ou guias malfazejos quaes capetas ou demonios. Das tentações e credices que lhe perturbavam os sentidos, cita-se a do uyára, como a de maior propagação geographica. Nella é figura primacial o boto, cujos olhos são preciosos amuletos para os amantes, e a que o caboclo empresta o dom de agoirar ou seduzir, como habitante dos rios e lagos, propiciando naufragios de ubás ou montarias para raptar, e ter em seus dominios, as moças por ellas conduzidas, chegando até a tomar apparencia humana, para galantea-las e possui-las. A propria emoção com que o caboclo escuta o canto argentino do uirapurú ou yrapurú, — passaro castanho do tamanho de uma patativa e difficil de ser apanhado

vivo,—ou guarda seu talisman tão apreciado, a pedra verde ou *m u i r a k i t a n* que traz pendente do pescoço, não seria bom instrumento no labôr intelligente do jesuita da catechese para iniciar o entendimento do selvicola em mysterios mais altos?

O *s a h i r é* — é voz que, na lingua geral, significa segundo Theodoro Sampaio — “a corda em gyro”, ou melhor, uma especie de dança em roda — mas que, para José Verissimo, representa “corôa”, reportando-se muito justamente ao instrumento ou arco que é o motivo indigena desse prestito e festival, o centro geometrico de um animado *p u r a c ê*. Como “arco” symbolico, tambem a interpretava o bispo d. João de S. José Queiroz em 1762, ao assistir a um desses bailados curiosos ao som rouco de um tambor, e no qual a influencia missionaria se faria sentir na narrativa de um indio velho “representando ao vivo a innocencia dos pastores de Belém”, nas respostas das indias em côro ou nas tambem usadas em “cantigas no mesmo idioma de algumas notadas na tragi-comedia do padre Antonio de Macedo representada em Lisbôa para Philippe II em Santo Antão”.

O arco indigena — o *s a h i r é* ou *s a i r é* —, conduzido na frente do prestito, é um semi-circulo, com diametro, e raios assignalados todos envoltos em algodão; delle pendem fitas vermelhas, e é ornado com uma cruz forrada e enfeitada, revelando o symbolo catholico que o jesuita accrescentou ao outro symbolo pagão o qual, pela fórma geometrica revelada, mostra sua origem em povos americanos de civilização mais avan-

çada, quaes os aztecas e os incas. E' um exemplo de como foi o missionario mestigando a fé catholica, através da dança e do canto, para catechisar o indio e domina-lo por fim.

O prestito formado, enfeitada a capella local onde naquelle dia se reza a "ladainha", desfila entre alas de varas enforquilhadas ao alto para agarrarem meias cascas de "laranja da terra" cheias de azeite de andiroba onde são mergulhados pavios accesos.

Faz-se, assim, um arruamento muito original e luminoso entre o qual o prestito passa ao som do rouquenho tambor.

E', como bem diz José Verissimo, "uma cerimonia "religiosa e profana" ao mesmo tempo; "entram nella "a reza e a dança". "Esta, consiste em passos curtos, "como o marcar-passo dos soldados, com um movimento "em que a (india) velha do centro serve de eixo sobre "o qual gyra o sairé, nos arcos de circulo que com "elle fazem as outras duas velhas: uma, para frente, "outra, para traz, e vice-versa. O cantico é uma me- "lopéa triste, monotona e rouca". E os versos? Escutemos os dois primeiros versos da cantiga:

"Ita camuti pupé nei assucá pitani pu-
[rãga ité,
assim traduziveis:

— "Em uma pia de pedra foi baptisado o bello menino",
e logo o estribilho por todos repetido:

— "E' Jesus, é Santa Maria.

"Santa Maria cunhã porãga imembira iaué catú, ipu-
[tira ipop."

(traducção): “Santa Maria (é) mulher bonita e seu filho (é) como ella, com uma flôr na mão”.

Do mesmo teor é a festa do Espirito Santo levado em uma “montaria” repleta de gente, sob batuques de tambores, e a que se vão aggregando outras canôas sahidadas de furos, igarapés, paranã-mirins, por onde ella vae passando, para assim lhe darem as honras de capitânea da flotilha em marcha. Demandado o “sitio” onde vai ser realizada a festa, é esta iniciada por ladainhas ou outras orações catholicas; e, uma vez estas terminadas, e proseguindo o festim com danças indigenas, ajudado com comidas e bebidas em quantidade, encerrado só será com a embriaguez e a devassidão dos romeiros.

Outra cerimonia de mestiçagem catholica e profana é commum entre o gentio Mauhé dado ao vicio do tabaco — Paricá —. Começa esta festividade pela flagellação dos corpos dos convivas com azorrague de couro de peixe-boi, anta ou veado, — diz um escripto de Alexandre Rodrigues Ferreira (B. N. Ms., 1-4-1 nº 24). Na falta desse couro usam para o dito supplicio de “huma corda de pita bem torcida no comprimento de “huma braça” tendo “na extremidade uma pedra, ou “outro qualquer appenso que seja solido e que fira”. “Açoutam-se dois a dois. O paciente recebe os açoutes “de pé, e com os braços abertos, emquanto o flagellante “o fustiga á sua vontade. Pouco depois passa o flagellante para flagellado, e assim cada parêlha segue seu

“turno. Nisto consomem 8 dias: elles, na cerimonia “da flagellação; as velhas na preparação do Paricá, “na dos vinhos, na das fructas e do beijú. Segue-se a “função de participarem destes os que participaram “dos açoutes. A virtude narcotica do Paricá, o “modo de o sorver, e a demazia dos vinhos obram com “tanta violencia, que os que não morrem, algumas vezes “suffocados do tabaco cahem semi-mortos e cahidos fi- “cam até lhes passar a borracheira. Passada a primei- “ra, principia a segunda: he do estatuto da festa, durar “a borracheira tanto, quanto durarem os açoutes”.

Proseguindo a “montaria” na sua missão historica ao mando do colonizador, do missionario, do bandeiran- te, e mais tarde do regatão, por essa rede caprichosa e tantas vezes perigosa dos rios, além da pequena monta- ria do caboclo, do barco mineiro descido do Tocantins e do Araguaia carregado de couros dos rincões matto- grossenses e goianos e transportando de retorno sal prin- cipalmente para os seus rebanhos, tambem se avistaria com outras embarcações typicas regionaes. Estão neste numero as g a m b a r r a s usadas na conducção do gado não só no proprio Amazonas como em zonas limitrophes; as grandes balsas dos indios P a m a r i s ou P a u m a - r i s, reconhecidamente ictyophagos, chamados Ita- p a b a s, com camarim ou casa de palha ao centro, ver- dadeiras casas fluctuantes, como as usadas em Guaia- quil, e impulsionadas a zinga ou vara; as canôas das ex-

pedições paulistas tão diversas em certos aspectos ás outras, no Madeira, no Juruá, no Tapajóz.

Com o autochtone aprenderiam que, para cascos de embarcações maiores, seriam de mais valor os paus da acaiuca-rana, da acapurana, do angelim de pedra, do angelim preto, do bacori, do cumarú, da embirarema, da guarijuba, da itaúba, da jutahi, do pequi, do pequiá, da sapupira; para falcame e bancos, do acapú, da cupiuba, do curupito, da andirobeira; como tambem para mastros, da embira branca e preta, da jacareúba, do castanho; para as varas ou zingas, da acaraúba, do anani, da palmeira marajá; para os remos, da itaúba, da manganarana, da aiutaiica; para os cabos ou amarras, os cipós, e as embiras variadas; para calafeto dos cascos, a estopa tirada da casca do cumati, da mucunan, da macucú; para bréar os cabos e calafetos, as resinas do anani, do sicantãa-ihua, o leite da massaranduba ou o succo de outros vegetaes. (idem).

Nas expedições era sempre o indio, o piloto da embarcação, o homem “do leme” ou “da pá do leme”, — o jacumahuba, proecto nessas navegações. E os remeiros que lhe obedeciam, monitores das pás ou jacumans, geralmente comiam uma só vez por dia sua ração de farinha de mandioca, de peixe ou salgado, e percebiam jornal de 40 rs. diarios na epoca em que Alexandre Rodrigues Ferreira por ahí viajou —. Eram elles divididos e nomeados da seguinte maneira: “Os

“dois primeiros que remão, cada hum a seu lado do
“tombadilho, chamão-se entre elles — supetaubas
“(supetiubas)”. Val o mesmo que remeiros de pôpa,
“assim como os dous ultimos de prôa são igatiuas”
(igatiubas) ou proeiros. Estes se “escolhem dentre os
“mais valentes, e mais praticos: são os que avisão o ja-
“cumahua (jacumaúba) de algum obstaculo que se ihê
“offerece, ou de alguma pedra, ou pau, ou baixo, que
“elle não pôde ver da pôpa, mórmente quando se nave-
“ga de noite. São os que fineão os Umarás”, —
varas enterradas no fundo do rio entre as quaes se amara-
ra a embarcação —, “quando é preciso fundear, com a
“differença que os supetiubas fineão os de pôpa.
“Por este modo o jacumahúba, os supetiubas
“e igatiubas, correspondem pelos seus em-
“pregos ao mestre piloto, e aos marinheiros das naus e
“outras embarcaçoens do alto. Cada hum dos dois re-
“meiros que remão ao lado das escotilhas do esgotadou-
“ro, tem a obrigação de o vazar pelo que lhes dão os
“outros o nome de imombora sara. Todos os
“mais remão sem outra pensão alguma.”

“Para as canôas que teem de subir pelas cachoei-
“ras dos rios se preparão as tupassamas, como
“dizem os indios, ou gaichetas, na fraze dos marujos.
“Estas são umas tranças, que por aqui se fazem do que
“mais á mão se acha ou de piassaba, ou de tim-
“bó-titica ou de uambé. Servem para cirgar
“as canôas, por cima das pedras das cachoeiras.”

“Para as taralhas (tralhas), as adriças (adriças)
“e as escotas, que são toda a cordagem das canôas or-

“dinarias, se servem os cordociros de tucum, das
 “tres castas de embira preta, vermelha e branca;
 “da monguba; do castanheiro novo; da planta
 “curumihúa; do chamado malvaisco a que os es-
 “panhóes chamão cuaxigango, e a dos tecidos delle,
 “macanas; da uacima e do curauá, ou
 “piteira da terra”.

Valentes no remo, eram os indios chamados “Ca-
 “metá-uaras ou indios do Cametá, os Aruans,
 os Saacacs e outros da ilha Grande de Joanes”,
 acostumados como bons marinheiros á travessia da bocca
 do rio Amazonas, onde só o annuncio da pororoça
 assusta aos mais bravos; estes se chamam “marinheiros
 do salgado”, em desprezo dos outros do sertão, “remei-
 “ros de agoa doce”. Canicurús chamam estes, em
 represalia, áquelles, porque “remeiros de maré”
 ou favorecidos das marés e dos ventos nas travessias á
 vela, quando não são por taes elementos ajudados, fun-
 deiam; andam em contraste com elles que remam con-
 tra as marés ou vencem de noite e de dia, as corrente-
 zas dos rios, como essas tremendas jurupari-pin-
 dá ou “anzol do diabo”, communs ao rio dos Solimões;
 vencem e descem destemerosos as mais perigosas corre-
 deiras...

“Em viagem de agoa acima de 3 modos se navega:
 “ou a vela, ou a remo, ou a sirga, e muitas vezes se
 “anda a vela e a remo”. E quando só pela remada dos
 jacumahas era levada essa montaria de maior
 póрте, seria interessante observar as denominações e ry-
 thmos que emprestavam os caboclos aos systemas de re-
 mada, imitativos por vezes de certos vôos ou modalidades

de alguns exemplares da fauna amazonica. Se forçam de remo ou apressam as remadas, dizem que dão tres ou quatro, juntas e seguidas, m ũ p i c a s, o que para nós, obedece ao commando de “picar a voga” e para elles: m ũ p i c a. Se querem accelerar as remadas ou a voga, imitando o vôo dos papagaios que por “terem asas curtas ameudam o movimento dellas quando voam”, dão a voz: — p a r a u á (paracau ou paraguá) — que, diz o naturalista illustre, significa papagaio. Se dão os mesmos dois proeiros, a voz — m a g u a r i —, descansam a voga, á imitação dessa ave pernalta de passo grave e vôo compassado, placido, sereno; e se ao decorrer da viagem querem, por desenfado, graça ou ironia, imitar o macaco que, dizem elles, os arremeda, o fazem agitando as aguas do rio com tres m ũ p i c a s e uma m a g u a r i, ou com tres remadas mais fortes e uma descansada de permeio...

Dessa convivencia contínua na mesma aventura, cursando linguagem do colonizador e do caboclo, ao sabor de varios costumes e crenças diversas, ao caminhar do tempo, — diz José Verissimo —, surgiu “uma verdadei-
“ra mistura dos da raça conquistada com os da conqui-
“tadora”, “até na população branca, ainda a mais ex-
“tremada e mais vaidosa de sua prozapia”; e além do mais, na lingua portugueza aqui falada (no Amazonas), “onde aliás se conservam palavras e expressões portu-
“guezas hoje desusadas em Portugal e vulgarmente des-
“conhecidas no Brasil, abundaram em não pequena co-
“pia, não só vocabulos, mas tambem fórmulas syntaxicas
“da lingua do selvagem”. (idem, pg. 28).

O indio, por sua vez, ensina o mesmo autor, começando “por traduzir” “verbum ad verbum” “sua phrasa para o portuguez”, deu-lhe construcção semelhante á propria, excepto quando “não achou na lingua portugueza, por desconhece-la, expressões que traduzissem perfeitamente seu pensamento...”

Desse intercambio de idéas e sentimentos, presidiado por variadas emoções e vontades, começou a radicar-se a lingua mixta, se bem que a cada phase de penetração povoadora e de relativo progresso, fosse sendo dada passagem um pouco menos retardada á lingua portugueza falada no littoral, nas sédes dos governos geraes ou capitaniaes.

A maniva ou a planta cuja raiz é chamada mandioca, uma e outra distinctamente nomeadas assim no Amazonas, e sómente por este termo appellidada em outras zonas de nosso paiz, era chamada com propriedade o “pão do Brasil”.

Foi ella um dos grandes elementos de fixação e colonização, como producto de pequena lavoura, tanto do autochtone quanto do advena. O valle amazonico não falhou, como grande expressão americana, a essa regra; e, além de tudo, forneceu através da industria variada de seus fabricos, um glossario farto de termos indigenas para enriquecer o falar brasileiro.

A farinha secca, e mesmo a farinha de agua, sempre foram indispensaveis ao sustento e economia da gente amazonense: sabe-se até que, para participar do alimento de um homem durante quarenta dias —ou de

quarenta homens por dia —, era necessario, nessas regiões, um alqueire della, approximadamente.

Mas a industria indigena da preciosa euphorbiacea não parava nesses rudimentos caseiros: ia além, fabricando varios productos manuaes que passaremos a annotar ligeiramente. Estão nessa ordem: o *tucupi*, qual mostarda brasileira, feito da massa da mandioca, a que lhe aggregam sal, pimenta da terra e cravo; o *tucupi-gica*, de semelhante origem mas que leva misturada certa porção de *gomma* para ficar mais consistente; o *tucupi-pixuna*; o *tucupi-quinha-pira*, para guardar em conserva o peixe e a carne de tartaruga; o *auarubé*, que é massa de mandioca exprimida no *tipiti* com sal e pimenta da terra e, depois de desfeita em *tucupi*, servida como mostarda optima para peixe. O caldo substancial ou a *manicoera* é feito de *mandiocana*; a *tapioea* (ou *tipioca*) tem por origem o *mamillo*, é substancia da massa finamente preparada, de bom uso com caldo de gallinha ou de pato, e de que fazem pastas saborosas; os *polvilhos* e as *gommas*; a *carimã*, usada em caldos, massas, biscoitos e bolos; os *beijús*, gostosos com manteiga enquanto quentes, e substituindo para os “brancos”, tantas vezes, a falta do pão; o *beijú-açú*, de que fazem aguardente fortissima; a *guariba* e o *pojoarú*; bebidas como o *mocororó* ou o *cachiri*; alimentos como o *caribé*, o *mingau*, o *beijú-commum*, o *beijú curuba*, tudo ensina Agostinho Joaquim do Cábo na sua

Memoria guardada na Bibliotheca Nacional. (Ms. 1, 1, 2, n.º 25).

As palavras portuguezas introduzidas nesse ambiente de tão complexas linguas, dialectos e gyrias indigenas ou mestiças, segundo Martius, em que caminhou com melhores augurios a lingua geral do Brasil, nem sempre poderiam guardar a semantica de origem, como em outras partes de nosso territorio. Mas, assim mesmo, á Amazonia se estende um bom punhado de vozes ou neologismos de sabor portuguez criados no Brasil. Ensinna José Verissimo, entre outras, que, o facto da queima da floresta ou da matta para plantar a roça, ahí como allures, dá honras de substantivo á palavra *queimada*; por *sítio*, se verá o pequeno estabelecimento agricola; *ajuntar*, terá por synonymo reunir, e tambem apanhar, levantar; *furo*, será o canal, o atalho dos rios amazonicos; *doce*, para melhor dizer-se que o é, será o *açucar*; a *manteiga* tanto se chamará á fabricada de leite, quanto á de oleo. Por sua vez, a influencia da lingua geral, dia a dia radicando-se ao "habitat" do homem da selva e dos igarapés, se revelará a cada passo integrada no falar quotidiano. Por toda essa região, se dirá *caipora*, por infeliz; *panema*, por mau, ruim, imprestavel; *capão*, como bosquete isolado nos campos; *capim*, como grama, relva, certa herva de folha miuda e rasteira.

Côpiar, é termo que significa varanda, puchado, alpendre, e até casa de jantar que dá para o quintal, não longe da cozinha; *girau*, tanto o palanque construido entre o chão e o tecto da sala, quarto ou barra-

ção, para guardar objectos, quanto o estrado das construcções lacustres, em alagadiços, lagôas ou a beira-rio; *ig aç a b a*, cantaro de barro para guardar agua ou liquidos fermentados; *ig a p ó s*, partes da matta invadidas pelas cheias dos rios ou matta dentro da agua; *ig a r a p é*, “caminho da cauôa”, como ribeiro, riacho, esteiro.

M a r a c á s, são chocalhos com que brincam as crianças e recordam os de uso religioso dos antigos *p a g é s*; *m a r a c a t i m*, é a embarcação dos indios *m a r a c á s*, ou tambem a *ig a r i t é* que leva á prôa, por adorno, um *m a r a c á*; *p a r a n a m i r i m*, é “rio pequeno, braço de rio”; *p u s s a n g a*, do tupi-guarani, diz-se de remedio, medicamento caseiro. *T a p é r a*, será como noutros logares do Brasil, logar ou morada em abandono ou em ruina; *t a p i o c a*, fécula extrahida da raiz da mandioca; *t e j u p á* (ou *t e j u p a r*), rancho, ou mesmo barraca miseravel, humilde casa coberta de palha; *p a c o v a*, banana; *p a c o v e i r a*, bananeira. *P i t i n g a* (do tupi-guarani) e *t i n g a* (do tupi), usam-se no sentido de branco; e dahi, *j a c a r é p i t i n g a*, *u r u b ú - t i n g a*, *j a c a r é* e *u r u b ú* brancos, e até *m ã e* e *p a e - t i n g a*, traduziveis por mãe e pae brancos, mas com o sentido de amos ou senhores. *T i p u c a*, é o ultimo leite, e o mais rico, que se tira da vacca; *t u c u p i*, um dos caldos fermentados da mandioca; *t u p é* ou *t o u p é*, esteira ou cobertura tecida de palhas, usada nas grandes montarias. *U a t u r á*, é um cesto preso, em geral, ás costas ou á cabeça do caboclo, por *e m b i r a*; *u r ú*, pequeno cesto em que são

guardados o tabaco, o cachimbo, os anzões e outras coisas indispensaveis ao uso diario; *urupema*, ou *gurupema*, a peneira; *tipiti*, objecto de forma cylindrica e feito de talas trançadas de palmeira, usado para exprimer a mandioca; *xibé*, no sul chamado *jacuba*, liquido fermentado, de farinha e agua, e usado como bebida. (J. Verissimo, idem, pg. 38-55).

Do phrasear commum aos remeiros da montaria nasceram por certo muitas expressões hoje dictionarizadas. "Andar qualquer coisa de *bubuia*", é ve-la a boiar ou fluctuar corrente nas aguas dos rios; pescar á aventura, um tanto ao acaso, vadiando pelos baixios, é *gapuiar*; *tocaiar*, é esperar, aguardar escondido, na *toeia*, para surpreender a caça ou o peixe; *pirificando* estão as aguas grivadas á superficie, quando o peixe, em lugar de não muito fundo ou quasi nadando á flor, as faz estremecer e enrugar ligeiramente. No seu humilde tejuar cursarão constantemente outras vozes. Assim, *saberecar*, que no sul se diz *sapecar*, é tostar com o fogo á superficie; *mogicar* é engrossar um caldo ou *mingau*; *moquear*, assar no *moquem* ou *muquem*, especie de grelha de fórma de triangulo; *moqueca*, é guisado, geralmente envolvido em folhas de *pacoveira* ou *bananeira*.

De tudo foi, e é ainda testemunho a montaria, principalmente de um de seus grandes dramas silenciosos, quando o caboclo largando de uma praia de *tijeco* ou

tijucopava, e cortando mais além a correnteza do rio em que fluctua em descida um ilhote de canarana, (ou um periantan), busca para pescaria mais farta um igarapé, um furo ou um parana-mirim; e, ahí, cosido a uma orla de canarana ou a um matupá, e jogando o pindá siririca, ou o anzol já descripto, nas aguas tranquillias, solitario, num verdadeiro phenomeno de mimetismo a se confundir com aspectos do proprio painel sobre que se projecta a sua figura, tiritada, no delirio da febre, que o abraza todo. E assim, mergulhado nessa solidão em que levemente vaga um sussurro mysterioso, tão bem expresso pela voz onomatopaica indigena — kiriri —, horas e horas aguardará as presas cobigadas que lhe irão matar a fome e a de sua próle, embóra a febre que o devore lhe venha a custar a propria vida.

Vezeas outras haverá em que será tambem de surpresa ameaçado com o repiquete das aguas, aos primeiros signaes da enchente; ou, então, já não tanto no coração da Amazonia, mais para o estuario do rio-mar, na altura do rio Guamá, em que tambem venha a escutar o ruido longinquo e continuo, annunciador da onda das marés vivas ou a porroca, — o que, á força de remos, o levará a buscar soccorro no igarapé mais proximo.

Desse phenomeno amazonico, tão cheio de lances empolgantes, nos dá pagina viva e real, Araripe Junior, no prefacio do vigoroso romance de Inglez de Souza: "O Missionario". Devemos á sua penna a seguinte passagem descriptiva:

“Numa volta estacou a embarcação; existia uma
“aberta no matto, alguma cousa que se assemelhava a um
“ponto de passagem de antas. A influencia das aguas
“difficilmente chegaria até alli, diziam; todavia, a i g a -
“r i t é foi encalhada e amarrada por cordas aos tron-
“cos marginaes.

“Para mim, as recordações do que se seguiu são va-
“gas, e neste instante apresentam-se-me ao espirito ador-
“nadas dos tons fugitivos e fulgurantes de uma magica
“theatral.

“Um dos selvagens tinha-me tomado ao ombro e
“depois me collocara em terra. Ao clarão da almece-
“ga fomos conduzidos todos para região mais elevada.
“Passaram-se minutos. Um clamôr ao longe, muito ao
“longe, se fez sentir no espaço; silencio; novo clamôr;
“fragmentos de rumores desconhecidos espalharam-se di-
“lacerados pelo vento da floresta. Os ouvidos difficil-
“mente apprehendem a symphonia de ruidos mysterio-
“sos, que se avizinha. Era a p o r o r o e a que, enfim, che-
“gava. Um rugido indiscriptivel atroou nos ares, pro-
“pagando-se em mil outros tons que se perdiam pelas
“arcarias da selva sem limites; e num crescendo diabo-
“lico, ao qual pareciam assistir todas as bigornas do in-
“ferno invisivel, a onda alva e espumante, de longe mal
“presentida, aturdiu-me até a paralyzação do sentido
“auditivo. E assim passou por junto de nós, todos tran-
“sidos, o pesadelo da natureza amazonica. Investindo as
“aguas tranquillias do Guaman, a p o r o r o e a tyrantzava
“as florestas vergadas sob a agonia de sua raiva epile-

“ptica. Os mattos estalavam; desarraigavam-se arvores
“colossaes; subia a agua em espumas até ao ninho das
“aves; a fauna e a propria flora, despertadas de seu somno,
“lançavam o alarido de soccorro. Insensivel, porém, a
“onda avançava sempre; e um brado superior a todas
“essas vozes domiou a amplidão. Enorme, revolta,
“furiosa, entalada entre duas massas escuras, devastan-
“do, destruindo, deitando por terra tudo quanto obsta-
“va a sua passagem, a onda soberana, como o genio som-
“brio daquelles rios, desapareceu no mysterio como
“delles havia surgido. As aguas mortas do i g a r a pé, im-
“pellidas até quasi o outeiro para onde nos haviamos
“abrigado, foram-se escoando a pouco e pouco; e a flo-
“resta, tornando á primitiva quietação, de repente bal-
“saminou-se dos aromas exhalados das hervas despeda-
“çadas pela violencia da torrente. A’ tepidez da at-
“mosfera, congestionada pela electricidade, succedeu o
“frescor produzido por uma aragem solicitante e bem-
“fazeja.

“Passaram os banzeiros; voltámos á canôa; e
“dahi a instantes, á força de remos, corriamos, rio abai-
“xo, em busca do Bojarú.”

Nessa paizagem animada e tumultuosa pela exuberancia da natureza, que ligeiramente procurámos fixar sob varios aspectos, não deverão ainda ser esquecidas tres expressões typicas regionaes da Amazonia: o seringueiro, o regatão, o gaiola.

Com o clarear do dia, tomado seu café e seu gole de aguardente, põe-se a caminho o seringueiro ou extractor da borracha, onde esta nativa se encontra. E ahi esse madrugador caboclo sangra a estrada, ou abre vereda através da floresta da "hevea", ou seringal, o que o mais das vezes vae correspondendo a caminho colleante, "atravessando igarapés, subindo terraoadas", desnorteando-se em muitas rotas ou desvios, por fim. Feita essa operação demorada, seguir-se-lhe-á outro labor quotidiano: "machado á mão, terço á cinta, armas ao ombro", passará a labutar na matta que sangrou e a integellar a estrada, como se diz, isto é, a distribuir e espetar as tigellas — pequenas vasilhas de barro ou de folha de Flandres — em cada seringueira, abaixo do ponto em que elle a irá ferir com o machado. Feito este caminho, começará o outro, de continuo: o do golpear essas arvores, — tantas vezes, em logares mais seccos, centenarias —, para que dos troncos possa correr o "latex" precioso ou seiva para as tigellas. E assim, após haver cortado toda a estrada, "que nunca é de meos de cem paus, voltará ás mesmas arvores "para recolher das tigellinhas "o leite depositado, e despeja-lo no balde"; findo o que, "tornará á barraca ou defumador, onde será "solidificado o "latex". ("Viagens nos sertões do Amazonas", Bernardo da Costa e Silva, pg. 252).

E' o "defumador uma tosea barraca de palha, "em que se acham um ou mais tubos de barro", conforme o numero dos seringueiros ahi entregues á faina: a cada um desses tubos chamam o boião, com

feito de uma cabaça furada lateralmente em baixo. “Alimentado o fogo com os caroços da palmeira in a j á “ou Alleluia excelsa”, que dão muito fumo, poem-lhe em cima o boiã o. Fechada a porta da barraca para impedir a entrada de vento, o seringueiro sentado, lutando contra toda essa fumarada que o cerca, “mergulha-“rá uma especie de pá numa bacia de zinco, onde previa-“mente despejou a seiva; e levando-a ao fumo em cima “da bocca do boiã o, depois de derramar na pá uma “cuiada de leite, verá ali condensar-se uma primei-“ra camada, e, assim successivamente, ficando por con-“seguinte, acamadas ás cuiadas do líquido forman-“do a bolaxa ou pelle, que attinge o tamanho “que elles desejarem e o peso de algumas arrobas. (idem).

“A bolaxa, depois de tirada da fôrma, para o “que lhe dão um golpe na parte superior” com o fim de a desprenderem da pá, é marcada quando ainda branda a gomma e logo posta a seccar ao sol. Dahi, surge ou a borracha chamada entrefina ou a sernamby: uma pura, outra mais impura, duro labor em geral pelo brasileiro do sul desconhecido como industria do homem primitivo.

O regatão, correspondente ao breu entre marinheiros da nossa Marinha, é por agua o que o mascate é por terra no afan do seu mercadejar.

Teve, e ainda tem, por sua montaria a chamada canôa do regatão, de “tolda de madeira, “vistosamente pintada, e movida a remos de voga” nos

logares que o permittam, ou por jacumans ou pás ellipticas e chatas para vencer certos igarapés, furos ou paranamirins. Foi e vae assim o regatão a regatear pelas regiões das quaes se fez tapejara, mas tambem como “um dos mais poderosos elementos de corrupção” entre a gente humilde e esquecida desses sertões amazonicos.

O gaiola, se não é a canôa do regatão, porque materialmente é um navio já movido pelo vapôr, de fundo raso para navegação de certos rios ou de afluentes menores, foi e é, todavia, depois de 1852, em ponto maior, como esta, um elemento de progresso pelos serviços de cargas e passageiros que vem executando periodicamente pelas villas ribeirinhas, barrancos, fazendas ou seringaes; mas foi tambem um elemento favoravel ás entradas de aventureiros que rios a dentro se localizaram entre tribus para, tantas vezes, prostitui-las e escraviza-las.

Foi a “seringa”, industria primeva entre os aborigenes do rio das Amazonas, e a sua exportação mais conhecida pela da borracha, só depois que La Condamine a levou do rio mar para a Europa em 1736. Tudo veiu a depender da navegação internacional.

Em 1826 foi tentada a introduccão da navegação de vapor no Amazonas; mas só passado o anno de 1842 ella se tornou uma realidade com a subida pela primei-

ra vez nessas aguas do vapor *Guapiassú*, da Armada Nacional, ao mando do 1.º Tenente José Maria Nogueira, ou melhor, depois de 1852, com a inauguração das viagens dos navios mercantes entre seus pōrtos fluviaes.

A abertura do grande rio ao commercio e á navegação de estrangeiros só se dará, porém, em 7 de Setembro de 1867, quando, — de bordo da corveta “*Paraense*”, na nossa Armada, pairando onde se reúnem as aguas do Tocantins com as do Amazonas —, o vigario Sebastião Borges Castilho lhes lançava a benção de aguas livres, enquanto uma frota de guerra ahi estacionada, rumando rio acima na esteira do navio almirante, com salva de canhões festejava o grande acontecimento internacional. (F. B. de Sousa, *Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas*, 1873, pg. 323), *Auto da Abertura do Amazonas*, 1867).

Isolado do mundo, por largo tempo, mas integrado pela colonização e povoamento luso-indigena, no Brasil, o habitante mestiço do Amazonas devassado, de principio e ainda hoje, com maior penetração pela canōa ou montaria, foi ganhando outra personalidade brasileira só possivel dentro do afastamento internacional em que foi mantido por mais de tres seculos. Com essa personalidade elle ainda se mantem hoje, apesar de já franqueado o grande rio á navegação do mundo e á colonização por nucleos de origem asiatica e americana em

zonas privilegiadas pela natureza a desafiar o dominio do homem.

Mas, para tanto, parece, ainda deverão ser o caboclo amazonense e o cearense que a esse meio se adaptou tendo por seu "fugoso coreel de rio", a montaria, -- e já agora o barco de motor e o avião, — os melhores, e talvez, os unicos elementos capazes, devidamente auxiliados pelo Governo com a escola e a organização do trabalho, de realizarem para o Brasil a segunda conquista da Amazonia.

2.^A PARTE

O ELEMENTO NEGRO. ENGENHOS, MINAS E CAFEZAES

Praieiros, Tropas e Tropeiros

**SUA INFLUENCIA NA GEOGRAFIA LINGUISTICA
BRASILEIRA**

O ELEMENTO NEGRO

Cerca de um século antes de serem importados negros africanos no Brasil, já Portugal os traficava para a Península Iberica e primeiras ilhas conquistadas ou redescobertas no Atlantico pelos seus navegadores. Remonta aos tempos do Infante d. Henrique a fundação da Companhia de Lagos; e como escravos desembarcados das naus dos primeiros arrendatarios do pau de tinturaria na “terra dos papagaios”, se deu a fixação do negro no nosso littoral. Antes de 1535, deram entrada em Lisbôa 10 a 12.000 captivos em Africa, que foram cambiados ou vendidos em grande numero para Castella, Canarias e Açores e, em parte muito diminuta, para o Brasil.

Duarte Coelho Pereira em 1539 requeria e em 42 renovava ao Rei o mesmo pedido para importar, isentos de direitos reaes, negros da Guiné; e durante sua administração fecunda e colonizadora da Capitania de Pernambuco, muitas “peças chegadas da Africa” eram logo conduzidas para os primeiros engenhos e lavouras de açúcar. Ainda em 1583, segundo Anchieta, dos quatorze mil negros existentes no Brasil, só dez mil estacionavam em Pernambuco; tres mil na Bahia, e uma centena delles apenas no Rio de Janeiro.

Com os governos geraes de Thomé de Sousa em 49, Duarte da Costa em 53, e Men de Sá em 58, já a Bahia começou a ter constante o navio negreiro em suas aguas, a ser theatro dos mais profundos soffrimentos dos negros captivos, levados aos pares em libambos aos primeiros engenhos e lavouras da costa e, em maior affluxo, annos depois, não só ao mesmo destino como ás armações de baleias, serviços de cargas e descargas da ribeira, tripulação de barcos e mais duros misteres das obras e fortificações das cidades do Salvador e seu reconcavo.

E se então no Brasil, para ser indirectamente alargada a conquista portugueza, tinha personalidade ao sul e limitado pela Serra do Mar o mamaluco de Piratininga, cruzamento lusitano com o aborigene e expressão racial do bandeirante caçador e escravizador de selvicolas americanos, também na Costa d'Africa, o cruzamento do branco e do negro criava o devassador do pombão ou sertão africano, symbolizado na personalidade do pombão, o descedor ou mercador de escravos dessa costa, destinados ou não ao Brasil.

Para o mercado vil era o negro d'Africa mandado das zonas sudaneza e bantú, e a carga preferida era avaliada na hora do embarque no navio tumbão por tonelada de carne viva, á rasão de duas peças por tres negros de 8 a 15 annos, de uma peça por duas crianças de 4 a 8 annos no maximo, avaliação esta que prevalecia também para negros entre 35 e 40 annos.

Eram elles, portadores pelos differentes povos a que pertenciam, segundo estudiosos desse thema, entre outras, das seguintes linguas ou dialectos principaes:

ioruba ou nagô, quimbundo, gegê, kanuri, gurunci, nifê ou tapa; e se bem que por diferentes pontos da costa fossem localizados ao correr do tempo, parece terem prevalecido as linguas nagô na Bahia, congueza em Pernambuco e angolense e no Rio e em S. Paulo, segundo lição de Nina Rodrigues e conclusões interessantes do Sr. Renato Mendonça no seu trabalho sobre a influencia das linguas africanas no idioma portuguez falado pelos brasileiros. Este mesmo autor fixa, bem baseado em outros, o Sudão Occidental e a Africa Austral como as zonas originarias africanas do negro importado pelo Brasil. ("O Portuguez no Brasil", pg. 174).

Chegados aos portos de destino, cujo mais consideravel emporio de escravos a principio foi o de Recife, a seguir o de Salvador e, por fim, o do Rio de Janeiro—, não esquecidos por secundarios, o de S. Luis do Maranhão e o de Santos—, de logo, vigiados e acorrentados, uma grave missão historica começavam a desempenhar em terra americana.

OS ENGENHOS

Os engenhos e suas lavouras requeriam então a maior somma de trabalho braçal, a cujos senhores elles eram vendidos ou vinham já como mercadoria destinada. Agglomerados em senzalas, para substituirem o braço do indio desertor pela repulsa á escravidão, falando uma lingua em que não eram entendidos por capatazes, mestres ou feitores e, muito menos, pelos senho-

res de engenho, labutavam de sol a sol, e, quantas vezes, pelas noites a dentro, nas mais penosas fainas. Industriados nos misteres dos engenhos, nas casas de fabrico e de purgar, na criação do gado mais proxima á costa, na pequena lavoura inclusive a do fumo, e nos outros misteres da Casa Grande, essas peças humanas, em breve, se tornaram fundamentaes para o funcionamento da grande machina economica da Colonia.

Em 1587, para estimular a mercancia vil, não só ás companhias occupadas nesse trafico como a simples mercadores pombeiros, foram pelo Reino dispensados dizimos de entrada; e durante o dominio hollandez os proprios navios da Companhia das Indias Occidentaes transportaram a milhares de negros captivos, notadamente de 1636 a 1645, em que a importação de “peças” ascendeu a 23.163.

Por essa epoca já negros fugidos dos engenhos e das lavouras da costa e beira rio, ou os quilombolas, iam formando, sertão a dentro, suas povoações defensivas ou quilombos, principalmente numa extensão de terra que chegou a ser de 60 leguas. Entre formosissimos palmares na actual zona central alagoana e possuindo tambem mattas e rios, topographicamente era ella defendida ao oeste pela Serra da Barriga, e alcançava ao nordeste terras de Pernambuco até proximidades do cabo de Sto. Agostinho. O estado negro ahi formado durou sessenta e sete anos sob o governo de diversos Zumbis,—nome tido como corrupção de Zambi, que em dialecto bundo quer dizer Deus, como no dialecto conguez, em que Zámbi-anpúngu tem a significa-

ção de Deus unico, segundo lição de frei Bernardo de Canneattim (pg. 134, Collecção de Observações Grammaticaes sobre a lingua Bunda ou Angolense).

Em 1644 os hollandezes deram as primeiras investidas sobre os quilombolas, ainda divididos em grandes e pequenos quilombos dos Palmares: de uma, tiveram feliz successo, proximo a Porto Calvo. Conta-se, porém, o numero approximado de vinte e cinco ataques em geral mallogrados, desde o tempo ainda do dominio hollandez até o Governo de d. Pedro de Almeida de 1675 a 1678.

Só após o contracto feito pelo Governador Souto Maior com Domingos Jorge Velho, mestre de campo dos Paulistas, ou melhor de 1695 a 1697, é que tropas de São Paulo, unidas ás dos Pernambucanos commandados por Bernardo Vieira de Mello e ás Alagoanas capitaneadas por Sebastião Dias, — seis mil homens ao todo —, a ferro e fogo venceram o estado negro, cognominado dos Palmares.

Separado Portugal de Espanha, expulso da terra brasileira o batavo invasor, para o que concorreram, ao lado do branco e do indio, os negros dos Regimentos de Henrique Dias formados de Minas, Adras, Angolas e crioulos, Portugal reincentivou cada vez mais o commercio exercido por companhias e contractadores do trafico negreiro. A immigração captiva foi crescendo e se localizando principalmente nos engenhos e lavouras, nas primeiras villas e cidades, já melhor comprehendida pela gente da terra; e mercê de gerações anteriores, já se podendo familiarizar com a lingua que o colonizador fa-

lava, começava também, não liberta da senzala, mas já se insinuando nos serviços mais domésticos da casa portuguesa, a influir particularmente com vozes de seu idioma no falar da gente dos engenhos. A' proporção que passava da senzala á cozinha da Casa Grande, e daquella para a intimidade do lar, como a ama negra ou bá dos filhos do senhor rural, onde já a mulata ganhava fóros de protegida, ia a raça negra conquistando o terreno em que teria maior influencia na formação brasileira.

Na proporção desse avanço começa a sua contribuição linguistica ao idioma do portuguez vencedor no litoral e já em parte radicando-se ao sertão inculto, para onde o negro era conduzido como o elemento primacial das entradas e povoamento desde o alvorecer da mineração.

A Casa Grande era, porém, o grande elemento caldeador; e como entrava a nova raça pela sua mistura, a infiltração também da lingua mestiça já existente se faria sentir com sua nova contribuição vocabular.

Preparando as cozinheiras negras nas vastas cozinhas coloniaes, o angú, o anguzô, o mugunzá; o guizado de quincombô e gallinha, ou quenganga; a iguaria em que entravam gergelim, farinha e sal, chamada quimama; o acassá; o acarajé ou o abará; o aberem; o afurá; o acará; o ambrozô; o carurú; o apreciado vatapá e o appetitoso zorô de quiabo e camarões; servindo-se do fubá, do azeite de dendê, para seus quitutes mais apurados, e de cucurbitaceas como a

abobora porongo para doces e quibêbes, não serviam só ao estomago do colonizador e de seus descendentes, mas também accresciam ao idioma, que estes falavam, maior contribuição de vozes que passariam da cozinha á sala de jantar da Casa Grande.

Pela mãe negra, a ama ou bá, que criara desde o morgado da casa — que para ella passaria a ser não o “senhor” mas o nhonô ou o yoyô, ou a moça morgada a quem nomearia nhanhã, yayá ou sinhá —, até o caçula da prole, dera o leite materno e com elle a suggestão desses primeiros momentos de impressões indeleveis formadores do ambiente indispensavel a um sentimento infantil profundo e que a mãe branca deveria ser ciosa de criar para o proprio filho.

Da sala de jantar passando a ser admittida na camarinha das moças, yayás ou sinhazinhas do engenho, como serva predilecta ou mucama, era a moleca, a principio a crioula ou a mulata depois, facil em contar-lhes milongas ou bruxedos, mandingas de algum quimbombo ou quimbôto afamado; de encher-lhes o quarto de meninas fieis a seu crêdo e a seu rosario, de calungas, manipaços e feitiços; e entre as cantigas do adormecer na hora do cafuné, de impregnar essas almas sentimentaes de um estado languido e voluptuoso que, favorecido pelo clima e pela raça, iria, de logo, se reflectir no seu falar ou cantar num novo rythmo dolente e retardado da prosodia portugueza, adocicado de quindins, marcado de dengues ou melindres, calundús e muxôxos...

No terreiro beirando as senzalas, em dia de festa, fartando-se os negros e as negras de aluá, cachaça e quimbembé, ao som do berimbau ou da banza, do agê ou do batuacagé, do bambulá ou do afofiê, acompanhados do rapear das macumbas, do rufar da puíta, do ronco dos bombos, do resôar do orucungo e do canzá, do campanular dos adjás e agogôs, se entregariam ás suas danças características: caxambús, congadas, lundús, sambas; cambaquerês, jeguedês; alujás, bendenguês ou jongos...

Os quilombolas, porém, que nalgum cafundó da serra ergueram em commum as suas cubatas ou palhoças, onde faziam sua macumba e tinham a sua pegi ou “capella de santo”, prefeririam ahi praticar seus cangerês ou reuniões festivo-religiosas. E se o não faziam em louvor de Ogun, deus da guerra, como nos quilombos dos Palmares em que officiariam marabús ou alufás, babalaôs ou oxês, o faziam em honra de orixás, entre candomblés ou macumbas, com supersticiosas aparições de orôs ou eguns; e tendo numa falsa adaptação do mysticismo catholico a sua illusoria presciencia dos fados, aguardariam escutar dos quimbombos, feiti-ceiros-móres, ou “paes do Santo”, a revelação final.

Na vida quotidiana do pequeno engenho, ou banguê, — termo que veiu a ter a mais larga divulgação e semantica por todo o Brasil —; na roça onde plantavam e colhiam o quinecombô, o giló, o qui-

tandê, o maxixe, o inhame, a banana, o orobó, o obi, e a planta prohibida da leamba ou diamba, maconha ou pango, para fumo de seu cachimbo; onde moleques macambas ou malungos, ladinos e capiângos tinham seu moeambo e muitas vezes eram surpreendidos pelos capitães de matto, para, ao estalar da chibata, serem conduzidos atados ás correntes ou libambos como quilombolas á presença temida de feitores barbaros; em tudo isso, já se via alguma coisa da nossa formação apoiada na raça, no trabalho braçal e soffrimento do negro, para construir-se esta nação, que sómentê após sessenta e seis annos de emancipação politica concedia a liberdade ao grande operario de sua grandeza economica.

Esse esboço apressado de viver e soffrer, da contribuição negra linguistica e racial sem accentuada penetração de inicio nos nossos sertões, sem maiores elementos de estudo sobre seu folk-lore e suas crenças, ganharia não menor vulto em outro panorama da terra brasileira se aqui o completassemos com outro capitulo referente á época em que o Reino de novo, e com grande intensidade, incentivou esse commercio humano ao annuncio do descobrimento das minas. Todavia, mais adiante, volveremos sob varios aspectos ao mesmo thema, quando não só o governo portuguez com outras novas companhias de navios negreiros intensificaria esse trafico, como tambem o multiplicariam os tumbeiros que abordavam então a costa, principalmente na Bahia, no Rio de Janeiro e em Santos.

AS MINAS

Emquanto a Bahia representava papel precipuo na formação luso-brasileira da colonia, tendo em vista o factor economico da conquista do littoral conjugada com as entradas do sertão ao norte; enquanto o expansionismo paulista sertão a dentro não significava para o colonizador a convicção de uma força a ser integrada e tolhida no panorama da colonização portugueza, a Bahia foi onde, para estabelecimento ou distribuição, maior massa negra acorria. Mas depois que esta conquista convinha a Portugal fosse mais ao sul estimulada e affirmada na posse absoluta dos caminhos do ouro, em empresas promettedoras de lucros formidaveis, na fundação de villas e cidades do interior; que se alargava a posse meridional portugueza até a margem esquerda do rio da Prata, fundando-se a Colonia do Sacramento, — o Rio de Janeiro passava a ter a preeminencia não só nessa immigração, mas tambem como centro e direcção da politica militar e economica do Brasil colonia.

Mas, anteriormente, já a penetração das grandes massas africanas partindo da Bahia, via valle do S. Francisco, em busca das regiões mineiras, accelerara o encontro das duas mentalidades: a em que predominava a arrogancia do paulista, cioso do sertão conquistado pelos seus intrepidos bandeirantes, mas escassamente por elles povoado, e a do portuguez ou reinol mandando grande massa de negros, ambicioso de explorar as riquezas das minas. Dahi, a guerra dos *embobas*, que, a par

do aspecto economico vital, reflecte, de maneira symbolica, um momento de formação brasileira.

Do espirito da offensiva portugueza de gente já radicada á terra foi uma expressão typica a figura de Manoel Nunes Vianna, grande senhor de curraes no valle do São Francisco, “emboaba poderoso afazendado nas “margens do Carinhonha”, devendo seu titulo de Mestre de Campo ás guerras que mantivera contra o gentio da terra, e confirmado na avançada para as “geraes” na missão de bater os “paulistas”. A esta empresa não lhe faltaria a alliança do fluminense deshumano Bento do Amaral Gurgel. Não era Nunes Vianna, porém, um homem vulgar para seu tempo: quando o vagar das guerras e dos trabalhos ruraes lho permittia, gostava de lêr a “Cidade de Deus”, e financiava generosamente a publicação do “Peregrino da America”.

O espirito nativista da gente de São Paulo, ferida nos seus brios pela morte de José Pardo, paulista poderoso, move-a a levante pelas armas contra o emboaba atrevido e, para elle, usurpador de suas descobertas. Geographicamente, se bem que já assim baptisado, o rio das Mortes, incorpora-se á paizagem dessas lutas cruentas. Amador Bueno da Veiga e, muito acima delle, as valorosas mulheres de Piratininga, “recêbendo aos paulistas sobreviventes do morticínio do Capão da Traição, “com absoluto desprezo”, são nessa luta as personalidades representativas da mentalidade nativista de São Paulo.

Batidos os paulistas ou tolhidos como unicos coaquistadores e povoadores da terra do ouro; aberto o novo

caminho das minas partido do Rio, diminuida assim a influencia paulistana do velho caminho da villa do Parati, pelo qual eram buscadas as “Minas Geraes dos Cata-guás e rio das Velhas”; separada do Governo do Rio e constituida a nova capitania das Minas e S. Paulo, — o povoamento das terras mineiras com o portuguez e o negro, auxiliados pelo gado, intensificou-se sob a direcção e influencia do governo da metropole. E se a villa de São Paulo em 1711 sóbe a maior categoria, a esse tempo ou pouco depois, são criadas tambem Villa Rica, (antes Ouro Preto), Villa do Carmo (futura Marianna), Sabará, Caeté, Pitangui e outras mais, aonde a acção do governo portuguez fôra decisiva.

Estabelecendo-se desde 1618 o direito do quinto do ouro para a Fazenda Real, só em 1700, pelo Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, com jurisdicção sobre terras de São Paulo e de Minas, era possivel, por seus órgãos administrativos e fiscaes, iniciar-se com alguma efficiencia sua cobrança. Para tanto, foram estabelecidos os registos nos caminhos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, como outros que já haviam sido criados para Bahia e Pernambuco, — systema de tributação que, óra falseado, óra effectivado, foi variando de processo á proporção que o affluxo humano crescia em ondas maiores de aventureiros e escravos.

Esse tributo como factor economico primordial através das variantes dos systemas de cobrança exercida nas casas de fundição ou dos quintos, pela capitação ou pela quota annual, criou um ambiente já propicio á rebeldia

e ao ludíbrio do fisco, o ponto nevralgico, o motivo fundamental de hostilidade á corôa portugueza.

Distinguida a mineração official da mineração clandestina, fosse a de ouro ou a de diamantes, em ambas desempenha o negro factor economico preponderante; mas não só ao colonizador, ao mestiço e ao gado após a formação dos arraiaes, das villas e das cidades, cabem as primicias da victoria.

Marcava bem o scenario das "Geraes" a esse tempo, a figura do Contractador: fosse senhor de largos cabe-daes, prodigo e ambicioso, caracter alevantado, defensor do povo, de alma bandeirante como a de um Felisberto Caldeira Brant; fosse a de um nababo, orgulhoso e despotico, cercado da antipathia da populaça e de maltas de adultores ou de invejosos, como a do desembargador João Fernandes de Oliveira.

Caldeira Brant, estimulando o luxo, e imitando os usos e costumes da Metropole e da França, contratando mestres de civilidade para ensinarem á sociedade que se constituia, as regras de bom tom, — do cortejar, do bailar, do conversar, — deu ao Tijuco uma éra aurea inescuecível.

A esse tempo, por esse rincão de Minas, os homens mais opulentos "traziam cabelleiras trançadas com o rabicho amarrado com cadarço de gorgorão e respectiva laçada; chapéo a Frederico, de tres pancadas; camisas de fólho com collarinho baixo; gravata de lenço branco bordado; collete de setim macau, bordado de lante-joulas e comprido em forma de fraque, com abotoadu-

“ra de pedras; casaca de velludo de diversas côres, de-
“gollada, comprida, sem “enflaque”, com portinholas
“e canhões largos e dobrados; calção largo de seda ou
“velludo, apertado com fivella de ouro por cima de meias
“de seda perola”. Usavam “sapatos pretos ponteagudos
“com fivellas de cravação de pedras (está entendido que
“não fallamos de diamantes); bastão grosso, de castão
“e ponta de ouro; relógio com cadêa de cornalina; rico
“florete de bainha de ouro e guarnição em fôrma de
“um -S-” (daqui dizermos ainda hoje: “os tempos das
“adagas de gancho”.) “As senhoras traziam á cabeça
“uma coifa de seda branca presa ao cabello com alfi-
“netes e borla de fio de ouro na extremidade: camisa de
“folhos apertada ao pescoço; espartilho de barbatanas,
“sobre o qual vestião um “macaquinho” de velludo, com
“rica abotoadura e flôres de pedras em pendentés, sobre
“o peito; grosso afogador e pesados brincos de pedraria
“encastoadá”. Eram as “saias de immensa roda com
“longa cauda, que trançavão no braço; sapatos de agu-
“do bico levemente voltado para cima, com altos saltos
“de madeira; bastão fino; traziam os dedos da mão mui-
“to inteiramente cobertos de anneis de ouro.” “Em casa
“usavão um folgado timão, apertado adiante e apanha-
“do por uma cinta de seda com borlas pendentés. Não
“nos esqueçamos do polvilho, feito de trigo macerado,
“ou gomma de mandioca, com que empovão os cabellos.
“Quem se achasse em uma das reuniões daquelle tempo,
“julgar-se-ia no meio de um respeitavel Senado”. (J.
Felicio dos Santos, Mem. do Dist. Diamantino, pg. 66).

Outro seria o viver do desembargador João Fernandes de Oliveira, tambem rico contractador da terra, a quem se deve a construcção de edificios importantes, dentre os quaes a igreja do Carmo, mas ostentando vida faustosa com sua amasia, a Xica da Silva, mulata de baixo nascimento, que sempre ricamente vestida, cabeça rapada e coberta com cabelleira annelada e pendente em cachos, se fazia acompanhar nas grandes solemnidades da igreja de doze mulatas trajadas a rigôr. Dominava ao contractador com seus caprichos sensuaes e requintes de maldade, chegando á sua vista a humilhar os outros portuguezes, aos quaes chamava "marotinhos".

Nas faldas da serra de São Francisco existiu sua opulenta morada nomeada a "chacara de Xica da Silva". E como nos instrue Felicio dos Santos, "tinha forma de "castello, capella rica, uma espaçosa sala que servia de "theatro particular; deliciosos jardins de exoticas e curiosas plantas, cascatas artificiaes, fontes amenas cujas "aguas corrião por entre conchas e crystaes, sombreados "por arvoredos exquisitos, transplantados da Europa. "Francisca da Silva, que nunca tinha sahido do Tijuco, "por um capricho feminino quiz ter idéa de um navio. "João Fernandes apressou-se em satisfaze-la. Mandou "abrir um vasto tanque e construir um navio em miniatura que podia conter oito a dez pessoas, com velas, "mastros, cabos e todos os mais apparatus das grandes "embarcações."

Nesse palacio senhoril, de tão bellos jardins, e de tão formoso tanque, havia jantares opiparos, "pescarias em escaleres dourados", e bailes e representações thea-

traes dos “Encantos da Medéa”, do “Amphitrião”, do “Porfiar amando”, da “Xiquinha por amôr de Deus” e de outras criações scenicas cujos titulos estão hoje perdidos no silencio do passado.

Tinha bem razão Antonil proclamando, tempos antes, que o “Brasil” era “o Inferno dos negros, o Purgatorio dos brancos e o Paraiso dos mulatos e das mulatas”.

Outras personalidades originaes desse ambiente da mineração, eram o faiscador e o garimpeiro, ambos lesando o fisco, vivendo á aventura, no conhecimento geographico das melhores zonas auríferas e diamantíferas, ás vezes o quilombola perseguido pelas partidas de dragões reaes — e aos quaes se ligavam os capangueiros ou pechelingueiros encarregados da capanga, e tambem os comboeiros como intermediarios entre garimpeiros e contrabandistas.

A elles cabem o largo quinhão da luta pela cidadania mineira e a contribuição original e interessante que á nossa lingua deram com seu linguajar particularissimo ás funcções que exerciam.

Faiscador e garimpeiro, porém, não eram bandidos de estrada, antes garantia della. Vivendo da mineração clandestina, revoltados contra os tributos reaes, mas não esquecidos dos mais justos preceitos da honra, já se poderiam ter pelos precusores dos Inconfidentes.

Fosse em lavras de alluvião ou em camadas e vieiros auríferos, na exploração dos veios, dos taboleiros ou das grupiaras, no leito dos correços ou ás margens destes com penosos trabalhos; fosse nas restingas como rebotalho das terras lavradas, em busca de piscas de ouro, onde o faiscador assistia ás vezes com a propria mão colhendo a pepita, ou no leito do correço deixando concentrarem-se as areias na bateia “até que no fundo della pintasse o metal em quantidade”; fosse no systema de canaes, ou viradas do rio para ficar o leito secco emquanto enchia de cascalho os carumbés ou dava em piçarra; fosse abrindo catas nos taboleiros ou á margem dos correços, em que poderia dar em lavrados, mas tanto em cascalho de pinta rica como de pinta pobre, ou tambem aonde abundariam o ouro, a virgem, o engommado, o esmeril, a palha de arroz, a fava preta, a agulha, o cativo, a sericoria, — esboçasse, assim, um panorama de geographia humana e economica em que poderemos colher mésse riquissima de vozes mineiras não de todo revividas ao presente.

No catear e garimpar, ou no minerar emfim, para que marchavam os mineiros com suas alavancas, cavadeiras, almocafres, bateias, carumbés e outros instrumentos de trabalho; no lavrar a terra; no criar o gado que em breve avassallava toda a zona de melhores campinas e pastagens naturaes; no povoar ou afazendar; no construir das primeiras moradas, arraiaes, villas e cidades, — vae a lingua portugueza levada pelo conquis-

tador ganhando em penetração e expansão, recebendo neologismos, expressões verbaes características do branco, do indigena, do mestiço e do negro. Deste, principalmente, e do mestiço, se poderá bem avaliar a produção linguistica havida, sabendo-se que, ainda em 1828, a capitania de Minas possuia 250.000 escravos negros e 40.000 homens de côr escravos; e livres 130.000 homens de côr e 55.000 negros.

Do sentimento religioso, profundo e simples nas terras mineiras, — a par das demonstrações de opulencia e fausto dos ricos senhores ou de poderosas ordens religiosas que ahi ergueram grandes templos, monumentos catholicos de alto valor architectonico, Sés, ou Seminarios em que além de bôas humanidades se estimulou uma cultura religiosa mais contínua —, ahi estão ainda falando á nossa sensibilidade no dorso das collinas, nas grimpas dos morros, nos valles remansosos, as muitas capellinhas ou ermidas em que a simplicidade se casa á poesia das proprias almas dos homens mysticos e profundamente pobres que as edificaram.

Para termos bem vivos, tanto o sentido da pompa das festas solemnes quanto o da humildade da gente mineira ao receber a autoridade de um bispo em Minas, tomemos de d. Silverio Pimenta, na “Vida de d. Antonio Ferreira Viçoso, Bispo de Marianna e Conde da Conceição”, (pg. 88) algumas passagens que a sua penna consagra e festeja.

“Vinha o Sr. D. Antonio de liteira seguido do acompanhamento que deixamos dito” — escreve d. Silve-

rio —, “o qual pelo caminho se foi engrossando com as
“pessoas idas de Marianna e de outros lugares para o
“receberem e introduzirem nesta cidade. Ao chegar á
“igreja de S. Pedro, que domina a entrada, deixou a li-
“teira, e montou em um cavallo escuro até a igreja mais
“visinha, que é a da Archi-confraria de S. Francisco de
“Assis, onde apeou-se, fez oração, revestiu-se em pluvial,
“tomou a mitra, e assim montou em outro cavallo russo
“claro, e seguiu tendo-lhe os estribos dous illustres cida-
“dãos, enquanto um sacerdote, pegando das cãibas do
“freio do animal impaciente, o accomodava anafando-
“lhe o pescoço, até que um pouco antes de chegar á Ca-
“thedral foi recebido debaixo do Pallio, cujas varas sus-
“tentavão as pessoas mais gradas desta cidade.

“Ricos arcos armados com custo e gosto a espaços
“cortavão as ruas por onde havia de passar, as portas e
“janellas trajavão sedas, damascos, e outros estofos de
“preço em demonstração de alegria de seos moradores,
“e uma multidão compacta de admiradores pejava as
“ruas de geito, que tornava quasi impossivel o transitio,
“sem contar os que das janellas, dos muros, e dos outei-
“ros fóra da cidade, buscavão lograr parte da festa.

“Entretanto a musica e os sinos, interpretes e ani-
“madores do commum regosijo, unindo suas vozes com
“os estalos dos fogos, com os estouros das rouqueiras e
“descargas da artilheria, e com o formidavel rimbombo
“dos canhões, tornavão esta festa das mais grandiosas
“que se hão presenciado em Minas. Toda esta combi-
“nação de sons pacificamente bellicosos, que abalavão
“os peitos humanos, foi despertando maiores brios no

“cavallo em que montava S. Ex. Rm., o qual começou
“a querer dar também mostras de si durante a procis-
“são, de sorte que o Sr. Bispo, receando alguma queda,
“se poz em terra, e chegou a pé na Cathedral, onde teve
“lugar o acto da posse com as ceremonias do estilo, re-
“matando-se com um T e - D e u m em acção de graças
“pelo grande beneficio que Deos nos fazia. No largo
“visinho ao Palacio Episcopal estava aparelhado um
“castello de fogo artificial, insigne pela grandeza e va-
“riedade das figuras que o compunhão, o qual começou
“a arder depois de apeado o Sr. Bispo, fazendo tão bella
“vista, que ao longe parecia o largo nadar em chammas.

“Entre as demonstrações com que os Mineiros aco-
“lherão, e festejarão seo novo Pastor, não nos esqueça
“uma, que por sua novidade, ainda que foi praticada
“primeiro com o primeiro Bispo desta Diocese, e pelas
“pessoas donde partio, merece particular menção. Pas-
“sados alguns dias, como estivesse o Sr. Bispo mais des-
“affogado das visitas, e cumprimentos, que naquelles
“principios era razão affluissem ao Paço Episcopāl, qui-
“zerão os escravos sahir com a sua demonstração. Apa-
“lavrarão-se, e no dia aprazado, reunidos todos os de
“Marianna, e os que poderão dos lugares visinhos, em
“numero mui crescido vierão offerecer a S. Ex. um pre-
“sente que dizia bem com sua pobre condição: cada um
“trouxe-lhe seo feixe de lenha ornado de flores, vindo
“todos em boa ordem, entoando cantigas a seo modo.
“E como acabarão de largar os feixes bem compostos no
“terreiro do Palacio, sahio o Sr. Bispo a abençoal-os e
“agradecer-lhes, dando a cada um delles uma imagem

“devota, que acceitarão e beijarão com muito respeito; “e postos de frente do mesmo Palacio com danças e toques de instrumentos de seo uso deram-lhe as demonstrações que podião, e podemos crer que não lhê forão “as menos agradaveis.”

Isolado do littoral brasileiro, julgando-se esquecido do resto do Brasil no seio das montanhas alterosas do sertão, numa idade inicial da agricultura, da mineração e do pastoreio, por largo tempo ficou o mestiço mineiro cultivando a sua mystica em que ha muito da desconfiança dos homens e do fatalismo divino.

OS CAFEZAES

Decadente a mineração, quando já o Rio de Janeiro amplamente presidia á politica de formação luso-brasileira do sul, ia o negro que, de continuo, lhe chegava ás praias e mercados de captiveiro, ser encaminhado para o trabalho capaz de iniciar e manter a maior riqueza agricola do Brasil: o café.

Depois de larga peregrinação pela Abyssinia, Yemen, Java e Surinan, passou o cafeeiro, trazido pelo Sargento-mór Francisco de Mello Palheta, em 1727 para o Pará; e só approximadamente por 1760 o desembargador João Alberto de Castello Branco o trouxe para o Rio de Janeiro. Aos dois padres barbadinhos, o neerlandez João Hoppman e o bispo d. José Joaquim Justi-

niano, deve-se talvez o plantio, e consequentemente a colheita, do primeiro cafezal nos suburbios do Rio, origem dos que foram sendo plantados pelo valle do Parahiba.

Sem a marcha e o estabelecimento do negro, porém, a par delle, não seria possivel a gloria agricola e economica da rubiacca, a fixação da vida rural representada no estabelecimento typico da nossa “fazenda de café” tão essencial para a formação brasileira quanto a Casa Grande dos engenhos e curraes do norte ou as estancias do sul.

Assistida pelos primeiros cafezaes orientados pelo curso do Parahiba, bifurcando-se em Rezende para reproduzirem-se em novas plantações nas regiões paulistas e mineiras e, para dahi ganharem em maior expansão o interior em matta virgem, a fazenda fluminense, em particular, deu nascimento a uma aristocracia rural, ao mesmo tempo que se tornou valioso centro politico e repositório de innumeraz vozes da gente que ahi labutou e prosperou por largo tempo.

Essa força politica e social cada vez mais se accentuou até adquirir maior efficiencia após a transmissão da familia real para o Brasil, ou melhor, após a Independencia Brasileira, — quando, bem diz Oliveira Vianna — “—este possante senhor de latifundios e de escravos”, — que era o fazendeiro —, “obscurecido “longamente, no interior dos sertões, entregue a seus “pacificos labores”, “descia das suas solidões ruraes “para, expulso o luso dominador, dirigir o paiz”. Por elle e por seus descendentes foi mantido esse prestigio que certos dons culturaes em meio europeu reanimaram,

até que pela Abolição viesse a decadencia. A tempo soube São Paulo precaver-se do mal futuro; e assim deslocar, com outro vigor, a riqueza do valle do Parahiba para as terras roxas paulistas com penetração por outras zonas limitrophes.

Nas nossas fazendas do valle do Parahiba existiram os melhores padrões dessa éra representativa do nosso trabalho rural, já na casa senhorial brasileira que socialmente a tudo presidia, já na vida puramente agricola e escravocrata a que foi subordinada a cultura do café, do milho, da mandioca, da canna, nesse sector do Brasil.

Nos dias de hoje por essas terras passando, — merecendo a fidalga hospitalidade dos velhos solares ou reparando em outros que o aggravo do tempo tornou em ruinas —, na escuta dos negros, alguns centenarios, poderemos ainda alcançar, valendo-nos de suas reminiscencias, muita coisa esquecida desse periodo opulento da nossa vida agricola.

Na Fazenda da Cachoeira Grande destacada num dos mais bellos recantos banhados pelo Parahiba do Sul. — onde não se desmente a fidalguia dos seus maiores e pelo trabalho intelligente se retomam, em plena renascença, as glorias de um passado —; ou junto de outras antigas fazendas a revelarem sua decrepitude nos terreiros esburacados, nas senzalas sem tecto, nas rodas dos engenhos e engenhocas desmanteladas ou partidas, tristes na solidão e silencio a que foram votadas, colheremos, ainda ao presente, palavras ou vozes que vieram

com o homem livre e com o homem escravo testemunhando uma éra de labuta fecunda. E sentiremos que essas mesmas vozes evocam, dentro de profundas características brasileiras, o que tudo isso representou na phase nacionalista da nossa formação.

Assim, se a uns desses pobres sobreviventes que por ahi ainda trabalham ou mendigam, interrogarmos sobre a cultura do café, por exemplo, nos darão elles, prestimosos e fieis, uma vasta terminologia que, resistindo a outras idades, em parte chegou até nós como occurria entre elles.

Escutemos, com sympathia, esses grandes servidores do Brasil.

Feita a sementeira do grão, preparados os viveiros, quando as mudas começavam a cruzar, isto é, quando já começavam a bracejar os primeiros e frageis galhos, estavam estas em condições do plantio que iria formar o cafezal.

Para tanto, já se fizera a queimada ou a derrubada da matta virgem, seguida das coivaras, ou do encoivarrar, para que o terreno ficasse livre e propicio á lavoura.

Abertos os covões na alinhacão que os plantadores preparavam, eram então naquelles abertas as gavetas se se tratava do plantio da semente, conservando-se-lhe entretanto, a primitiva fórma, se se tratava do plantio das mudas já encruzadas nos viveiros,

Os espaços inaproveitados de terreno entre esses covões, eram semeados de milho que, após espigar, granar, fazer-se milharal e soffrer a colheita, se tornava em palhada removida quando os escravos, na capina do meio em janeiro ou na arruação que faziam, limpavam bem o chão para a annunciada colheita. Já então, haviam seguido á espinhada, a abotoada e a florada de todo o cafezal; já a lavoura pintando, os frutos amadurecendo vermelhos chamavam a escravaria á colheita e á apanha do café.

Atirados os pomos ao chão, amontoados ali nos terreirinhos limpos ás margens das ruas do cafezal, soprados ou séssados em peneira ou quibando, eram transportados em balaios ou quissambas para os cargueiros, e por tropas ou carros de bois para os lavadouros ou tanques; de onde, lavados e limpos iam de levada pela bica de madeira ao terreiro da fazenda. Dahi, soffrida a secca, passavam á armazenagem nas tulhas, ao martyrio da socca nos pilões, á ensacagem; e, finalmente, no lombo das tropas de burros puxadas pelas "madrinhas" e guiadas pelos tropeiros, em sua peregrinação através de muitas leguas de caminho alcançavam os portos de mar.

Emquanto isto, não cessava na fazenda sua faina quotidiana, o carro de bois, chiando pelas estradas sua cantiga bucolica,

Foi este, outro auxiliar precioso do homem desses tempos e um elemento, — se bem que vagaroso, não de curto folego na caminhada —, de grande importancia para a nossa geographia linguistica.

Anda-lhe ainda ao presente vanguardeiro, com passo tardo e seguro, o guia ou o candieiro trazendo ao ombro a vara ou guiada; e, mais atrás, vem o mestre carreiro tambem com a guiada ou a aguilhada em signal de descanço ou de comando.

Puxam o carro, em geral, quatro juntas de bois: a junta da guia, a da contra guia, a do contra-couce e a do couce. O cabeçalho, ligado ao tirante ou tamoeiro, é terminado por chapa com arganéu a que vae preso o cambão, — peça de pau que se acrescenta ao cabeçalho quando o carro é tirado por mais de uma junta de bois, — e o qual por sua vez vem a ser preso á canga, jugo de madeira e de dupla curvatura para melhor receber os cachacos da junta do couce.

Nos dias que correm, canzil é o nome dado, como outróra, a cada um dos paus da canga entre os quaes vem mettido o pescoço do boi, e brocha se nomeia ainda á correia que prende o boi aos canzils.

O carro, no seu corpo principal, é composto da mesa, ou estrado, ao derredor do qual são espetados oito fueiros circumdados de esteiras de taquara ou de taquaruçú para amparo da carga, e descança sobre o eixo a que se prendem nos éxtremos as rodas, — ou o rodeiro — feito de peça inteiriça,

e de superficies ainda não vasadas em raios, como agora é de uso por exigencia de posturas municipaes.

Fazendo o rodeiro um corpo unico do eixo e das rodas, e gyrando em torno ao mancal ou chumação que como uma luva se lhe ajusta, nasce dahi, do attrito que desenvolve durante a marcha do carro, a cantilena caracteristica do seu labôr. E' ella como que uma voz do passado do Brasil, ainda escutada pelo seu territorio immenso, com emoção.

Na Fazenda fluminense de São Lourenço, noutro rincão da antiga provincia, — na qual a fidalguia da hospitalidade aquilata um justo padrão de virtude do seu culto senhorio, — e aonde por vezes hoje se ouve em contraste o ronco dos motores dos caminhões de carga, é sempre evocativo escutar-se, entre a poesia das serras e dentro de um ambiente profundamente brasileiro, essa mesma toada melancolica que, por gerações afóra, vem pelo sertão cantando e recordando a gloria do trabalho rural dos antepassados.

As festas dos negros nos terreiros das senzalas, sua vida, seus costumes, seus mythos ou fétiches nos afa-zendados do valle do Parahiba, criaram motivos essenciaes para o conhecimento e incorporação de grande numero de termos africanos ou de neologismos curiosos peculiares ao falar do homem dessa zona agricola, — valiosa fonte de estudo para um capitulo interessante da nossa geographia linguistica.

Outra será a riqueza vocabular que iremos colher no littoral, tendo por motivo o espirito maritimo brasileiro.

OS PRAIEIROS

Os navegadores portuguezes, ao alcançarem as ribeiras atlanticas do Brasil, encontraram por ellas vivendo povos aborigenes familiarizados com o mar, e outros, terras mais a dentro, com a navegação de rios, lagôas, igarapés, corredeiras.

Ao correr do tempo foram entrando em relações pacificas ou em contendias bellicas com tribus littoraneas. Tapuias, potiguares ou pitiguares, caetés, tupinambás e tupiniquins, mais ao norte e ao centro; goitacazes, tremendos pescadores de tubarão, tupinambás, mais conhecidos por tamboios, temiminós e tupiniquins, ao centro e ao sul, com maior ou menor espirito maritimo, marinhavam pela costa em igaras ou canôas, e em balsas do feitio de pequenas jangadas.

Todas as bacias dos rios e seus affluentes eram do dominio quasi absoluto da canôa, e da chamada "costa leste-oeste" até Cananéa, ao correr da qual de principio um espirito maritimo mais se accentuava, principal instrumento tambem foi essa mesma embarcação na mão agil e corajosa da nossa primitiva gente.

Muitas coisas do mar ribeirinho sabiam; e até do conhecimento do céu brasileiro, entre a nossa gentildade do Maranhão, colheu Claude d'Abbeville, no segundo seculo, original baptismo de constellações, pla-

netas e estrellas de maior grandeza, vozes que Rodolfo Garcia interpretou na lingua de origem, e constellações e astros singulares que os nossos astrônomos poderão identificar melhor, valendo-se de calculos, mesmo approximativos, das suas coordenadas celestes por aquellas éras.

A navegação mais constante de europeus, a fundação de feitorias, de villas e futuras cidades maritimas, as empresas tantas vezes pacificas, tantas vezes guerreiras em que se houveram, óra na pratica da pesca ou da cabotagem, no auxilio da lavoura ou criação proximas ao mar, óra em arriscados lances navaes, com o tempo melhor identificaram o colonizador, sob aspectos de geographia physica e humana, com uma grande extensão no littoral sul-americano. E assim, desde aonde estoura a pororoca á foz amazonica até os lindes do sul brasileiro, que mais tarde eram marcados pelo arroio Chuí, o nosso littoral veio sendo, antes e depois de descobrimentos e conquistas, escola e paizagem de um bello espirito maritimo brasileiro.

Com o indigena da costa foi o colonizador ganhando um sentimento peculiar a cada uma dessas nossas zonas maritimas; e através do conhecimento da lingua tupi, por fim evolvida para uma lingua geral, e do linguajar de gente mestiça que ahi gradativamente se foi formando em substituição do indio, se deu a incorporação de muitas vozes originaes de um novo falar dos littoraneos ao seu idioma portuguez.

O colonizador, maritimo por excellencia, então, foi vendo com essa gente da terra, nas aberturas dos arreci-

fes da costa ou em furos de lagamares, os parana mbuca ou pernambucos; nos seios de mar ou bahias, os paranaguaçús, paranaguás ou pernaguás; nos rasgados na costa feitos pelo mar ou rias, as gambôas ou cambôas, ou onde o curso dos rios retalhasse as terras costeiras em pequenos canaes, os furos ou arrombados; nos alagadiços ou brejaes proximos á praia, as curcuranas, como tambem, noutras zonas, em lagôas ou lagoeirapraianas, os lamarões, as capongas e os maceiós; nos rampados naturaes a beira rio ou a beira mar, as linguetas, como ás fozes de rios ou beira rio, peaçás, os portos, que se fossem maiores seriam peaçabuçús, e se velhos ou antigos peaçagueras. Aos poucos accitaria por um esteiro, uma icapara; por gorgulhos, bancos de areia e cascalho ás fozes dos rios; uma restinga, por marambaia.

Para os ilhotes, parceis ou pesqueiros, alfaques e baixios, variedade de denominações e baptismos os praieiros reservaram, e em varios sectores da costa, mostraram-se, desde cedo, principalmente os nossos pescadores, — habeis em armar seus curraes, caiçaras ou cercados, pitimboias e gambôas, — herdeiros daquelle instinto natural da pesca praticada pelo indigena seguro de seu tiro de flecha, confiante no seu anzol de espinha de peixe ou pindá, ou no surprender o pescado dormindo á noite a beira rio, com facho acceso, na pesca do farracho, ou piraqué-

ra. Além do mais, valem-se ainda hoje, os nossos pescadores de anzol, ou pescam de guahyssama ou de varapau, “que é o mesmo que pescar de vara”; servem-se de engenhos piscatorios taes como as nassas de taquara ou munzuás, jequis ou jundiás, campellos, guatingueiros, paris, covos, pe-neiras; lançam ou armam seus arrastões ou redes, taes como o abalo, o tresmalho, a arraieira, a angareira, a tarrafa; a grozeira, feita de linha grossa de caruá a que, de espaço a espaço, vão presas as sandabas; o rupichel ou jurêrê, vara que em seu extremo tem um sacco de feitio do de apanhar borboletas; o espinhel com grandé numero de anzões, a rodada, o aranhol. (Vide A. Camara, “Ensaio sobre construcções navaes indígenas do Brasil”).

Nos rios, usam da pesca do promombó, semelhante á do farracho; a das tapagens — provavelmente os caeuris amazonicos — que são cercas — lá chamadas paris — plantadas á feição da corrente fluvial e onde o peixe detido e tonteado pelo tingui ou pelo timbó, é facilmente seguro; a da minjoada, que é feita com vara e anzol fincada no leito do rio, para a pesca durante a noite, uso bem característico do pescador fluvial de Pernambuco, e, parece, muito semelhante no Pará á camina, praticada com ajuda de cesto em vez de anzol, e citada por Baena, Rohan e Chermont de Miranda.

Longo seria enumerar tanto os processos quanto as vozes marinheiras desses nossos bravos praiheiros, fami-

liares aos seus engenhos de pesca ou incorporadas á nossa vida marítima e á lingua portugueza falada no littoral do Brasil.

A outros campos são também peculiares outras vozes.

No ramo da anemographia, — do conhecimento e descripção dos nossos ventos mareiros ligados á vigilia e luta constante do embarcadiço —, ou já no dominio da construcção naval, alguns exemplos se colhem, bem originaes. Vejamos.

Sobre a viração paraense a que chamam *m a r a j ó*, grivando as aguas da bahia de Guajará ou enfundando as velas das *v i g i l e n g a s* de alto mar; caia o *m a r e i r o a r a c a t i* no littoral do Ceará, entre 7 e 8 horas da noite sobre a terra abrasada das seccas, a bojar as velas das atrevidas jangadas cearenses de mar alto, ou a *g r a v i a n a*, pelo amanhecer, para leva-las á pesca nos bancos da costa; pinte a nuvem do aguaceiro ao longo da costa bahiana para se desfazer em chuva de curta duração tocada de fortes rajadas do vento, o que os praieiros appellidaram o “*p i r a j á*” e os portuguezes o “*p a r a j á*”; na altura do cabo Frio até a Ponta Negra se levante em lufadas do leste — o *c a l a f a t e* — assim chamado pelo damno que causa ao calafeto dos barcos, ou soprem ventos tempestuosos do sul, chamados “*c a m b u e i r o s*”; alterne com o “*terral*” a “*viração*”, aquelle, favorecendo a largada para o mar, e esta, a volta á tarde, dos canoeiros e poveiros para o seguro abrigo fluminense das abras,

bahias e enseadas; desabe o abrasador “noroeste” sobre o porto e bahia de Santos; sobre, mais ao sul, o violento pampeiro respondido pelo vento navifrago, o “nordeste”, na missão de atirar, na mesma costa rio grandense, navios veleiros ás praias onduladas de dunas e albardões e de os destruir qual um “carpinteiro da costa”, como os maritimos o nomeiam; — e em tudo isso, o homem, aparentemente fraco do nosso littoral, verá estímulo, escola, campo propicio para sua aventura.

Para esta, principalmente desde cedo, o colonizador poudo construir sua embarcação, mesmo a de typo europeu, arma-la de massame, poleame e velame, servindo-se da variedade das nossas madeiras e fibras, conhecimento que, pelo convivio com o indio da costa, lhe foi de bom fructo. Para os caravelões, barcos de engenho, barcos de mar fóra, em pouco tempo, elle se valeria, aqui ou além, da oiticica, do páu amarello, do angelim, do pequi, do pequiá, no fabrico de casco e taboado; da jaqueira, da sucupira, para os cavernames; da gororoba, da sapucaia, para os mastros; do camassari, do ubiraem (ou burauhêm), do potumujú, das urucanas immunes ao gusano, para os taboados; da massaranduba, dainhaiba, do olandim, para as palamentas dos barcos. Para calafeto, amarras ou cabos, se utilizaria das embiras ou imbiras, taes como o imbiruçú, a imbiriba, a imbiriti e tantas outras fibras do nosso riquissimo reino vegetal, principalmente desta ultima fibra branca, de cujo entrecasco, segundo Gabriel Soares, no seu Tratado Descriptivo, (pag. 197), se fa-

ziam “cordas muito alvas” e “os negros da Guiné fabricavam pannos, delgados como lona e macios”. Do algodão que se plantava, colhia e fiava em panno, faziam-se velas que tambem eram de esteira em muitos rios do interior do Brasil.

A canôa, a não ser na região amazonica, que estudamos no capitulo da “Geographia da Canôa ou da Montaria”, era feita de cambui, figueira brava, peroba, juerana, oiticica, potumujú, bacurubú, troncos desbastados pelo fogo, e só cavados com o machado, ou chambocados pelo indio, após o contacto deste com o colonizador. Os remos ou pás, que os bravos canoeiros usavam, eram, em geral, de genipapo, huacã e olandim, assim como de varias imbiras suas amarras ou cabos, escotas ou amuras, fachos de mariscar á noite pela costa, amarras das suas tauaçús ou poitas. Na Bahia o typo das canôas grandes chambocadas a machado por dentro e por fóra, ainda é revelado num exemplar conhecido pela bacuçú. (idem, obra cit.).

Passando da construcção naval primitiva aos dominios da ichtyologia, da botanica e da ornithologia marinhas, com que riqueza vocabular não viria o nosso praieiro a favorecer o idioma vencedor!

A inclinação marinheira tão espontanea e regional da nossa gente praiana, não perdida de vista pelo portuguez, não tardou em ser estimulada para outros misteres mais uteis.

Desse asserto é um exemplo a pesca da baleia.

Após a chegada á Bahia em 1603 de Pedro de Urecha e seus biscainhos, em companhia do Governador Diogo Botelho, para ensinarem aos portuguezes a pesca da baleia, — cetaceo a que os tupis na sua lingua chamavam *pirapoan* ou o peixe que empina —, fundaram-se, ao correr desse e do seculo seguinte, as “armações” ou “contractos” ao longo da nossa costa. Foi tal a riqueza decorrente da pesca da baleia como aproveitamento industrial que, segundo Varnhagen, no começo do seculo XVII ella produzia uma renda de 100.000 cruzados annuaes, porquanto cada baleia fornecendo 16 pipas de azeite rendia um conto de réis, além do muito lucro que dava em arrobas de barbatanas.

Cultivou-se com essa arriscada pesca ao cetaceo, a bravura da nossa gente praieira, correspondente em heroismo no mar brasileiro ao que no nosso sertão nordestino moveu o homem á *vaquejada*, ou nos pampas rio grandenses levou o gaucho ao *rodeio* e ao *entrevero*.

Através dessa luta, que se virá a pronunciar tendo por maior protagonista o nosso homem mestiço desde a Bahia até Sta. Catharina ao sul, ganha a terminologia maritima vozes expressivas para a lingua portugueza falada no littoral, em que vive e se perpetúa toda a acção heroica dessa brava gente.

A Bahia ainda hoje continúa essa gloria dos dias passados, e para tão arriscado feito se servem os seus filhos praianos de uma embarcação typica — a *baleei-*

ra —, eleita por montaria desses intrepidos cavalleiros do mar. E' ella de duas prôas, de construcção relativamente fragil, sem borda accentuada, armada de um mastro e uma vela, esboçando as linhas de um castello de prôa que nomeiam xapité, corrupção mañerial e verbal, reminiscencia e nem siquer miniatura, dos alterosos "chapitéos" das naus quinhentistas.

Veloz e barlaventeadora, ei-la a partir das "armações" ou "contractos", as mais das vezes nos dias invernosos em que as femeas do cetaceo, ou madrijos, buscam o seio acolhedor da bahia para o parto dos filhotes ou baleatos, e os machos, caxarréos ou caxaréos, bufando nas suas "surgidas", erguem columnas de agua pelo mar alto.

No xapité, ou á prôa, em pequeno banco volante, vai o valente arpoador; na chaleira á popa, o perito timoneiro, e entre elles, sentados e attentos, cinco ou seis baleeiros por alguns dos bancos ou bancadas, cujas principaes são chamadas: do estai, da volta, da amura, do arvorar e da leva. O caixote ou guarda-lanças está installado proximo ao arpoador, e mais afastado, em logar conveniente, o fogão, simples caixa de madeira cheia de areia com lenha para queimar, trempe de ferro para assar.

A vela quadrangular cosida á verga, com quatro fôrras de rizes para a operação de "rizar a vela", isto é, diminuir-lhe a superficie em caso de vento rijo, e que o mastro roliço sustenta, bojada e branca lá os leva para o mar, com viração fresca fazendo correr a baleeira dez e, ás vezes, doze milhas.

No tempo de Frei Vicente do Salvador, era a partida, principalmente quando em dia de S. João Baptista, realizada com festas regionaes interessantes, precedida de missa na ermida de Nossa Senhora do Monte-Serrate e da benção das baleeiras, proximo á ponta de Itapagipe. (Vide Historia Geral do Brasil, 3.^a ed., pg. 397).

Com o tempo a cerimonia variou, mas o sentimento que a dictava ainda demora hoje no sub-consciente do baleeiro.

Já a baleia bufando tres vezes, nas surgidas, á flor do mar, ou carregando nos mergulhos, assignala sua passagem ao largo, e mistér é seguramente vigia-la para escolha do momento preciso do combate.

Numa dessas surgidas, seguidas de mergulho, paira a baleeira. Seus tripulantes folgam-lhe a escota e alam o braço de barlavento, isto é, do lado de onde sopra o vento. Mas se á bolina vae a baleeira singrando, para não ser demorado o cambar da vela, trocam-lhe amura por escota, ou teem-na em “amura terça”, até o inicio da luta.

“Farejando o vento”, o caxarréo, e não “mettendo a cabeça”, — que é quando salta fóra d’agua e á flôr della parte em direcção contraria ao vento — póde, se já na distancia a bom tiro, jogar o proeiro o arpão da “galha para a cabeça” e gritar logo: “arria de dentro”... Então, o “homem da volta”, quando a baleia sangrando abala em veloz arremettida, vae fol-

gando, na por isso chamada bancada da volta, a ostaxa ou cabo, que é presa á vinhoteira do arpão enterrado no dorso da baleia. Ao sentir a arrancada, o timoneiro safa ou descala o leme, e os outros tripulantes, de prompto, arriam a vela.

A corrida, desde então com a baleeira a reboque do cetaceo ferido, em mar tantas vezes de azul saphira nessa linda costa bahiana, desenha-se em quadro maravilhoso para espectador distante do feito, entre espumas alvissimas debruadas de palhetas de ouro do sol, e como que a lembrar um painel de mythologia grega, tendo por motivo o carro de Poseidon cortando o mar na plena gloria de seu imperio.

No momento inicial da corrida se ouvirá a voz de “fecha”, para que o homem que mantem com volta a ostaxa a faça de vez fixa no “banco da volta”; e depois, já quando a corrida vae desabalada e pronunciando-se, por vezes, o alquebramento de forças do cetaceo, a tripulação ala a ostaxa de novo, para diminuir a distancia entre a baleeira e o caxarréo, e o pôr ao alcance de outro tiro de arpão. De prompto, a figura intrepida do arpoador com o braço alçado á prôa, rebrilha e reluz, para desfechar certo golpe de logo attestado pelo sangue vivo da baleia, qual liquido tapete escarlata servindo ao mesmo tempo de leito de dôr ao cetaceo ferido e de esteira á embarcação.

Uma hora, ás vezes duas, tres horas, e, muitas vezes, um dia inteiro, dura o combate em pleno oceano; até que vibrado pelo “moço d’armas” o golpe mortal no cangotinho, entre o bufador e a cabeça, a

môrte do cetaceo encerre o dia de heroismo por tantos brasileiros desconhecido.

Veze ha, porém, em que a femea ou madrijo, surpreendida pelos baleeiros, vem acompanhada do macho, ou caxarréo, vezes outras ha em que traz, óra a seu flanco óra em suas costas, o filho ou baleato.

Nessas duas circumstancias a luta assume proporções de uma empolgante tragedia, em que os dois gigantes neptuninos nobremente revelam: um, amôr de esposo, outro, o amor de mãe.

Dando encontro do casal á flôr da vaga, arpoará o baleeiro do xapité de prompto o madrijo que, em corrida impetuosa arrastará a baleeira, já seguido do esposo, o caxarréo a atirar-se furiosamente, de contínuo, sobre o corpo da companheira arpoada com o fim de desprende-la das lias do captiveiro; e, embora ferido por successivos lanços do arpoador, se manterá na liça e na defesa do objecto querido até a morte.

Se em vez do madrijo, porém, o baleato dá signal de sua presença bufando e jogando ao ar uma tenue columna d'agua, é de bôa regra entre baleeiros, arpoa-lo logo; porque, de subito, a mãe desvairada vindo-lhe no encalço, bramindo e em assomos sublimes de caricia e amôr, lambendo e amimando o filho, será alvo de lanços seguidos com que os baleeiros lhe retalharão o dorso, qual presa cobiçada da maior valia.

A corrida, então, se fará toda num mar de sangue e dando a impressão aos que a assistem, de ser a dôr do coração da baleia maior que a dôr causada pelas feridas abertas nos seus flancos; até que, através de horas

interminaveis, alquebrada pelo canção e desespero, envolta no seu sangue e no do proprio filho, seja novamente golpeada, e morta.

E se ahi tem termo a pesca perigosa, não menor trabalho será conduzir a presa ás praias dos “contractos” ou “armações”, onde, sob a direcção do Feitor-mór, se a entregará ao córte dos “mestres dos facões” e dos “mestres das faquinhas”, encerrando-se assim no anonymato um dia de bravura da vida dos baleeiros. (Vide Alves Camara, Frei Vicente, Xavier Marques).

Bravos tambem, como elles, são esses jangadeiros do nórte no sector littoraneo comprehendido entre o Ceará e a Bahia, em que mais parecem em mar largo empenhados, por tradição e instincto, na vigia dessa costa conquistada um dia pelos bátavos e libertada pelas tres raças formadoras do Brasil.

Nas nossas paragens nortistas, onde tambem a jangada é symbolo da libertação do escravo negro, essa embarcação representativa da gente brasileira, foi motivo de criar-se através da terminologia usada pelos jangadeiros na sua construcção, em seu apparelhamento, em suas fainas valorosas, um largo cabedal de termos ou vozes interessantes e vivas para a lingua portugueza falada do Brasil.

A jangada cearense, geralmente construida de seis paus de apeiba ou piuba, unidos em cavilhas de madeira, e os quaes pela collocação que tomam são chamados meios, bordos e papús, tem, quasi

sempre, dois bancos: o do mastro grande e o do mestre. Leva aquelle um furo para o mastro que nelle enfurna e arma vela quadrangular, cosida á verga muito flexivel.

O mastro da mezena, de maiores proporções, inclinado para vante, arma vela triangular e é amarrado ao *aracambuz*, especie de cruzeta que serve, entre os dois bancos, de descanso do mastro e para nelle se prender a *goiçama*, ou outras linhas de pesca, cujos anzóes vão encastoados em arame ou com *ipús*. Delle vão ainda dependurados: cabaças com agua, vasilhas de madeira em que guardam farinha ou comida, chamadas *quinangas* ou *quimangas* no Ceará e semelhantes ás *cafuletas* da Bahia; a *araçanga* ou *buruanga*, cacete para matar peixe; o *atapú* ou *itapú*, buzio que lhes serve de porta-voz ou corneta acustica; a *cuia* de molhar a vela; a *poita* ou o *tauaçú* que utilizam como ancora; *bicheiros*, anzóes, rêdes de pescar. Todos os cabos, — amarras, amuras ou escotas — são feitos de *embira*; as linhas de pescar e a vela já fazem do algodão que fiam.

As jangadas velozes teem a denominação de *paquetes*, e sendo das maiores ou *jangadas do alto*, levarão a bordo uma jangada pequena ou *bóte*. A's que usam uma só vela chamam *burrinhas*.

O nórte da Bahia e o de Pernambuco apresentam variante no typo dessa embarcação; e contribuem com outros termos regionaes que, para não nos alongarmos

nesta passagem, deixamos de citar, assim como aos que teem por motivo ás outras typicas embarcações do littoral brasileiro.

Estão neste caso, entre outros, os regionalismos dos pescadores das garoupeiras, admiraveis barcos bahianos de mar alto, que, com sua vela redonda e seu burriquete e caçados, buscam o caminho dos Abrolhos para a farta pescaria das garonpas; os marujos dos saveiros, os tripulantes das vigilengas paraenses, os barqueiros de mar fóra da região da Bahia, os canoeiros das regiões fluminenses, os caçararas das praias vicentinas que veem marinhar pela costa na pesca diaria. Este espirito maritimo tambem se caracteriza, dentro de outra contribuição vocabular, mais ao sul, na vida do pescador catharinense onde o praieiro ancestral teve por escola as "armações", "corujeiras" ou "contractos" para a pesca da baleia; e onde a mistura de sangue do ilhéu portuguez ao do natural da terra na formação do nosso mestiço littoraneo, deu em consequencia criar-se um novo typo de homem do mar, senhor de rico glossario maritimo e de um falar cantado que empresta novo rythmo e nova prosodia á voz brasileira.

E se assim, nosso littoral se fez painel do homem para pujante espirito maritimo peculiar ás margens atlanticas da America, não menor se nos affirmou nosso sertão, o coração da propria terra, para a formação do typo representativo do tropeiro, a quem coube ligar os sertões desconhecidos ao littoral mais accessivel aos surtos de cultura e civilização.

TROPAS E TROPEIROS

E' lição capistraneana que, estudando nossos velhos caminhos, melhor se aprende a Historia do Brasil. E estudando-os e aos que por elles passaram através de tres seculos mourejando pela grandeza da terra em que nasceram, é de justiça e gratidão consagrar se, dentre todas, a figura singular, valorosa e leal do nosso tropeiro.

Tropas, boiadas e tropeiros ligaram o sertão que foi sendo povoado em pequenos ranchos e lavouras, curraes e fazendas, arraiaes, villas e cidades, aos nossos maiores centros de vitalidade e progresso do littoral. E, nessa ligação, por suas viagens e torna-viagens, realizaram os tropeiros uma obra fecundamente nacional, a missão de pôrem em contacto os dois extremos da civilização brasileira.

Affonso Arinos, apaixonado das coisas primitivas e bellas da nossa terra, dos usos e costumes dos homens simples do sertão, o que com tanta sensibilidade de artista sabia descrever, lembrou, de uma feita, ser mais expressivo, como symbolo da nossa prosperidadê, gravar-se no nosso escudo, o desenho apenas "de duas longas orelhas". Pensava elle, assim, representar o labôr do burro e do negro que o acompanhava no soffrimento, através do relevante papel que as tropas tiveram para a formação do Brasil. E, grave e sincero, concluia que esse symbolo em nada nos desmereceria no conceito dos povos, porquanto, sem deslustre, tambem effigies de ani-

maes, como lhamas, alpacas e vicunhas figuram gloriosamente nos escudos ou estandartes nacionaes de outros paizes americanos. Ainda agora, um dictador europeu decretou se erguesse um monumento á besta de carga ou mula, como expressão de reconhecimento aos serviços prestados por esse animal á Italia, na guerra e na paz.

A gloria do nosso tropeiro, porém, não deve sómente pertencer-lhe. Completa-a com serviços inestimaveis, a personalidade anonyma de outros servidores sertanejos: a do embarcação do Araguaia e do Tocantins, do São Francisco, do Amazonas, e de tantos e tantos outros rios nossos: fossem j a c u m a h u b a s das ubás ou das g a m b a r r a s amazonicas, fossem balseiros, vareiros, ajoujeiros, atravessadôres dos nossos menores rios; fossem tripulantes dos barcos mineiros e goianos, das barcas ou "paquetes" do alto São Francisco ou dê barcos a sirga do Parnahiba... Uns e outros concorreram para ligar o littoral ao sertão.

Ainda hoje as tropas que marcham ao soar dos c i n c e r r o s das m a d r i n h a s que as vanguardeiam, guardam no falar dos t r o p e i r o s um termo bem expressivo dessa ligação historica, o qual tem por ponto de origem o mar e por linde extremo as nossas fronteiras mais distantes. Essa voz bem maruja que o m a t u t o adoptou para sua jornada terra a dentro é n a v e g a r .

N a v e g a m as tropas e as boiadas, levadas por tropeiros ou vaqueiros, por planicies, atalhos, carreadouros, vencendo vaus, ipueiras, contornando brejaes,

galgando serras, com essa voz marinheira de origem, a readquirir o verdadeiro sentido marítimo no atravessamento de rios e lagoas e, logo após, ganhando o outro sentido sertanejo ao retomarem a marcha em terra firme, e cobrindo uma trajectoria de geographia linguistica a findar além das fronteiras goianas e matto-grossenses.

Na grande arteria colonial, por exemplo, que ligou o Rio ás Minas Geraes e a São Paulo, — como nas principaes estradas das tropas do paiz — policiada pelos “registos” empenhados no conter o contrabando dos diamantes e do ouro, e no seu prolongamento por outras buscando regiões ainda mal conquistadas ou batidas, — circulou a lingua portugueza deturpada nos valores de sua origem, através do linguajar cantante dos tropeiros. Em cada “venda”, em cada “rancho”, em cada “arrayal”, em qualquer centro de povoamento e commercio, em villas e cidades, por que pousavam ou passavam, eram elles os conductores das vozes do sertão e do littoral, que foram participando de dialectos ou são hoje modalidades expressivamente regionaes.

“Tropeiro”, em regra, diz Arinos, “é o patrão da tropa, e empresario dos transportes; os empregados são os tocadores, que marcham a pé, e o cozinheiro”. Quando o patrão não conduz a propria tropa, quem a governa é o “arrieiro”.

“Tanto este como o tropeiro andam a cavallo”.

“Por vezes, se a tropa é numerosa ou o patrão não quer accumular as funcções de arrieiro, ha um e outro”.

“As tropas são sempre compostas de muares os mais fortes para supportarem o peso da carga ou a fadiga das marchas; trazem, porém, pelo menos um cavallo — o madrinha. O madrinha, em cujo pescoço tine o sincerro, desempenha importantissimo papel. E' em torno d'elle que se reune toda a tropa, e o sincerro annuncia, á distancia, o lugar onde pára, em pastagem. As mais das vezes o tropeiro tem de encostar a tropa, por falta de pastos fechados, ou por ficar dispendioso o aluguel destes; o encosto é o pasto aberto, e sem o madrinha, a tropa se espalhará. Uma das condições para a regularidade da marcha é, pois, estar a tropa amadrinhada, o que quer dizer, acompanhar sempre o madrinha”. (A. Arinos, Historias e Paizagens, pg. 112).

Dentro de uma disciplina rigorosa caminham vencendo as adversidades do tempo e do meio geographico, cruzando nas suas jornadas, por esses caminhos aqui ou além assignalados por cruces, com outras tropas, com comitivas de viagem de fazenda a fazenda, de cidade a cidade; com grandes boiadas movendo-se a passo tardo, vindas de Minas, de Goiaz ou de Matto Grosso; com caravanas de bruaqueiros, conductores para as feiras proximas dos productos de suas pequenas lavouras; com os tardigrados carros de bois repetindo pelas quebradas das serras ou por valles placidos o mesmo lamento que, ha quatro seculos, resôa pelo coração do Brasil.

Muares peçados de carga, cada um geralmente com 10 ou 12 arrobas de peso, são os prestantes e pacientes escravos da tropa. A cavallo, o tropeiro e o arrieiro vão attentos aos menores detalhes da marcha, como os tocadores a passo ao lado da mulada arrieada com “cabrestos, buçaes, cangalhas, retrancas, e temporaes; selligotes” (ou serigotes), “bastos, soccadinhos (ou soccados), cutucas, lombilhos, pellegos, caronas, albardas, sobrecinchas, sobrecargas e arrochos.” “Os topes de baeta vermelha ou de panno de cores vivas nos fardos”, as cabeçadas tilintantes, de eoutinuo estimulam energia á tropa. As cargas vão protegidas por pelles de couro crú; peças typicas como mantas, baixeiros e badanas, são motivo com outras vozes portuguezas ou neologismos regionaes no roteiro do seu navegar, para serem integradas, sob fôrma bem viva e caracteristica, no falar da nossa gente.

Pela picada primeiro, e já na estrada larga depois, ao se cruzarem nas jornadas e como rememorando a acção do catechista ou do colonizador, terão como sua a mesma saudação catholica, cantante e expressiva, no seu dizer: — “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!” — e a resposta de prompto articulada: — “Para sempre seja louvado!”—. E esta saudação durante mais de tres seculos repetida e tantas vezes deturpada no linguajar de negros e mestiços, não seria isolada affirmacão christan. Outras se fariam sentir caracteristicamente através de varios aspectos da marcha das tropas: assim, se ás ave-marias, — mesmo quando na esperança de

ainda alcançarem com pressa o rancho ou a pousada com sól, — ouviam tanger os sinos de alguma dessas poeticas igrejinhas brancas do nosso sertão, paravam, descobriam-se e rezavam; e, só depois dessa homenagem simples e tocante, proseguiram na caminhada.

O ceremonial da cortezia civil tambem era de habitos sertanejos. Chegados ao local destinado ao “acampamento”, se ahi já havia tropa de outro patrão, os recém-vindos eram acolhidos de modo cordial e ajudados na descarga dos muares pelos outros tocadores, sendo de praxe tomarem do café já feito pelos primeiros acampados.

Arrumar a carga formando o acampamento, era faina engenhosa. Pô-la no chão separada por um corredor de cangalhas, construir assim o reducto para garantir seu somno e sua vida, era obra indispensavel, emquanto os tocadores milhavam os animaes, curavam-lhes bicheiras ou feridas feitas pelos arreios, chamavam a cada muar pelo nome acompanhado de uma expressão amiga ou queixosa, consoante seu bemquerer ou malquerer de momento. A esse tempo já o cozinheiro preparava a ceia e o tropeiro fiscalizava o rancho.

Dentro dessa disciplina criaram-se gerações e gerações de tropeiros.

Carvalho Ramos, tão cedo roubado ás létras patrias, sob fórmula regional goiana, descreve-nos aspectos dessa arribada das tropas da sua terra, dos quaes aqui deixaremos algumas passagens. “O tropeiro, com seu “pirahi” na facha encarnada da cinta, entre a capanga da garrucha e a nickelaria da franqueira, desata com

presteza as bridas das cabresteyras, prende ás estacas a mulada, afrouxa os cambitos, deita abaixo a r-rochos e ligaes, emquanto o camarada servigal dá mão de ajuda á descarga dos “surrões”. E logo depois “empilha a carregação fronteira aos fardos dianteiros, e recolhe uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre; abre “um couro largo no terreiro” e nelle “despeja meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa rumina em embornaes a razão daquella tarde”. “E o cabra attentando na lombeira da burrada, tira de um surranzito de ferramentas, mettido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi, e armado de uma dedada percorre todo o lóte, curando aqui uma pisadura antiga, ali raspando com a aspezeza de um sabugo o dolorido inchaço em principio, aparando além com o gume do fréme o rebordo das feridas de mau character”. (Carvalho Ramos, Tropas e Boiadas, pg. 6-7).

Tratados os muares da tropa, dá-nos a seguir um quadro typico em toruo ao fogo do cozinheiro, na hora do preparo do café. “Assentados sobre os calcanhares os primeiros chegados, — cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes nos varaes, — espicaçavam pachorentamente nas conchas das mãos o fumo dos cornimboques, picavam miudo no córte do caxirengue e as rodellinhas finas, esfrangalhando entre os dedos os residuos, palha grossa do cigarro encarpitada na orelha”. Descreve a seguir o “cabra abeirado do fogo tomando do cuité fumegante que lhe extendia o cozinheiro” e, “emquanto deglutia a bebera-

gem”, commentar com os demais, em voz mollenga “a marcha daquelle dia”, e, por fim o fecho da jornada.

“A’ noite, repasto feito, descançava o pessoal recostado sobre as retrancas e os pellegos dos arreios”. “Pelos cantos trillavam grillos; de fóra vinha o grito dolente dos caburés e noitibós, agourando a solidão”; e então, “um tropeiro sacando do pi-quá que trouxera a tiracollo, o pinho companheiro dessas caminhadas no sertão”, apertava a chave da prima e pigarrêava pelo cordame um lundú “todo repassado de ais e suspiros”. (Idem, pg. 7).

Dos tropeiros e boiadeiros que tiveram por ponto de partida de suas tropas e boiadas a villa de Sorocaba, segundo as “Curiosidades Brasileiras” de Abreu de Medeiros, tambem se sabe que penetravam pelos antigos caminhos abertos por bandeiras e tropas paulistas, estanciavam em invernadas e pousos nos campos de optimas pastagens. E depois, para alcançarem o Rio Grande, tomavam, em geral, pelo caminho do littoral da Laguna para o sul o mesmo que ia aos “castelhanos” e terras platinas. De regresso traziam grandes lotes de quinhentas, oitocentas e, ás vezes, de mil bestas e burros. Sob ardente sol, copiosas chuvas, invernos rigorosos, corriam extensos campos, entranhavam-se por mattas, atravessavam rios caudalosos ou vadeavam os menores em pelotas ou jangadas, sempre mostrando o zelo do officio. Assim, “na busca dos animaes que fugiam da ron-

da” ou dos que entreveravam com tropas de outros donos; comendo ao “romper do dia” e “á noite” o mal cozido feijão de caldeirada, “mas tambem já o churrasco” acompanhado do “matte-chimarrão”; dormindo ao relento em chão “forrado da xerga e da carona “repassadas do suor do matungo lerdo e cansado”, tendo por travesseiro o lombilho, arrebanhando gado pelos pampas sulinos ou pelas invernadas de Curitiba, Lages, e da Vaccaria, para, por fim, chegarem com as tropas ás visinhanças de Sorocaba.

Ahi pousavam em campos, ou reiu nos ou de aluguel, faziam o rodeio com camaradas ou peões para a apartação antes de serem as rezes vendidas, ou então, desse ponto retornavam previdentes, para as invernadas, caminho do sul.

E porque de Sorocaba irradiou para todo o Brasil Central em grandes jornadas esse constante commercio de gado, tambem em tão longas marchas caminharam muitissimas vozes portuguezas ou espanholas, régioaes ou mestiças, brasilicas ou americanas, que chegaram, ás vezes, a ter por extremos da sua propagação, ao norte, o Amazonas, e, ao sul, as terras argentinas.

Em varias phases da vida nacional pôde-se, pois, colher manancial de antigos termos, tomando-se para referencia outros pontos como essa antiga villa das grandes feiras pastoris; e, não se perdendo de vista as linhas mestras da nossa formação historica, dar aos proprios termos colhidos o panorama em que elles nasceram, caminharam, viveram ou vivem. E assim, num sentido geral, pôde-se dizer, — pela ligação historica

que os caminhos dos tropeiros e as navegações nos rios estabeleceram no centro, no sul ou no norte, entre os nucleos littoraneos mais puros de cultura do idioma do conquistador com outros centros de caldeamento e propagação de um novo linguajar mesclado principalmente ás linguas indigena e africana, — que, valendo-se da lição capistraneana, estudando nossos velhos caminhos, melhor se haverá de conhecer a geographia linguistica brasileira.

3.^a PARTE

ASPECTOS DA FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA

Os caminhos das tropas e os cursos dos rios que serviram á penetração e ao povoamento do sertão brasileiro, serviram tambem de estrada e roteiro aos emissarios da cultura universal, sabios viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil em todos seus quadrantes geographicos.

Este louvor não nos deve, porém, levar a esquecer os nomes de portuguezes e brasileiros que, nessas mesmas ou em outras missões de sciencia ou do conhecimento da terra, se tornaram indispensaveis á realização de tão altas empresas do saber humano.

Nosso litoral, desde as primeiras explorações maritimas portuguezas e, a seguir, da Espanha, da França e da Hollanda, — de que, por vezes, participaram homens de raro saber para o seu tempo, na arte da navegação, da cartographia e da guerra, nas ciencias geographica e astronomica, e, mais tarde, com o concurso de outras civilizações, em particular, na botanica, na zoologia, na ethnographia, na geologia, na climatologia, — foi motivo de acurados estudos de uma pleiade de homens a quem os brasileiros devem imperecivel gratidão.

O Mestre João da armada cabralina estudando um aspecto constellar do céo brasileiro, ou Juan de la Cosa,

Cantino e Canerio, Reinel, Diogo Ribeiro, Gaspar Viegas, Diogo Homem, Vaz Dourado, J. Teixeira de Albernaz e outros autores de cartas de origem italiana, espanhola, franceza, hollandeza, ingleza ou aleman, dando-nos as primeiras e as seguintes configurações do littoral em que se continuava o descobrimento sul-americano de Colombo, apoiados nos Pinzons, em Gonçalo Coelho, em Vespucci, em João de Lisbôa, em Pedro Corso, em Solis, em Christovam Jacques, em Pigaffeta, em Caboto, em Pero Lopes, em Diogo Leite e em tantos e tantos outros mais, — são prognos illustres, dentro de fórma objectiva e scientifica, do conhecimento do nosso céo e da geographia das nossas zonas costeiras que foram observando ou abordando tantos bravos homens do mar.

Com o concurso dos jesuitas, — fundadores das nossas primeiras escolas e cultores das varias sciencias, no littoral e já ganhando o sertão —, se começa a ter melhor conhecimento do sólo e de seus habitantes, esboça-se na colonia recém-descoberta e continuada a descobrir, a primeira expressão da nossa cultura.

A geographia, em todos os seus ramos fundamentaes, principalmente na geographia physica, na ethuographia e linguistica indigenas, na historia natural, fez-se-lhes, de logo, campo predilecto de estudos, parallelamente ao seu piedoso apostolado christão. Titulos bastantes da sabedoria desses primeiros missionarios são suas notaveis cartas jesuiticas, suas cartilhas, suas grammaticas, suas chronicas, não contados outros valiosos

documentos que ainda restarão, parece, por largo tempo, sem a luz da publicidade.

Sua obra, que immortaliza labores intellectuaes, continuos e proficuos, tambem estimula a outros, religiosos ou não, á realização de trabalhos de cultura. Chamem-se Anchieta, Fernão Cardim, Figueira, Simão de Vasconcellos, Christovam Lisbôa, Antonil, Vieira; ou se chamem frei Vicente do Salvador, Montoya, Samuel Fritz, Callado, Jaboaão, Christoval d'Acuña, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux; ou se chamem Thevet, Lery, Gandavo, Hans Staden, Pero Lopes, Gabriel Soares, Glimmer, Piso, Maregrav, Barlaeus, Laet, Nieuhofs, Post, Herckmanns, Brandonio, Ayres de Casal, Diogo Soares, Domingos Capassi, Ludwig Pfeil; perlustrem outros homens doutos, outros campos de saber, são todavia, uns e outros, nomes eminentes para servir de alicerce a um monumento de cultura européa-americana que se foi fundando á proporção que o descobrimento ou estudo da terra brasilica ia sendo trazido ao conhecimento do homem do nosso littoral, da America e da Europa.

Navegados os grandes rios, o São Francisco, o Amazonas, o Araguaia e o Tocantins, o Paraná, e essa immensa rede fluvial que lhes tributa aguas para criarlhes majestosas caudaes, estava o homem, já ao norte, ao centro e ao sul, senhor, em parte, do melhor itinerario para conhecimento de variadas zonas da futura nação, entre o findar do seculo XVI até o alvorecer do seculo XIX. O Madeira, o Solimões, o Mamoré, o Guaporé, o Xingú, o Negro e o Branco, o Maranhão,

o Parnahiba, o Rio Grande, o Parahiba, o Jequitinhonha, o Doce, o das Contas; o rio das Velhas, o Parapoeba, o Arassuahy; o Parahiba do Sul; o Tietê, o Grande, o Paranapanema, o Iguassú, o Ibicui, o São Lourenço, o Paranhiba, o Uruguai, o Paraguai, e tantos e tantos outros iriam completar como systema fluvial um outro systema de caminhos terrestres já em grande extensão abertos e vencidos.

E por todos esses rios, como pelo littoral, estudiosos estrangeiros, ou portuguezes, assistidos por brasileiros em peregrinações scientificas, em expedições militares ou demarcadoras dos lindes internacionaes, constructoras dos mais avançados estabelecimentos de defesa maritima e terrestre, foram realizando obras durante seculos desconhecidas dos proprios brasileiros e outras ainda hoje ignoradas pela gente mais culta do paiz. Entretanto, muitas dellas são alicerce ou fundamento da nossa cultura e civilização.

Com a chegada da familia real portugueza ao nosso continente em 1808, accudiu-se em resolver com maior largueza de horizontes os problemas essenciaes á uma futura nação.

Escutando d. João VI o conselho do estadista José da Silva Lisbôa, depois Visconde de Cairú, e decretando a abertura dos portos á navegação e commercio do mundo, propicio se tornaria o paiz á propagação da cultura universal. Aconselhado pelo Conde da Barca e mandando contractar uma missão artistica estrangeira para

a Séde da Côrte, em que figuraram personalidades illustres como Lebreton, Debret, os Taunay, Grandjean de Montigny, Pradier, Neukomm, Ferrez; criando a Imprensa Régia, a Bibliotheca publica, a Academia das Bellas-Artes, o Jardim Botânico, as primeiras escolas superiores de ensino militar e civil, Hospital, Archivo publico, não eram só ao commercio mundial abertos os portos do Brasil, mas também ás novas intelligencias brasileiras a cultura européa. E maior proveito ainda para elle adviria, se não contemporaneamente, ao menos, no porvir, quando após a nossa independencia politica e o primeiro casamento do primeiro Imperador, o nosso sólo era perlustrado como motivo de estudos. E então, mais profundamente passavam a ser estudadas e classificadas nossa gente, nossa flora, nossa fauna, nossa geologia, assim como mais particularmente descriptas nossa agricultura, nossa vida pastoril, os habitos ou costumes originaes que marcavam o viver de tribus e povoados, villas e cidades, chacaras e fazendas, engenhos e estancias.

Tomando ligeira nota no paciente trabalho de Rodolfo Garcia, chronologicamente organizado para o Diccionario do Inst. Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, e em vias de reedição, passaremos, como expressão do que acabámos de arguir, a assignalar as principaes viagens scientificas estrangeiras realizadas, antes e depois da nossa maior data nacional,

De Langsdorff citam-se tres importantes expedições: a de 1803 a 1807; a de 1813 a 1820; e a de 1825 a 29, da qual fizeram parte Riedel, Hasse, Rubzoff, Adriano de Tannay, Hercules Florence e o admiravel e incomparavel artista que foi Rugendas.

De 1802 a 1822 podem-se ennumerar: as de Lindley, de Henry Koster, de John Mawe, de Charles Waterton, de Swaison, de Caldeleugh, de Lucecock, de Andrew Grant; as cinco jornadas de Saint Hilaire; os frutuozos trabalhos dos sabios designados pela Côrte de Vienna da Austria em 1817, assim como pela França, Russia e Toscana, taes como Pohl, Natterer, Mikan, Radi seus auxiliares valiosos, e a que foram aggregados os dois grandes benemeritos da sciencia americana, Martius e Spix. Devemos notar dentro do mesmo periodo, entre outros, os trabalhos geologicos de Eschwege e os do naturalista o Principe Maximiliano de Neuwied.

De 1822, ou da independencia do Brasil em deante, ao correr dos dois reinados não deverão ser esquecidas as viagens ou os consequentes trabalhos geographicos, em especial ethnographicos, botanicos, zoologicos, geologicos: de Peter Wilhelm Lund de 1825 a 1833, e até sua morte occorrida ás margens da Lagôa Santa em 1880, onde realizou suas grandes descobertas e sabios estudos no dominio da paleontologia; os de D'Orbigny, tanto pelo aspecto brasileiro, quanto pelo aspecto sul-americano, de 1826 a 1833; os de Walsh de 1828 a 1829; os de Gardner de 1836 a 1841; os de Wallace e de Bates, chegados em 1848 á Amazonia que proficientemente exploraram por uma decada, assim como os de Spruce de

1849 a 64, attingindo regiões limitrophes internacionaes andinas; os de Schomburgh de 1835 a 1838; os do principe Adalberto da Prussia de 1842 a 43; os de Castelnau de 1843 a 47; os de Burton de 1865 a 68; os de Chandless, de 1860 a 70, a que não faltou, como em todos os mais, a figura valiosa de um tapejara intelligente filho da terra, chamado Manuel Urbano da Encarnação; os de Agassiz, de 1865 a 66, tendo entre outros, por membros dessa commissão na região amazonica a Saint John, e a Hartt, Smith, Orville Derby e Branner, estes ultimos, brasileiros de coração e grandes homens de sciencia em particular no dominio da geologia, mais tarde conselheiros e criadores da Commissão Geologica do Imperio; os de Burmeister, de 1850 a 1852; os de Karl Rath, de 1845 a 1875; os de Glaziou, de 1860 a 1897; os de Keller-Leuzinger de 1856 a 1873; os de Fritz Müller de 1852 a 1897, num nobre exemplo de amôr á sciencia e ao paiz que lhe foi campo fecundo ás suas tão profundas investigações; os de Peckolt de 1847 a 1912; os de Bauer, os de Crévaux, os de Prail; os de Karl von den Steinen, com Klauss, Ehrenreich e Vogel, de tão grande lustre para a ethnographia indigena e linguistica brasilica; os da princeza Theresa da Baviera em 1888; os de Meyer e Ranke em 1896; os de Coudreau de 1895 a 99; os de Henri Gorceix, fundador da nossa Escola de Minas, de 1874 a 1902; os de Goeldi de 1884 a 1907; os de Löfgren, de 1874 a 1918. E' de justiça tambem dar-se o devido relevo, neste ligeiro escorço, dentre outras, ás expedições e estudos de Koch-Grünberg, de Rice, ás investigações astronomicas de Liais e

Cruls; aos trabalhos de Halfeld, e aos dos chefes ou membros das commissões scientificas em que se notabilizaram tambem por estudos e trabalhos originaes, portuguezes, espanhoes e brasileiros notaveis.

Nos trabalhos de hydrographia das commissões estrangeiras, ás quaes devemos melhor conhecimento, pelo levantamento de plantas, de nosso littoral e dos grandes rios, é preciso que não sejam esquecidas: a de Freycinet, de 1817 a 1820; a do barão de Roussin de 1819 a 1820, completada na bacia amazonica pela de Tardy de Montravel entre 1843-44; a do barão de Bougainville de 1824 a 1826; a de Dumond d'Urville de 1837 a 1840; a de Darwin, na "Beagle", de 1831 a 36; os trabalhos notaveis do Almirante Mouchez; os estudos do nosso barão de Leverger, francez de nascimento, aos quaes deve a maior gratidão a nossa Marinha, como aos brasileiros que lhes continuaram glorias e estudos.

Infelizmente, esse thesouro de sabedoria não se acha ainda completamente integrado na nossa cultura, mas só ao alcance de escasso grupo de eruditos. A traducção e o commentario dos textos de muitas dessas obras, ainda estão por fazer-se; verdadeiros monumentos de saber, muitas dellas dormiram e outras ainda dormem o somno de secular esquecimento nos idiomas estrangeiros em que foram escriptas ou nas raridades das edições em que circularam.

O saber desses representantes das fontes culturaes mais avançadas, ao chegar, de espaço e em parte ao co-

nhecimento de muitos estudiosos brasileiros, já veiu a encontrar, então, entre nós certo cabedal de cultura europeia assimilada através da contribuição scientifica dessa mesma origem durante a primeira phase do caldeamento da nossa nacionalidade, herdeira na America da formosa lingua portugueza.

Bahia, Pernambuco, Maranhão, Minas Geraes, Rio de Janeiro, foram principalmente, por suas principaes cidades, cinco grandes centros de propagação e trato da lingua mater no periodo da colonização, e mesmo depois. Ligados esses nucleos de formação racial mais directamente ao Reino, culminasse neste a lingua portugueza nos mais inspirados prosadores e poetas, ou decahisse de suas galas e primores, os mais estudiosos filhos da colonia luso-americana desde cedo procuraram conquistar o genio do idioma camoniano, e, muitas vezes, pratica-lo nos melhores modelos de o bem falar e bem escrever.

Mantiveram elles sempre nesses grandes centros uma reacção contra o mestiçamento do idioma; e mesmo depois que nucleos poderosos contemporaneos de immigração italiana, aleman, polaca, syria, turca, japoneza e de outras nacionalidades começavam a ser órgãos perturbadores de sua propagação já mestiçada principalmente dos idiomas tupi e africano, outros impediriam que aguas desses correjos ou vallados pudessem de todo turvar a corrente, a maior caudal, vencedora e em marcha. Nas phases primitivas de seu caminhamento e nas successivas sob influxo de centros renovadores, litteraneos ou não, tiveram, apesar de tudo, influencia na

defesa de suas preciosas fontes de origem, os seminarios, as escolas, as academias e, por fim, a vida social mais representativa e culta das cidades, villas e povoados da grande colonia ou da nova nação.

De 1500 a 1830, — ao formar-se a colonia sob o absoluto dominio politico e de pensamento portuguez até tornar-se realidade seu anseio de independencia já pallidamente esboçado numa nova literatura —, flue o idioma literario do colonizador nesses cinco centros de sua fixação na America: a principio, no estilo pittoresco dos primeiros chronistas lusitanos e, por fim, mais no dos escriptores para quem a simplicidade nem sempre marcou a maior virtude dos textos. Mas enquanto isso, e após isso, se operava com o mestiçamento da lingua a reacção brasileira.

Leiamos as paginas tão profundas, quanto precisas nos seus estilos, de Pero Vaz de Caminha, de Anchieta, Nobrega, Cardim, Gandavo, Jaboatão; outras não menos sabias, e por isso não menos singellas, de Gabriel Soares, Antonil, Brandonio, frei Vicente do Salvador; participemos dos surtos maiores ou menores da eloquencia de Antonio Vieira ou de Antonio de Sá, em que a lingua da mãe patria attinge na colonia o apice do fastigio, ou sintamos no estilo de Gregorio de Mattos possivelmente já afflorar uma como que feição brasileira no manejar a lingua; toquemos os veios crystallinos e limpidos do formoso idioma portuguez insinuando-se e fixando-se repassado de um doce lyrismo no proprio

coração da terra mineira para florescer nos versos de Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto; emocionemo-nos ante os éstos epicos e lyricos de Basilio da Gama, no "Uruguai" palpitante já de poesia luso-indiana a alvorecer nas letras americanas, ou os de Santa Rita Durão, no seu "Caramuru" em que se descobre a aspiração de uma outra patria; montem embora pretenciosa e estulta guarda aos enfeites desgraciosos e pesados arreiamentos de um idioma que decahia em belleza e simplicidade, as muitas Academias de Esquecidos, Renascidos, Felizes e Selectos, sociedades e arcadias; e assim se sentirá alguma coisa da alma portugueza a evolver para uma nova alma americana no aneio de criar, identificada com a terra e o meio, uma outra expressão verbal marcaute da nova personalidade.

E' porque, de então, o Brasil — como disse Sylvio Romero — "já não seria um immenso perimetro de costas descobertas e colonizadas pelos portuguezes." ... "Enorme corpo onde se achavam os altos tableiros, as origens dos grandes rios, os terrenos auriferos, os uberrimos sertões que deviam ser o celleiro do paiz, — "a obra da descoberta ou da conquista das zonas dos sertões já não corria mais por conta dos emboabas." Seria a obra maior que se realizava a dos seus descendentes, a "do mestiço, filho da terra, brasileiro, caipira". E assim, "desenvolvidos os elementos economicos na missão que lhe cabia, constituído o povo", como imagem propria da terra e da gente, irrompia uma literatura de que o lyrismo foi e é sua primacial expressão.

Fosse em frei Manuel de Sta. Maria Itaparica; fosse no prosador, comediographo e poeta Antonio José da Silva, o Judeu; fosse em Sebastião da Rocha Pitta, imaginoso e gongorico lavrando o campo da historiographia brasileira, na primeira phase do seculo XVIII, — em tão vario complexo humano, esse lyrismo florescia e começava por definir-se num “proto-romantismo”, descoberto por Sylvio Roméro.

Consequente á nossa independencia politica — ou já em periodo autonomico, de 1830 em diante, — segundo Ronald de Carvalho — “quando os romanticos e os “naturalistas trouxeram para a nossa literatura novas “correntes européas —”, é que, nos parece, esse proto-romantismo, assignalado na lição do erudito sergipano, se virá a consolidar num romantismo literario maior, e, póde-se dizer, nacional.

Essa evolução não será diffieil penetrar escutando-se as vozes mais altas ao correr do tempo, mesmo as dos pregadores do pulpito catholico que Vieira já immortalizara, como Francisco de Sta. Thereza de Jesus Sampaio, Sousa Caldas, frei Francisco de São Carlos, Mont’Alverne, até uma de outro campo e de outro teor que ficou officialmente marcando o que viria a ser a iniciação romantica brasileira, com Gonçalves de Magalhães. Cavalleiros da mesma estirpe, amados da mesma musa lyrica, mercê desta ou daquela escola parnasiana, indianista ou naturalista, “condoreira” ou impressionista, a que se filiaram, tambem o foram Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Laurindo Rabello, Junqueira Freire, José

Bonifacio, o moço, Francisco Octaviano, Gonçalves Crespo, Maciel Monteiro, Theophilo Dias, Luiz Guimarães, Luiz Delfino, Raymundo Corrêa, Machado de Assis, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, cimos em que pairou mais alta a nossa moderna Poesia, sempre animada de um penetrante lyrismo brasileiro.

Desses, uns como que buscaram na patria terra tanto a força e a belleza que a sublimam quanto a doçura dos bosques e dos campos ou a formosura morena das mulheres que a animam e povoam; e foram fazendo participar de seus arroubos ou mansuetudes a propria lingua em accentos que flammejam nos cantos epicos ou heroicos, ou nos rythmos dolentes que sussurram em versos melodiosos de ternura e voluptia, sob mormaços ou luares tropicaes embalsamados de suavissimos aromas. Outros, porém, não tão identificados com o panorama da terra e com esse movimento da alma nacional de que foi participando a mestiçagem do idioma de origem, ficaram radicados ao culto da vernaculidade seiscentista e setecentista da lingua portugueza — como que alheios a essa evolução do idioma e da gente que quer fala-lo mas sentindo a terra em que nasceu —; e, esses, se por um lado policiaram um patrimonio do idioma portu-guez, por outro lado retardaram na nossa literatura a razão de ser original de um joven povo da America.

Joaquim Manoel de Macedo, Manoel Antonio de Almeida, Bernardo Guimarães, Franklin Tavora, Taunay, entre outros, e mais que todos, o principe da literatura propriamente chamada brasileira, José de Alencar, filiam-se naquella primeira phalange de baudeirantes da

nossa literatura latino-americana em que tambem se devem louvar com justiça em outras phases literarias, a Euclides da Cunha, a Arinos, a José Verissimo, a Aluisio de Azevedo, a Joaquim Nabuco, a Eduardo Prado, a Domingos Olympio, a Lima Barreto, e a outros mais. A outra pleiade de escriptores da qual se destaca, em certo periodo, a Athenas Brasileira que teve por patriarcha a Odorico Mendes e, por epigonos, entre outros a Sotero dos Reis, a João Francisco Lisboa, a Henrique Leal e a escriptores mais escravizados á belleza do vernaculo, não deixou de ter seus dias de gloria redivivos e accrescentados em pleno seculo XX, nos nomes de dois verdadeiros escriptores classicos escrevendo na relatividade do tempo como um frei Luis de Souza, um Bernardes, um Vieira ou um Garrett, e que foram —: Machado de Assis e Ruy Barbosa.

E, se assim, com maior desenvolvimento se deu no campo privilegiado da nossa infante literatura, menos digna de nota, por mais escassa a obra que pareça, não o foi a que intende nas culturas especializadas.

“A maxima prova da constituição organica do Brasil no seculo XVIII, disse-o Oliveira Martins —, “é a sua fecundidade intellectual que progride no principio da nossa era. Brasileiros eram na maxima parte os sabios e literatos portuguezes de então.”

Viajando desde cedo para Coimbra, onde residindo temporariamente realizavam nossos intelligentes compatrioticos estudos de humanidades, iniciando-os e comple-

tando-os com diversos cursos superiores, e após visitando outros paizes da Europa em commissões scientificas, — a principio por mercê ou dotações do governo portuguez, depois do proprio governo da joven nação ou de suas familias mais abastadas —, ao mesmo tempo que apuravam o trato da lingua vernacula ou dos idiomas estrangeiros, adquiriam tambem precioso cabedal de sciencia, de bellas letras e bellas-artes.

Nesse ambiente foram estimuladas vocações, frutificaram privilegiados engenhos, e originaram-se cyclos de cultura radicados de vez ao patrimonio cultural brasileiro em que se foram incorporando outros brasileiros illustres cujos nomes puderam vencer a morte.

Nas sciencias naturaes notabilizaram-se, tanto como patronos desses estudos Alexandre Rodrigues Ferreira, Arruda da Camara, Conceição Velloso, José Bonifacio, Manoel Ferreira da Camara Bethencourt e Sá, Antonio de Nola, Velloso de Miranda quanto seus epigonos, entre outros, Freire Allemão, Frei Leandro do Sacramento, Caminhoá, Saldanha da Gama, Capanema, Barbosa Rodrigues, F. Paula Oliveira, Gonzaga de Campos, Costa Senna, Arrojado Lisboa.

Na politica, na diplomacia, nas sciencias economicas, elevaram-se tanto Alexandre de Gusmão, Azeredo Coutinho, José Bonifacio, José da Silva Lisboa, Antonio Carlos, Martim Francisco I.º, Feijó, Olinda, Abrantes, Bernardo de Vasconcellos, Parauá, Alves Branco, Pimenta Bueno, quanto Pedro IIº, Nabuco de Araujo, Uruguai, Rio Branco Iº, Octaviano, Penedo, Cotegipe, Zacharias, Cabo-Frio, Joaquim Nabuco, Saraiva, João

Alfredo, Rio Branco II^o, Ouro Preto, Murtinho, Campos Salles, Prudente de Moraes, Rodrigues Alves, Conselheiro Antonio Prado, Calogeras.

Nas sciencias mathematicas, — se foram entre outros brasileiros mais notaveis, successores de eminentes engenheiros militares portuguezes como de sabios mestres que envergaram a roupeta ecclesiastica —, personalidades como as de Manuel José Nogueira da Gama e do conego Villela Barbosa, mais alto ainda, nesse ramo de saber, elevaram nossa nacionalidade, em dias mais recentes, Gomes de Sousa, Otto de Alencar, Amoroso Costa; e como engenheiros e ao mesmo tempo eminentes representantes dessas sciencias, entre outros, Rebouças, Christiano Ottoni, Morsing, Buarque de Macedo, Teixeira Soares, Candido Baptista de Oliveira, Pereira Reis, Paula Freitas, Carlos Sampaio, Francisco Bicalho, Sousa Bandeira, Alfredo Lisbôa, Del Vecchio, Pereira Passos, Frontin.

No campo da sciencia aeronautica do Brasil cabe-lhe a palma da benemerencia conquistada, principalmente por dois de seus illustres filhos: consagre a justiça historica a um delles, Bartholomeu Lourenço de Gusmão, ou o universo hoje glorifique o outro no genio de Santos Dumont.

No dominio dos estudos da Historia da formação brasileira apresentam-se marcadas quatro phases distinctas por nomes benemeritos: a que vem dos chronistas portuguezes a frei Vicente do Salvador; a que vem de frei Vicente do Salvador a Ayres de Casal, (portuguez de nascimento); a que vem de Ayres de Casal a

Varnhagen; a que vem de Varnhagen a Capistrano de Abreu. E na pleiade de nossos historiadores e historio-graphos da idade colonial até dias republicanos, como de eruditos consagrados a campos que lhe são affins, não deverão ser esquecidos para nosso orgulho, entre outros já nomeados, os grandes nomes de Pedro Taques, Jaboatão, Frei Gaspar da Madre de Deus, Pizarro e Araujo; José da Silva Lisboa, Balthazar Lisboa, Varnhagen, Baptista Caetano, Joaquim Caetano da Silva, Ferreira Penna, Severiano da Fonseca, Machado de Oliveira; João Francisco Lisboa, Mello Moraes pai, Ladislau Netto, Couto de Magalhães, Joaquim Nabuco, Sylvio Romero, Joaquim Norberto, Perdigão Malheiros; Pereira da Silva, Araripe Junior, Joaquim Felício dos Santos, Macedo Soares, Pinto de Campos; Rio Branco IIº, José Hygino, Capistrano de Abreu, Vieira Fazenda, Valle Cabral, Rocha Pombo, João Ribeiro, Calogeras, Oliveira Lima, Theodoro Sampaio, Ramiz Galvão. Certo, esses nomes illustres não nos farão esquecer outros, como o grande nome de Roberto Southey, cuja obra lhe concede direitos de cidadão brasileiro; e neste e em outros campos de erudição e cultura: o de um Antonio de Moraes e Silva, o de um Diogo Gomes Carneiro, o de um Teixeira Mendes ou o de um Miguel Lemos, o de um Alfredo de Carvalho, o de um Carneiro Ribeiro, o de um Alberto Torres.

Na imprensa, em que tão ardorosamente pontificaram em periodo já de alta expressão brasileira, principes do jornalismo como Hyppolyto José da Costa e Evaristo Ferreira da Veiga, são-lhes, entre outros, nota-

veis successores, em dias mais recentes, Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, Ruy Barbosa, Quintino, Leão Velloso, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Medeiros e Albuquerque.

No campo das sciencias juridicas alteiam-se marcando as maiores eminencias da cultura do direito no Brasil, as grandes figuras de José da Silva Lisbôa, de Teixeira de Freitas, de Tobias Barreto, e assignalam altos pontos de referencia e de saber nomes illustres como os de Lafayette Rodrigues Pereira, Antonio Joaquim Ribas, Ramalho, Candido Mendes, Pereira Monteiro, Francisco de Paula Baptista, Carlos de Carvalho, Ruy Barbosa, Coelho Rodrigues, Sousa Ribeiro, Pedro Lessa, Carvalho de Mendonça, para não citar senão alguns dos muitos não esquecidos na morte, e que “com o livro, na cathedra e no fôro contribuíram para o progresso das nossas letras juridicas”, no dizer de illustre professor.

Na sciencia como na arte da guerra, dignificadas pela nobreza moral e cultura de chefes ou servidores eminentes, zeladores das tradições honrosas dos Ricardos Francos, dos Roscios, dos Silva Paes, dos Cunha Mattos, illustres militares portuguezes, figura impar é o duque de Caxias; e nessa estirpe não esquecendo aquelles que foram principalmente notaveis cabos de guerra, como um Mathias de Albuquerque, um Ozorio, um Argollo, um Porto Alegre, justo é serem postos em relevo vultos representativos, em seus varios campos de cultura litteraria e scientifica como José Miralles, Conrado Jacob de Niemeyer, Andréa, Taunay, Beaurepaire

Rohan, Barbacena; Domingos Alves Branco Muniz Barreto, Severiano da Fonseca, Couto de Magalhães, Toledo Rendon; Eduardo José de Moraes, José Joaquim Machado de Oliveira, Bormann, Moraes Jardim, Dionisio de Cerqueira, José Eulalio, Trompowski, Benjamin Constant.

A Marinha, em que, desde cedo, como expressão nacional se affirmam um Salvador Corrêa de Sá e Benevides, um Cunha Moreira, um Marques Lisbôa que de piloto no I° Reinado, vae a Almirante no II° Reinado e até a Republica, marcando-lhe os postos militares os momentos de maior grandeza da nossa Armada imperial na America, vultos representativos teve da sua valiosa cultura, afóra seus valorosos "lobos do mar" ou cabos de guerra, mesmo estrangeiros como Cochrane, Taylor, Grenfell, Barroso, Inhaúma, ou de grande valor intellectual ou tecnico como um Leverger ou um Level. E como taes pertencerão á élite brasileira e cultural da nossa gloriosa classe os nomes illustres de Vital de Oliveira, Pinto Bravo, Theotonio Meirelles, Araujo e Amazonas; Braconnot, Alvim, Angra, Ladario, Teffé, Alves Camara, Jaceguay; Trajano, Henrique Antonio Baptista, Custodio de Mello, Saldanha da Gama, Guillobel, Cunha Gomes, Calheiros da Graça, Huet Bacellar, Julio de Noronha, Gomes Pereira.

Nas sciencias medicas, quer na esphera dos grandes clinicos quer na das maiores affirmações de saber ou cultura de seus profcsores, entre outras será de justiça destacar figuras como: as de Correia Picango, José Francisco Leal, Nunes Garcia, Felix Martins, Pereira Rego,

Sousa Fontes, Ferreira de Abreu, Moncorvo de Figueiredo, Saboia; ou as de João Vicente Torres Homem, Sousa Lima, Borges Monteiro, Mello Franco; Bulhões, Feijó, Paula Candido, Benicio, José Maria Teixeira, Francisco de Castro, Almeida Magalhães, Miguel Pereira, Severiano de Magalhães, Manuel Victorino Pereira, Pacifico Pereira, Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Miguel Couto. No campo das verdades scientificas de Hahnemann, de Soares de Meirelles a Joaquim Murtinho, alguns nomes illustres honram suas lições. Na bacteriologia duplamente se tornou sabio e cidadão benemerito Oswaldo Cruz, — a quem se deve, pode-se dizer, a 2.^a abertura dos portos brasileiros á civilização, como ainda a criação dessa escola e academia que é o Instituto portador de seu nome glorioso.

Prende-se por titulos de justiça áquella obra inesquecivel para o Brasil, o nome já esquecido de Lopes Utinguassú que, em sessão da Academia de Medicina de 27 de outubro de 1885, proclamava, e se batia, antes que qualquer outro cientista brasileiro, pela extinção da febre amarella tendo-se o mosquito pelo verdadeiro transmissor do mal; e a esse Instituto não com menor benemerencia se ligam nomes de cientistas desaparecidos como Carlos Chagas, Gaspar Vianna, Ezequiel Dias.

Na oratoria civil ou na eloquencia parlamentar fulgem, entre outros festejados ou esquecidos, os nomes de Martim Francisco Iº, Antonio Carlos, José Bonifacio Iº e José Bonifacio o moço, Alves Branco, Salles Torres Homem; Ferreira Vianna, Zacharias, Rio Branco Iº,

Cotegipe, Tavares Bastos; Joaquim Nabuco, Silveira Martins, José do Patrocínio, Ruy Barbosa, Luiz Gama, Lopes Trovão, Coelho Netto; como na oratoria sagrada personalidades do quilate de um Antonio Pereira de Sousa Caldas, Francisco de Sta. Thereza de Jesus Sampaio, Joaquim do Amor Divino Caneca, Frei Francisco de Mont'Alverne, Antonio de Macedo Costa, Pinto de Campos, Julio Maria.

Nas bellas artes que se esboçaram espontaneas ou floresceram em escola, antes e depois da chegada de d. João VI ao Brasil, e de que dão testemunho as igrejas, os conventos, a decoração ainda de algumas casas senhoriaes, jardins e fontes principalmente da Bañia, de Pernambuco, de Minas, do Rio de Janeiro, ou na pintura em painéis, retratos, e outros trabalhos, a ingratição dos brasileiros fará esquecer tantas vezes os nomes de Joaquim da Rocha, de Antonio Pinto, de Antonio Dias, de Theophilo de Jesus, de Eusebio de Mattos, de José de Oliveira, de Leandro Joaquim, de José Leandro de Franco Vellasco, de Manuel Dias, de Simplicio Rodrigues de Sá e de tantos mais. Por pouco conhecerem das esculpturas, obras de talha ou ornamentações rusticas do mestiço Chagas, do mestre Valentim, de Adriano dos Passos, do mestre Xavier das Conchas, os brasileiros extendem a esse campo seu esquecimento; mas já agora recordam e festejam a personalidade inconfundivel em nossa arte colonial de Antonio Francisco da Costa Lisbôa, o Aleijadinho, assim como a epoca que floresceu sob o favor do cidadão benemerito que foi Pedro II^o nos nomes aureolados, entre outros, de Pedro

Americo e Victor Meirelles, e nos que culminando ou não na mesma gloria e epoca, devem ter seus nomes bem brasileiros lembrados, como Almeida Junior, Zeferino da Costa, Baptista da Costa, Telles Junior, Antonio Parreiras, Amoedo. Na pintura, outros terão já seus nomes aureolados de justa fama, como na estatuaria brasileira alguém já se fez digno successor de Bernardelli, artista nascido no estrangeiro mas brasileiro de coração.

No dominio da Musica em que José Mauricio Nunes Garcia e Francisco Manuel se revelaram duas expressões artisticas tão diversas quão eloquentes e originaes em suas maximas criações, merecerão entre outros, lustre e fama, Manuel da Silva Rosa, Elias Alvares Lobo, Miguez, Nepomuceno, Glauco Velasquez, Henrique Oswald e, dominando como seu pontifice, o genio privilegiado e tantas vezes inspirado na paizagem e na alma brasileiras: Carlos Gomes.

Na musica regional ou popular, como expressão de tres raças fundidas, embalada em lyrismo, sensualismo e doçura muito nossos, revelaram-se e revelam-se muitos talentos musicaes de nossa gente, trovadores de canções brasileiras de um encanto e de uma originalidade que agradam ou seduzem a quantos as escutam ou interpretam.

No theatro brasileiro, que tem no seculo XVI como seu primeiro marco, o theatro da natureza e da catechese ideado por Anchieta na "lingua geral do Brasil", vieram-se caracterizando phases interessantes através da fixação da lingua portugueza e da que se foi mestiçando ou esboçando com o tempo, nas obras de Antonio José, o

judeu, de Martins Penna, de França Junior, de Arthur de Azevedo, para não citar senão alguns dos maiores, e das criações admiráveis de actores e actrizes como João Caetano, Vasques, Xisto Bahia, Ismenia dos Santos, Leopoldo Fróes, Apollonia Pinto e outros de justo renome.

Na Agricultura, na Industria, na Finança, no Comercio ou em muitas realizações e actividades basicas do progresso brasileiro, cumpre anteceder o nosso louvor de uma homenagem aos grandes vultos e administradores portuguezes que, sob tão multiplos aspectos, auxiliados pela nossa valorosa gente do sertão e do littoral, lançaram, desde cedo, os fundamentos ou estimularam e realizaram o conhecimento geographico da terra, o caldeamento das raças, o povoamento do sólo, a navegação de mares e rios, a abertura de estradas e caminhos mais conformes á nossa geographia sertaneja, para ligação do littoral com as regiões já tornadas agricolas, mineiras ou pastoris; ou onde por sua expressão estrategica, para defesa da colonia e de suas fronteiras terrestres e maritimas, ergueram centenas de tranqueiras ou trincheiras, baluartes ou bastiões, fortins, fortes e fortalezas, ou construíram mortonas, estaleiros e arsenaes.

A seguir, é de justiça rememorar os nomes de grandes brasileiros que a essas empresas se ligaram ou que já no dominio pleno de uma personalidade nacional, lançaram novas bases para o progresso de sua Patria. Occupam marco expressivo desse momento, a tentativa

e a realidade da introdução no Brasil da primeira locomotiva e do primeiro navio impulsionados pelo vapor.

Desde a regencia do padre Antonio Feijó por uma lei de 1835 se projectou unir por via ferrea o Rio de Janeiro ás antigas provincias de Minas Geraes, Bahia e, através de São Paulo, ao Rio Grande do Sul. Um anno depois, por um projecto regional paulista planeava-se ligar a capital de São Paulo a Santos, a São Carlos, a Piracicaba, a Itú e a Mogi das Cruzes. Em 1839 era feita concessão a Thomas Cochrane para a construcção de uma estrada de ferro que, partindo da Pavuna e vencendo a Serra do Mar, perlongasse o Parahiba do Sul e alcançasse Rezende. Em 1840 era autorizada a ligação ferrea entre a Villa do Iguaçu e Nietheroi, o que seria em 1848 completado por outro projecto ou outra concessão feita ao Visconde de Barbacena, para estabelecer ligação entre o Porto do Brejo (Sto. Antonio de Jacutinga) e o rio Guandú. Mas, só com o concessão de 1852 e graças ao genio progressista de Mauá, Irineu Evangelista de Sousa, poderia, em 1854, tornar-se realidade, em parte, o grande sonho da regencia Feijó, symbolizada nos primeiros quatorze e meio kilometros entre o porto da Estrella e a raiz da Serra do Mar. linha ferrea que, depois levada a Petropolis, mais tarde o seria, pela Leopoldina Railway, a cidades, villas ou sertões brasileiros. Teem a mesma idade as concessões para a construcção da Estrada de Ferro Pedro II^o, ou Central do Brasil e para a de Jundiáhi a Santos; para a de Recife a Palmares; para a da Bahia a Alagoinhas. Em 1858 estará o Rio unido

á estação de Belém, como Recife ao Cabo. Rodeio, na Pedro II^o, só será alcançada em 1863, e a barra do Pirahi, em 1864, quando já a viação ferrea bahiaua tambem possuia seus 124 kilometros em trafego. Em 1867 parte de Santos, galga o Cubatão a attingir Jundiáhi, a primeira locomotiva que corre em terra paulista. Em 1868, portanto, já trafegavam trens na côrte, nas provincias do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia e de Pernambuco; e em 1889, ao se proclamar a Republica, a Monarchia lhe legava uma rede ferrea de 9.583 kilometros em trafego, abrangendo o Municipio Neutro e as 13 provincias: do Pará, do Rio Grande do Norte, da Parahiba, de Pernambuco, das Alagoas, da Bahia, do Espirito Santo, das Minas Geraes, do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Parauá, de Sta. Catharina e do Rio Grande do Sul.

Estava, então, estabelecida ligação ferrea entre a Capital do Brasil e as cidades de São Paulo e de Ouro Preto. Já a Oeste de Minas tinha um pequeno trecho inaugurado, Curitiba estava unida ao littoral e, em Santa Catharina, desde 1884, fôra dada por prompta a estação de Theresa Christina na via ferrea que inicialmente uniu Imbituba, Bom Retiro e Laguna.

Com o regime republicano a rêde ferrea naciona cresceu rapidamente, sendo que em 1919 já duplicava a que recebera do Imperio e em 1934 era de 33.106ks,374. (Vide Palhano de Jesus e Relatorios do M. da Viação).

Este percurso ferroviario tem, entretanto, e apesar de seu crescimento constante, que ser levado em conta

na geographia physica do nosso paiz immensamente favorecido de rios navegaveis, dos velhos caminhos e das velhas estradas abertas por nossos maiores e da realizada pela gente de hoje, numa rêde rodoviaria approximada de 100.000 kilometros, mostrando como sua precursora, em traçado e construcção, a “União é Industria”, devida á iniciativa e engenho de Mariano Procopio Ferreira Lage.

Na evocação do primeiro navio com applicação do vapor e movido a rodas que, em 1819, era introduzido no Brasil por Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquez de Barbacena, para navegar nas aguas da bahia de Todos os Santos, como dos que mais tarde o substituiram movidos a rodas ou helices, e ligaram por mar em viagens constantes os extremos da nossa costa, não será demais exaltar, além daquella iniciativa benemerita, as empresas de homens de genio empreendedor como Mauá, Buarque de Macedo ou Antonio Lage, que nessa grande obra de progresso se empenharam em varias phases brasileiras. Da applicação mais geral da machina movida a vapor aos differentes misteres industriaes, da qual foi um precursor ainda o Marquez de Barbacena com introduzir a primeira machina dessa natureza nos engenhos de canna, por successivos estagios chegou-se ao que representa hoje São Paulo como a nossa mais alta expressão technica industrial.

A nossa primeira installação electrica teve-a a cidade de Campos, mas a primeira installação hydro-electrica feita no Brasil possuiu-a Juiz de Fóra, em 1889, ainda nos ultimos dias do Imperio, para abaste-

cimento de força a uma fabrica de tecidos de propriedade de uma familia de raro espirito progressista; a segunda, teve-a São Paulo em 1891, destinada ao fornecimento de energia electrica á Cidade. Em 1892, sua applicação no serviço de tracção electrica era feita na Capital da Republica. E apesar da progressiva utilização desse elemento de riqueza, as nossas poderosas quedas d'agua e muitos dos nossos problemas economicos dizem ainda muito do futuro que deverá ter a electricidade como applicação industrial para o progresso do paiz.

O emprego do telegrapho com fio, tal como do submarino a que está ligado o nome glorioso de Mauá, e o do telephone — inaugurados no Brasil, antes de que em qualquer outro paiz da America do Sul, — primazia que, parece, não nos coube na applicação da radiotelegraphia, da radiotelephonia e da cinematographia; a aviação que, para tornar universal o nome de um brasileiro, colheu suas maiores glorias nos céos da capital da intelligencia latina; e outros tantos factores do progresso já assignalam hoje, se bem que ainda modestamente, a nossa vida de culto povo americano integrado na civilização mundial.

Paiz de população escassissima para sua immensa extensão de territorio, e de possibilidades immensas na exploração das riquezas naturaes; formado do caldeamento da raça portugueza, da brasílica e da negra, e depois, pelas immigrações — portugueza, espanhola, suissa, aleman, italiana, polaca, turca, syria, japoneza, chinesa e de outras nações, a refundir-se noutro padrão de raça,

mas dentro da mesma expressão de nacionalidade, cada vez mais do seu patriotismo unido á sua instrucção, educação, cultura, e á organização do trabalho, da economia e da defesa nacional, vae dependendo seu futuro que deve ser digno do seu passado.

Portugal querendo, desde cedo, dar á intelligencia brasileira um ambiente constructivo e defensivo para a nação que se formava, criou na formosa colonia, de inicio, um ensino technico de molde militar. Como doutamente argue Paula Freitas, no "Livro do Centenario", (A engenharia, Memoria, pg. 35) deu essa doutrina base segura a instituições educacionais que sabiamente foram criadas, ou projectadas apenas. A Academia Real Militar "abrangendo um curso regular de sciencias exactas e de observação" foi, pode-se dizer, a matriz de uma cultura que abriu campo favoravel não só a estudos daquellas especialidades, quanto ás das sciencias geographicas, serviços de minas, architectura, estudo e construcção de estradas e calçadas, canaes, aqueductos, e demais motivos de futuras especializações affirmadas pela nossa engenharia civil já então oriunda da Escola Central depois desdobrada em Polytechnica. Verdadeiramente nesse ramo só devemos aos hollandezes as primeiras pontes ou viaductos e, como primeira obra portuaria os trabalhos da cidade Mauritia, — uma vez que dos empreendimentos, projectos ou estudos de illustres engenheiros brasileiros e estrangeiros, só veiu a ser maior realidade na era brasileira e em dias recentes, a construcção do porto de Santos —, hoje techni-

camente reproduzida em cerca de 20 portos aparelhados na nossa costa.

Teve a Marinha no 2.º Reinado os dias aureos da sua construcção naval realizada por engenheiros nossos, o que a tornou, servida por optimos officiaes, a primeira potencia da America do Sul e uma das mais bem classificadas no Mundo, a ponto de lhe serem solicitados instructores para criação da Marinha da Prussia; posto honroso que ella teria mantido, se a siderurgia brasileira fosse a realidade que o nosso illustre patricio, o Intendente Manoel Ferreira da Camara Bethencourt e Sá, com a antevisão de um sabio e de um cidadão modelar, estudou e trabalhou para dar desde cedo á nossa Patria.

A criação de escolas de ensino superior e academico -- que teve seus alicerces no seculo XIX, no governo tantas vezes mal estudado de d. João VI —, nos ramos da Medicina e de outras Sciencias, como no das BellasArtes; os Museus, as Bibliothecas; o ensino do Direito; os Institutos, os Laboratorios e os Hospitaes; as Academias, as Sociedades Literarias ou artisticas; a Imprensa, as Associações de Commercio, de Industria, de Philantropia, de Cultura Social, a vida mais aprimorada em bastantes solares brasileiros, as viagens aos paizes mais avançados em saber e civilização —, marcaram uma base cultural nem sempre, é verdade, orientada sob os moldes educativos mais sabios ou praticos, mas em que a intelligencia brasileira veiu se aperfeiçoando em varios ramos da sciencia humana e apurando sua sensibilidade trazida de um lar honrado para uma vida social de povo moderno.

Este asserto nos move a encerrar este capitulo numa homenagem de gratidão que importe em reviver na nossa alma couteemporanea o que ella deve em belleza moral e pureza de sentimentos, integradas na formação de sua cultura, á acção altamente benemerita que teve a Mulher ou a Mãe Brasileira no nosso lar, notadamente ao decorrer do 2.º Reinado. Porque foi ella quem, — secundada pelo devotamento de educadores estrangeiros e brasileiros, estes, entre outros chamados Victorio da Costa, Ferreira de Menezes, Macahubas, Köpke, Calogeras, Alfredo Gomes, ou Rezende, Campos Porto e Jacobina, — poude moldar com sentimentos christãos o homem culto e a mulher culta do Brasil, e faze-los, pela força da bondade ao serviço da intelligencia, entre os filhos do continente americano, os mais sensiveis ao Bem Universal.

4.^a PARTE

**ASPECTOS DE UM DICIONARIO E
ENCYCLOPEDIA DO BRASIL**

Neste pequeno ensaio de anthropo-geographia dentro das linhas mestras da formação do Brasil, ganhará possivelmente interpretação mais avisada, em seu traçado e estudo, a geographia linguistica brasileira.

As tres grandes provincias formadoras da nossa gente sertaneja affirmaram-se ao correr dos tempos em tres viveiros fecundos de vozes brasileiras, emquanto nos maiores centros da grande provincia littoranea, com alternadas profundidades para o sertão, se renovava, de contínuo, apesar da mestiçagem, o zelo do idioma portuguez.

Abordando o colonizador nossas praias remansosas e acolhedoras; estimulando nessa orla atlantica heroico espirito maritimo na sua descendencia mestiça; cultivando em seus descendentes, através dos cyclos da conquista, o instinto da aventura pelo caminho dos rios encachoeirados, por igarapés, esteiros ou paranamirins, caldeirões e corredeiras; abrindo picadas, varando matas, galgando serras, montando espigões; atravessando ipueiras, vaus e itaipavas; vencendo agrestes e caatingas, taboleiros e sobrados, chapadas, chapadões e tombadores, campos, araxás e pampas; cobrindo com sua conquista uma extensão vastissima das zonas amazonicas ás ribeiras do Rio da Prata e em profundidade buscando alcançar as vertentes

andinas; identificando-se com a nova terra, enfim, em todas as latitudes, longitudes e altitudes, — veiu elle, desde cedo assistindo ao renovo de um linguaajar luso-brasileiro, animado de vozes que já tinham alguma coisa peculiar á alma da nacionalidade que se construia. Madruga no falar desse novo homem americano um entendimento mais profundo com a propria terra, nas vozes ou imagens verbacs em que se sentem, como que integrados, accidentes da nossa geographia, momentos da nossa historia, aspectos da vida economica ou da aventura de quem as semeia, colhe e recolhe pelos sertões.

Desde os primeiros descobrimentos maritimos, ao longo da costa, a lingua tupi, evolvida e tornada depois em lingua geral do Brasil, se mostrara interprete fiel da natureza das regiões descobertas: vozes indigenas sôavam com uma tão grande synthese descriptiva, que surpreendem, ainda hoje, a quem as comparar ás de idiomas da mais culta antiguidade.

Theodoro Sampaio escreveu, — e procuramo-lo exemplificar em capitulos anteriores —, que “tomando-se uma carta do paiz e examinando-se-a quanto ao que “diz respeito ás denominações geographicas, se reconhece, para logo, o predominio das vozes tupis em toda a “região do littoral”.

“Nota-se que ellas penetraram fundo pelos valles “dos grandes rios onde se tornou facil o acesso pelo “lado do mar”; que ellas assignalam ainda, “através “das divisas das grandes bacias fluviaes, o trajecto costumeiro dos bandeirantes ou descobridores”. Reconhece-se tambem “que ellas persistem como vestigio indele-

“vel da catechese onde quer que, isoladamente ou segundo uma série de estações intermediarias, penetrou o christianismo pelo trabalho apostolico dos missionarios”.

Mantem-se tão typicamente a lingua geral na obra da catechese e do descobrimento dos sertões que, — segundo o mesmo autor — “até começo do seculo XVIII, a proporção das duas linguas faladas na colonia era mais ou menos de tres para um, do tupi para o portuguez. Em algumas capitancias, como em São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, aonde a catechese mais influiu, o tupi (ou o guarauí) prevalêceu por mais tempo ainda”, porque “principalmente deram os jesuitas á lingua barbara os fóros de um vehiculo civilizador”.

Mas esses missionarios que se valeram da lingua dos indigenas, foram tambem os que semearam em tempo a aprendizagem do “romance” ou idioma portuguez do colonizador com elle em marcha na conquista da terra e da gente que a povoava ou repovoava.

Diz o jesuita Antonio de Sá em uma das suas cartas, escripta do Espirito Santo em 1559 (Cartas Jesuíticas, 221), e portanto anterior á publicação das grammaticas de Anchieta e de Figueira:

“Eu ensino cá a doutrina christan e as orações em nosso romance, como sempre fizemos, depois que nos mandaram dizer que era necessario concertarem-se alguns vocabulos que estavam na doutrina. Se lá tiverem alguma maneira de ensinar na lingua brasilica, mandem-no-la, porque de outra maneira difficultosamente

“se lhes metterá na cabeça, ainda que lhes vozeem cada hora e cada momento. Elles me dizem que nosso romance é muito trabalhoso de tomar, mas nem por isso lhes deixo de ensinar todos os dias, e acodem-me todos quantos ha na aldeia, porque os levo pela minha simples maneira, e algumas vezes fallo em lingua brasileira com elles o que sei, e contentam-se muito”.

Nos centros povoadores da costa onde, nos primeiros tempos, teve maior curso o idioma portuguez arcaico do seculo XV, este se vae mesclando ao do indio, como se mesclam as tres raças e, tantas vezes, a fé catholica com o paganismo brasilico ou africano; e quando, mais tarde, o vaqueiro vae levando seu gado pelo valle do São Francisco, a ganhar não só o nordeste brasileiro como outros sertões, bahianos, mineiros e goianos, se sente como cerne do seu dialecto, demais mesclado e confuso, o idioma arcaico portuguez do seculo anterior; ou quando descem os bandeirantes de Piratininga para o valle do São Francisco ainda rememora o seu falar de maior mescla da lingua geral do Brasil, nas suas características fundamentaes, aquelle idioma popular de Portugal.

Através do conhecimento do expansionismo paulista-lusitano para o sul até dominios das provincias espanholas do rio da Prata e da influencia destas sob os pontos de vista americano e hispano-americano na linguistica dos nossos gauchos, como da marcha lenta do colonizador e do missionario em sua “montaria” pelo

Amazonas e afluentes carreando um opulento vocabulário dos autochtones, virão os doutos a compreender melhor as lições dos sabios da linguistica americana, entre as quaes a de Martius expressa na "Glossaria Linguarum Brasiliensium", de que "a povoação primitiva do "novo continente na sua solidariedade apresenta os indios da America Meridional e das Antilhas com uma "unidade digna de estudo".

Completa o seu ensinamento arguindo que "esses "homens incultos vinham girando para alguns millenios, "em pequena sociedade, de uma parte do vasto continente á outra, misturando sangue e mudando lingua, "como isto se prova até mesmo pelo material linguistico "desde os Caraibes até os Guaranís; de sorte que se "deve tomar um ponto de vista bem geral e extensivo "para formar idéas correctas da base e do genio da sua "linguagem." (Pg. XVII).

E dahi, a propagação de certas vozes das mesmas fontes americanas, antes ou após a conquista espanhola, tanto correrrem no Brasil por descida dos Andes para as bacias paraguaia e platina, quanto do systema insular da America Central outras virem, com as migrações indigenas, ganhar o valle do Amazonas e a costa brasileira.

Por outro lado, nucleados os negros sob o guante da escravatura nos engenhos de açucar, nas lavouras da canna, do fumo, do café, nas armações de baleia, nas xarqueadas, nos caminhos do ouro, nos trabalhos rudes e braçaes nas fazendas, villas e cidades; insinuando-se na vida social da familia portugueza, participando da

sua organização sob os typos graciosos das mulatas e das brancaranas tocadas de doçura sensual na voz ou nos menciões languidos, e de um grande heroísmo e ternura na missão da maternidade, vinha uma nova gente brasileira impregnada desses ambientes tepidos e sentimentaes attribuir, em grande parte, á lingua portugueza falada no Brasil, novos rythmos, novos aspectos morphologicos e syntaxicos desconhecidos em Portugal.

Só pelo progresso e melhor padrão cultural das nossas grandes cidades de beira mar e de algumas do interior, conjugados aos momentos ou epochas historicas da nossa formação, pode a lingua portugueza, falada pelos mestiços mais cultos da terra, ganhar phases de vernaculidade de lingua literaria tantas vezes incompreendida pelas camadas médias e sub-médias da nossa gente.

Ha tambem a considerar que, sendo o brasileiro na America o povo, em geral, mais idéntificado com a sua formação historica, se bem que quasi sempre ignorando-a na sua philosophia, deverá encontrar-se essa constante racial em muitas de suas vozes, mais curiosas e interessantes quando compreendidas dentro desse panorama luso-brasileiro de sua formação.

Comecemos exemplificando-o, pelo littoral.

Reportando-nos á chegada das naus e caravelas colonizadoras e ao seu encontro com as primeiras igaras dos tupis, tomemos por motivo um termo contendo muito do espirito marítimo americano e que se venha a inte-

grar na lingua portugueza ao compasso da conquista e da colonização: a c a n ô a.

C a n ô a, voz caraibe ou cariba, recolhida por Christovão Colombo nas ilhas da America Central, como attesta em seu Diario, e depois, mercê desse grande feito historico, occorrendo nas Peninsulas Iberica e Italiana, tornando-se na França c a n o t e na Inglaterra c a n o e, é termo que, em breve, substituiria entre os colonizadores a palavra igara (yg-yara) em curso entre os tupis da costa.

E assim, como Colombo as descrevera de variado tamanho “i son de ellas grandes i son de ellas pequenas”, e o Inca Garcilaso as dêsse na isla Española e em toda a região comarcan do typo de barcos ou caravelões espanhóes, vemos tambem essa voz vir a representar no Brasil, dentro da semantica da voz caribe ou caraiba, como tronco cavado —, tanto a ubá amazonica e a igara tupi, como as canôas cobertas, igarités ou montarias, as gambarras usadas para transporte de gado no Amazonas ou, na costa bahiana, a canôa de borda alta chamada “bacussú”.

A principio, o caravelão portuguez foi o transporte que melhor serviu ao conquistador para o reconhecimento de muitos sectores do littoral, abordagem de muitas das nossas enseadas, angras e fôzes de rios; mas depois que, catechizado ou vencido, o indio se torna participante de empresas bellicosas ou pacificas do europeu, a canôa se inscreve como utilissimo instrumento da aventura colonizadora. E porque expressão tão marcada na posse da Amazonia vae ella tendo sobre estradas

liquidadas como sobre as de terra firme tivera o cavallo montado pelo vaqueiro ou o gaúcho das zonas pastoris, cria-se-lhe, ao avanço da mesma conquista, um neologismo de sabôr portuguez e que é o symbolo de toda sua característica anthropo-geographica: a montaria.

Mostrou-se e mostra-se a canôa um vehiculo de grande poder e agilidade na propagação, em constante mestiçagem, da raça, da fé e do idioma; porque foram seus tripulantes que colheram e mesclaram no seio das selvas uma porção de vozes desconhecidas hoje incorporadas nos nossos lexicos, e que tambem, em grande parte, diffundiram e mesclaram, nos reconditos sertões servidos por agua, o idioma do conquistador da terra.

A canôa na historia da nossa geographia linguistica desempenhou um papel da mais alta importancia ainda não devidamente estudado.

Não sendo termo americano como este, antes originario da India, “janga” ou “jangá”, que deu j a n g a d a , janga maior, esta irman gemea da balsa, desde cedo criou fóros de embarcação brasileira das mais estimadas dos littoraneos.

Nem de outra fórmula mereceriam ser designadas as embarcações engenhosas dos caetés, de que fala Gabriel Soares, feitas de “molhos de piripiris muito apertados” com umas varas “brandas e rijas” como vimes a que elles chamavam timbós, e por sua vez atadas a umas outras que completavam a resistencia do estrado ou carro .fluctuante dessas embarcações.

Supportavam o peso de 10 a 12 homens; e nellas vinham esses indigenas constantemente, ainda no fim do seculo XVI, cincoenta leguas ao sul saltar os tupi-nambás, junto á bahia de Todos os Santos.

As balsas dos Paumarys, montadas de casas de palha, para vagarem em superficies mais calmas do rio Purús, tinham outras particularidades inherentes a povos ichthyophagos, nomades sobre as aguas.

A jangada nortista porém, que, após a expulsão hollandeza, ficou como que velando com bravura, em mar alto, justamente a extensão littoranea da terra brasileira libertada do dominio batavo, torna-se o barco mais typico da costa norte da Bahia aos extremos do Ceará; e constitue pela vida heroica da nossa gente mestiça que a guarnece, na constante labuta do mar, um dos grandes motivos de neologismos radicados a uma grande provincia maritima brasileira.

A par de termos portuguezes como tornos, bordas, bancos de governo, esparrela, ou de outros de raizes norrenas e normandas aceitos por Portugal, como escota, carlinga, espeque, bolina, — surgem pittorescos neologismos de sabor tupi, portuguez e africano, como aracambuz, mimburas, atapús, piuba, araçanga ou buruçanga, quinangas, tamancoş, caçadores, cafoletas, coringa...

Da embarcação de voz amerindia, que é a canôa, á de voz indiana, que é a jangada, ou á de voz portugueza que é a baleeira, estabelece-se um cyclo antro-po-geographico de vida maritima da nossa gente; sendo que, nesta ultima, evocadora no seu traçado dos barcos pri-

mitivos dos biscainhos que vieram ensinar aos portuguezes a pesca da baleia, se affirmam tanto quanto nas outras, a originalidade do typo praieiro que a garante e um vivciro de termos com que contribue, como provámos, para a riqueza vocabular da nossa lingua.

Essa riqueza se acrescentou de nova contribuição, através dos tempos, recolhida — das armações ou contractos do norte ás corujeiras catharinenses, — como tambem do linguajar regional de pescadores ou embarcações das garoupeiras, ou bângulas, dos saveiros, dos barcos de mar fóra, de lanchas, perús, hiates, alvarengas, barcaças, sumacas.

Para fazer a roça ou a sua lavoura haveria o homem do littoral de ganhar terreno sobre a matta, a beira dos rios, ou mais de sertão. Vozes portuguezas, neologismos de grato sabor portuguez ou de raiz tupi, marcam ainda hoje a marcha, em certas regiões nossas, o systema do primitivo e posterior trabalho adoptado.

Assim: cortar o matto fino com o facão ou a foice, é brocar; derrubar, é cortar e abater os troncos grossos com o machado; picar, é subdividir e rolar o derrubado para facilitar o incendio. Feita a queimada, trata-se logo de encoivarar ou queimar em fogueiras (ou em coivaras) os ramos que escaparam da queima geral; e então, cercada a roça ou erguida a caiçara ou o cercado, ha que se sementar, plantar, apanhar ou colher, entre cujos espaços

de tempo ha de se zelar pelo terreno, ou limpar o terreno, capinar ou carpir.

São palavras estas tanto do colonizador quanto do mestiço, são já palavras do Brasil, que vão de roça em roça terra a dentro, como as sementes das proprias plantas reproduzindo-se nas mesmas flôres e nos mesmos frutos.

Desde as primeiras lavouras da costa figurava a mandioca, como o "pão do Brasil", euphorbiacea que participa de quasi toda a historia anthropo-geographica da America.

Conhecida no dialecto dos caraibas por yuca e trazida por migrações indigenas da America Central a esta parte americana, surge na voz guarani mandio g, segundo Montoya; e assim, no Brasil, na lingua tupi como na guarani, fixada na intelligencia da voz, como procedente da maniva, maniba ou mandyba (many-og).

Nos capitulos que tracejámos e formam o corpo deste ensaio, procurámos deixar, se bem que rapida e salteadamente lembrada, a importancia que ella teve na nossa colonização, através das suas mais de 35 especies conhecidas pelos chronistas e botanicos.

Sem ella, como sem o indio, sem o negro, e sem o gado não seria possivel a realização da alta politica intelligente e colonizadora de Portugal. Serviu na guerra, serviu na paz; caminhou com o aborigene, com o mestiço, com o colonizador branco, com o braço negro;

ajudou a fixar o homem ás feitorias, aos engenhos, aos curraes, aos sitios, ás fazendas, ás estancias e, ainda hoje, tem seu reinado na choça humilde e na nossa velha casa patriarchal. E a par do que representa na fixação e propagação da lingua dos peninsulares, tambem se tornou motivo de novas vozes brasileiras pelo que della se faz, como farinhas, succos, cosimentos, doces ou bebidas, graças ao engenho do nosso povo.

Designa-se óra pela doce voz *carimaná* farinha fermentada de que se manipulam massas, bolos, ou *mingaus*, óra por *tapióca*, *beijú*, *manicoera*, *aurubé*, *tucupi*, *caribé*, *cachirí*, e outros dos seus muitissimos productos, maior razão lhe assiste para jamais ser esquecida como instrumento importantissimo que foi em todas as phases da colonização.

A caça, a pesca, no mar e nos rios, os vegetaes, os frutos, o gado, além do que já procurámos lembrar em outras passagens deste ensaio, são outros tantos motivos de grande significação para o thema linguistico, principalmente quando se puderem surpreender as vozes surgidas desses motivos, no seu caminhamento e fixação, perlustrando as proprias linhas historicas de penetração e conquista colonizadora. Estão neste caso, principalmente, as rotas das bandeiras ou dos bandeirantes que se deslocaram do planalto de Piratininga para regiões longinquas, como os valles do São Francisco e do Amazonas, ao norte, para sertões mineiros, goianos e mattogrossenses ao oeste e ribeiras platina e paraguaia ao sul e ao sudoeste; e as tropas e as boiadas guiadas pelos

tropeiros e boiadeiros que, em constante labôr, iam sertão a dentro ou vinham sertão afóra.

Acompanhando os roteiros das monções ou das barbaras descidas do gentio captivo, da busca do ouro, das empresas de colonização, — quer das bandeiras paulistas, quer daquellas chamadas pelo mestre, bandeiras bahianas, pernambucanas, maranhenses e amazonenses —, deve-se ter sempre em vista, no itinerario desses caminhos antigos, os nucleamentos de população que, economica ou social ou politicamente, foram sendo grandes centros coordenadores ou condensadores da vida brasileira.

Sob esse aspecto, entre outras, não deve ser esquecida a villa de Sorocaba. Nella eram feitas, desde o seculo XVII, as cobranças dos direitos de passagem, e era realizada, mais tarde, uma das mais importantes feiras de gado da America.

“Negociações de animaes cavallares, muares e vacuum” conduzidos das regiões castelhanas do sul, — paraguaias ou platinas, — e das que occorriam desses e de outros reconditos sertões brasileiros, foram dando a Sorocaba, por esse motivo, justo destaque na distribuição geral de muitas vozes. Tomemos, por exemplo, um termo que, oriundo das regiões paraguaias, tivesse curso entre as missões jesuiticas dos Sete Povos e dahi se deslocasse, com a mesma semantica, a attingir paragens equatoriaes do Brasil.

A voz guarani *p o t y r õ* que, segundo Montoya, significa “pôr mãos á obra” — ou melhor, ajuda graciosa entre trabalhadores visinhos nos serviços agricolas,

pastoris e outros, — fixa-se nos pampas rio-grandenses, como p u x i r ã o e p i c h i r u m. Propaga-se assim por coxilhas e estancias, invernadadas e regiões serranas; passa aos campos da Vaccaria e de Lages, entra pelos de Curitiba. Os Caiuás, — de origem guarani para uns, para Ehnrenreich tupi, — que habitaram regiões ribeirinhas ao Tibagi, disseminaram tambem por esses campos, em tempo, vozes como p y c y r o n, significando acudir, e p e t y b o n, no sentido de ajudar, segundo o Vocabulario dos mesmos Caiuás publicado no tomo XIX da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Sob varias morphologia e prosodia, de m u x i r o m, m u t i r o m ou m u t i r ã o, p u x i r ã o ou p u x i r u m, caminha o termo antes de entrar nas Minas Geraes, aonde se fixa em fôrma mais corrente: m u t i r ã o. E, por ficarem isentos delle os vocabularios de todo o valle do São Francisco, dos sertões do nordeste e de toda a costa atlantica da Bahia até o Maranhão —, em cuja area occorrem, com esse mesino sentido, as vozes b a t a l h ã o, b a n d e i r a ou a d j u t o r i o, — facil será concluir-se houvesse o termo attingido o Amazonas e o Pará, como P u t i r u m e M u t i r u m, pela rêde de rios matto-grossenses e goianos, caminhos antigos por que os paulistas buscaram a Amazonia.

Guardar a mesma semantica da origem guarani, em tão extensa area do nosso paiz, isto é — a ajuda graciosa ao trabalho alheio, sob varios aspectos —, é explicar como a feição liberal dessa voz nasceu e encontrou ambiente social propicio pelas regiões em que se fixou; como contrapôr-lhe nas zonas brasileiras em que

o negro soffreu as durezas da escravidão, outra voz, será acompanhar e explicar a fixação africana onde o dono ou senhor rural “a serviços extraordinarios obrigava “seus escravos (negros) durante parte da noite”. Essa voz, que se encontrava em curso numa faina agricola da gente do continente negro, e por um estudioso lembrada entre nós, — q u i n g u i n g ú , poderá representar para o Brasil, o que a voz m i t a significou sobre Andes, entre araucanos ou mapuches, antes da conquista espanhola (Lenz, Dic.º Etim. Chileno).

S e r ã o , representará na voz portugueza o que entre o aspecto profundamente liberal do putyrõ guarani, e o profundamente barbaro desse trabalho servil africano, virá a ter o trabalho brasileiro, em nova feição social a coincidir com a propria geographia linguistica daquele termo.

Sorocaba como recebe e distribue expressões de raro sabor americano, tambem permite a levada, através das marchas e rotas de suas tropas e boiadas até os castelhanos do rio da Prata, de termos portuguezes ou de neologismos da nossa gente.

Estará neste rol, parece, o termo c o r n e t a , no sentido do gado de um chifre só. “Vaca corneta” ou “boi corneta”, é expressão de vaqueiros nordestinos.

Do nordeste pastoril brasileiro e do valle do São Francisco teria irradiado para quasi todo o Brasil. Ganhando Minas, e logo terras paulistas e, portanto, de Sorocaba passando aos campos pastoris do Paraná e

de Sta. Catharina, alcançaria, por fim, os pampas do Rio Grande e attingiria os circumvisinhos do Rio da Prata, segundo Romaguêra Corrêa, no seu Vocabulario sul rio-grandense.

Dom Daniel Granada, querendo justificar ser no Rio da Prata “a ganaderia mas antigua que en el Brasil”, no seu “Vocabulario Rio Platense Razonado”, avoca ás populações das regiões platinas a autoria da disseminação dessa voz.

Qualquer que seja, porém, a origem do termo, neologismo hispano-americano ou brasileiro, cursando com a mesma semantica e em continuidade geographica em zonas argentinas, uruguaias e brasileiras, é de concluir não haver sido Sorocaba, com suas feiras intensivas de gado, alheia de forma alguma á propagação dessa voz.

Outros termos vindos do oeste, do sul ou do nôrte por ahi teriam passado na sua peregrinação americana.

Chucro é um delles, no sentido de animal bravo, selvagem, insubmisso á sella. E' para alguns de origem quéchua (*chucaro* ou *chucru*), de origem castelhana para outros, como para Ludovico Bertoni, autor do “Vocabulario de la Lengua Aymara”. Occorre, segundo Lenz, no Perú, no Equador, na Colombia, no Salvador, em Honduras, em Costa Rica.

Seguindo as directrizes da vida pastoril platina interdependente da do Rio Grande do Sul, neste se propagou a voz e com as tropas e boiadas passou as fronteiras sorocabanas proseguindo e radicando-se em outras zonas brasileiras. Tal já não se daria com o termo *bagual*, tambem occorrendo nos centros pastoris platinos, mas

que parece ter encontrado nos lindes sorocabanos uma barreira á sua propagação: as estancias rio-grandenses ficaram seu "habitat", como o do termo *pingo*, com referencia ao gado cavallar apreciado pela bôa apparencia e dotes de ardego corcel.

O termo *garôa*, representando o chuvisco, miudo e longo, entrenevado, veiu tendo seu percurso sobreandino do Perú e Chile á bacia do Prata, como *garúa*: no Rio Grande ainda ocorre com esta prosodia que perde em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outros lugares por *garôa*, mas sempre guardando, na relatividade do phenomeno meteorologico nas latitudes que alcança, a mesma semantica de origem.

Outros termos tiveram mais intensidade e folego no seu percurso, como, por exemplo: *vaqueano*, *cincerro*, *chacara*, *bagre*.

Vaqueano (ou baquiano) cursando na America Central e na America do Sul sobre Andes, propagar-se-á ao Rio da Prata e, pelos campos do sul, ao nosso territorio. Buscará na sua fixação, por vezes, desbançar o nosso termo *tapejara* de raiz tupi-guarani, desde cedo acceto pelo colonizador para significar o guia pratico dos nossos caminhos e sertões.

Assim, tambem, o termo *cincerro*, que, annunciando-se como campainha a tilintar nos pescoços das madrinhas das tropas, haveria de ser mais facilmente conhecido e propagado. Veiu elle ao Rio Grande, de onde passou ao Paraná, a São Paulo, a Minas Geraes, a Goiaz, a Matto-Grosso, ao Rio de Janeiro e zonas circumvisinhas.

Chacara, revela suas raízes quéchuas em chá-cra, significando approximadamente granja, ou tida por terreno lavradio, plantado de legumes, de lavouras pequenas ou grandes proximas ás povoações, ño Rio Grande do Sul. Sobre Andes se o conhece em varios paizes hispano-americanos, assim como na America Central; descendo-os, mais ou menos com a mesma semantica, caminha a varar as nossas fronteiras. Todavia, a "chacara" do Rio Grande não será a antiga "chacara" dos arredores do Rio de Janeiro, por sua vez identificada, não com muita segurança, por varios autores, com a "roça" da Bahia e o "sitio" do Pará e de Pernambuco.

Outros aspectos do caminhamento de certas vozes nos despertam e estimulam a curiosidade sem, entretanto, nos darem directrizes seguras para estudo de sua rota no nosso Paiz. Nossa zoo-geographia sul americana no ramo da icthyologia, entre outras, tem uma voz, bagre, representativa de um peixe, abundante em quasi todos os rios da America, e talvez originaria das Antilhas ou da Centro-America, como quer Lenz. No Brasil é nome dado a um peixe de agua doce, sem esca-ma, de aspecto muito feio e boca muito larga (*Pimelodus maculatus*, Lacep.). Entre guaranis e tupis correspondia ao mandiy, baptismo que perdeu pela voz antilhana. Ter-se-ia propagado com as migrações indigenas do hemispherio do nôrte para o equador, antes de pelos Andes alcançar as regiões platinas?

Na região mexicana onde era de uso a lingua nahua ou nahuatl foi recolhido o termo tomatl, para representar a planta e fruto conhecidos entre nós

por tomateiro e tomate. Cursou e cursa na Colombia, na Venezuela, em Cuba e, parece, só ter tido entrada em muitos paizes da America Meridional depois que galeões castelhanos o levaram á Peninsula Iberica, facilitando assim, sua inclusão em dictionarios espanhóes e portuguezes. Seria termo acceito no Brasil sómente depois de torna-viagem das duas Espanhas?

Tanto do araucano ou mapuche, como do quéchua, pôde originar-se a palavra *charque*, vinda de sobre Andes para a bacia platina: quer, no primeiro caso, tido como “carne de vacca secca ao sol”; quer, no segundo caso, significando, mais propriamente, o “chharqui” quéchua, o “tasajo” ou a carne salgada posta “ao fumo e ao ar para que se conservasse enxuta”. Com este sentido entrou pelo sul brasileiro e, com o tempo, veio a ser, tal a sua accitação, estímulo para estabelecimento das xarqueadas rio-grandenses e das “officinas” do norte aonde as mais importantes parecem ter sido no littoral cearense as de Aracati. Mas desse extremo sulino ao outro nordestino, a beira-mar ou sertão a dentro, quantos appellidos não teve e não tem! Carne de sól, carne do Ceará, xarque salgado, ou carne do sertão, carne secca e jabá, são outras tantas designações mas sabendo já a neologismos da gente da nossa terra.

Do vocabulario brasileiro fazem hoje parte, “por corrupção intercorrente, ou collisão homonymica”, termos

de tres origens: indigena, africana e portugueza. *Tipoi*, está nestes casos.

Como voz guarani é “tupoi” que, pela corrupção de “tipoi”, deu *tipoi*. Se significou em lingua tembé alguma coisa que se assemelhasse a tanga, todavia só se propagou com intensidade maior para representar a vestimenta de algodão usada por mulheres indigenas, depois que tribus da nação guarani foram catechizadas pelos padres jesuitas das missões paraguaias.

Lisandro Segovia, no seu “Diccionario de Argentinismos” dá essa veste de tecido de algodão, sem gola e mangas, e usada até entre camponios do Paraguai. Severiano da Fonseca, citando esse termo, na sua notavel “Viagem ao redor do Brasil”, em terras matto-grossenses proximas ao rio Guaporé, applica-o a uma veste semelhante a “um largo sacco sem fundo, amplo, aberto ao pescoço, com dois pequenos talhos lateraes” rasgados na altura dos rins para dar sahida aos braços. A propria tira bordada, que Segovia assignala como igualmente nomeada “tipoi” e passada á cinta do camisão, Severiano da Fonseca tambem a descreve, mas particularizando-lhe o attributo de elegancia que representava para as indias essa peça menor sobre as vestes femininas.

Mas seria esse typo de vestimenta, onde já se conhecia o tecido do algodão, criação dos missionarios ou imitação daquellas outras coberturas que Rubim cita com o mesmo nome no seu “Vocabulario”, usadas por certas tribus e dando a apparencia de “grande camisa

“sem mangas feita da entrecasca de certas arvores de “enlaçada e estopenta fibra?”

A *tipoia* africana que pelo littoral penetrou com a escravidão do negro e a conquista, é voz colhida por Capello e Ivens “em Angola como significando rede des-“tinada ao transporte de pessoas”. Nos engenhos, curraes, villas e sertões, foi meio de locomoção estimado por largo tempo, por damas e senhores, como tambem as serpentinas, ou outros palanquins de rêde, aos poucos progressivamente desbancados pelas cadeirinhas, liteiras, *banguês* e carruagens que, quando velhas e antiquadas, faziam então circular, com tom pejorativo, a outra voz homonyma portugueza, *tipoia*. Esta voz a Gonçalves Vianna pareceu hybrida, formada do persa “sipai” e do indostano “tripad”, nas suas “Apostilas aos Dicionarios Portuguezes” (II, 743).

Serviu e serve ainda para designar este termo: a charpa para apoio da mão doente a tiracollo ou o “aparelho grosseiro no qual se colloca o braço ou a perna, “fracturados”; a rêde de dormir, velha e rota; a coisa velha e inutil; a “especie de rêde minuscula amarrada “a tiracollo, na qual, ás costas e perto dos quadris, “escarracham as tapuias os filhos lactantes”, segundo Chermont de Miranda no seu “Glossario Paraense”; e até a “barraca feita de folhagem” nas longinquas regiões goianas, como consta do Diccionario de Simões da Fonseca refundido pelo grande erudito que foi João Ribeiro.

Na formação da zona pastoril do valle do S. Francisco de que resultou a do nordeste, pelos sertões de

dentro ou bahianos, o dialecto que por ahi se criou, tem por tronco principal, como se sabe, o portuguez arcaico e popular do seculo XV. A par de possuir muitas palavras mestiças, revela tambem muitos neologismos filhos, na imaginação do vaqueiro, de um subconsciente portuguez, tão marcante na sua vida pastoril, na sua lavoura, no seu versejar, no seu folk-lore.

Insulando-se, por varias gerações no sertão, desconhecendo, quasi que em massa, o littoral, ahi se desenvolveram essa nossa gente e o seu falar no prazer da liberdade, da gentilidade ou do mysticismo christão, da luta e do heroismo, do amor e do odio a que se entregavam.

Chamando *barbatão* ao gado *vaccum*, *alvantaado* ou *amontado*, *bravio* ou *selvagem*, por *caatingas*, *agrestes* e *carrascaes*; *garrote* ao bezerro ao romper dos chifres; ao touro novillo, *marroá* e ao campeiro que o doma, *marroeiro*; *vaquejada*, ao episodio com lances de heroismo da apartação do gado, — como que vemos nesse pequeno apanhado de neologismos regionaes, muito dessa gente, da sua origem luso-brasileira, da sua historia. E se compararmos as vozes que lhes são correspondentes na vida pastoril do Rio Grande do Sul, e recordarmos a formação desta fronteira viva precedida do avango luso-brasileiro até as margens do Rio da Prata e seu recuo para o sólo tornado definitivamente brasileiro, dentro de epochas da nossa historia colonial, vamos melhor compreender o carreamento de termos hispano-americanos que respon-

derão áquellas outras vozes nordestinas e luso-brasileiras.

Assim, nos pampas do sul, bagual se dirá do animal cavallar ainda esquivo, um tanto selvagem, gado alçado, que, em sendo vaccum, tambem lhe chamavam antigamente chimarrão; terneiro, se nomeará ao bezerro ou vitella; peão da estancia se dirá no sentido do peon ou campeiro gaúcho radicado á estancia platina; rodeio, será mais conforme ao rodêo das provincias hispano-americanas do Prata, em resposta á vaquejada do nórte.

O sub-consciente lusitano do homem brasileiro, entretanto, mesmo no mais mestiçado e das mais varias regiões, — no caipira ou no caboclo; no tapiocano ou no jacumahuba; no caigara ou no roceiro; no tabaréu ou no muxungo; no mulato ou no crioulo; no matuto ou no curau; no jagunço ou no proprio gaúcho rio grandense, — se mostrará evidente em muitos de seus neologismos regionaes.

Escutemo-los chamar ás encostas ingremes ou escarpadas de barrocas, tombadores; aos rasgões de serra abertos com a configuração de bocas, bocainas e boqueirões; aos planaltos rasantes, taboleiros, chapadas (talvez corrupção de sapada, que em portuguez arcaico era planicie) e, ás mais extensas, chapadões. Na costa maritima, aos recifes á flor d'agua e guardando a fórma de grandes chapéus,

chamarão chapeirões; pelos sertões, barrancos ou barrancas, ás ribanceiras, como covanca, ao terreno cercado de morros com uma aberta por um dos lados. Campestres, agrestes, carrascos, carrascaes, noroegas; campos dobrados, campos cobertos, fachinaes, campanhas, campinhos, são algumas de outras tantas expressões que ratificam aquelle asserto.

Designarão queimada á queima da matta; guiada, á aguilhada que leva o candieiro ou guia do carro de bois. Varandas serão os pendentos rendados ou trabalhados das rêdes de dormir; bandeirantes os que formavam as "bandeiras", retirantes, os que se deslocarem fugindo ás seccas nordestinas; neblinar, será chuveisar quasi que imperceptivelmente; barrufos de chuva, querem dizer burrifos de chuva; silvas, usarão por campos geraes na Guiana; ruivôres por certos tons afogueados á tarde, nos céos.

Palhada será a roça do milho depois de realizada a colheita, isto é, já tornado em palha secca a roça do milharal, o que em lingua tupi corresponde a Tiguera ou Abatiguera; os tocadores, corresponderão aos almocreves portuguezes; as camarinhas, aos quartos de dormir da Casa Grande, destinados ás moças; quexada, será o porco do matto ou o caitetú; carpir, será capinar o terreno, mondar ou ségar o capim. Nomearão vasantés ás culturas ou roças feitas nos leitos nús e ainda humidos dos rios e ribeiros ou nas revencias junto á barragem dos

açudes já castigados pelo sol escaldante do verão do norte. No Ceará, no Piauí, na Parahiba, no Rio Grande do Norte, na Bahia, em Pernambuco, em zonas principalmente do interior regadas pelos rios e regatos, — e soffredoras do flagello das seccas —, occorrem estas duas vozes para explicar melhor a pratica de tal lavoura avisada e intelligente do homem nordestino.

O colonizador, os tropeiros, os canoieiros, tomariam certas vozes marinheiras ou da geographia littoranea, e as diffundiriam pelo sertão. O que sob esse aspecto realizaram as estradas de ferro depois, está longe da profundidade de propagação linguistica que elles conseguiram. Assim, se diz: *n a v e g a r*, que é ir de caminho só, ou com a tropa ou com a boiada, na propria terra firme; *a r r i b a r*, que é chegar em meio da marcha a algum ponto, e ahi parar ou ficar. Nomear *e n s e a d a* na Amazonia, será referir-se a um “campo cercado de “matto, entre dois *i g a r a p é s* ou na volta de um rio, “com uma aberta sómente”; assignalar no sertão matto-grossense uma *b a h i a* será dar em uma lagôa communicante com um rio por um canal; nomear, de Pernambuco ao Ceará, um *e s t a l e i r o*, será ter presente um trançado, ou grade de paus suspensa do chão por forquilhas, sobre a qual são postos a seccar o milho, a carne e outros generos, — qualquer coisa semelhante a um *g i r a o*, de raiz tupi, ou mesmo a um *b a r b a c u á*, de raiz guarani, usado no Paraná para a sapeca e a sécca da herva matto. *R e s t i n g a*, será termo tanto usado na marinha como pontal de areia ou de pedra que se prolonga com a costa e se oppõe ao mar, quanto

nos sertões paranaenses como a estreita e extensa matta que separa campos ou pastos, ou entre rio-grandenses, como a estreita matta que margear um rio ou uma sanga.

Outras vozes teem caminhamentos curiosos, dignos de serem lembrados. Vejamos. *Coivára*, de origem tupi, designando a arrumação de ramos e ramagens para se lhes pôr fogo, em terreno geralmente conquistado para a lavoura, pela derrubada a machado da matta ou pela queimada, é termo que ainda cursa do Amazonas ao Rio Grande do Sul em linha mais ou menos sertaneja e guardando em continuidade a mesma semantica.

Caxirenguengue e *quicê* ou *quecê*, termos que teem a mesma significação — faca velha sem cabo —, fixaram-se, com algumas variantes, nas roças, nos centros primitivos de trabalho, entre tropeiros e agricultores, de fórma muito peculiar como velha faca empregada para a raspagem da mandioca. Em Matto-Grosso, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, tem a primeira voz as variantes de *caxiri* e *caxirengue*; na Bahia, de *caxirengue*, (além da voz *cacumbú*, africana); em Sergipe, a de *caxerenga*; nas Alagoas, as de *caxirenga* e *caxerenga*. Só nas regiões contidas nos sertões de fóra ou pernambucanos, como a justificar o aspecto historico de uma phase contínua na formação brasileira, o *caxirenguengue*, ou a faca velha sem cabo, passou a ser *quicê* ou *quecê*, voz de origem tupi. Assim, em Pernambuco, na Parahiba do Norte, no Rio Grande do

Norte, no Ceará, no Maranhão, onde também se diz *cicica*, e no Pará, onde a conhecem ainda por *quicê-acica*.

Os aspectos anthropo-geographicos da propagação da lingua portugueza, através da conquista da terra e repovoamento sertanejo do Brasil, não devem ser, a cada passo, perdidos de vista nas suas verdadeiras fontes.

Os curraes, como fazendas de criação de gado *vacum* e cavallar, principalmente em certa phase da idade colonial, tiveram importancia sobre o ponto de vista linguistico mais que os engenhos de açúcar para formação da gente brasileira dos sertões do norte. Mas, para tanto objectivar, é preciso desde logo se ter como imagem, não só a fórma *dynamica* por que o gado acompanhou o homem, como o que representariam, ao tempo, esses grandes curraes ou fazendas de criação.

Além do cercado ou *pateo* onde se recolhia o gado criado em campos das grandes areas de terras doadas a alguém pelos reis em *sesmarias*, a existencia da "Casa Grande" colonial do senhor *sesmeiro*, tinha por missão assistir, como centro *patriarchal*, uma familia ou uma tribu sob preceitos da religião *christan*, e realizar sob sua expressão *hierarchica*, o *desdobramento* pelos seus *vassallos* e pelo seu gado, em outras grandes obras de economia *pastoril* capazes de, com o auxilio da lavoura, melhor *radicarem* o homem á terra conquistada.

A essa empresa valiosa, *typica* de inicio e na sua continuidade, estarão para sempre ligados nomes, den-

tre outros, como os de Thomé de Sousa, Men de Sá, Garcia d'Avila, Guedes de Brito, Domingos Affonso Sertão, para só citar alguns dos muitos que criaram os primeiros grandes curraes bahianos e nordestinos de tão alta importancia á nossa historia colonial.

Outros iriam marcando em differentes sectores do paiz suas influencias através dos tempos, e seriam assinalados na epoca: Curraes, Curraes Novos, Curraes Velhos, Curral das Eguas, Curral d'El Rey, Curral dos Bois, Curraleiros, Pastos Bons, Curral Grande, Curral das Pedras, e tantos e tantos mais, de que, apagando-se-lhes nas cartas geographicas a onomastica, ficaram esquecidos como centros economicos do povoamento. Na nossa geographia economica e regional, de outra natureza seriam os "curraes" empregados nas pescarias, e de valor bem marcado, principalmente na Amazonia, onde tambem occorreram os "curraes" de escravização do indio e de que uma povoação no Solimões, ainda em 1852 conservava a "caçara" para os escravizados no rio Japurá. (Araujo e Amazonas, Dic.^o Top.^o, pg. 231).

Mas o que foram, fundamentalmente, para a formação do Paiz, aquelles outros curraes de gado do nôrte, como as fazendas de criação e de café do Brasil central e meridional, e terão sido e virão a ser as estancias do sul, nas differentes epocas da nossa historia e na propagação da lingua que falamos, cumpre-nos não esquecer, antes valorizar. Constituiram todos centros capitaes, tanto da nossa geographia linguistica colonial, quanto da brasileira propriamente dita.

Logar primacial, tambem, tiveram os engenhos aonde, desde cedo, o idioma do colonizador e os dialectos africanos, mestiçados ou não, foram ganhando para suas novas vozes fóros de cidadania dentro da Casa Grande portugueza.

Para tanto seriam motivos a lubricidade do homem branco, do negro e da mulata, os rudes labores da lavoura e do engenho; as proprias festas consagradas ao primeiro dia christão do mover da roda, as solemnidades de bodas ou de baptisados; as visitas entre esses senhores feúdaes; os bailes, os lautos jantares, os sambas e batuques nos terreiros das senzalas...

Ao correr deste ensaio já procurámos esboçar a influencia que o engenho teve no falar brasileiro, através da vida economica e social que formou.

Das missões catholicas que tanta preponderancia mostraram sobre os homens das nossas praias e dos nossos sertões, para a mestiçagem da lingua do colonizador com a da terra, tomemos uma voz no valle amazonico que symbolize alguma coisa da propria gente indigena dessas longinquas plagas e da influencia da missão christan sob fórma typica ou regional.

Subindo o grande rio na "montaria" e entrando por furos e igarapés, foram os jesuitas surpreender, no seio dessas selvas opulentas, uma festa de ritual pagão nomeada sahiré.

Era motivo da celebração, com danças ao ronco do trocano ou tambor e de canticos barbaros, esse instru-

mento symbolico empunhado por uma india, formado de uma peça em semi-circulo com os raios e o diametro avivados por côres, e a denotar, na sua figura geometrica, origem mais conforme á civilização andina do aborigene americano.

Augmentando os adornos da peça tida por sahir é — e que deu o nome á cerimonia indigena, — pondo-lhe em relevo raios e diametro com arminhos, algôões ou fitas, e por fim, completando-a com uma cruz, da mesma fôrma forrada e enfeitada; dispondo o prestito com a finalidade de oração em capella improvisada e forrada com folhas de lindas palmaceas; fazendo-o preceder de bandeiras, gaitas e tambores, — estava pelo missionario dado o primeiro passo para a seducção e catechese desses indios. Depois, ensinando-lhes rezas e hymnos de fundo catholico, traduzidos para a lingua indigena, tendo por motivo o baptismo de um bello menino (o menino Jesus), na mesma melopéa, melancolica e soturna dos canticos selvagens, e fazendo-os acompanhar de um estribilho em louvor da “belleza de Santa Maria e de seu filho, com uma flôr na mão”, facil seria industria-los na pratica de actos de mais avançada religiosidade, dentro da propria credence, sem interferencia de oppressão ou força.

Muito antes, certamente, desses feitos missionarios já havia Anchieta criado nas praias de São Vicente o theatro brasilico; e em outras aldeias espalhadas pelo littoral e pelos sertões haviam imaginado os jesuitas, mais que quaesquer outros missionarios, festivaes em que se serviriam de certos motivos religiosos e pagãos,

com descantes ao som de pandeiro, tamboril e flauta, em linguas portugueza, tupi e até castelhana. As mesmas ceremonias liturgicamente catholicas, taes as procições em louvor de padroeiros, como não as tornavam elles mais apropriadas ás suas missões de catechese! Ceremonias deste genero, houve-as bem interessantes: assim, no littoral, a chamada “festa das canôas”, celebrada no Rio de Janeiro em louvor de S. Sebastião pelo milagre da victoria dos portuguezes sobre os francezes, com o auxilio da flotilha de canôas do indio Guaxará, de Cabo Frio; assim, sertões a dentro, essas innumeradas romarias, novenas e rezas tão typicas nas suas penitencias e pagamento de “premissas”, com suas feiras, seus jogos, seus desafios ou improvisos.

Tanto no colher a voz da lingua portugueza ou a essencialmente brasileira e americana, quanto os termos originarios de quaesquer outros idiomas, no seu mais profundo sentido nacional ou universal de idéa ou de thema já integrados na nossa vida ou na nossa cultura, haverá sempre lição proveitosa em se lhes dar o ambiente ou panorama, em que caminharam ou se fixaram, e o que representam no nosso saber e na nossa civilização. Surge dahi a idéa de uma encyclopedia brasileira.

Tomemos por modelo duas vezes quaesquer representativas desses aspectos: uma, oriunda da propria terra americana; outra, de terras estrangeiras da Europa; uma e outra, porém, a serem apresentadas no que

comportam como expressão nossa e como cultura universal.

Para o primeiro exemplo tomemos os termos: cajú e cajueiro. A voz cajú — e consequentemente a designação da arvore de que promana o fruto —, tem sua etymologia tupi em Acajú ou Acayú, (acã-yú) = o pomo amarello — segundo os estudiosos da lingua brasilica.

Tendo em vista a synonymia estrangeira, notemos como classificações scientificas do cajueiro, constantes das Encyclopedias: “Anacardium occidentale L.; (Acajuba occidentalis, Gaertn.; Cassuvium pomiferum, Lam.; C. reniforme, Blanco; C. Solitarium, Stokes); da familia das Anacardaceas. Como synonymia brasileira apresentemos: Acajaiba, Acajuiba, Cajú manso, em Marajó; Acajú, (graphia antiga); = e como principaes synonymias estrangeiras, ora do cajueiro, ora do cajú, as seguintes: “Acajou, na Alemanha; Acajou á pomme, Anacardier, Cajou à pomme, e “Pommier d’Acajou, na França; Balubar e “Kasui, nas Philippinas; Moué, no dialecto Galibi; “Boa frangi, significando fruta de Portugal, nas “Molucas; Cajú-gaha e Mundiri-maran, em “Ceylão; Acajú, na Espanha; Cajuil, Pajuil “e Marañon, em Cuba; Cashew-nut-tree, “na Inglaterra; Hidglibadam e Kajú, na India; Marañon, em Costa Rica, Cuba e Mexico; “Cagiú e Acagiú, na Italia.”

O Cajueiro é planta americana, segundo Maont originaria das Antilhas (Dalgado, Glos. luso-asiatico), e

introduzida na India pelos portuguezes. Segundo outros botanicos é originaria do Brasil, espalhada por toda a America tropical e pelas Antilhas “e até subespontanea “em varias zonas da Africa, designadamente em Angola, assim como em Ceylão e na India portugueza “(Goa), onde é certamente tão abundante como no Brasil”. (Pio Corrêa, Dicc.º das Plantas Uteis).

Feita a descripção da arvore, da flôr e do fruto, dir-se-á qual seu verdadeiro “habitat”, aonde o cajueiro cresce a “20 metros de altura, com um diametro proporcional; que nos areiaes littoraneos e nas terras seccas “e arenosas do sertão, se torna arvore baixa, feia, esgalhadissima, ás vezes, quasi rasteira”; que “é fixadora “de dunas” e, por isso, ultimamente tem sido empregada em consideraveis plantações, como em numero “superior a 50.000 pés nas ribeiras do porto de Amaração.”

“Attribue-se-lhe chloro-vaporização abundante, balsamica, purificadora da atmospheria”; sua madeira é de côr rosea e propria para obras de marcenaria, diz Pio Correa, que nos serve de guia nesta jornada.

O cajueiro e o cajú, na anthropo-geographia do selvicola brasileiro, tiveram papel importantissimo.

Nas zonas onde prolifica, caracteriza-se pela regularidade annual da floração e da frutificação. Tal aspecto da sua vida vegetal levou os nossos indigenas a tomarem a frutificação da planta por um dos elementos fixos do seu calendario, a par de outros, para elles re-

presentativos da fracção do anno, a saber: a r a , o tempo, a luz, a claridade, o dia emfim, (ara-cy, a mãe do dia ou a aurora); e j a c y (ou y a - c y), a mãe dos frutos, a lua, o mez lunar.

E' a florada do cajueiro branca, a principio; por fim, purpurea. Sua frutificação mostra-se de Dezembro a Janeiro, sendo que a sua inflorescencia é precedida, de Agosto a Setembro, das "chuvas de cajú", assim com razão chamadas no nórte do Brasil.

Antigamente, a epoca da frutificação da planta estimulava migrações indigenas na busca dos cajuões nativos, o que se tornava motivo de guerras ou lutas entre tribus; porquanto, em torno a elles e á sombra delles, faziam suas festas pagans ou orgias, durante o periodo da abundancia e colheita dos privilegiados pomos, com cujo succo fabricavam seu vinho (o c a u i m) ou o m o c o r o r ó ou 'm a c o r o r ó, com que se embriagavam. O decocto das folhas novas tambem promove, como esses vinhos, o mal da embriaguez.

Cada castanha que apartavam, dentro do cyclo de uma frutificação, representava para cada um delles, um anno de sua vida. E tal explica sua resposta a quem lhes indagasse a idade, — possuirem tantos ou quantos cajús —. Martius, ao formular pergunta desta natureza a um pequeno indigena, (c o r u m ã ou c o l u m i m, em lingua tupi), de onze annos de idade completos, teve deste a seguinte resposta em fala já mestiçada das duas linguas:

“onze acayú quetebo” (ou oetepe),

no que queria significar:

“onze cajús inteiros”.

A carta de Pero Vaz de Caminha não revela ainda á Europa a existencia desta anacardacea na America. Cartas dos jesuitas, como dos primeiros chronistas da terra, são-lhe as annunciadoras do apreciado pomo no Brasil, seguidas dos relatos de outros chronistas portuguezes que, não podendo ainda attribuirem ao vegetal classificação botanica scientifica, dão della e do fruto, entretanto, descripção tão pittoresca na simplicidade e precisão de seus estilos literarios em algumas passagens de suas obras ou de seus ligeiros escriptos, que não nos furtaremos ao prazer de as reproduzir.

O padre Joseph de Anchieta, em uma de suas cartas, diz que os “acajús são como peros repinaldos e dão “uma castanha no olho melhor que as de Portugal”.

O Padre Fernão Cardim, nos seus “Tratados da “Terra e Gente do Brasil”, assim descreve o Acajú: “Estas arvores são muito grandes e formosas; perdem “as folhas em seus tempos, e a flor se dá em cachos “que fazem humas pontas com dedos; e nas ditas pon- “tas nace uma flôr vermelha de bom cheiro; após ella “nace uma castanha, e da castanha nace um pomo do “tamanho de um repinaldo ou maçã camoeza; he fructa “muito formosa e são huns amarellos e outros verme- “lhos e tudo he sumo: são bons para a calma, refresco “muito, e o sumo põe nodoa em panno branco, que se

“não tira senão quando se acaba. A castanha he tão “bôa ou melhor que as de Portugal; comem-se assadas, “e cruas deitadas em agua como amendoas piladas, e “dellas fazem maçapães e bocados doces como amendoas. “A madeira desta arvore serve pouco ainda para o fogo, “deita de si goma bôa para pintar, e escrever, em mui- “ta abundancia. Com a casca tingem o fiado e as cuias “que lhe servem de panellas. Esta, pizada e cozida com “algum cobre até se gastar a terça d’agua, he unico “remedio para chagas velhas e sarão depressa. Destas “arvores ha tantas como os castanheiros em Portugal, “e dão-se por esses mattos, e se colhem muitos moios “das castanhas, e a fructa em seus tempos a todos far- “ta. Destes acajús fazem os indios vinho.”

Pero de Magalhães Gandavo, na sua “Historia da “Provincia de Sãta Cruz a que vulgarmente chamamos “Brasil”, diz que “a essa fruita chamam cajús: têm “muito çumo, e comese pela calma pera refrescar, por- “que he ella de sua natureza muito fria, e de maravilha “(não) faz mal ainda que se desmandê nella. Na ponta “de cada pomo destes se cria hũ caroço tamanho como “castanha da feiçam de fava: o qual nace primeiro, e “vem diante da mesma fruita como flôr. A casca delle “he muito amargosa em extremo, e o meolo assado he “muito quente de sua propriedade, e mais gostoso que “amendoa.”

Gabriel Soares, no seu notavel “Tratado Descripti- “vo do Brasil”, entre outras coisas nos instrue: darem- se essas arvores em areia e terra fresca; terem sombra fresca e fria; que: “a natureza desses cajús é fria, e são

“medicinaes para doentes de febres, e para quem tem
“fastio, os quaes fazem bom estomago, e muitas pes-
“soas tomam o sumo pelas manhãs em jejum, para con-
“servação do estomago; e fazem bom bafo a quem os
“come pela manhã, e por mais que se coma d’elles não
“fazem mal a nenhuma hora do dia, e são de tal diges-
“tão que em dous crédos se esmoem.”

Argue ainda que: “no olho deste pomo tão formoso
“cria a natureza outra fructa parda, a que chamamos
“castanha, que é da feição e tamanho de um rim de
“cabrito.”...

Dos oleos, ou do azeite que dá ou da resina que
deita a arvore; dos doces, do vinho e de outros infor-
mes curiosos sobre a fruta e sobre a planta não tardou
a ser instruido o colonizador. Assim tambem dos ca-
juis, que são frutos de cajueiros menores á altura
do braço do homem; pomo “que é amarello”, “não maior
“que as cerejas grandes”, “de maravilhoso sabor com
“uma pontinha de azedo”, e que não dá “ao longo do
“mar, mas nas campinas do sertão além da cátinga.”

Frei Vicente do Salvador, na sua “Historia do Bra-
“sil”, tambem cita os cajús como semelhantes a certos
“peros verdeaes” mas de mais summo, de farta colheita
no mez de Dezembro, quando era o alimento preferido:
“porque elles lhes servem de fruta, o sumo de vinhos,
“e de pão lhes servem humas castanhas que vêm pega-
“das a esta fruta, que tambem as mulheres brancas pre-
“são muito, e seccas as guardão todo o anno em casa
“pera fazerem maçapães e outros doces como de amen-
“doas; e dá gomma, como a Arabia..,”

Nestas e noutras passagens dos chronistas feitas com propriedade de estilo e universalidade do thema não esperadas ainda nos seculos em que as escreveram, ficaram convenientemente informados os estudiosos de themas dessa natureza, até que com Piso e Maregrav, a obra scientifica da nossa flora começasse a ter classificação mais systematizada dentro da sciencia universal.

As virtudes medicinaes e industriaes da planta e do fruto, algumas já dos aborigenes conhecidas, foram com o tempo, através da observação do povo e dos estudos mais avançados de especialistas, proclamadas com outra profundeza e detalhes.

Assim se sabe, que “a casca é adstringente, tónica “das diversas asthenias, estimulante dos centros medulares, util contra a glycosuria e a polyuria, usada em “banhos contra a ademacia dos membros, e tambem em “loções e gargarejos contra aphtas e inflammações da “garganta; optima para o cortume e para materia tinctorial, produz ainda, quando golpeada, uma gomma-resina amarella e dura, a “acajucica” dos aborigenes, “a “cashew-gum”, dos inglezes e a “gomme d’anacarde” “dos francezes”; que “esta gomma tem bom emprego “na arte da encadernação e em productos pharmaceuticos usados para “depurativos, expectorantes e mucilagens.”

Os indios já a empregavam como remedio; e, industrialmente, parece delles ter vindo o costume de com

ella endurecerem embiras, o que os pescadores mestiços passaram a adoptar em rêdes, cabos e linhas de pesca.

Dos renovos das folhas, das flôres, da raiz, da castanha, ou noz do cajú, do pericarpo, fazem-se remedios de largo emprego nas therapeuticas allopatha e homeopatha, além do que o povo na sua pratica lhes sabe tirar com vantagem. O pedunculo, impropriamente chamado o fruto, é “a principio fino e duro”; torna-se com o crescimento “numa esponjosa e carnososa massa, “branco-amarellada, da qual se extrahe, por sucção ou “pressão, abundante e saborosissimo succo branco, doce “e refrigerante, excitante, sudorifico, diuretico, depurativo”, antisymphilitico; — era chamado a salsaparrilha “dos pobres pelos antigos pernambucanos —”. Ainda hoje, na epoca de frutificação, são os cajuas buscados pelas populações regionaes para cura anti-symphilitica, recommendada tanto pelo chupar do cajú, como pelo esfregar no corpo o respectivo bagaço. Tem além disso varias applicações em outras enfermidades; fermentado, delle se faz vinho, licôr, aguardente ou “cajuina”, xaropes; e do seu succo, quando o fruto maduro, a cajuada, um bom refresco para o nosso verão.

“O fruto, ou melhor, os cotyledones (castanha de “cajú, ou noz de cajú e, erradamente, tambem, “noix “d’acajou” dos francezes), são comestiveis depois de “assados, (em outros paizes mesmo crús) muito saborosos, tonico-excitantes, e de emprego em confeitarias “em substituição das amendoas. Além de 9,7% de materias azotadas e 5,9% de amido, a “castanha de cajú” “contem 47,13% de oleo amarellado, fino e doce, com

“a densidade de 0,916, identico ao oleo de amendoas
 “doces, ás vezes aproveitado em pharmacia no preparo
 “de loções e como edulcorante. Emquanto verde, e ain-
 “da acompanhado do pedunculo rudimentar, se dá a
 “este fruto o nome de mutury (maturi ou moturi),
 “termo por que é conhecido um prato da cozinha bra-
 “sileira, feito com a castanha desprovida do pericarpo,
 “principalmente quando em fritadas com peixe ou ca-
 “marões”.

“Entre os principaes inimigos desta planta desta-
 “cam-se os seguintes, todos vegetaes: *Gloeosporium*
 “*Mangae*, ainda verdes; *Oidium Anacardii*,
 “Noack; *Scholetrichum Anacardii*, P. Henn.;
 “*Ustalia flammula*, Schw., e *Zukali para-*
 “*ensis*, P. Henn.” (P. Corrêa, idem.).

No folk-lore nacional entra o cajueiro, como moti-
 vo, entre outros, de uma fina sensibilidade da nossa
 gente mestiça, bem retratada nesta quadra profunda e
 emotivamente brasileira:

“Cajueiro pequenino,
 “Carregadinho de flôr;
 “Eu tambem sou pequenino,
 “Carregadinho de amôr.”

Na gyria é o termo cajú de significação deprecia-
 tiva entre a nossa gente. Occorre, entre outras, na se-
 guinte sentença popular: “tolo é cajú”; “phrase pro-

“verbial por ter o cajú a cabeça (ou castanha) para “baixo.” (Dicc.º de Simões da Fonseca, refundido pelo erudito João Ribeiro).

Na nossa geographia physica, o cajueiro e o cajú servem de toponymos, por ora conhecidos, a quasi uma centena de accidentes geographicos, como: ilhas, igarapés, rios, riachos, ribeirões, correços, corredeiras; barbas e portos; bairros, povoações, logares do sertão, outeiros e serras, do Pará, do Maranhão, do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, das Alagoas, de Sergipe, da Bahia, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro, de Matto-Grosso, de Goiaz. (Vide Moreira Pinto, Dicc.º Geographico do Brasil). Na Guiana Hollandeza ocorre como baptismo de uma ilha do meio da primeira parte da catarata do rio Oyapock, por nella serem abundantes a planta e o fruto (Enc. Universal Ilustrada).

A bibliographia brasileira e a estrangeira completarão com referencia a este thema, quanto ás fontes de estudo linguistico, de geographia botanica, de historia, de industria, etc., tudo quanto possa concorrer para torna-lo uma expressão encyclopedica.

Noutro campo de conhecimentos humanos busquemos, agora, para modelo do segundo exemplo, um thema de expressão cultural estrangeira já integrado na nossa cultura.

“Romantismo”, será tanto a voz quanto o thema escolhido: aquella, originária, segundo os dictionarios da lingua portugueza, do termo = romantico =, e este, tendo no neologismo de Madame de Stäel, = romantisme =, o que com precisão maior lhe dará sua verdadeira semantica, no marcar uma reacção contra um modelo classico na literatura européa, e no revolucionar os ambientes artisticos, politicos, sociaes do seculo em que surgiu.

E’ lição que se colhe nos melhores autores, nos criticos mais autorizados, em encyclopedias — como a Italiana, a Britannica, a Franceza, a Aleman, a Universal Ilustrada, e em outros dictionarios e livros especializados, — ter sido o “romantismo na Europa uma escola “literaria da primeira metade do seculo XIX, extremamente individualista, prescindindo de regras ou preceitos tidos por classicos; mas, tambem, que já na “segunda metade do seculo XVIII e a prolongar-se pelo “seculo XIX, o romantismo literario alvorecera na Alemanha, no sentido de uma concepção identica de vida “á dos povos romanicos que foram os primeiros a explicar ou a interpretar o genio da Idade-Média.”

Benedetto Croce enfeixou o romantismo em tres categorias: a moral, a philosophica e a artistica.

A primeira categoria — a moral — foi desde logo definida pela inclinação que grandes espiritos demonstraram pelo scepticismo, ante a duvida religiosa, a perplexidade ou incerteza na vida em que se debatiam como remanescentes do seculo XVIII.

A segunda categoria — a philosophica —, teve seus fundamentos em quererem esses grandes espiritos directores, “erigir, como órgãos da verdade, a fantasia e “o sentimento”, e darem “a toda investigação philosophica um marcado caracter de inspiração mystico-subjectiva que veio retomar na lucta contra o racionalismo, a função que o elemento sobrenatural da Revolução assumira na philosophia escolastica da Idade Média. Na ordem moral e philosophica os romanticos revelavam-se oriundos da Revolução Franceza que, em certos casos, repudiaram e na qual, para outros, iriam “buscar a inspiração em sentimentos que a loucura revolucionaria parecia haver abolido.” (Enc. Univ. Illustrada).

A terceira categoria — a litteraria ou a artistica — symbolizou-se em obras de grandes escriptores ou artistas, affirmadas pelo “seu lyrismo, violencia de côres, eloquencia de grande effeito, exaltação individual”, sendo que na parte litteraria, propriamente, manifestando-se em livros, em “memorias ou epistolarios nos quaes “uma alma enferma vertia prantos da sua dôr intima, “e em elocubrações revolucionarias em lucta aberta contra as doutrinas tradicionaes.”

Hegel deu uma explicação philosophica do romantismo sob o ponto de vista artistico, pretendendo “resumir as distinctas phases intellectuaes da humanidade “na historia da arte, sob tres fórmãs: a fórmula symbolica, a fórmula classica, a fórmula romantica.”

O principio fundamental da arte romantica para elle, era o do espirito do artista achar em si mesmo o

que antes buscava “sob o dominio da arte classica no “mundo sensivel”; para, desde então, “a belleza do ideal “classico, que é a belleza em sua mais perfeita fórma “e em sua mais pura essencia, não constituir mais a “suprema finalidade.” Esse espirito de artista deixaria de sentir a belleza num “accordo perfeito entre a fórma “e a idéa”, para o sentir na sua propria alma de artista como “uma belleza puramente espiritual.”

“Tanto na Alemanha, como nos paizes submettidos “á influencia do romantismo, este se dividiu em duas “escolas :

- a escola crente, aristocratica, arcaica e restauradora ;
- a escola sceptica, democratica, innovadora e revolucionaria.

“A primeira, foi a escola do romantismo archeologico; a segunda, a escola do romantismo liberal” (Enc. Universal Ilustrada, Espasa).

Particularizando os aspectos vitaes do romantismo, através de suas mais altas expressões humanas, na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Italia, na Espanha e em Portugal, antes de ser estudado o romantismo no Brasil, devemos assignalar, nesses differentes paizes quaes suas figuras primaciaes.

Na Alemanha sobresaem Novalis, Schiller, Schlegel, Holderich e “Goethe em sua primeira phase”; assim como Tieck e Wackenroder, e “criticos, philosophos

“e theoristas como Schelling, Schleiermacher e Schlegel.”

“A segunda epoca da escola romantica aleman já “differe da primeira, por offerecer um caracter mais “realista” “estimulado por ardente nacionalismo”, com surtos de influencia universal; até que “uma reacção “classica dentro do cyclo romantico alemão” viesse a desviar a torrente impetuosa. Goethe, “inspirando-se “em sua madura idade, nos modelos da antiguidade “classica, cortou as azas ao romantismo” e o impediu de dominar na Alemanha sob o aspecto de “profunda “revolução espiritual e moral” com que haveria de conquistar a França.

Na Inglaterra, foram seus expoentes maiores, personalidades como Walter Scott, Wordsworth, Landor, Southey, Shelley.

Lord Byron, porém, moldando com seu genio o romantismo inglez, deu-lhe a marcada expressão que, sob o nome de “byronismo”, foi consagrado pela intelligencia universal. Das suas obras de grande engenho, para criticos e estudiosos, é o poema *Manfredo* o mais representativo do momento romantico, em que primou como o symbolo do “desequilibrio moral produzido pelo “conflicto permanente entre o ideal e a realidade.”

Foram nas suas obras romanticas, “Shelley mais “intellectual” e “Keats mais sentimental”. A Byron succedeu Tennyson, como “o classico do romantismo in-“glez”.

Na França, se bem que influenciados pelas idéas de Rousseau, Chateaubriand e Madame de Staël foram

seus grandes iniciadores. “Repudiando os feitos da Revolução Franceza, refngiam-se tanto em nm monarchismo aristocrata quanto no seio do catholicismo”.

Lamartine nas *Meditações*, nas *Harmônias* e em suas novellas, foi quem “accentuou o novo rumo que Chateaubriand havia impresso ás letras francezas.”

Alfredo de Vigny, “um dos lyricos mais puros da França, cantando a dignidade da tristeza”; Alfredo de Musset, o mais confidencial, o mais “intimo e doce dos poetas românticos”; Theophilo Gautier, “o mais descriptivo e o menos intimo”; Beranger, “o eco da sensibilidade popular”, foram outros tantos grandes espiritos representativos da epoca e da escola que engrandeceram com snas obras de rara belleza.

A Victor Hngo, porém, deveria caber o primado da escola, ser o verdadeiro pontifice do “romantismo” na França.

Traçando o prologo do drama *Cromwell* e escrevendo o *Ernani* fez reaccender e culminar na sua Patria com sna propria gloria, a ultima phase do romantismo, que, não obedecendo ás fronteiras francezas, electrizante se propagou pelas nações mais cultas da latinitude.

George Sand, Alexandre Dumas (pai), Eugenio Sue e, tantos outros, são grandes figuras dessa phase literaria franceza.

Na Italia, o “mal do seculo” apesar das tentativas mais ousadas, como que “respeitou o classicismo e com

“elle contemporizou”. E’ lição da Enciclopedia Italiana, a referencia, a tres expoentes da epoca romantica bastantes para ratificar aquelle asserto: — de que Hugo Foscolo foi o mais romantico dos classicos; Alexandre Manzoni o mais classico dos romanticos; e Leopardi, um grande romantico forrado de cultura classica.

Consagrado, todavia, como chefe da Escola Romantica Italiana foi Manzoni; e, dentro dessa escola, não devem ser esquecidos: Giusti, o mais popular poeta dessa idade, e Silvio Pellico, o poeta tragico que cresceu de prestigio para os espiritos romanticos, escrevendo as “Minhas Prisões”.

Na Espanha coube a uma revista “El Europeo”, de Barcelona, apesar de manifestações esporadicas anteriores, iniciar o movimento, preparar a revolução literaria de que ella se fez arauto, como orgão de uma “escola romantico-espiritualista”.

As traducções do Werther de Goethe, das obras de Shakespeare, de Byron, de Schiller, de Walter Scott, revolveram o terreno fecundo da alma espanhola, em que já haviam lavrado o genio immortal de Cervantes e o engenho privilegiado de Calderon.

“No primeiro cenaculo romantico que se formou “em terras germanicas” duzentos annos após o seculo do ouro dos peninsulares, ainda estes serão evocados como os grandes patronos do movimento literario a iniciar-se.

Teem-se por duas figuras maximas do romantismo espanhol a de José de Espronceda, “em cuja obra sceptica e revolucionaria se reflectem, em parte, as in-

“fluencias de Byron e de Walter Scott”; e a de José Zorilla, “narrador maravilhoso que se inspirou nas lendas populares, nas tradições e nos costumes”, para criar uma grande obra lyrica dentro do romantismo espanhol. Echegaray, o autor do “Gran Galeoto”, foi outro vulto notavel dessa escola, como Angel Guimerá, expressão bem viva desse movimento literario na Catalunha, mas já sob a influencia da phase huguena.

Em Portugal são figuras primaciaes do romantismo portuguez: Garrett, Herculano, Castilho; chama viva, que animou de exaltação romantica as maiores obras literarias de Camillo, Pinheiro Chagas, Bulhão Pato, Rebello da Silva, Latino Coelho, Mendes Leal, Gomes de Amorim, Soares dos Passos, Thomaz Ribeiro e de outros mais. Julio Diniz representou “a transição entre o “romantismo e a escola naturalista”.

Monographia interessante será o que dentro deste thema se possa escrever sobre o romantismo literario, politico e social na America, e da preponderancia que irá principalmente exercer sobre os povos da America Latina, a fruirem já as personalidades politicas de novas patrias, na exuberancia de suas adolescencias, ao calôr de idealismos peculiares a gente nova e a terra moça.

No Brasil, pensando-se com Sylvio Romero na existencia de um proto-romantismo literario e politico, symbolizada no advento da Escola Mineira e no ideal romantico da nossa Constituição do Imperio, melhor ainda se poderá compreender o terreno propicio que o “ro-

mantismo” haveria de encontrar na nossa literatura, ou melhor, na nossa nacionalidade.

Rastreado-se as origens historicas desse acontecimento literario, vamos encontrar como primeira referencia da jornada a revista “Nietheroy”, editada em Paris, e de que foram alma e espirito Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre. Em suas paginas clarinaram tropos e poemas animados da flamma renovadora a ganhar nova luz fecunda com o apparecimento em 1836 dos “Suspiros Poeticos” e “Saudades” de Gonçalves de Magalhães, editados, como aquella revista, na capital da França.

A permanencia de Gonçalves de Magalhães, de Porto Alegre, de Salles Torres Homem e de outros brasileiros nessa alta provincia franceza do romantismo — que foi Paris vivendo a phase romantica de Lamartine —, inspirou-os á campanha revolucionaria e idealista em terras da Patria. A alma brasileira seria propicia a lavra rica.

A “Minerva Brasiliense”, — ainda que sob o prestigio da deusa classica da sabedoria —, revista de duração ephemera (de 1843 a 44) e, depois, a gazeta literaria “Guanabara” — portadora romantica do nome da mais linda bahia do mundo — surgida em 1849 com os collaboradores acima citados, e mais Gonçalves Dias, Macedo, Joaquim Norberto e outros, apressaram esse fecundo movimento literario no Brasil.

Sob a influencia do grande engenho literario de Lamartine surgiu, pois, a primeira obra de Gonçalves de Magalhães. E’ a phase inicial do nosso romantismo,

“a phase religiosa, emmanuelica”, a que emprestam suas intelligencias criadoras Porto Alegre, Teixeira de Souza, Joaquim Norberto, Joaquim Manuel de Macedo.

Sob a influencia de Chateaubriand e de Cooper teve surto a outra phase, a do “indianismo brasileiro”, da qual foi maior poeta Gonçalves Dias, maior romancista o grande José de Alencar e na qual tambem se poderá ter Gonçalves de Magalhães com a “Confederação dos Tamoyos”.

“A segunda geração romantica foi iniciada com “Alvares de Azevedo. Define-se como o periodo da influencia de Byron, de Musset”, de Vigny e dos “poetas satanicos, — aquelle em que o subjectivismo” mais se alteou. “Pertenceram a esta phase além de Alvares de Azevedo, tres grandes poetas: Laurindo Rabello, “Junqueira Freire e Casimiro de Abreu”. Nella tambem se filiam “Bernardo de Guimarães, Aureliano Lessa, “Teixeira de Mello, José Bonifacio (o moço), Franklin “Doria” e outros.

“A ultima phase do romantismo derivou de Victor “Hugo”, sob cuja influencia se criou na nossa poesia, a escola, mais tarde appellidada “condoreira”, de que foram engenhos de mais largo remigio, Castro Alves e Tobias Barreto.

“Além dos poetas, e entre os romancistas, pôde considerar-se como grande expressão do romantismo entre “nós, o grande romancista José de Alencar.”

No campo das belias artes, como no da Sociologia ou da Politica; na bibliographia e estudo das obras es-

trangeiras e nas de autores brasileiros que tiveram personalidade maior nas differentes phases do nosso movimento romantico; em todos seus variados aspectos na America e, principalmente no Brasil, deve ser tratado este thema, mostrando-se-o como parte integrante da nossa vida litteraria, politica, artistica, social.

Traçado ligeiramente este segundo exemplo, como motivo ou razão de ser adoptado em obra de expressão cultural brasileira, quantas outras muitissimas vozes ou termos não poderão vir a ser pretexto de monographias em differentes searas do saber humano?!

Que lições, resumidas e claras, não poderão ser escriptas, subordinadas a este aspecto, como monographias sobre o Amazonas, o Araguaya, o São Francisco, o Tietê, e tantos outros caminhos fluviaes, explicados no dominio da geographia, da historia, da linguistica brasileira e americana?!

A sciencia estrangeira assimilada, a par dos nossos conhecimentos mais profundos sobre coisas do Brasil, deverá ficar bem viva na expressão original da obra.

Que estudos interessantes, e com singeleza de linguagem, não haverão de resultar tomando-se por motivo um simples verbete, sobre meteorologia, scientifica ou não: quer attinja as theorias ou a pratica mais modernas desse ramo da physica que trata dos meteoros, quer essa outra de sabedoria patricia e regional, decantada de abusões, reveladora do espirito pittoresco e da fiel observação do barqueiro ou "piloto" do Araguaia ou do

São Francisco; do caboclo canoeiro ou do seringueiro do Amazonas; do vaqueiro do nórdeste; do gaúcho dos nossos pampas; do caipira, do roceiro, do tropeiro goiano, fluminense, mineiro, matto-grossense; do jangadeiro do nórte, do canoeiro do sul; enfim, de toda essa gente criada ao léo da natureza brasileira em varias latitudes, altitudes e longtitudes, e através de varias gerações identificada com o meio physico em que labuta, vive e sofre, e no qual circulam suas vozes e sua sabedoria popular.

E assim, a par da obra que nos ligará mais á nossa terra e á nossa gente, haverá tambem motivos para estudos monographicos maiores ou de menor vulto, sobre sciencia pura, bellas artes, bellas letras, artes scientificas, artes menores; sobre todos os aspectos entrelaçados á nossa historia; sobre a religião sob cujo signo nascemos, crescemos e ainda vivemos, como tambem sobre todas as antigas e modernas religiões e cultos espalhados pelo mundo ou já em curso entre nós: em ultima analyse, sobre tudo quanto sendo patrimonio de um paiz, de uma raça e de uma civilização veiu a se integrar como patrimonio commum na cultura universal.

Infelizmente não póde o autor deste ensaio perlustar, com exemplos, todas essas provincias do saber. As ligeiras linhas com que este trabalho foi esboçado poderão, quando muito, reclamar, secundando a lição autorizada de outros estudiosos, a criação de um instituto de alta-cultura, servido das nossas fontes intellectuaes

mais avançadas nas sciencias, nas artes, nas religiões, e do mais profundo conhecimento da nossa Terra e do seu Povo. Porque, só assim, aparelhados com órgãos desse teor em sabedoria, será possível construirmos como expressão da grande obra cultural brasileira —, o nosso livro maior, o Diccionario e Eneyclopedia do Brasil.

A este ensaio podem servir de complemento o esboço de uma organização do Instituto Cayrú e o de um Regulamento, entregues ao Ministerio da Educação em 17 de Março de 1937, assim como a organização da "*Relação bibliographica da Linguística Americana*", cujo primeiro fasciculo da 1.^a serie — *Amerindia* — foi publicado em 1937. Esta publicação ficou interrompida com a extinção do Instituto Cayrú.

INDICE DOS PRINCIPAES TERMOS ESTUDADOS OU CITADOS PARA ESTUDO.

- Abacaxis — 165
Abalo — 223
Abará — 198
Abatiguera * — 302
Aberem — 198
Abitas — 47
Aboiado — 101, 103
Aboiar — 100, 101
Abombado — 103
Abotoada — 217
Abra — 49
Acaiuca-rana — 174
Acajaiba * — 310
Acajú * — 310
Acajuiba * — 310
Acayú * 310
Acã-yú * — 310
Acapú — 174
Acapurana — 174
Acará — 198
Acarajé — 198
Acaraúba — 174
Acassá — 198
Acuador — 98
Açucar — 180
Acuti-gy-pe * — 72
Adiá — 200
Adjutorio — 292
Adriça * — 40
Afofiê — 200
Afurá — 198
Agê — 200
Agogô — 200
Agreste — 95, 279, 302
Aguapehi — 113
Aguilhada — 145, 218
Aguilha — 209
Ai * — 69
Aig * — 69
Aiutaiica * — 174
Ajuntar — 180
Alambrado — 142
Alar — 44
Albardão — 143
Albarda — 239
Alçado — 141, 146, 301
Alevantado — 300
Alinhacão — 216
Almadia — 31
Aluí — 200
Alufá — 200
Alujá — 200
Amadrinhada — 238
Amantiquira — 114
Ambrozô — 198
Ambuzuro * — 93
Amocambado — 97
Amontado — 141, 300
Anani — 174
Andirobeira — 174
Angareira — 223
Angelim — 174, 225

* Termos citados com variantes graphicas.

- Angolense — 195
 Angú — 148, 198
 Anguzô — 198
 Anhangá — 67
 Anhangabahú — 109
 Anhembi * — 109
 Apanha do café — 217
 Apanhar — 288
 Apartação — 98, 100, 243
 Apartar — 99
 Apeiba * — 232
 Aplastado — 146
 Ara — 312
 Araçá — 113
 Aracambuz — 233, 287
 Araçanga * — 233, 287
 Araçari — 113
 Araçariguama — 113
 Aracati — 224
 Araçatiba * — 113
 Araçatuba * — 113
 Ara-cy — 312
 Araguaí * — 124
 Araguaia * — 124
 Aranhol — 223
 Arapuça * — 90
 Araquan — 101
 Arara — 89
 Araripe — 89
 Araxá — 279
 Arisco — 97
 Armação — 98, — 228, 232,
 234, 288
 Arraieira — 223
 Arribada — 102
 Arribar — 303
 Arrieiro — 237, 238
 Arrocho — 239, 241
 Arrombado — 222
 Arruação — 217
 Arsenal — 21
 Atapú — 233, 287
 Auarubé * — 179
 Aurubé * — 290
 Azul * — 98
 Azulão * — 98
 Bá — 198, 199
 Babalaô — 200
 Bacori — 174
 Bacuçú — 226, 285
 Bacurubú — 226
 Badana — 239
 Baependi * — 123
 Bagre — 296
 Bagual — 141, 144, 146, 294
 301
 Bahia — 303
 Bahiano — 144, 146
 Baile de relancina — 150
 Baixeiro — 239
 Baixel — 31
 Balaio — 148
 Baleato — 231
 Baleeira — 227
 Bambulá — 200
 Banana — 201
 Bandeira — 111, 292, 302
 Bandeirante — 194, 302
 Banguê — 148, 200, 299
 Bángula — 288
 Banza — 200
 Banzeiro — 185
 Baralhador — 98
 Barbacué — 303
 Barbatão — 97, 300
 Barca — 28, 29
 Barça — 48
 Bargado — 97
 Barinel — 31
 Barraca — 186
 Barranca — 302
 Barranco — 302
 Barrufos — 302
 Bassoura — 98, 99
 Bastos — 239

* Termos citados com variantes graphicas.

Batalhão — 292
 Bateia — 209
 Batucagé — 200
 Beijús — 90, 179, 290
 Beijú-açú — 179
 Beijú-commum — 179
 Beijú-curuba — 179
 Bendenguê — 200
 Beque — 41
 Bergantim — 31
 Berimbau — 200
 Bertioga * — 73
 Bêta da ostaga — 39
 Bêtas — 39
 Bezerra — 97
 Bica de madeira — 217
 Bicheiro — 233
 Bocaina — 301
 Boi — 97
 Boi de anno — 97
 Boiadão — 102
 Boião — 186, 187
 Boicinga — 68
 Boiote — 97
 Boipeba — 68, 72
 Boiroçanga — 69
 Boitadá — 69, 147
 Bolaxa — 187
 Bolina — 43, 44, 287
 Bolinar — 44
 Bomba — 150
 Bombordo — 37
 Boqueirão — 301
 Borborema — 89
 Bordo — 36
 Bordos — 232
 Boreste — 37
 Borracha — 121
 Bóte — 233
 Braço — 41
 Breu — 187
 Briões — 43
 Brisa — 48

Britioga * — 73
 Brocar — 288
 Brocha — 218
 Bruaca — 241
 Bruaqueiro — 238
 Bubuia — 182
 Buçal — 239
 Bufador — 230
 Bugiganga — 148
 Buranhêm * — 225
 Buriqui-oca * — 73
 Buriti — 90
 Burrinha — 233
 Burriquete — 234
 Buruçanga * — 233, 287
 Butiá — 137

 Caa-çapaba * — 114
 Caaguassú — 137
 Caatinga — 89, 95, 279
 Caa-y — 137
 Cabano — 98
 Cabeçalho — 218
 Cabeceiras — 100
 Caboclo — 84, 301
 Cabra — 241
 Cabresto — 239
 Caburé — 242
 Caçadores — 287
 Caçapava * — 114, 137
 Cacerenga * — 304
 Cachaça — 200
 Cachimbo — 201
 Cachiri — 179, 290
 Caçula — 199
 Cacumbú — 304
 Cacunda — 148
 Cacuri — 168, 223
 Caeté — 123
 Cafezal — 216
 Cafuleta — 233, 287
 Cafundó — 148, 200
 Cafuné — 199

* Termos citados com variantes graphicas.

- Cahi — 137
 Caia-hi — 137
 Caiapó — 124
 Caiçá * — 60
 Caiçara * — 60, 110, 167,
 222, 288, 234, 301, 306
 Caigangue — 136
 Caipira — 301
 Caipora — 180
 Caitetú — 302
 Cajú * — 310
 Cajú manso — 310
 Cajuina — 317
 Calafate — 49, 224
 Caldeirão — 279
 Calombo — 148
 Calundú — 199
 Calunga — 199
 Camamú — 72
 Camapuan — 124
 Camará — 71
 Camarada — 243
 Camaragibe * — 71
 Camaragipe * — 71
 Camaratiba * — 71
 Camarative * — 71
 Camarinha — 302
 Camassari — 225
 Cambão — 218
 Cambaquerê — 200
 Cambito — 241
 Cambôa * — 222
 Cambueiro — 224
 Cambui — 226
 Camé — 136
 Cametá — 176
 Cametá-uara — 176
 Camina — 223
 Camoatim — 147
 Campanha — 302
 Campello — 223
 Campestres — 302
 Campinho — 302
 Campos de aluguel — 243
 Campos cobertos — 302
 Campos dobrados — 302
 Campos reiunos — 243
 Canarana — 183
 Cancha — 147
 Cancheiar — 147
 Candieiro — 218, 302
 Candomblé — 200
 Canga — 218
 Cangalha — 239
 Cangerê — 200
 Cangica — 90, 148
 Cangotinho — 230
 Cangussú — 137
 Canicurú — 176
 Caninha — 93
 Canôa — 285
 Canôa do regatão — 187
 Canzá — 200
 Canzil — 218
 Capanga — 148, 208, 240
 Capangueiro — 208
 Capão — 180
 Capeta — 169
 Capiango — 201
 Capibaribe * — 61
 Capim — 180
 Capina do meio — 217
 Capinar — 289
 Capivara * — 61, 68, 71, 137
 Capivaramirim — 71
 Capivari — 137
 Capoeiro — 98
 Caponga — 222
 Capiu-uara — 68
 Caracundi * — 138
 Caravela — 31
 Caribè — 179, 290
 Cariman * — 90, 290
 Carimã * — 179
 Carioca — 72
 Carlinga — 36, 287

* Termos citados com variantes graphicas.

- Carnahuba — 99
 Carne do Ceará — 297
 Carne secca — 297
 Carne do sertão — 297
 Carne de sol — 297
 Carnear — 145
 Caroara — 97
 Carombó — 98
 Carona — 143, 239, 243
 Carpir — 289, 302
 Carrascal — 302
 Carrasco — 302
 Carregar nos mergulhos —
 229
 Carretear — 147
 Carro de bois — 217
 Caruá — 223
 Carumbé — 209
 Carurú — 198
 Cascalho (de ouro) — 209
 Castanho — 98
 Cata — 209
 Cataguás * — 123
 Cataguazes * — 123
 Catear — 209
 Cathur — 31
 Cativo — 209
 Cauim — 312
 Caúna — 147
 Cavajuretan — 137
 Cavalhada em reponte — 146
 Caverá — 137
 Caxambú — 148, 200
 Caxarréo * — 228, 229, 230,
 231
 Caxaréu * — 228
 Caxerenga * — 304
 Caxirenga * — 304
 Caxirengue * — 304
 Caxiranguengue * — 147, 241,
 304 *
 Caxiri * — 304
 Cercado — 222
 Cerrar (o rodeio) — 150
 Chacara * — 147, 296
 Chacra * — 147, 296
 Chaleira — 228
 Chambocado — 226
 Changueiro — 146
 Chapada — 279, 301
 Chapadão — 279, 301
 Chapeirão — 302
 Chará * — 147
 Charque * — 297
 Chegar — 303
 Chimarrão — 141, 144, 147,
 150, 301
 Chimbé — 147
 China — 147, 150
 Chininha — 147
 Chinoca — 147
 Chique-chique — 89
 Chiqueiro — 142, 145
 Chucaro * — 294
 Chucro — 145, 294
 Chucru * — 294
 Chumação — 219
 Churrasco — 150
 Chuviscar — 302
 Cicica — 305
 Cincerro — 145, 236, 295
 Cipó — 174
 Cirigado — 97
 Cirygipe * — 72
 Clina — 148
 Coivara — 147, 216, 288, 304
 Cóla — 148
 Columim * — 312
 Comboeiro — 208
 Combuco — 98
 Congada — 200
 Congonha — 147
 Congueza — 195
 Contractador — 205
 Contracto — 228, 232, 234, 288
 Copiar — 180

* Termos citados com variantes graphicas.

- Coringa — 287
 Corneta — 293
 Cornimboque — 241
 Coroado — 136
 Çorocaba * — 113
 Corredeira — 279
 Cortar a estrada — 186
 Corujeira — 234, 288
 Corumbá * — 124
 Corumí * — 312
 Corupira * — 69
 Costaneira — 100
 Cotegipe * — 72
 Couce — 100
 Covanca — 302
 Covão — 216, 217
 Crioulo — 301
 Cruzar — 216
 Cubata — 200
 Cuia — 150, 233
 Cuiada — 187
 Cuité — 241
 Cumarú — 174
 Cumati — 174
 Cunchã — 108
 Cunchãpirú — 137
 Cunchãten — 66
 Cupiuba — 174
 Curau — 301
 Curauá — 176
 Curcurana — 222
 Curral — 167, 222, 306
 Currurupe * — 72
 Curumi * — 66
 Curumihúa — 176
 Curupá * — 124
 Curupira * — 169
 Curupito — 174
 Cururipe * — 72
 Cururupe * — 72
 Cutuca — 239
 Dala — 47, 48
 Dedada — 241
 Defumador — 186
 Dendê — 198
 Dengue — 148, 199
 Derrubada — 216
 Derrubar — 288
 Desterneirar — 145
 Diamba * — 201
 Dique — 48
 Doca — 48
 Doce — 180
 Driça * — 40
 Egun — 200
 Embira * — 174, 176, 181, 233
 Embirarema * — 174
 Emboaba — 202
 Encoivarar — 216, 288
 Encostar — 238
 Encosto — 238
 Encruzado — 216
 Engommado — 209
 Enseada — 303
 Entrefina — 187
 Entrega — 100
 Entrepellado — 145
 Entreverar — 144, 150, 243
 Entrevero — 144, 227
 Escoras — 44
 Escota — 43, 287
 Escovem * — 47
 Escovem * — 47
 Esmeril — 209
 Espaço — 98
 Espanhola — 98
 Espeque — 287
 Espinhada — 217
 Espinhel — 223
 Esquife — 45
 Esquipado — 98
 Estaes * — 38
 Estaleiro — 303
 Estancia — 142

* Termos citados com variantes graphicas.

- Esteira — 99, 100, 218, 230
 Esteiro — 222, 279
 Estibordo* — 36
 Estourar — 101
 Estouro — 102, 149
 Estrada — 186
 Estradeiro — 97, 98
 Estropo — 37, 38
- Fachinal — 302
 Faiscador — 208, 209
 Fandango — 150
 Farracho — 222
 Fava preta — 209
 Fazer piauhi — 100
 Fléte — 144, 146
 Florada — 217, 312
 Franqueira — 240
 Fréme — 241
 Fubá — 97, 198
 Fueiro — 218
 Furo — 172, 180, 183, 222,
 307
 Fusco — 97
 Fusta — 31
- Gado do rio — 167
 Gaicurú ou Guaicurú — 136
 Gaiola — 188
 Galé — 26
 Galé bastarda — 27
 Galé grossa — 27
 Galé subtil — 26
 Galeota — 27
 Galopes — 146
 Gambarra — 173, 285
 Gambôa* — 222
 Gapuiar — 182
 Garaçú* — 61
 Garapa — 90
 Gardins* — 43
 Garimpar — 209
 Garimpeiro — 208
- Garôa* — 295
 Garoupeira — 234, 288
 Garrão — 145
 Garrote — 97, 300
 Garúa* — 148, 150, 295
 Gaúchar — 150
 Gaúcho — 301
 Gauderio — 144
 Gaveta — 216
 Gêgê — 195
 Genipapo — 226
 Geremoabo — 86
 Geribá — 108
 Giló — 200
 Gimbo — 148
 Girao (ou Girau) — 180, 303
 Goaripari* — 71
 Goiçama* — 233
 Gomma — 179
 Gorgulho — 222
 Gororoba — 225
 Gravatá — 137
 Gravatahi — 137
 Graviana — 224
 Grozeira — 223
 Grude — 90
 Grupiara* — 123, 209
 Guahiba — 137
 Guahyssama* — 223
 Guaiás* — 124
 Guaimihi — 89, 114
 Guainumbi* — 69
 Guajará — 165
 Guampa — 145, 149
 Guampear — 145
 Guanumbi* — 69
 Guapé — 113
 Guapiara* — 123
 Guapitangui — 137
 Guará — 69
 Guaraguá* — 68
 Guaraná — 166

* Termos citados com variantes graphicas.

- Guarani — 136
 Guarapari * — 71
 Guarapurú * — 166
 Guaratiba — 72
 Guaratinguetá — 114
 Guarda lanças — 228
 Guardins * — 43
 Guariba — 179
 Guarijuba — 174
 Guatingueiro — 223
 Guecha — 146
 Guia — 100, 218
 Guiada — 218, 302
 Guindaste — 47
 Guirapuca * — 90
 Guri — 147
 Gurupema * — 182
 Guruncí — 195

 Haragano — 144, 146
 Hechor — 146
 Hosco — 145
 Huacã — 226
 Humanizar — 101

 Ibiapaba — 89
 Ibipitanga — 113
 Ibiraiara — 136
 Ibirajacá — 137
 Ibirocahi ou Ibirocái — 137
 Ibisorocá — 113
 Ibitinga — 113
 Icapara — 222
 Içar — 40
 Igaçaba — 181
 Igapó — 157, 181
 Igara * — 61, 107, 157, 285
 Igara-açú * — 157
 Igara-mirim — 157
 Igaraçú * — 61, 71
 Igarapé — 157, 158, 165, 172,
 181, 279, 307
 Igarité — 157, 181, 285

 Igatiua ou Igatiuba — 175
 Igpupiara * — 69
 Iguaraguá * — 68
 Ijurehi — 104
 Imbiacá — 113
 Imbira * — 60, 225, 226
 Imbirarema * — 174
 Imbiriba * — 225
 Imbiriti * — 225
 Imbiruçú * — 225
 Imbuzeiro * — 93
 Imonbora sara — 175
 Inajá — 187
 Inhabatam * — 71
 Inhacundá — 137
 Inhaiba — 225
 Inhambú * — 69, 89, 138
 Inhambupe — 89
 Inhame — 201
 Inhanduvi — 138
 Inhemi * — 109
 Inhumirim — 89
 Integellar — 186
 Ioruba — 195
 Ipameri — 124
 Ipecacuanha — 69
 Ipojuca * — 61, 71
 Ipú — 233
 Ipueira — 89, 102, 279
 Ipujiara * — 69
 Iraití — 136
 Itaberá * — 123
 Itaberaba * — 89, 123
 Itabira — 123
 Itacoatiara — 166
 Itacoatigoara — 71
 Itaculumí — 123
 Itacuná * — 95
 Itaguaba * — 95
 Itahim — 137
 Itaipava * — 113, 279
 Itaki * — 137
 Itamaracá * — 71

* Termos citados com variantes graphicas.

- Itapaba — 173
 Itapagipe — 88
 Itaparica — 88
 Itapecerica — 113
 Itapemirim — 72
 Itapicurú * — 72
 Itapitanga — 71, 88
 Itapoan * — 88
 Itapocurú * — 72
 Itapú — 233
 Itapuan * — 72
 Itapura — 113
 Itaquí * — 137
 Itararé * — 114
 Itáuba — 174
 Itú — 113
 Ituaçu — 89
 Itupava * — 113
 Itupeva * — 113
 Itutinga — 108, 113

 Jabá — 297
 Jaboatão * — 71
 Jacaré — 68, 114
 Jacaré pitinga — 181
 Jacarehi — 114
 Jacareúba — 174
 Jacobina * — 89
 Jacoipe * — 72
 Jacú — 72, 89, 123, 137
 Jacuba — 182
 Jacuhi — 123, 137
 Jacuhipe * — 72, 89
 Jacumahúa ou Jacumahuba —
 157, 174, 175, 301
 Jacuman — 162, 174, 188
 Jacy * — 312
 Jagoarive * — 70
 Jaguané — 147
 Jaguar — 90
 Jaguari — 123
 Jaguaribe * — 71
 Jagunço — 301

 Jahú — 124
 Jangada — 232, 286
 Jangada do alto — 233
 Jaó — 69
 Jaqueira — 225
 Jararaca — 68
 Jari — 165
 Jaú — 166
 Jaumuhi — 166
 Jauri ou Jaurú — 124
 Javari — 166
 Jeguedê — 200
 Jequi — 168, 223
 Jeribatuba * — 108
 Jeribatiba * — 108
 Jongo — 200
 Juçanan — 90
 Juerana — 226
 Jumirim * — 73
 Jundiá — 113 — 223
 Jundiahi — 113
 Junta do contra-couce — 218
 Junta da contra-guia — 218
 Junta do couce — 218
 Junta da guia — 218
 Jurêrê — 223
 Jurumirim * — 73
 Jurupari — 169
 Jurupari-pindá — 176
 Juruparipira — 166
 Jutahi — 157, 166, 174

 Kanuri — 195
 Kiriri — 183

 Lamarão, 222
 Lastar * — 45
 Lasto * — 45
 Lastrar * — 45
 Lastro * — 45
 Lavadouro — 217
 Lavoura — 216, 217
 Lavrados — 209

* Termos citados com variantes graphicas.

- Leamba ou Liamba * — 201
 Leritibe * — 72
 Libambo — 121, 194, 201
 Ligaes — 241
 Limpar o terreno — 289
 Linga — 45
 Lingada — 45
 Lingar — 45
 Lingua — 59, 79, 107, 108
 Lingueta — 222
 Liso-alvação — 97
 Liso-amarello — 97
 Liso-fino — 97
 Liso-vermelho — 97
 Ló — 41
 Lombilho — 143, 239, 243
 Lonca — 145
 Lubuno — 150
 Lunajero — 145
 Lunanco — 145
 Lundú — 148, 200, 242

 Macaba — 165
 Macacú — 73
 Macamba — 201
 Macana — 176
 Macapá * — 165
 Maca-paba * — 165
 Macció — 222
 Maceta — 145
 Maconha — 201
 Macorive * — 71
 Macororó * — 312
 Macuco — 69
 Macucú — 174
 Macumba — 200
 Madrijo — 228, 231
 Madrinha — 236, 238
 Maependi * — 123
 Mãe-tinga — 181
 Maguari ou Maguari * — 147,
 177
 Malacara — 145

 Malungo — 148, 201
 Mamaluco — 74, 91, 108
 Mamanguape * — 71
 Mambira — 147
 Mambituba ou Mampituba —
 137
 Manaus — 165
 Mandacarú — 89
 Mandinga — 148, 199
 Mandioca — 60, 69, 90, 107,
 178, 289
 Mandiocana — 179
 Mandiog — 289
 Mandiy — 296
 Mandyba * — 289
 Manganarana — 174
 Manguear — 144
 Mangueira — 142, 145
 Manheiro — 145
 Maniba * — 289
 Manicoera — 179, 290
 Manipanço — 199
 Maniva * — 178, 289
 Manta — 239
 Manteiga — 180
 Mantiqueira — 114
 Many-og — 289
 Mar — 45
 Marabitana — 165
 Marabú — 200
 Maracá — 71, 181
 Maracaípe * — 71
 Maracatim — 181
 Marajá — 174
 Marajó * — 165, 224
 Marambaia — 222
 Marandobá ou Maranduvá * —
 147
 Mará-nhã * — 70
 Maranhão * — 70
 Maraño * — 165
 Marcha — 98
 Marchador — 98

* Termos citados com variantes graphicas.

- Marroá — 97, 300
 Marroá de cupim — 97
 Marroeiro — 300
 Martim-tapêrê * — 169
 Mascára — 100
 Massaranduba — 174, 225
 Masto * — 38
 Mastro * — 38
 Matte — 147
 Matte-chimarrão — 147
 Matungo — 144, 146, 243
 Matupá — 183
 Maturi * — 318
 Maturrango — 144, 146
 Matuto — 236, 301
 Maués ou Mauhé — 165, 172
 Maxixe — 201
 Maya — 136
 Mazombo — 66
 Mbará-yó * — 165
 Meios — 232
 Mel de engenho — 90
 Mercahipe ou Mercauhipe — 71
 Merlim — 48
 Mesa — 218
 Mestre carreiro — 218
 Metter de lô — 42
 Milonga — 199
 Mimbura — 287
 Mingau — 90, 179, 182, 290
 Minjoada — 223
 Minuano — 150
 Mita — 293
 Mocambeiro — 97
 Mocambo — 148, 201
 Mocó — 101
 Mocororó * — 179, 312
 Mocura — 71
 Mocuri — 71
 Mogi — 114
 Mogicar — 182
 Moleca — 199
 Moleque — 201
 Mondé ou Mondéo — 90
 Monguba — 176
 Montaria — 158, 162, 187, 190,
 285, 307
 Moponga — 168
 Moquear — 147, 182
 Moqueca — 182
 Moquem * — 182
 Morocha — 150
 Moturi * — 318
 Mucama — 199
 Mucunan — 174
 Mucuoça — 168
 Mucuripe * — 71
 Mugunzá — 198
 Muirakitan — 170
 Mulato — 301
 Munzuá — 223
 Múpica — 177
 Muquem * — 182
 Mussica — 99, 100
 Mutirão * — 292
 Mutirom * — 292
 Mutirum * — 292
 Mutury * — 318
 Muxirom * — 292
 Muxóxo — 148, 199
 Muxuango — 301
 Náfego * — 145
 Nafrego * — 145
 Nafrico * — 145
 Nagô — 195
 Nambi — 147
 Nambijú — 147
 Navegar — 236, 239, 303
 Neblinar — 302
 Nhamundá * — 165
 Nhandú — 69, 147
 Nhanhã * — 199
 Nhonhô * — 199
 Nifê — 195
 Noitibó — 242

* Termos citados com variantes graphicas.

- Noroega — 302
 Novilho — 97
 Novilhote — 97
 Obi — 201
 Officinas — 297
 Ogun — 200
 Oiticica — 225, 226
 Olandim — 225, 226
 Orcar — 42
 Orelhano — 145
 Orixá — 200
 Orô — 200
 Orobó — 201
 Orucungo — 260
 Ostaes * — 38
 Ostaga — 40
 Ostaxa — 230
 Oveiro-negro — 145
 Oveiro-vermelho — 145
 Ovens — 38
 Oxê — 200
 Pacatá * — 73
 Pacova — 181
 Pacoveira — 181, 182
 Pae-tinga — 181
 Pagé — 181
 Pagos — 142
 Palha de arroz — 209
 Palhada — 217, 302
 Pamari * — 173
 Pampas — 143, 279
 Pampeiro — 225
 Panacarica — 162
 Panema — 180
 Pangaré — 147
 Pango — 201
 Pão do Brasil — 178, 289
 Papús — 232
 Paqueta * — 73
 Paquete — 233
 Paracatú — 123
 Paracau ou Paraguá — 177
 Paraguahi * — 123
 Paraguai * — 123
 Parahiba — 71, 72, 114
 Parahim — 89
 Parajá * — 224
 Paramirim * — 89
 Paranã * — 70
 Paranã-buca * — 71
 Paranãbuca * — 61
 Paranaguá * — 222
 Paranaguaçu — 88, 222
 Paranambuca * — 222
 Paranambuco * — 61
 Paranamirim * — 181, 183, 279
 Paranã-mirim * — 172
 Paranapanema — 114
 Paianapiacaba — 108
 Paraopeba * — 89, 123
 Parar o rodeio — 150
 Parati * — 73
 Parati-oca * — 73
 Parauá * — 177
 Para-y-peba * — 123
 Pari — 168, 223
 Paricá — 172, 173
 Parnahiba — 89
 Parú — 165
 Passo de estrada — 98
 Passoca — 60
 Pastical — 145
 Pastorejar — 145
 Pastorejo — 145
 Pati — 89
 Patipe — 89
 Paumari * — 173
 Paxicá — 167
 Paxiuba — 157
 Peaçá * — 108, 113, 222
 Peaçaba * — 113
 Peaçabuçu — 89, 222
 Peaçaguera — 222
 Pealo — 146
 Peão — 243, 301

* Termos citados com variantes graphicas.

- Peça — 196
 Peceta — 146
 Pechelingueiro — 208
 Pegi — 200
 Pelear — 150
 Pelechar — 145
 Pelle — 187
 Pellego — 143, 239, 242
 Pepita — 209
 Pequi — 174, 225
 Pequiá — 174, 225
 Perau * — 113
 Percaauri — 61
 Periantan — 183
 Pernaguá * — 222
 Pernambuco * — 61, 71, 222
 Peroba — 226
 Perrengue — 146
 Perú — 288
 Peruhipe ou Peruípe — 72
 Petiço — 146
 Petybon * — 292
 Piá — 144, 147, 149
 Piassaba — 175
 Piau — 89
 Piauhi — 89, 99
 Picana — 145
 Picar — 288
 Piçarra — 209
 Picasso — 146
 Pichirum ou Pichurum * —
 147, 292
 Pigarrear — 242
 Piguancha — 150
 Pilungo — 144, 146
 Pindá — 222
 Pindá siririca — 166, 168, 183
 Pindá uauáca — 166, 168
 Pindoba — 90
 Pingaço — 146
 Pingo — 144, 146, 295
 Pinho — 242
 Pinta pobre — 209
 Pinta rica — 209
 Pintar — 209 — 217 (o ouro
 — a lavoura do café)
 Piquá — 242
 Piquete — 142, 150
 Piquiri — 124
 Piracema — 68
 Piracicaba — 113
 Piracuí — 90
 Pirahi — 240
 Pirá-iquê * — 68
 Pirajá * — 224
 Pirajuhi — 114
 Piraké * — 68
 Pirapoan — 227
 Piraquera * — 68
 Pirarucú — 166
 Pirati * — 73
 Piratininga — 109
 Pirau * — 113
 Piripiri — 286
 Piririca * — 113
 Piriricar — 182
 Pisca — 209
 Pitanga — 123
 Pitangui — 123
 Pitimboia — 222
 Pitinga — 181
 Piuba * — 232, 287
 Plantar — 288
 Poaia — 69
 Pojoarú — 179
 Pojuca * — 61
 Pombe — 194
 Pombeiro — 194
 Poncho — 143, 150
 Porongo — 147
 Pororooca — 176, 183, 184, 221
 Portaló — 42
 Posteiro — 145
 Poti * — 71, 89
 Potiguar * — 71
 Potiguara * — 71

* Termos citados com variantes graphicas.

- Potreiro — 137, 142, 144
 Potumujú — 225, 226
 Poty * — 89
 Potyrõ * — 291
 Pousos — 102
 Promombó — 223
 Puíta — 200
 Puracê — 169, 170
 Purupuruz * — 165
 Pururuca — 123
 Purús * — 165
 Pussanga — 181
 Putirum * — 292
 Putyrõ * — 293
 Puxirão * — 147, 292
 Puxirum * — 292
 Pycyron * — 292

 Quecê * — 304
 Queccuene ou Quecuene — 166
 Quedaço — 99
 Queimada — 180, 216, 288, 302
 Queixada — 302
 Quenga — 198
 Querencia — 141
 Quibando — 217
 Quibêbe — 199
 Quicê * — 304
 Quicê-acica — 305
 Quilha — 35
 Quilombo — 196
 Quilombola — 196, 201
 Quimama — 198
 Quimanga * — 233
 Quimbembé — 200
 Quimbombo — 199, 200
 Quimbôto — 199
 Quimbundo — 195
 Quinanga * — 233, 287
 Quincha — 147
 Quincombô ou quingombô —
 198, 200

 Quindim — 199
 Quinguingú — 293
 Quissamba — 217
 Quitandê — 200
 Quitute — 198

 Rancheria — 150
 Rapadura — 90
 Reboleiro — 97
 Recruta — 144
 Redomão — 146
 Redondo — 98
 Regatão — 187, 188
 Regatear — 188
 Registo — 237
 Reinol — 66
 Repasse — 146
 Repique — 43
 Restinga — 209, 222, 303
 Retirante — 302
 Retranca — 239, 242
 Revencias — 302
 Riritigba * — 72
 Rizes — 42
 Roça — 296
 Roceiro — 301
 Rodada — 223
 Rodeio — 144, 150, 227, 243,
 301
 Rodeiro — 218, 219
 Romantismo — 320
 Ruivôres — 302
 Rumo — 46
 Rupichel — 223

 Sabará — 123
 Saberecar — 182
 Sacacas — 176
 Sacorema * — 72
 Sahiré ou Saïré — 169, 170,
 171, 307, 308

* Termos citados com variantes graphicas.

- Saia — 98
 Saladero — 150
 Samba — 200
 Sandabas — 223
 Sapada — 301
 Sapé — 72
 Sapecar — 182
 Sapctiba * — 72
 Sapucaia — 69, 225
 Sapupira — 174
 Saquarema * — 72
 Saran — 138
 Sarandi * — 138
 Sarapatel — 167
 Sarapó — 114
 Sarapuhi — 114
 Saraquá — 146
 Sararaca — 166, 167
 Secca — 217
 Sedenho — 98
 Selligote * — 239
 Semear — 288
 Sepetiba * — 72
 Serão — 293
 Seregipe ou Sergipe * — 72
 Sericoria — 209
 Serigote * — 239
 Seringal ou Siringa — 188
 Seringal ou Siringal — 186,
 188
 Seringueiro ou Siringueiro —
 186, 187
 Sernambi — 72
 Sernambitiba * — 72
 Sernambitibe * — 72
 Sernamby — 187
 Sertões de dentro — 82, 92, 96
 Sertões de fóra — 82
 Sicantãa-ihua — 174
 Silvas — 302
 Singrar — 41
 Sinhá * — 199
 Sinhazinha * — 199
 Sinuelo — 150
 Siri — 72
 Sitio — 180, 296
 Sobrados — 279
 Sobrecarga — 239
 Sobrecincha — 239
 Soccadinho — 239
 Soccado — 239
 Socó — 72
 Socorema * — 72
 Solimões — 124, 165
 Soprado — 217
 Sorocaba — 113
 Sovéo — 149
 Suaçuna — 73
 Suçuarana — 90
 Sucupira — 225
 Sucuriuba ou Sucuryuba — 68
 Supetauba ou Supetiuba — 175
 Surgida — 228, 229
 Surranzito — 241
 Surrão — 241
 Surrupeia — 100
 Tabaréo — 301
 Tabatinga — 71, 166
 Taboleiro — 209, 279, 301
 Tacurú — 146
 Taforéa — 31
 Talha — 42
 Tamancos — 287
 Tamanduá — 69
 Tamanduá Grande — 109
 Tamanduatehi — 109
 Tamaracá * — 71
 Tambeiro — 145
 Tambo — 145
 Tamoeiro — 218
 Tapa — 195
 Tapajós — 124, 165
 Tapanhuno — 119
 Tape — 136

* Termos citados com variantes graphicas.

- Tapejara — 108, 111, 147, 188, 295
 Tapéra — 181
 Tapioca * — 90, 179, 181, 290
 Tapiocano — 301
 Tapira * — 69
 Tapirapuan — 124
 Tapiti — 98
 Tapoan * — 72
 Tapuia — 71
 Tapuia gês — 136
 Taquara — 114, 124, 137, 218
 Taquara-iembó ou Taquarem-bó — 137
 Taquari — 114, 124, 137
 Taquaruçú ou Taquara açú — 218
 Taracena * — 21
 Tararé * — 114
 Tarimba — 148
 Tarrafa — 223
 Tarrafiar — 99
 Tatú — 69
 Tauaçú — 226, 233
 Tejupá * — 60, 90, 181
 Tejupar * — 66, 181
 Temiminó — 119
 Temporaes — 239
 Teque — 42
 Tercena * — 21
 Terneiro — 142, 145, 150, 301
 Terreirinho — 217
 Terreiro da fazenda — 217
 Terroada — 186
 Tietê — 110
 Tigella — 186
 Tiguera * — 302
 Tijuco, 108, 123
 Tijucopava — 183
 Tijupar * — 60
 Timbó — 68, 166, 167, 223, 286
 Timbó-titica — 175
 Tinga — 181
 Tingui — 223
 Tinharé — 72
 Tipioca * — 179
 Tipiti — 147, 179, 182
 Tipoi * — 298
 Tipoia — 298, 299
 Tipuca — 181
 Tocador — 237, 239, 240, 302
 Tocaia — 182
 Tocaiair — 182
 Tocaio — 147
 Tocantins ou Tucantins — 124
 Tolete — 37
 Tomate — 297
 Tombador — 102, 279, 301
 Tombo — 100
 Toupé * — 181
 Touro — 97
 Trahiras — 124
 Tremembé — 114
 Tresmalho — 223
 Tropa — 235, 236
 Tropa encerrada — 145
 Tropeiro — 217, 234, 236, 237
 Tucanos — 124
 Tucum — 176
 Tucunare — 168
 Tucupi — 167, 179, 181, 290
 Tucupi-gica — 179
 Tucupi-pixuna — 179
 Tucupi-quinha-pira — 179
 Tumbeiro — 194, 201
 Tupan — 67
 Tupassama — 175
 Tupé * — 181
 Tupinambaranas — 165
 Tupoi * — 298
 Uacima — 176
 Uaicurupás — 165
 Uambé — 175
 Urapurú * — 166

* Termos citados com variantes graphicas.

- Uaturá — 181
 Uaupés — 165
 Ubá — 157, 285
 Ubiraem * — 225
 Ujarapurú * — 169
 Umará — 175
 Umbú — 142
 Una — 71, 89
 Urú — 181
 Urubú — 166
 Urubucuara — 166
 Urubú-tinga — 181
 Urucana — 225
 Urupema * — 182
 Uyára — 169
- Vaga — 45
 Vaos — 37
 Vaqueano — 295
 Vaqueiro — 84, 102
 Vaquejada — 98, 144, 227, 300,
 301
 Varanda — 302
 Varapau — 223
 Vasante — 302
 Vatapá — 198
 Vau — 279
 Veio — 209
 Vela — 41
 Verga — 39
 Vigilenga — 224, 234
- Vinhoteira — 230
 Viração — 167
 Viradas do rio — 209
 Virgem — 209
 Viveiros — 216
 Voturantim * — 113
- Xamurro — 97
 Xapité — 228, 231
 Xarque salgado * — 297
 Xarqueada — 150, 297
 Xerga — 243
 Xibé — 182
 Xiririca * — 113
- Yacuabinas * — 89
 Ya-cy * — 312
 Yamundás * — 165
 Yayá * — 199
 Ybytyrantim * — 113
 Yg-yara * — 285
 Yoyó * — 199
 Yrapurú * — 169
 Yuca — 289
- Zambi * — 196
 Zambi-ampungú — 196
 Zambo — 148
 Zinga — 174
 Zorô — 198
 Zumbi * — 196

* Termos citados com variantes graphicas.